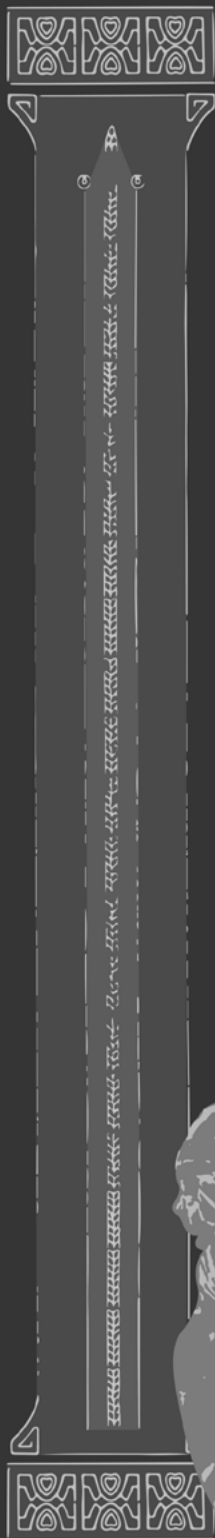


Maria Lacerda de Moura

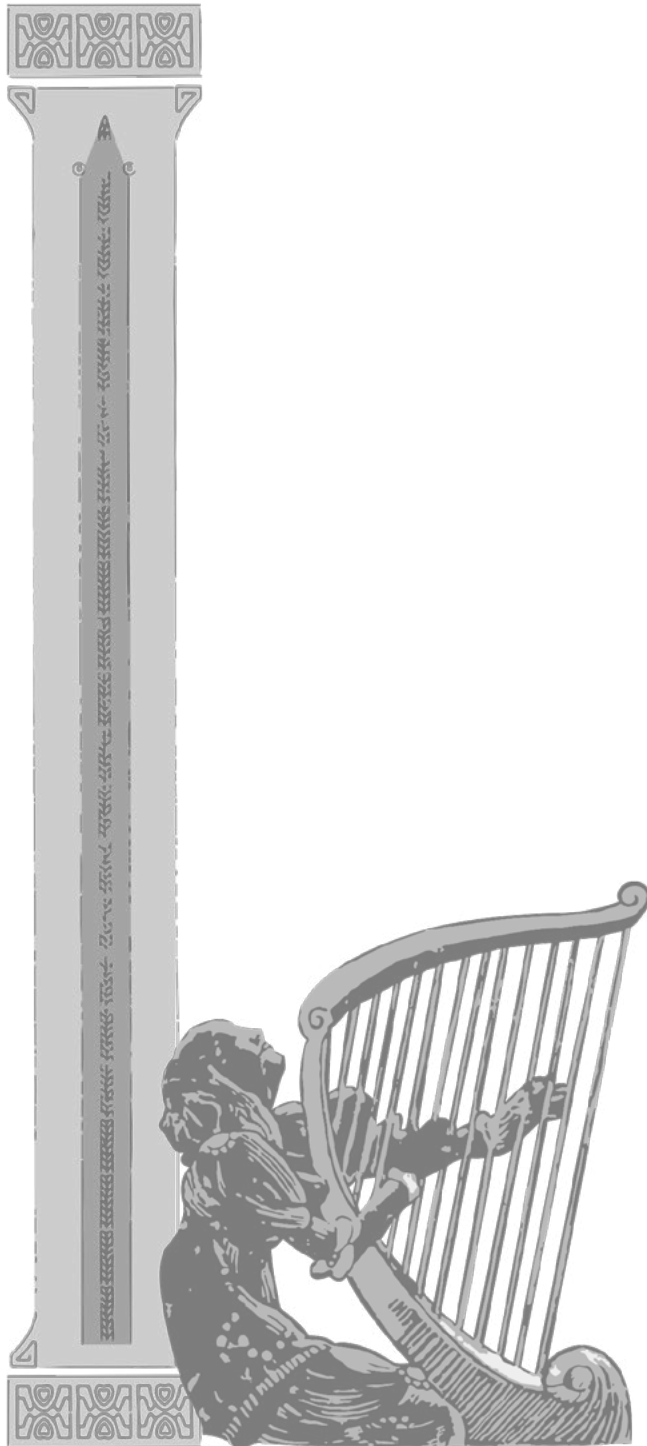
Lições de Pedagogia

Organizador

Rogério Humberto Zeferino Nascimento



Coleção Pensamento Social Anarquista - vol. 1



Rogério Humberto Zeferino Nascimento
(org.)

Maria Lacerda de Moura

Lições de Pedagogia

Organizador
Rogério Humberto Zeferino Nascimento

Coleção Pensamento Social Anarquista - vol. 1


edufcg
Campina Grande -PB
2023

M929I Moura, Maria Lacerda de.
Lições de pedagogia [livro eletrônico] / Maria Lacerda de Moura;
Rogério Humberto Zeferino Nascimento Organizador; Prefácio de
Guilherme Carlos Corrêa. – 2. ed. – Campina Grande: EDUFCG, 2023.
252 p. : il. color. (Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 1).

E-book (PDF)
ISBN 978-65-86302-89-9

1. História da Educação no Brasil. 2. Educação Popular. 3. Educação e
Sociedade. 4. Anarquismo. 5. Trabalhadores. I. Nascimento, Rogério
Humberto Zeferino. II. Corrêa, Guilherme Carlos. III. Título. IV. Coleção
Pensamento Social Anarquista; v. 1.

CDU 37(81)(091)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-EDUFCG
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho
Reitor

Prof. Dr. Mario Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata
Vice-Reitor

Prof. Dr. Bruno Medeiros Roldão de Araújo
Diretor EDUFCG

Simone Cunha
Revisão

João Vitor Pereira da Silva / Yasmine Lima
Diagramação

João Vitor Pereira da Silva
Capa

CONSELHO EDITORIAL

Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro Costa Rego (CTRN)
José Wanderley Alves de Sousa (CFP)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Mário de Sousa Araújo Filho (CEEI)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Raílene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino Nascimento (CH)
Saulo Rios Mariz (CCBS)
Valéria Andrade (CDSA)

Liberdade, um rio de água fresca sob as palavras



*[...] nós esquecemos rapidamente os velhos
poderes que não se exercem mais, os velhos
saberes que não são mais úteis, mas, em matéria
moral, não deixamos de depender de velhas
crenças, nas quais nem mesmo cremos mais, e de
nos produzirmos como sujeitos em velhos modos
que não correspondem aos nossos problemas.*

Gilles Deleuze

CARO LEITOR, VOCÊ CONHECE ALGUMA OBRA DE PEDAGOGIA CUJA proposta seja baseada na observação da criança movimentando-se livremente como a principal fonte de aprendizado do educador? E mais, para além de estabelecer que o educador aprende da criança, que defenda que nada de bom é possível em educação se o educador não se educa a si mesmo? Ou que os jovens na puberdade deveriam ser afastados da imobilização física promovida nas salas de aula para aprenderem as lidas de suas comunidades, tais como construir casas, cuidar dos animais, participar das festas, prestar ajuda a doentes e velhos? Conhece alguma obra de pedagogia com vastíssima referência nas obras científicas mais importantes de seu tempo, que advirta seu leitor dos perigos das ciências propagadas por cientistas arrogantes, representantes da moral burguesa, do Estado e de partidos políticos? Que os conteúdos ensinados, bem como as atividades, a organização escolar, a formação de professores e a pesquisa em educação devem ter como fim o apoio mútuo?

Conhece alguma obra de pedagogia cuja base estabeleça a necessidade de que a atividade física proposta a crianças e jovens precisa abolir os esportes de competição por vincularem o esforço, as sensações e as interações com os outros a intenções agressivas, ocas de inteligência, em favor de atividades corporais implicadas com a atividade do pensamento e com uma ética da solidariedade? Uma proposta de formação de professores composta por quatro capítulos dos quais três dedicam atenção exclusiva ao corpo das crianças e dos jovens? Que toma o corpo e sua saúde como essenciais a qualquer trabalho educacional? Não o corpo como ponto de aplicação de programas oficiais, de instituições, como objeto do mercado de trabalho assalariado ou como carne de canhão nas guerras entre os Estados e sua promoção no mercado internacional de armas, do ódio entre os povos e das ciências empenhadas nas provas científicas da inferioridade das mulheres, na propagação da noção de raça e seus ideais de pureza, no aperfeiçoamento dos modos de matar? Um livro de pedagogia que, ao contrário, considera o corpo como sede viva da transformação do mundo, como sede ativa de múltiplos modos de pensar, como centro da produção técnica, do trabalho livre, das formas de sociabilidade mais simples, diversas, alegres e promotoras da vida e do bem comum?

Se você está lendo este texto, é uma obra com tais interesses e preocupações que tem em suas mãos. *Lições de pedagogia* foi publicada no Brasil no final do primeiro quarto do século XX e foi escrita por uma professora primária.¹ Não é um livro voltado à formação de professores nas faculdades e cursos superiores, mas, como salienta a autora, é voltado às jovens imaturas e ignorantes da seriedade e da importância de seu trabalho para a construção de uma sociedade justa, na qual seria bom de se viver. Jovens mulheres destinadas por uma política educacional apressada e inconsequente ou, ainda, segundo Maria, pela *vaidade tola* ou pela *teimosia* de pais e professores [31],² a obter formação em cursos de magistério com disciplinas protocolares e distantes da realidade social

[1]. Maria Lacerda de Moura foi aluna e depois professora de Pedagogia e Higiene na Escola Normal Municipal de Barbacena, em Minas Gerais. [30]

[2]. Os números entre colchetes correspondem à página em que se encontra a citação na edição de *Lições de pedagogia*, de 1925. Os números entre colchetes em itálico correspondem ao número da página, da edição indicada, de outras obras da autora comentadas no texto.

e política vigente. Para a compreensão da grandeza moral da pedagogia, era necessária, segundo a autora, uma *inteligência um tanto amadurecida* [31], impossível para as alunas dos cursos normais, formadas, muitas delas, aos 14 anos.

A vida de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) pode ser tomada como um incessante aprendizado. Sua atuação como professora em uma Escola Normal e diretora de um *Pedagogium*, em Barbacena (MG), foi exemplar de um tipo profissional voltado para o bem-estar e para uma espécie de salvação da humanidade a partir da intervenção, do controle e da adequação das crianças à sociedade. Seu primeiro livro, *Em torno da educação* (1918), mostra sua preocupação em inscrever, *na página em branco da infância*, o cidadão de que um Brasil, em franco processo de estatização, necessitava. Lida pelo anarquista José Oiticica, essa obra *aplaudidíssima* mostrou, em sua construção exaltada, patriótica e burguesa, o talhe de uma futura rebelde. A larga correspondência entre eles, a amizade e a literatura anarquista por ele oferecida, *com as mãos cheias*, marcam o início de uma intensa busca.

Em 1921, passa a morar em São Paulo, onde se torna importante conferencista, publica constantemente em periódicos, publica livros e aprende. Seu aprendizado não se limitava à acumulação de conhecimento. Ela gostava de viver o que aprendia. Seus interesses a levaram a buscas nos círculos maçônicos, no movimento feminista, em grupos teosóficos e na fraternidade Rosa Cruz. Sua determinação trágica e sua ética antifascista a afastaram de todos esses centros e das ideias que os moviam. De suas passagens por tantos lugares e grupos, deixou registros contundentes em seus escritos movidos pela força do que lhe acontecia e pela recusa de associar-se a instituições, grupos e pessoas cujo interesse envolvia comandar, dirigir ou diminuir o outro, qualquer outro. E *qualquer outro*, aqui, não é força de expressão.³

A obra educacional de Maria Lacerda de Moura tem como princípio a liberdade. E isso não é pouco, pois sua noção de liberdade é tão bela quanto incômoda. Incômoda? Sim, incômoda. Românticos, idealistas e liberais, como os entendemos hoje, perdem o chão ao compreenderem o

[3]. Referências biográficas da autora têm, neste ensaio, como fonte a obra de Miriam Lifchitz Moreira Leite: **Outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

que ela nomeia por liberdade e sentem abaladas todas suas proposições e obras, por mais bem intencionadas que sejam. Tal liberdade inquieta a qualquer um que legitime o uso de dispositivos como leis gerais, normas centrais, imposições morais, punições, atribuições de responsabilidade a pessoas tomadas por subalternas como recursos para atingir objetivos ou ideais nacionais, sociais ou institucionais – civis ou religiosos. Incomoda a quem – seja ditador, liberal, filantropo ou homem do povo – a liberdade é tomada como algo a ser concedido, oferecido a partir de um gesto de bondade, caridade, tolerância, poder ou mesmo de igualdade, quando essa igualdade se dirige a uma massa de governados ou a um rebanho pastoreado por líderes religiosos. A sua noção de liberdade incomoda, enfim, a todos os que participam, acordes, do jogo da distribuição hierárquica do poder: governantes e governados, opressores e oprimidos, mandantes e obedientes, torcedores do *meu* time e os torcedores do *outro* time.

Antes de apresentar os termos em que se pode enunciar a compreensão de liberdade que anima a vida e a obra de Maria Lacerda de Moura, vale lembrar que a palavra em questão serve a muitos e variados fins. Não há forma de governo, religião, instituição, campanha dirigida ao povo, nem mesmo guerra, razia ou modalidade de aprisionamento cuja justificativa não envolva uma concepção de liberdade. E aqui, permitam-me mostrar como essa palavra sofreu, para mim, algumas metamorfoses importantes.

A primeira vez em que tive contato com uma definição de liberdade foi na casa dos meus pais, em uma pequena cidade da serra catarinense, e eu tinha uns 13 anos. Estávamos na sala meu pai, minha mãe, um dos meus três irmãos homens, seu amigo vindo da capital e eu, o mais novo dos sete filhos. Esse amigo vinha pela primeira vez a nossa casa desde que fora para a cidade grande trabalhar na polícia e todos estávamos muito animados com sua visita.

A certa altura da conversa, que seguia animada e calorosa, despontou a palavra liberdade, não sei mais em que contexto, mas seu surgimento marcou uma mudança dramática no tom, no ritmo e na intensidade do nosso alegre encontro. Esse amigo assumiu um ar estranho, empertigou-se e disse: *liberdade não é libertinagem*. E acrescentou: *é preciso ter claro que a minha liberdade termina onde começa a do outro*. Um silêncio grave seguiu-se a essas assertivas. Todos – meu pai, minha mãe, meu

irmão e eu – permanecemos em silêncio. Um silêncio com a qualidade daquilo que é ouvido pela primeira vez e vai de um lado ao outro das experiências memorizadas procurando o familiar, o já ouvido, o conhecido. Para mim, foi rápido receber a novidade e admitir minha ignorância e foi, também, fácil reconhecer o familiar tom das frases da diretora do colégio e do padre na igreja, quando diziam coisas importantes. Achei o que ele disse importante. E esse modo de expressar liberdade tornou-se o meu modo de participar, em termos locutórios, de qualquer debate ou polêmica em que essa palavra aparecia ou era, simplesmente, evocada.

Quando estava no segundo grau, hoje ensino médio, o livro de literatura e interpretação de textos adotado pela minha escola trazia um poema da obra *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, no qual havia o seguinte verso:

*Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!*

Foi lindo compreender que qualquer um de nós, humanos, entende o que é liberdade e que nenhum de nós sabe explicá-la. Essa foi a primeira vez em que me senti incluído na vastidão do que se chama humanidade. Isso deve ser verdadeiro, eu pensava, para os que vivem em qualquer cidade grande ou aldeia isolada de qualquer lugar do mundo, deve ser também verdadeiro para os animais. Liberdade foi a palavra que me introduziu na consciência da minha participação na humanidade, na pergunta por aquilo que nos é comum e que nos move. Assim, a partir de então, minha compreensão de liberdade passou a trazer um sentimento de amplidão, de participação, de acolhimento e de força.

Eu estava já perto dos 30 anos quando tive a grande oportunidade de conhecer Jaime Cuberos (1926-1998). Na primeira vez em que o vi, ele ocupava a mesa de conferência do auditório do Centro de Educação da UFSC. Um homenzinho pequeno, já entrando nos 60 anos, com uma voz linda e tranquila de contador de histórias e sem cara nenhuma de conferencista acadêmico. Parecia mais um tio vindo do interior, com uma simplicidade encantadora e calma.

Jaime iniciou sua fala fazendo alusão aos bonsais. Falou da arte oriental de produzir árvores muito pequenas com todas as características de uma árvore adulta e da fascinação que produzem nas pessoas de todo o mundo. Em seguida, pediu que imaginássemos a aplicação dessa arte em seres humanos. De como isso seria monstruoso. Acrescentou também que, embora não se tenha notícia de sua aplicação física em seres humanos, a nossa história é plena de exemplos do emprego de técnicas de diminuição intelectual, afetiva e política.

Os humanos, sob a condição histórica de governados, parecemos adultos, todavia temos constantemente limitadas nossas possibilidades de expansão, de nutrição; e, por meio de incisões calculadas e sutis, de torções doloridas e definitivas, somos conduzidos à forma idealizada de algo potente e robusto, corporificado em um brinquedo, em um brinquete que serve para o deleite de quem se julga detentor de uma superioridade, aquela mesma que lhe permite governar a vida dos demais.

O que se perde nessa história toda é que, depois de tantas eras cultivando formas autoritárias de governo, tanto governantes quanto governados, tanto opressores quanto oprimidos, somos produzidos pelas mesmas instituições – família, religião, Estado – e transformados em miniaturas intelectuais, afetivas e políticas. E aí reside a grande ironia: tanto uns quanto outros, engalfinhados em oposições intestinas e mortais, acabamos por trabalhar na preservação dessas instituições. Assim, movidos pelo ressentimento, garantimos a continuidade de nossa diminuição, da inibição de nossas potências e do ódio que nutrimos uns contra os outros.

Esquecemos, com isso, que a colonização é obra da replicação das instituições europeias por aqui e, com ela, a eliminação dos indígenas, a escravização dos negros, a nossa caracterização como matutos, ignóbeis e jecas-tatus, enfim, o estabelecimento de elites governantes que trabalham exclusivamente a seu favor. E que a sequência colônia, império, república, estado ditatorial e estado democrático se empenha na preservação dessas mesmas instituições sob as legendas civilizatória, higienista, positivista, desenvolvimentista, autoritária e democrática representativa. Esquecemos que essas instituições não passam de um Moloch construído por nós mesmos e cuja fogueira, em que danamos nossos irmãos, é mantida acesa por nossa iniciativa e por nossas crenças

cegas por uma justiça abstrata e de compleição divinizada. Esquecemos que somos os únicos agentes com poder de transformação, mas nos limitamos a conservar e a querer aquilo mesmo que nos oprime, diminui e infantiliza. Esquecemos que, governantes ou governados, estamos todos no mesmo barco. Esquecemos, enfim, da nossa potência de liberação.

E Jaime prossegue chamando atenção para a relação entre nossa reduzida compleição intelectual, afetiva e política numa sociedade autoritária e a noção de liberdade que cultivamos. Senti-me um sabichão quando ele repetiu palavra por palavra a noção de liberdade que primeiro me afetou. Ele disse que, na nossa sociedade brasileira atual, a noção mais comum de liberdade tem como legenda a de que a minha liberdade termina onde começa a do outro. E acrescentou de um modo que me senti recebendo uma informação destacada por ele como importante, mas que, para mim, não fazia muito sentido, que essa era a noção liberal de liberdade. Como se houvesse percebido o quanto minha compreensão do que acabara de dizer vibrava com o simples reconhecimento daquela frase, sem dar importância à sua proveniência liberal, guiou minha atenção àquele, até então, detalhe.

No sentido liberal, esclareceu, é mais livre quem tem, por exemplo, o poder de adquirir e cercar grandes extensões de terras, de comprar os veículos mais potentes e velozes, de construir para si casas muito grandes, repletas de artigos valiosos, de ter na sua mesa caprichosos e requintados alimentos de proveniência exótica e cara, de vestir-se com tecidos finos e roupas de corte elegante. É mais livre, portanto, quem tem mais. E para ter mais, é necessário utilizar-se da força de trabalho de outros, muitos outros. Desse modo, aos que prestam serviços, a liberdade liberal recomenda não invadir as terras, não cobiçar as mulheres, não tocar a comida, nem pretender conhecer lugares distantes e idílicos. Recomenda trabalhar por um salário e, no limite, trabalhar mais e mais, sacrificando todo o seu tempo para adquirir uma ou outra coisa a mais.

Foi difícil para mim ver arruinada, em tão pouco tempo e com tanta clareza, a noção que havia sido tão importante e que me oferecera em várias ocasiões um lugar de destaque em conversas, debates e discussões. A vida que eu havia vivido até então foi repassada em segundos e dei-me conta do meu lugar no jogo sedutor da promessa liberal de liberdade. Minhas oportunidades de trabalho, meus esforços para estudar e ter um

curso universitário, minhas projeções de realização futura cabiam todos no exíguo espaço que ocupa a maioria dos vivos: aquele em que nossas vidas são dedicadas a produzir riquezas destinadas a concentrar-se nas mãos dos poucos homens livres que suportam uma sociedade movida pela lógica liberal.

O misto de derrelição e revolta sentido foi, aos poucos, dando lugar à atenção ao próximo movimento da fala de Jaime, quando anunciou que há um outro modo de pensar a liberdade. Segundo ele, a educação libertária tem como princípio o apoio mútuo, a autonomia de pessoas e grupos... E, a partir da vivência desses princípios, uma outra concepção de liberdade é possível: a de que a minha liberdade é ampliada pela liberdade do outro.

E, aqui, fui retirado do amontoado de tristeza e revolta em que a compreensão da noção liberal de liberdade havia me transformado e passei a seguir atento e ávido à sequência de seu raciocínio. Quanto mais pessoas livres houver, mais livre eu serei. Há nisso toda uma outra lógica de vida e de sociabilidade, de economia e de trabalho, de desejo e de criação.

Essa noção de liberdade é que anima toda a obra de Maria Lacerda de Moura e é ela que transforma palavras empregadas lá quando foram escritas e o modo, muitas vezes distinto, como são entendidas aqui, hoje, quando são lidas no nosso tempo.

Ideal, verdade, liberal, sociedade, ciência, religião, ginástica, higiene, normal, anormal são algumas das palavras que se dobram frente a uma tal compreensão de liberdade e suas consequências quanto à produção de formas de sociabilidade. Além disso, tais palavras só poderão ser compreendidas na acepção da autora se raspadas das inúmeras camadas de sentido acumuladas nos quase cem anos que separam sua escrita do presente ano de 2023.

Lições de pedagogia veio à luz em 1925, 14 anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, 20 anos antes do lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e do início da conseqüente Guerra Fria, 35 anos antes do início do movimento *hippie*, 39 anos antes do início do período militar no Brasil e 43 anos antes da publicação de *The Technology of Teaching (A tecnologia da educação)* – primeira obra do cientista Burrhus Frederic Skinner, dedicada à educação humana e derivada de sua pesqui-

sa com pombos durante a Segunda Guerra Mundial, em que estes eram treinados como guias de mísseis para atingir alvos de guerra.⁴

O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro deles tem como título apenas a palavra *Preliminares*. É nessa parte em que se situam os termos principais de sua obra: *pedagogia e educação*.

Ao enfrentar a difícil pergunta “O que é educação?”, parte da etimologia da palavra e mostra a variação de sua finalidade segundo os povos, as épocas, os sistemas religiosos e a moral. Considera a educação para os romanos, gregos, persas, hindus e judeus mostrando que povos, sistemas religiosos, filosóficos e de governo passam, desaparecem no tempo. E o que permanece e atravessa tudo isso são pais e filhos, crianças, velhos, enfermos, estrangeiros, outros povos, etc. E à educação, cumpre desenvolver o que atravessa eras e beneficia, certamente, a todos em qualquer tempo e lugar: *a solidariedade*, o *apoio mútuo*. E seria, ainda, o principal critério de avaliação do que chama de *evolução* – pessoal, de um povo, de uma civilização, de uma época.

A estratégia empregada para apresentar a noção de educação que lhe interessa é bastante sintética e eficiente. A autora lista definições e/ou objetivos da educação segundo vários autores, mais de vinte, e assim vai encaminhando o leitor a uma compreensão do pensamento educacional na história, desde os gregos, com Aristóteles e Platão, até os grandes pedagogos do início do século XX, como Compayré, Sergi, Montessori. E aqui há um subtexto que dá testemunho da imensa cultura e da capacidade de pesquisa da autora, lembrando que não era uma acadêmica ou professora universitária. Como conseguiu reunir tantos nomes, provenientes não só do campo pedagógico, mas também da filosofia, da política, da antropologia? A maioria dos autores citados deve ter sido lida em sua língua original, uma vez que boa parte dessas obras não tinha tradução para o português.

Sergi e Montessori são autores com quem concorda sobre a importância da observação da liberdade das crianças pelo educador. Tal observação seria a base de todo estudo necessário a uma ciência pedagógica e

[4]. Sobre a relação direta entre a proposta educacional de B. F. Skinner e seus experimentos com pombos, ver: FERSTER, Bill. *Teaching Machines: learning from the intersection of education and technology*. 2014: Johns Hopkins University Press.

constitui o fundamento de sua crítica à própria pedagogia: *A pedagogia científica moderna é uma alavanca de destruição de todos os processos empíricos, antigos e em uso, até hoje, nas escolas oficiais de todos os países*. [16] Temos, aqui, uma mostra do lugar central que a criança livre, em atividade, tem para sua proposta pedagógica. Há, portanto, para ela uma pedagogia científica feita por cientistas e outra, objeto de seu livro, feita por educadores, aqueles que aprendem das crianças.

Propõe uma relação ativa de quem se propõe a ser educador com as diversas ciências, pois sabia muito bem o desastre que representavam os conhecimentos científicos quando propagados por cientistas racistas, machistas, atados à moral burguesa, à política de partidos, presunçosos e arrogantes. Um ano antes de *Lições de pedagogia*, havia publicado *A mulher é uma degenerada*.⁵ Nessa obra, critica veementemente a frase-título publicada por Bombarda, o cientista mais proeminente e conhecido do Brasil até então. Bombarda havia sido cirurgião, psiquiatra, cientista, professor e político republicano. Entre seus numerosos estudos, publicou *A epilepsia e as pseudoepilepsias*, em que enuncia a frase classificada pela autora como anátema: a mulher é uma degenerada.

Maria Lacerda de Moura vai para o ataque munida de centenas de referências – científicas, históricas e filosóficas – e demole termo a termo a tese da degenerescência da mulher defendida pelo famoso cientista, baseada nas medidas do índice cefálico, na teoria das raças e na hereditariedade. Após desmontar a pretensa científicidade do, até então intocável, Bombarda – mostrando inequivocamente o quanto eram falaciosas suas *hipóteses sem demonstração*, elevadas ao status de princípios, teorias e seus *corolários imaginários* [19] – dá sua estocada mortal no jogo perverso, por ele inventado, sobre as provas científicas da inferioridade da mulher: *a que chamamos inferioridade? A diferença?!... [20]*

Quanto à noção de raças, e sua ampla utilização no meio científico da época, mostra que, enquanto ela estiver de pé, juntamente com sua produção direta, o preconceito de raças, o ideal de fraternidade, de apoio mútuo, entre as pessoas e os povos estará fadado à impotência. *Não há raças, há povos* [09], diz, redirecionando a discussão e colocando-a em

[5]. MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. São Paulo: C. Teixeira e C. Editores, 1925. A primeira edição deste livro é de 1924.

termos não delirantes. E ela segue mostrando profusões de argumentos fortes e inegáveis quanto à manutenção histórica da mulher numa posição de inferioridade ao homem: *a inferioridade da mulher é constante no presente e no passado humano*. [19] Juntamente com a ciência e as cátedras das academias, entram em cena, como alvo de suas palavras certeiras e pungentes, o clero, a moral burguesa e o fascismo.

Aqui, faço um parêntese necessário para compreender um pouco da extensão da obra educacional de Maria Lacerda de Moura. Em um outro livro seu, intitulado *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!*,⁶ publicado oito anos depois de *Lições de pedagogia*, em 1933, Maria Lacerda continua desdobrando seu feminismo tão original, do qual é importante apresentar um de seus aspectos centrais e mais contundentes. Escrito em 1932, o texto é sua arma contra a guerra. Arma constituída unicamente pela publicação dos seus estudos, das suas pesquisas, do seu pensamento. Patriotismo, fé religiosa, obediência às leis e família burguesa aparecem como linhas duras do dispositivo da guerra. Servilismo, amor devotado aos seus e sentimentalismo são traços da mulher (burguesa ou proletária) que a fazem participar, como o homem, da empresa da guerra. É a partir do fio da participação feminina na sociedade que Maria Lacerda nos revela a mecânica fascista da sua época. Fascismo este que nos conecta a cada um, individualmente – pelo amor, pela fé, pelo sentimento –, ao governo de todos.

Se a mulher conformada ao modelo burguês de família é oprimida, o que dizer daquelas outras que trabalham na instituição, segundo a autora, sem a qual as famílias decentes e *de bem* não se sustentam: o prostíbulo? Seja na família, seja fora dela, como melindrosa – na encruzilhada entre a vida de esposa e a vida fácil – seja, ainda, na vida difícil e degradante da prostituição, a mulher é oprimida, impedida de pensar, humilhada e reduzida a objeto. Ela segue seu raciocínio mostrando que o homem, quando age mecanicamente como senhor da mulher, violento e desprezível, demonstra sua incapacidade de pensar, de ver na mulher uma companheira, de ultrapassar o que a história e as instituições religiosas, econômicas e políticas querem dele: servilismo e participação no

[6]. MOURA, Maria Lacerda de. **Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!** São Paulo: A Sementeira, 1933.

jogo infame que se alimenta da diminuição de muitos para a promoção de poucos. E Maria Lacerda diz, com todas as letras: *o homem também é oprimido*.

Penso que temos, neste ponto, condições para entender um pouco da dimensão do sentido da educação para Maria Lacerda de Moura. Ela produziu uma obra que, em seu conteúdo, forma e ação, operou fora do marco fascista que tanto combatia. Ou seja, nunca se rendeu ao jogo de oposições que permite combater o fascismo num mesmo movimento em que o conserva e faz funcionar. Quando escreve *Lições de pedagogia*, já estava em curso e a todo vapor a obra do Estado brasileiro – e de outros Estados na América Latina – responsável pela eliminação de toda variedade de formas dissidentes em favor de uma oposição unificada, capaz de abrigar discursos de oposição enquanto operava a manutenção e o fortalecimento do poder político nas mãos da velha elite de sempre e sua associação com a Igreja, o mercado e o Estado.⁷

Povo-elite, oprimido-opressor, pobre-rico, mulher-homem, negro-branco são, a partir do que aprendemos com os escritos dessa lutadora incansável, dualismos que, se de um lado nos permitem diferenciar posições sociais desiguais, têm, de outro lado, o poder de impedir a percepção do quanto, em termos de submetimento ao funcionamento fascista, estamos todos no mesmo barco. Para ela, a obra de uma educação para a ampliação de nossas liberdades, pela via do apoio mútuo, deveria atravessar a sociedade de cima a baixo. Todos precisamos aprender.

Voltemos, pois, ao nosso *Lições de pedagogia*. Como eu estava dizendo alguns parágrafos acima, Maria recomenda, para quem se propõe a ser educador, uma relação ativa com as diversas ciências. Voltar a esse ponto é importante devido ao grande destaque que o conhecimento científico ocupa neste livro. A pedagogia é, segundo ela, uma ciência muito recente e o trabalho educacional com crianças e jovens pode ter, nas pesqui-

[7]. Ao leitor interessado em compreender, definitivamente, o funcionamento da política fascista, seu modo de produção de verdades e de coordenação do jogo de oposições que o sustenta, indico o livro *O Estado Nacional*, de Francisco Campos, que pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/chicocampos.html>. Sugiro especial atenção ao tópico em que apresenta – do centro do fascismo por ele, Francisco Campos, promovido e instrumentalizado – o papel dos partidos de situação e de oposição na consolidação da lógica fascista entre nós. Sobre a eliminação das dissidências no Brasil, em favor de uma oposição unificada, indico a leitura do livro de Alexandre Samis: **Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

sas científicas de vários campos de conhecimento, um sólido e frutífero apoio. *A pedagogia se relaciona com todas as ciências, com todas as artes, com todos os ramos do conhecimento humano*. [58]

E são essas ciências, artes e teorias básicas, segundo ela, que, por envolverem os humanos, relacionam-se com a pedagogia e devem fazer parte do interesse de estudo dos educadores: psicologia, sociologia, fisiologia, ética, higiene, pediatria, estética, história das civilizações, lógica, biologia, ortopedia, ortofrenia, anatomia, pedologia, tiflogia e antropologia.

Entre essas, chamam a atenção para a ortofrenia e a tiflogia, denominações científicas não mais utilizadas. Sobre elas, nossa autora diz serem, juntamente com a pediatria, auxiliares ao que chama de pedagogia emendativa ou de correção. A ortofrenia tinha como foco de estudo pessoas com deficiência mental e os métodos para sua educação. A tiflogia era a ciência dedicada aos métodos educacionais voltados aos cegos e deficientes visuais. Maria Montessori, ilustre educadora italiana e a maior referência de Maria Lacerda de Moura em educação, foi entusiasta e pesquisadora no campo da ortofrenia. Esta ciência teve uma vida muito curta, mas uma existência muito intensa. Para entendermos sua importância, basta dizer que esse campo de investigação teve como rival nada mais nada menos que a psiquiatria. E que a psiquiatria não aparece como ciência auxiliar à pedagogia, entre as tantas indicadas por Maria Lacerda de Moura.

E aqui, caro leitor, o trabalho de escrita deste prefácio entrou em um portal inesperado: estudar sobre a oposição entre ortofrenia e psiquiatria. As referências que eu tinha de memória sobre ortofrenia eram frágeis, superficiais e, com algum estudo, mostraram-se mesmo distorcidas. Passavam por esta ser ligada à medição da massa cerebral e ao tratamento violento dispensado a crianças com necessidades especiais, como amarrar as mãos para impedir sua gestualidade característica dos surdos, pois tais gestos denunciavam seu afastamento da aparência de normal. Tais informações, obtive principalmente de pessoas do meu convívio na universidade, as quais defendiam a surdez e as necessidades especiais como *diferença*, em oposição a processos educacionais voltados à normalização de pessoas com tais necessidades. Sobre a normalização,

basta dizer que a educação especial contemporânea associa a noção de diferença à constituição de identidades fortes,⁸ reforça a diferença identitária, para a qual a noção de normal tornou-se anátema.⁹

Quanto à psiquiatria, não é necessário dizer da enxurrada de referências quando utilizada como entrada em qualquer motor de busca na internet. Desse modo, entre um deserto de informações sobre ortofrenia e um dédalo angustiante de referências sobre psiquiatria, cheguei, da maneira mais resumida possível, ao que segue.

Tudo começa com a divisão dos cientistas do final do século XIX entre as ideias representadas pelas emblemáticas figuras científicas de Mendel e de Lamarck. Em torno das ideias de Mendel, reúnem-se, na época, cientistas que defendiam a determinação genética no seio do que historicamente passou a ser conhecido como eugenia. Defender a determinação genética implicava um conjunto de ações científicas e políticas voltadas ao melhoramento genético da população com base em duas correntes básicas: a eugenia positiva e a eugenia negativa. A primeira reunia as ações necessárias para incentivar a reprodução de indivíduos considerados geneticamente superiores, segundo os ideais estabelecidos a partir do corpo e do desempenho intelectual do homem grego clássico. A segunda, a eugenia negativa, buscava inibir a reprodução de indivíduos considerados geneticamente inferiores e implicava a esterilização e eliminação de indivíduos de raças consideradas inferiores e daqueles considerados física e mentalmente anormais. As pesquisas eugênicas estão na base do racismo contemporâneo, bem como da ciência conhecida atualmente como psiquiatria.

Em torno das ideias de Lamarck e em oposição à psiquiatria, reuniam-se aqueles que defendiam a influência do meio sobre os indivíduos e, portanto, o poder de estímulos e de estratégias educacionais com fim no que passou a ser conhecido como normalização dos anormais. É essa corrente de pensamento que abrigou a ascensão da ortofrenia. A

[8]. Uma excelente problematização da noção de identidade pode ser encontrada no texto de Suely Rolnik: **Toxicômanos de identidade**. Disponível em: http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/viciados_em_identidade.pdf. Acesso em: nov. 2019.

[9]. Ortofrenia é uma ciência hoje morta. Na minha primeira busca na internet, com a entrada *ortofrenia*, encontrei dados tíbios em que a palavra era apenas citada e com informações também superficiais; na Wikipédia em português, a mesma entrada gerou acesso a um artigo que a situava como um engano científico. Com a entrada *Ortophreny*, na Wikipédia em inglês, nenhuma referência. Depois de muita insistência, as referências passaram a ser o significado da palavra em vários dicionários.

interpretação do termo anormal decretou o fim da ortofrenia. Conduzir o anormal à condição de normal foi tomado como signo de violência tácita e inegociável por negar aos considerados anormais, surdos, cegos, doentes mentais e deficientes físicos sua identidade em favor da referência à figura opressora dos considerados normais. A partir dessa compreensão, tudo que envolve anormal, normalização e normal passa a ser considerado obra de atuações despóticas e violentas. Há, no entanto, uma primeira possível diferenciação no uso dessas noções, segundo as correntes científicas vinculadas, de um lado, à eugenia; e, de outro, à ortofrenia, sistematicamente confundidas na quase totalidade dos trabalhos que estudei.

Pela visão eugênica,¹⁰ qualquer um considerado anormal deve ser destinado ao isolamento em hospícios, clínicas e colônias; ou eliminado, de modo que não venha a contaminar a sociedade, espaço dos normais, ou melhor, dos geneticamente superiores. Os desdobramentos dessa perspectiva são imensos e com marcante impacto na medicina, na psiquiatria, na educação, na gestão política dos Estados seduzidos pelas promessas de cura e de higienização da sociedade.¹¹

Pelo que pude entender, principalmente a partir da obra de Maria Lacerda de Moura e de sua referência intelectual e ética Maria Montessori, a noção de *normal*, para elas, não se relaciona a nenhum ideal humano racial.¹² A partir da obra de Maria Lacerda de Moura, é possível uma segunda compreensão de *normal*, no espectro de possibilidades aberto

[10]. Sobre a eugenia no Brasil, indico o trabalho de André Luiz dos Santos Silva: **Nos domínios do corpo e da espécie: eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da educação física**. Porto Alegre: Orquestra, 2014.

[11]. Para quem tiver interesse nos desdobramentos da via psiquiátrica no pós Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, com imensa influência na pesquisa nos mais variados campos de investigação, entre os quais destaco a educação, recomendo fortemente **The Minds of Men**, em inglês, com legendas automáticas em português. Documentário de Aaron & Melissa Dykes 2018, 3h42min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sDnvXARZQm4&frags=pl%2Cwn>. Acesso em: nov. 2019. Aqui é possível conhecer, em extensão e profundidade, a grande saga cruel e mortal da psiquiatria nos Estados Unidos, seus experimentos com internos em hospitais, presidiários, donas de casa, com especial atenção a negros e crianças. E também é possível conhecer grupos de pesquisa interessados na relação entre cérebro, computadores e guerra, seus financiadores e reencontrar, sob uma perspectiva distinta da que a história costuma apresentá-los, grandes pesquisadores, acima de qualquer suspeita, tais como Gregory Bateson, Margareth Mead e Norbert Wiener.

[12]. Na página do *Lar Montessori*, os educadores traduzem a noção montessoriana de *normalização* pela expressão *equilíbrio natural da criança*. Disponível em: <https://larmontessori.com/maria-montessori/>. Acesso em: nov. 2019. Nesta página, é possível compreender o que motivou Montessori a optar pela ortofrenia e rechaçar a psiquiatria na abordagem da educação das crianças.

pela ortofrenia.¹³ Normal seria, portanto, em oposição à noção eugênica, um estado em que a criança reúne todas as condições físicas e mentais que sua idade e seu corpo permitem e, além do mais, envolve um ambiente social e físico propício à sua expansão máxima. Fica muito claro, nos três capítulos dedicados ao corpo da criança em *Lições de pedagogia* – “Educação física”, “Educação dos sentidos” e “Crescimento físico” –, que qualquer diagnóstico jamais se esgota na avaliação física e mental da criança. A condição em que a criança se encontra tem total relação com seu ambiente. Assim, a atenção ao seu corpo, sua capacidade física, intelectual, emocional e de engajamento social deve sempre ser acompanhada de uma analítica multidimensional do ambiente em que vive.

Tal analítica põe em cena a família, claramente considerada para além de sua composição patriarcal, os afetos, a comunidade e, de modo muito enfático, os professores. Estes, quando dispostos a promover a criança livre, buscam aprender com ela os meios e os modos de ação a ela dirigidos. Observar a criança e suas manifestações de medo, insegurança, agressividade, debilidade física, excitação nervosa, física ou sexual implicaria perguntar-se, entre tantas coisas, por sua alimentação, por sua atmosfera familiar, dificuldades ou impedimentos congênitos e adquiridos de movimentar-se, ouvir, ver, aprender, falar, etc. E vai longe, muito longe, ao considerar todos os sentidos, incluindo o acesso da criança ao mundo pelo olfato, pelo tato, músculos, vitalidade, respiração, sensação térmica, baropercepção¹⁴ e o paladar.

E entre essas muitas qualidades, vale ainda destacar a importância por ela conferida aos neurônios mielinizados, para os quais chama a

atenção em alguns pontos de sua proposta educacional. Sabemos, hoje, que tais neurônios são a chave do nosso sistema parassimpático, ligado às atividades corporais da digestão, nutrição e repouso. Justamente a parte de nossa dinâmica corporal afetada por eventos traumáticos manifestados no corpo, entre outras coisas, por dificuldades na digestão, na fruição da força sexual, principalmente o orgasmo, na movimentação dos músculos da face envolvidos no engajamento social, na modulação da voz, na regularidade dos batimentos cardíacos após situações de estresse e por aí vai.¹⁵

As abordagens individualizadas da criança, tão comuns nas nossas escolas atuais, que conduzem aos diagnósticos de rebelde, deprimida, hiperativa, *borderline*, agressiva ou com déficit de atenção, e seu encaminhamento à institucionalização ou a tratamentos com medicações psiquiátricas, tais como antidepressivos, estabilizadores do humor, antipsicóticos e ansiolíticos, pareceriam a Maria Lacerda de Moura, e sua generosa noção de *normalização*, toscas, apressadas e violentas.¹⁶ O que ela diria do fundo comportamentalista de nossa educação, derivado dos estudos com pombos de B. F. Skinner e da análise de sistemas da computação, ambos intimamente vinculados à guerra, ao cumprimento de tarefas, à quantificação da aprendizagem e ao esvaziamento do pensamento, tanto pela naturalização da expressão ensino-aprendizagem quanto pela dissociação entre atividade física e atividade corporal.¹⁷

[13]. Sobre os desdobramentos da ortofrenia no Brasil, como ação do estado brasileiro sob a tutela de Anísio Teixeira, fora, portanto, da perspectiva popular de Maria Lacerda de Moura, há o trabalho de Luana Tiekio Omena Tamano sobre o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), no Rio de Janeiro, por meio da atuação do médico alagoano Arthur Ramos, entre os anos de 1934 e 1939. Note-se que, embora a autora tenha uma visão da normalização a partir do referencial foucaultiano, há muitas referências a ações do SOHM em que esse conceito se mostra limitado, principalmente em relação à análise da *constelação familiar* (termo utilizado à época para se referir às relações familiares da criança, não restritas à família patriarcal) ao se considerar a *criança problema*. TAMANO, Luana Tiekio Omena. **Manter normal a criança normal e normalizar a desajustada**: Arthur Ramos e o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, 1934-1939. Orientador Gildo Magalhães dos Santos. São Paulo, 2018.

[14]. O corpo é dotado de barorreceptores, terminações nervosas responsáveis pela percepção da gravidade. É por meio dessas terminações que o corpo aciona toda uma série de músculos ligados aos micromovimentos necessários à manutenção da estabilidade das posturas e da qualidade de percepção de si, que nos permitem saber: estou de pé, deitado, de ponta-cabeça, meus braços estão abertos ou junto ao corpo, etc. Vale lembrar que a consideração dos barorreceptores é preocupação de estudiosos que considero entre os mais importantes da atualidade. Entre eles, destaco Hubert Godard, na França, e sua análise da *função tônica*; e, no Brasil, Marcelo Muniz e Monica Caspari, a partir da prática do *rolfing*.

[15]. Estes e outros temas trazidos por Maria Lacerda de Moura, vale lembrar em 1925, têm sido objeto de estudos atuais considerados como inovadores e pioneiros. Sobre a importância dos neurônios mielinizados, ver a obra de Stephen W. Porges. Dele temos publicado no Brasil: **Teoria Polivagal** – fundamentos neurofisiológicos das emoções, apego, comunicação e auto-regulação. Rio de Janeiro: Senses Aprendizagem e Comunicação, 2012. Sobre a abordagem terapêutica do trauma a partir da dinâmica corporal, ver a obra de Peter Levine. Dele foram publicados no Brasil: **O despertar do Tigre**: curando o trauma. São Paulo: Summus, 1999; e **Uma voz sem palavras**: como o corpo libera o trauma e restaura o bem-estar. São Paulo: Summus, 2012. No Brasil, destaco, ainda, o trabalho educacional para a abordagem do trauma e da restauração e, no final das contas, da alegria, desenvolvido, entre outros, por Lael Keen, Russel Jones, Sônia Gomes e Ale Duarte.

[16]. Maria Lacerda de Moura utiliza, ainda, largamente a palavra *higiene*, cujo sentido não pode ser confundido, de modo algum, ao uso que a psiquiatria fazia da mesma palavra. Para ela, higiene é tomada como interesse na melhoria das condições ambientais, físicas e mentais com fim na ampliação das potências de cada um, independentemente de raça, situação econômica e condição física ou mental, como era possível nas propostas da ortofrenia. Na psiquiatria, a palavra higiene tinha como sentido majoritário o de *higiene racial*, ou seja, limpar a sociedade da miscigenação com raças inferiores e dos mental e fisicamente degenerados.

[17]. Sobre a vinculação das estratégias educacionais com a guerra, ver o livro de John Pfeiffer: **Uma nova visão da educação**: *systems analysis* ou análise de sistemas em nossas escolas e faculdades. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da USP, 1971. Sobre a permanência do comportamentalismo na educação atual, a despeito de seu recobrimento com palavras, tais como interdisciplinaridade, dialogicidade e inclusão, ver o livro fruto de minha pesquisa de doutorado,

Não pode ficar, ainda, sem consideração toda a atenção dada ao movimento e ao que a autora chama de *educação física*. Para ela, exercício físico e movimento são inextricavelmente ligados ao pensamento. Esforço intelectual de um lado e esforço físico de outro, quando dissociados, são grande ameaça à saúde das crianças. Propõe então que, em substituição à ginástica e sua ênfase aos exercícios físicos tomados como objeto em si, seja incentivado o jogo.

E procede a um instigante quadro teórico sobre o jogo no qual figuram as posições e teses de onze perspectivas existentes à época. O jogo aparece, nesse quadro, como uma noção extremamente complexa, envolvendo os jogos de guerra, os jogos de sedução, jogos de ficção – característicos da literatura, do cinema, da arte –, jogos de imitação, recreação, etc. Dessa ampla compreensão de jogo, destila, pacientemente, um jogar totalmente novo, no qual a educação fulgura como interesse vivo na liberdade e na solidariedade.

Não jogos como o futebol, a marcha, o box, nem a ginástica, a exigirem desempenho máximo do corpo e/ou disputas inútuas, esportes cujo efeito raramente ultrapassa o de *somar duas fadigas, a física e a intelectual*. [89] De modo qualitativamente distinto, pautado em sua noção de apoio mútuo como fim da educação, o jogo aparece como oportunidade de autoeducação, de educação das relações entre as pessoas, entre as pessoas e as coisas, entre os seres vivos, de produção de uma sociedade, das relações entre os povos. O jogo como oportunidade de desenvolvimento físico e mental pela valorização da dimensão corporal da aprendizagem. *Aliás, tudo é jogo. Jogo dos homens... jogo das mulheres...* [137] E, finalmente, numa antecipação do que depois veio a propor Wilhelm Reich¹⁸ com suas pesquisas sobre a energia orgânica, *o jogo da criança, do homem, do artista*

sob a orientação de Edson Passetti: **Educação, comunicação, anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

[18]. No Brasil, a obra de Reich ressoou fortemente no trabalho de Roberto Freire, criador da *Soma, uma terapia anarquista*. A somaterapia, como passou a ser conhecida, tem como movimentador a abertura para o prazer e, conseqüentemente, a problematização e a liberação dos dispositivos sociais e subjetivos da culpa, do medo, da vergonha, tão promovidos pela moral sexual, religiosa e institucional vigentes na nossa sociedade. Informações sobre a Soma podem ser encontradas no seguinte endereço: <http://www.somaterapia.com.br/soma/roberto-freire-joao-da-mata/>. Indico, ainda, a extensa produção literária de Roberto Freire com destaque para os livros *Utopia e paixão*, *Sem tesão não há solução* e *Ame e dê vexame*. Nesses três livros, o leitor poderá encontrar os principais elementos da proposta de saúde (na acepção mais alegre e afirmativa deste termo) desenvolvida por Roberto Freire e seus colaboradores.

e do criador na literatura como elo entre o estado consciente e o subconsciente e forças criptopsíquicas, canal por onde receber energias ou estar em contato com as fontes inesgotáveis da energia cósmica. [135]¹⁹

Para nós, aqui no século XXI, *Lições de pedagogia* é, ainda, uma obra sem igual, que nos adverte sobre os perigos de nossa insistência em tratar, curar e educar pessoas, quando talvez devêssemos centrar nossa atenção nas suas vidas, nas nossas vidas adoecidas. Quanta doença tem produzido ideias como as de inferno, pecado, a exigência da virgindade, a fidelidade matrimonial ligada ao pecado, a vergonha e o crime; a ira divina, a inibição da energia sexual, as ambições, as punições, o endividamento, a exigência de eficiência e produtividade. Tudo ideia. Ideias conectadas a potentes operadores institucionais geradores de medo, vergonha, tristeza, impotência. Temos, ainda, tanta dificuldade em objetivar as agências empenhadas em revestir de verdade tais loucuras: clero, mercado, Estado, escolas, universidades, postos de trabalho assalariado, família burguesa, ciência... Enfim, as mesmas agências capazes de promover a concentração de poder necessária para que se possa dizer de si mesmo, sou alfabetizado, formado, virtuoso, tenho posses, sou normal. Será que continuaremos a insistir no ridículo de pretender essas adjetivações implicadas na existência de seus duplos: analfabeto, evadido da escola, vicioso, despossuído, anormal?

Aprendemos, também, que é obra de cada educador a sua própria liberação. É trabalho seu ultrapassar a educação que recebeu de sua família, das instituições religiosas, do Estado, do mercado, da guerra... E o caminho para isso pode iniciar com uma pergunta simples: o quanto

[19]. E concorda, também, com um contemporâneo seu, provavelmente desconhecido por Maria Lacerda de Moura, D. H. Lawrence, de quem transcrevo o texto a seguir como celebração de um encontro historicamente não ocorrido, mas que, no embalo das forças criptopsíquicas defendidas por nossa Maria, é uma realidade: *O que quer que saibam os não nascidos e os mortos, eles não podem saber a beleza, a maravilha de sentir na carne que se está vivo. Os mortos podem cuidar do além. Mas o magnífico aqui e agora da carne é nosso, e só nosso, e nosso só por algum tempo. Deveríamos dançar de êxtase por estarmos vivos, em carne e osso, fazendo parte do cosmo vivo e encarnado. Faça parte do sol tal como meu olho faz parte de mim. Que faço parte da terra, meus pés sabem perfeitamente, e meu sangue faz parte do mar. Minha alma faz parte da espécie humana, tal qual meu espírito faz parte de minha nação. Em meu próprio eu, faço parte de minha família. Nada há em mim que seja só e absoluto, exceto minha mente, e havemos de descobrir que a mente nem tem existência por si só, é apenas o brilho do sol na superfície das águas./ Assim, meu individualismo na verdade é uma ilusão. Faço parte do grande todo, e dele jamais posso escapar. Mas certamente posso negar minhas ligações, rompê-las, e virar um fragmento. Então me torno um desgraçado./ O que queremos é destruir nossas ligações falsas, inorgânicas, especialmente as relacionadas com o dinheiro, e restabelecer as ligações orgânicas, vivas com o cosmo, o sol e a terra, com a humanidade, com a nação, a família. Se começarmos com o sol, o resto virá, lentamente, lentamente.* LAWRENCE, D. H. **Apocalipse (seguido de) O Homem que Morreu**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

que eu sei, por ter aprendido, nos ajuda o apoio mútuo? Essa pergunta simples dirigida a qualquer pessoa ou instituição que venha nos oferecer liberdade, formação, direitos, deveres, vantagens, punição, vigilância e segurança pode transformar tudo e nos indicar o caminho a seguir. Seria por aí, penso, a advertência de Maria Lacerda de Moura quanto ao que é mais importante em termos de educação, mais importante ainda que o trabalho sobre crianças e jovens: o trabalho de educação sobre si mesmo.

Aprendemos, por fim, que debaixo das suas palavras corre um rio, um rio que se chama liberdade. Não a liberdade em termos absolutos, tão cara a governos – estatais, religiosos, policiais e econômicos – interessados na nossa lucrativa submissão; a românticos interessados em codificar nossa capacidade de amar como pertencimento e posse; e a revolucionários interessados em dirigir com suas pantufas teóricas os passos da nossa rebeldia. Neste Brasil do século XXI, após tanto progresso das tecnologias de comunicação, já estamos habituados a tomar as palavras como unidades de informação: eu digo tal coisa e represento, portanto, quem pensa de tal modo; ou eu sou tal coisa e represento, portanto, quem é isso ou aquilo. Tomadas como unidades de informação, as palavras têm sentido em si mesmas e servem para informar, classificar, representar.

É impossível entabular uma conversa fazendo uso de unidades de informação, pois elas são o cerne operativo da novilíngua²⁰ de que desfrutamos, graças a campanhas de comunicação de massa e sua mais terrível implicação política: alimentar o ódio dual que, como governados, devemos sentir uns pelos outros. Ódio motivado pelo simples fato de uns não serem o que devem ser e não dizerem o que e como deve ser dito, segundo o que pensam, que pensam, os outros. E todo o nosso tempo é devotado à extenuante vigilância sobre o que somos e pensamos, sobre o que é e pensa o outro. Seria preciso começar a tentar ouvir as palavras e buscar a diferença entre as palavras que devem ser ditas e o que eu tenho para dizer. Entre o que devo ser e o que eu vivo.

Há, no entanto, um rio sob as palavras. Um rio por onde flui o pensamento. As histórias que herdamos de nossos ancestrais, sejamos negros,

[20]. *Quantos dedos tenho aqui, Winston?* Ao leitor que queira compreender o termo *novilíngua*, indico ler o diálogo que se segue a essa pergunta no romance *1984*, de George Orwell. Na edição de que disponho, a pergunta está na página 231 (1983). Lembre-se, todavia, de que este romance foi publicado em 1949, trata de uma utopia de futuro ocorrida em 1984 e que estamos em 2023.

amarelos ou brancos, pois todos os temos, são bons exemplos do pensamento que flui. O pensamento que flui implica, sempre, um processo vivo e vivido. Implica, sempre, algo que se aprendeu. E o interesse por isso é que permite uma conversa, a troca de experiências, o entendimento e sua multiplicidade. E é aqui, no rio do pensamento manifestado em palavras, que se encontra a obra de Maria Lacerda de Moura.

Em vários pontos do livro, ela anuncia a publicação de um segundo volume de *Lições de pedagogia*. Este segundo volume é anunciado, inclusive, na segunda edição de *A mulher é uma degenerada*, também de 1925. Não se tem, até agora, nenhuma notícia de que tenha vindo à luz. Penso, todavia, se não seria oportunidade de todos aqueles que venham a conhecer o conteúdo deste primeiro volume, com suas muitas sugestões e novidades, produzirem uma rede para compor, hoje, o segundo volume, com as questões, as palavras e as possibilidades do nosso tempo voltadas a pensar uma educação para a liberdade, aquela que se amplia com a liberdade do outro. Fica aí o convite para essa empreitada e para conhecer o restante da profícua obra. Há bons registros de suas conferências e de artigos para jornais e livros. Muita coisa linda, ela nos trouxe após *Lições de pedagogia*. Viriam, ainda, obras dedicadas aos temas da guerra, do fascismo, do clero e a sua imperdível produção sobre o *amor plural*.

A coragem e a força amorosa dessa mulher rendeu este texto, por ela classificado como obra de educação popular. *Propus-me publicar uma pequenina biblioteca pedagógica ao alcance dos professores primários, a qual dará notícias de todas as teorias, todas as principais investigações científicas a respeito da criança. É uma obra de divulgação popular.* [265] E popular, aqui, adquire um significado distinto daquele fixado na história da educação brasileira, em que se chama de educação popular a um conjunto de iniciativas educacionais que, se analisadas como processo, somente poderiam ser denominadas de *escolarização do popular*.²¹ *Lições de pedagogia* não foi escrito por uma pesquisadora ou professora universitária, mas por uma professora primária e pesquisadora autônoma e popular. *Escrevi principalmente para alunas de Escolas Normais e para professores primários: para a educação popular.* [264]

[21]. Sobre a história da educação popular brasileira limitada, majoritariamente, à escolarização do popular, ver: FELTRIN, Tascieli. **Educação popular no Brasil**: forças que concorreram para a emergência da escola nacional. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Lições de pedagogia é sua arma – de amor, solidariedade e inteligência – contra o fascismo, que funciona hoje como ontem, e seus cansativos jogos de oposição que nos conectam a cada um, individualmente – pelo amor, pela fé, pelo sentimento –, ao governo de todos. Jogos de oposição cujo efeito nefasto é fazer parecer *tudo* aquilo que é quase nada. É uma obra de pensamento livre, único,²² contra pensamento de manada, de rebanho. Suas palavras cortantes eliminam as peias da crítica que se satisfaz em opor-se. Agudas e certeiras, essas mesmas palavras, republicadas, provocam uma elipse no tempo dos sinos das igrejas, das sirenes das fábricas, das marchas dos quartéis, dos fatos alinhados pela história, e Maria Lacerda de Moura está aqui, lutadora de peso, junto aos que, no nosso hoje, arrojaram-se contra os fascismos.

Seja bem-vinda!

Guilherme Carlos Corrêa
(UFESM)

.....

Maria Lacerda de Moura
Lições de Pedagogia

.....

La obra mejor es la que se realiza sin las impacencias del éxito inmediato y el más glorioso esfuerzo es el que pone la esperanza más allá del horizonte visible y la abnegación mas pura es la que se niega en lo presente, no ya la compensación del lauro y el honor ruidoso, sino aun la voluptuosidad moral que se solaza en la contemplación de la obra consumada y el término seguro.

(O melhor trabalho é aquele que se realiza sem a impaciência do sucesso imediato e o esforço mais glorioso é aquele que coloca a esperança além do horizonte visível e a mais pura abnegação é aquela que se nega no presente, não mais a compensação do louro e da honra ruidosa, mas também da voluptuosidade moral que tem prazer em contemplar o trabalho realizado e o término seguro.)¹

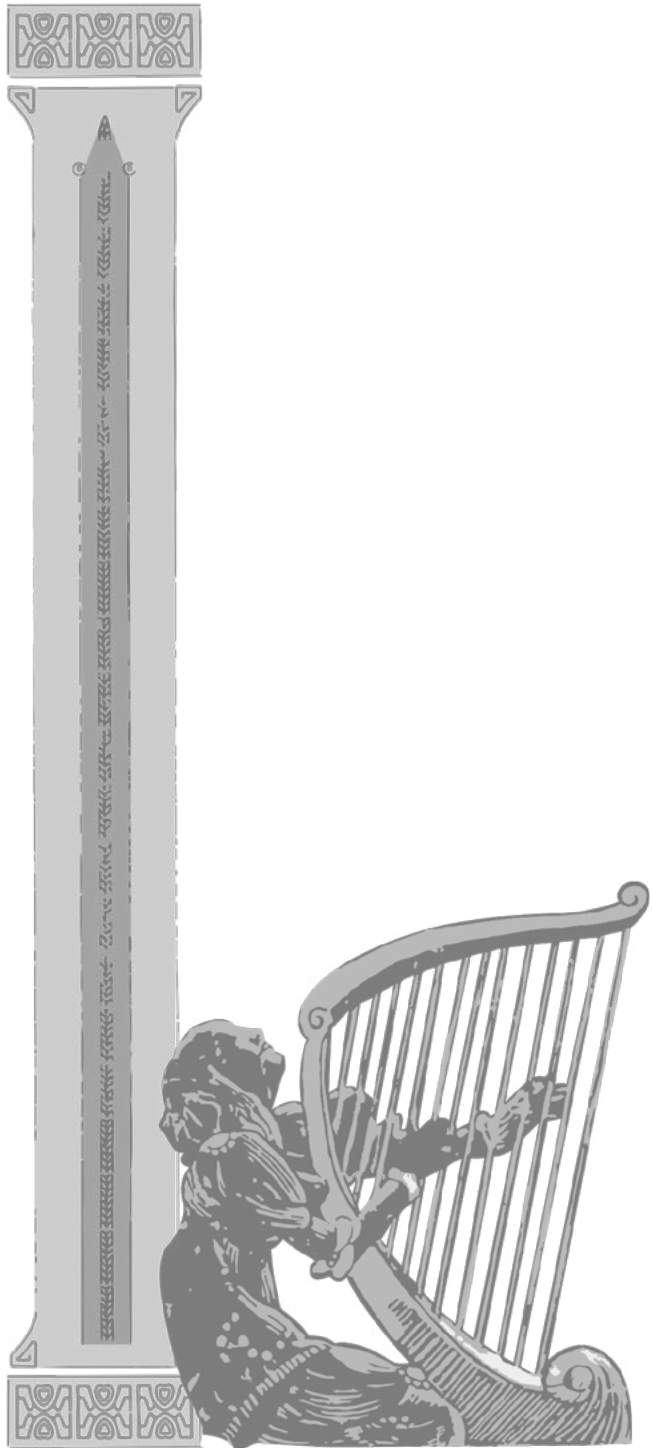
ARIEL – RODO

VOLUME I

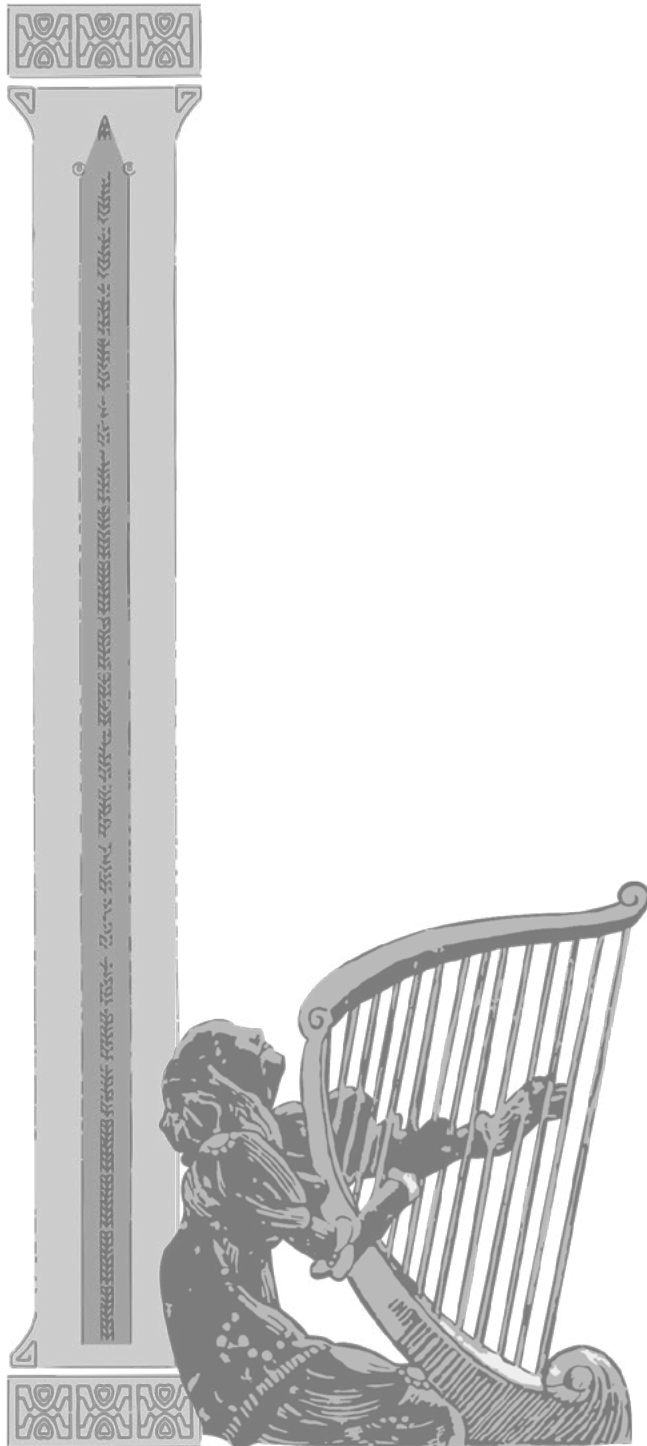
S. Paulo
— TIP. PAULISTA —
Rua Assembleia No. 55 – 58
1925

[22]. No sentido que empresta a esta palavra Max Stirner em *O único e sua propriedade* (2004), publicado em Lisboa pela Antígona. O único, para Stirner, exerce o poder de pensar o que ainda não foi pensado, o poder de desfazer-se da figura de representante da herança histórica do pensamento acumulado pela humanidade que insistimos em carregar e, segundo ele, *nos extenua como um fardo*. O único com aquele que pensa como criador de pensamento e artífice, na mesma medida, da destruição do que já pensou em favor de novas elaborações.

[1]. - Nota do Org.: para estas, e todas as demais passagens do livro escritas em outro idioma, farei uma versão em tradução livre, colocadas logo em seguida ao trecho, entre parêntesis, ou em nota de pé de página, quando for a ocasião.



*Ao Dr. João de Azevedo Carneiro Maia e ao Dr. Jacques Maciel
com todo o meu grande afeto e o meu infinito reconhecimento.*



Alguns juízos a respeito dos trabalhos de Maria Lacerda de Moura

.....
“*Em Torno da Educação*”
.....

O seu livro é admirável: pela seriedade dos assuntos, pela perfeita singeleza do estilo, pelo ardor cívico que inspira as suas páginas. Só lhe posso enviar louvores e aplausos entusiásticos. Verdade e Beleza, Virtude e Fé, Honra e Bondade iluminam o seu livro. Aceite os sinceros parabéns do seu admirador.

Rio, 04.10.1918

OLAVO BILAC

.....
Lí com prazer o ***Em torno da Educação*** porque é um livro são e bom; admirei-o porque é bem feito e tem alma. Aplaudo a autora patricia porque sabe pensar e sabe sentir com tanta elevação moral, mostrando sempre com felicidade os requintes da fina elegância espiritual que dão tanta vivacidade e brilho ao que escreve.

Leio na dedicatória, transbordante de amor filial, o nome amantíssimo de seu pai, velho amigo, cujo destino só agora me foi revelado. Foi por ele, por falar sempre de mim, que V. Excia., ouvindo a voz do coração, enviou um exemplar desse precioso livro que tem viço e é cheio de fé no “futuro melhor”, ao velho professor que remoça por instantes, quando escuta a voz dos velhos amigos ou dos que lhes engrandecem o nome.

Sobra vontade, mas falta tempo para respigar no seu livro muitos pedacinhos que valem imenso.

Rio, 3-9-1919

Prof. SÁ VIAN

...Tem ouvidos para ouvir os cochichos da Voz clamante no deserto, que ressoa, agora, nas multidões sequiosas de verdade. Um volver de olhos lhe desvendará o cortejo dos gênios malfazejos que desgraçam toda a humanidade. E então compreenderá... As dúvidas se dissiparão e essa alma viva, estuante, culta e progressista, retomará da pena para elaborar o maior livro, um livro de renovação, primeiro arrojo feminino para o Grande Fim, neste Brasil tão digno de outros surtos. Virá tal livro?

Correio da Manhã – 09.09.1918

JOSÉ OITICICA

.....

“RENOVAÇÃO”

Venho agradecer-lhe rendidamente a gentileza e a honra, com que me distinguiu, brindando-me com a sua notável **Renovação**.

Poderão sociólogos e pediatras divergir, aquém ou além, dos conceitos de V. Exa.: o que ninguém, nem mesmo eles, poderá contestar é a nobreza e a generosidade dos intuitos da escritora, além da fluência, – que por vezes é eloquência – com que pugna por esses intuitos.

Queira pois V. Exc., aceitar, com os mais vivos agradecimentos, as calorosas felicitações do servo grato e admirador

Lisboa, 24.1920

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

.....

Este livro representa a mais vibrante, consciente e entusiástica afirmação de independência de que foi capaz, até hoje, a brasileira.

O seu livro, tão forte, tão grave, tão sério, contém as chaves de todos os problemas agitados pelas reivindicações femininas.

Os políticos que cogitam em atualizar a Constituição abrangendo a mulher no conceito de cidadão devem ler este livro de uma brasileira evoluída. O sufrágio feminino não remediará a situação da mulher enquanto o código civil a considerar, nos seus direitos, inferior ao homem.

Revista da Semana, 13_12_1919.

CARLOS MALHEIRO DIAS

...Surpresa por vários motivos: primeiro, porque o seu aparecimento foi repentino, não precedido de toques de caixa: segundo porque mais inesperado ainda é ver-se surgir, no Brasil, uma escritora que trate de coisas sérias, com seriedade: terceiro, porque, além de tudo, ela escreve com grande fluência e vivacidade, indo direito ao ponto, desfiando as suas razões rápida e claramente, numa maneira ao mesmo tempo enérgica e engraçada, que lembra um pouco a da brilhante Carmen Dolores.

Estado de S. Paulo, 20.01.1920.

.....

... e sabe dizer tudo isso em um estilo cheio de clareza e de correção. No meio da nossa literatura, em geral, incolor e insípida, o seu livro **Renovação** é um raio de sol consolador.

Rio, 30.12.1919

LUÍS GUIMARÃES FILHO

.....

...Estou certo que o seu livro terá a repercussão que merece e um acentuado destaque na nossa literatura social. Permita que deixe em suas mãos esse tomo, único dos meus trabalhos que tenho aqui. Quisera bem submeter ao seu juízo autorizado as minhas *Lições de Pedagogia*. Fá-lo-ei, desde que tenha a 2ª edição, tendo-se esgotado a primeira.

27.01.1920

MANOEL BOMFIM

.....

... Acho também que a mulher deve, em tudo, ser considerada como tendo os mesmos direitos que o homem e, por isso, dou-lhe sinceros parabéns por haver, de modo magistral, defendido uma causa tão justa.

Muito apreciei também os outros assuntos tratados em *Renovação*, obra que bem mostra que a mulher brasileira já ocupa, como autora, posição de destaque nos domínios das letras.

Minas, 12.1919

ÁLVARO DA SILVEIRA

“A FRATERNIDADE E A ESCOLA”

É um trabalho forte de pensadora. Enquanto não poucos dos nossos literatos, homens peludos e graves, discutem modas ou se cansam em rendilhar malícias em obras de ficção, e enquanto, de vez em vez, o Rio nos manda a pornografia torpe de algumas das suas poetisas, Maria Lacerda de Moura, embalada pelos primores do seu idealismo de moralista e reformista, compõe obras de pulso, de perfeita psicologia social, em que ventila os mais graves problemas da atualidade. Nesta sua conferência, em estilo rápido e vigoroso, moldado pela síntese eloquente de Demóstenes, se leem verdades duras.

...É uma educadora - e, como tal, se impõe pelo seu esforço e pelas criações cintilantes do seu talento.

S. Paulo. **A Gazeta.**

NU TO SANT'ANNA

.....

“A MULHER E A MAÇONARIA”

...D. Maria Lacerda de Moura, a notável publicista patriciana, que se tem assinalado pelo brilho e fecundidade do seu espírito, todo ele voltado para os grandes problemas sociais, notadamente os que dizem respeito ao feminismo, compôs, mais uma vez, uma peça de alto valor, que se recomenda tanto pela frescura do estilo como pela profundidade das ideias.

S. Paulo. **A Gazeta, 1922.**

NU TO SANT'ANNA

.....

Maria Lacerda de Moura é um fenômeno mental isolado entre as mulheres cultas que, entre nós, se ocupam de literatura.

...Combatida por muitos e compreendida por poucos, a autora de *Renovação* se tem revelado uma personagem digna da maior admiração, quer pela sua vasta cultura, quer pelo seu talento, quer pela nobreza dos seus belos ideais. Infelizmente, entre nós e nesta época de falhados e

“cinturinhas”, só se apreciam as escritoras de “salão”, as melindrosas que escrevem tolices românticas ou burilam chatíssimos versos parnasianos.

Falta à sociedade atual, e às elites intelectuais, o senso das cousas elevadas; falta-lhes a seriedade perante a vida. E é por isso que não levam a sério as cousas sérias. Os homens detestam a mulher pensadora, não sei se por canalhismo ou por covardia.

...é uma genuína, uma verdadeira revolucionária. Nisto é que está a sua grandeza moral, todo o seu valor.

A conferência **A fraternidade e a escola** é feita num ritmo de tropas em marcha, ansiosas pela luta, empolgadas pelos entusiasmos. Há, nessa conferência, os estremecimentos de corações que batem apressados, há o tumulto das multidões indignadas e o rebombo de catadupas gigantes que se arremessam, ululando, de alturas assustadoras. As ideias irrompem violentas, num alvoroço atordoante, entre o relampaguear de períodos curtos e luminosos e a estranha cadência de palavras que parecem surgir de não sei que profundidade interior, como mãos fantásticas a erguerem, na noite caliginosa, fulgurantes fragmentos de alma.

O espírito combativo desta sra. a proclamar desassombadamente verdades que doem e que elevam nos dá a impressão de uma erupção vulcânica que, emergindo de abismos pavorosos, parece querer elevar-se tão alto, até beijar as estrelas.

“A Mulher e a Maçonaria”, como se pode verificar pelo estilo mais suave e pelo ritmo harmônico de todos os períodos, nos revela outro aspecto da brilhante publicista.

ÂNGELO GUIDO

.....

...No necessito expresarle que estoy en la misma corriente de ideas que Ud., pues se trata de la evidencia misma.

Me permito retribuir su obsequio com uno de mais livros y dentro de pocos dias recibirá el periodico “Renovación”, para el cual solicito su retrato y su colaboración.

(Não preciso lhe dizer que estou na mesma corrente de ideias que você, porque se trata da evidência em si.

Permita-me retribuir o seu presente com um dos outros livros e dentro de alguns dias receberá o jornal “Renovación”, para o qual solicito o seu retrato e a sua colaboração.)

Buenos Aires – 30.12.1922.

JOSE INGENIEROS

.....

A sra. Maria Lacerda Moura é um caso único no Brasil. No número ainda insignificante das nossas escritoras, ela, cumpre, sozinha, a função de pensar. É o que a caracteriza, sobretudo. O seu estilo é de uma simplicidade impressionante. A sua frase é sóbria, mesmo na exaltação. Mais que a linguagem, porém, o que lhe marca, inconfundivelmente, a personalidade, é a ideia, é a ousadia admirável dos seus princípios, a capacidade prodigiosa de tê-los e a coragem sem par de enunciá-los.

..... tem completado sempre, pela ação, as nobres sugestões de seu idealismo. É uma educadora que educa realmente, uma rebelde que se não acovarda ante as mais arraigadas convenções, uma mulher que realiza o seu sonho, qualquer que seja o sacrifício que lhe cobrem.

Rio 02.1921 - Mensário Bibliográfico

CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA

.....

A MULHER É UMA DEGENERADA – 1ª EDIÇÃO

É um volume de 146 páginas bem impressas. À autora, que já se tornou conhecida e muito apreciada no mundo literário e científico, conforme se vê dos juízos de vários autores e jornalistas nas primeiras páginas de seu livro, revela-se mais uma vez uma mulher superior a pugnar pelo direito de suas irmãs na humanidade.

Seus períodos são vigorosos, cheios de vida, de calor, de seiva; não raras vezes há neles gemidos, não de preces, não de súplicas, que di-

minuem, rebaixam, deturpam, mas de açoites em troncos seculares e granitos milênios.

É que a ilustre autora, nobre na sua atitude, nas suas ideias, defende um princípio justo, bate-se por uma causa elevada: **o direito da mulher**, vilmente sufocado pelo interesse de atadinhos e ferrenhos prejuízos.

Lemos com muita atenção o livro de D. Maria Lacerda de Moura; por todo ele se revela a independência de seu caráter, a delicadeza de seus sentimentos.

Não nos toca senão aplaudi-la e dar-lhe os nossos parabéns pela sua coragem, pelo seu talento incontestavelmente superior.

Fervest illi lector.

“O Pensamento” – São Paulo, novembro de 1924.

.....

O talento fulgurante da nossa Resp.: Ir.: Maria Lacerda de Moura produziu mais uma preciosa obra, destinada a prender fortemente a atenção dos que se interessam pelas causas nobres.

Seu último livro, “A mulher é uma degenerada”, cujo título é grifado pela autora, constitui a mais enérgica e decisiva defesa da mulher de que temos conhecimento.

Miguel Bombarda, o grande psiquiatra português, encontrou em suas páginas um justo, lógico e veemente protesto às desacertadas afirmações que fez, recebe científica, nítida e robusta oposição aos seus argumentos errôneos.

A brilhante escritora, valendo-se de um amplo preparo intelectual, iluminado por fecunda inteligência, depois de provar claramente que a mulher é um ser perfeito, aborda o importante problema da emancipação social do sexo feminino e expõe, em suas múltiplas faces, a solução mais aceitável.

Muito enaltece a esplêndida obra a suavidade espiritual de que está impregnada.

O Templário – Pelotas – novembro de 1925

O LIVRO DA QUINZENA

D. Maria Lacerda de Moura, nome assaz divulgado nas letras patricias, acaba de publicar um livro que, sem intuito reclamista, pode-se chamar, com rigor, de – sensacional.

Trata-se de um trabalho cuja leitura é recomendável às senhoras brasileiras, pois a distinta escritora patricia, com limpidez de descortino, fluência de estilo e vertiginosa elevação de conceitos, estuda o papel desempenhado na nossa sociedade pela mulher, e os altos desígnios a que ela poderia aspirar se pensasse e julgasse, se contemplasse o aspecto do mundo que desabrocha e tivesse uma forte vontade de colocar-se ao lado das que lutam e vencem.

Esta obra é uma afirmação de que a mulher pode e deve colaborar ao lado do homem, não como sua escrava, mas como sua companheira, nas mais sérias conquistas políticas e sociais, não já dos países, mas da humanidade.

A escritora combate a mulher boneca, caprichosa e irresponsável, presa em gaiola de lisonjas, mas presa, abre-lhe as portas do ideal e diz-lhe – tens um cérebro e um coração, pensa e ama!

É um livro de energia, de ideais, de confiança; sobressai como um apito de transatlântico no *jazz-band* da literatura nacional.

Romance – Jornal – São Paulo.

.....

“**La femme est une dégénérée**”. – Ce livre est un beau travail d'études sur les qualités supérieures de la femme sur celles des hommes qui, par suite de certains éléments féminins ont perdu de leur valeur et font considérer la femme comme une dégénérée, alors que celle-ci doit être considérée comme la compagne de l'homme, tant dans ses travaux intellectuels que dans son foyer, mais non comme une poupée, un bibelot, ou même comme son esclave.

Nous engageous vivement nos lecteurs à lire cette ouvrage qui fera, nous en sommes certains, perdre les manvais préjuges établis, en général, sur la femme.

“A mulher é uma degenerada”. – Este livro é um belo trabalho de estudos sobre as qualidades superiores das mulheres, sobre as dos homens que, em decorrência de certos elementos femininos, perderam seu valor e fazem com que a mulher seja considerada uma degenerada, sendo que esta deve ser considerada como a companheira do homem, tanto no seu trabalho intelectual como no seu lar, mas não como uma boneca, uma bugiganga, ou mesmo como sua escrava.

Pedimos, veementemente, aos nossos leitores que leiam esta obra que, temos certeza, nos fará perder os maus preconceitos geralmente estabelecidos sobre as mulheres.)

Lé Messenger de São Paulo – outubro de 1924

MOVIMENTO DE LIVRARIA

MARIA LACERDA DE MOURA

“A MULHER É UMA DEGENERADA”

A autora desta obra, espírito alto, vasto e profundo, tem publicado vários trabalhos em que estuda, critica, combate e idealiza as mais interessantes questões morais e sociais do nosso tempo!

O presente trabalho é uma nova afirmação do indiscutível valor e das corajosas atitudes que a tornaram a **leader** do pensamento feminino contemporâneo do nosso país em que a mulher em pouco difere da antiga dona de casa e, como tal, guardiã dos velhos preconceitos morais e das absurdas crenças e temores do lar feudal.

D. Maria Lacerda de Moura expande a sua brilhante cerebração em todos sentidos e dá-nos, neste livro, uma poderosa e cativante leitura para os que querem e os que sabem ainda ler neste país. Mas, como não sabemos ler, naturalmente não o lemos.

Careta – Rio de Janeiro, outubro de 1924

PUBLICAÇÕES

Honni soit qui mal y pense... é como, imitando a autora, devemos começar a nota de apreciação de um livro que, escrito por brilhante espírito feminino, tem o título, que a muito parecerá escandaloso, de “**A Mulher é uma Degenerada**”.

Com um talento inquieto, cheio de ousadias, revoltada contra os prejuízos e preconceitos sociais, como todos os reformadores, Maria Lacerda de Moura segue agora os processos já adotados nos seus livros anteriores, todos alumiados pelo ideal do aperfeiçoamento, da educação e da cultura do sexo frágil, que ela quer forte e eficiente como o masculino.

O volume, que é muito bem impresso, encerra uma série de reflexões sobre a mulher, sob os aspectos filosófico, social, econômico, psiquiátrico, moral, etc., nascidas de copiosa leitura e de longas e inteligentes observações da ilustre escritora.

.O que ninguém, entretanto, lhe negará, de boa-fé, será que ela tem cultura, é uma excelente prosadora e possui admirável coragem de opinar e de agir, revelando sempre a ação e a franqueza dos fortes e enérgicos.

“**A Mulher é uma Degenerada**”, propicia leitura, é original e atraente, aumentando o relevo intelectual, já invejável, da autora, a quem agradecemos o exemplar que, com cativante dedicatória, teve a gentileza de nos oferecer.

Minas Gerais – Belo Horizonte, 1924

...o livro mais recente da notável beletrista patricia Sra. D. Maria Lacerda de Moura, conhecida por outros trabalhos de subido valor literário e social, que a caracterizam como forte pensadora, que a recomendam como espírito fecundo.

Classificada *leader* da emancipação feminina no Brasil, a autora batalha pelos seus ideais com uma coragem invulgar, servida por limpidez de conceitos.

O seu livro é uma obra forte, de fé, de confiança nos altos desígnios da mulher brasileira, quando ela houver deixado de ser o ente mimado, a criatura fútil, caprichosa e irresponsável, que é, ao lado do homem, cola-

borar firmemente com ele na solução dos magnos problemas humanos, lutando e vencendo.

É um trabalho digno de ser recomendado à leitura atenta das senhoras brasileiras.

O Tempo – Rio Grande do Sul, novembro de 1924

SURTO LITERÁRIO

Entre as obras que modernamente têm aparecido em defesa do feminismo na sua mais alta expressão de elemento consciente no seio das sociedades, destaca-se o trabalho por diversos pontos de vista notável da ilustre escritora Maria Lacerda de Moura, a qual teve a gentileza de oferecer-nos um exemplar do seu livro. **A Mulher é uma Degenerada** é o título da obra, parodiando uma frase do psiquiatra português Miguel Bombarda, mas em seguida a autora tem o cuidado de acrescentar como protesto a essa frase irreverente, “*honni soit qui mal y pense*”. Ela mesma diz que não combate somente a palavra exclusiva de Miguel Bombarda, porém, a de todos aqueles que por qualquer motivo se têm manifestado contra a mulher, taxando-a de incapaz para os complexos misteres da vida social que se não relacionam com a existência doméstica, com o cuidado da casa e dos filhos. Estuda com proficiência e superior erudição a questão das dimensões cranianas tão ventilada por sábios e filósofos e chega a provar, com lúcida evidência, a inanidade da ciência a esse respeito, citando a opinião de Finot e Reclus.

Julga e com razão, mantendo-se assim na mesma conclusão do extraordinário Tito Lívio de Castro em “**A Mulher e a sociogenia**” que o cérebro da mulher é acanhado em consequência mesmo da falta de exercício, condenada como tem estado a uma vida secular de trabalhos manuais rudimentares, deixando o cérebro entregue ao domínio das pequeninas paixões e dos sentimentos multicores, descuidando lamentavelmente o intelectual.

Sob este ponto de vista, é do parecer de Broen, Parchappe, Lacassagne, Cliquet, Ferri, Vitalis, Galton, Vann, etc.

Estuda o assunto das raças e chega à conclusão de que nenhuma delas é insusceptível de aperfeiçoamento. Finalmente, entra em longos pormenores sobre a vida da mulher operária, da mulher profissional, sobre a pedagogia moderna aplicada à educação feminina, terminando a obra com chave de ouro depois de uma série de argumentos cerrados e insofismáveis.

O trabalho da Sra. Maria Lacerda de Moura é, sem dúvida, uma das maiores defesas que se tem feito no Brasil em favor da mulher.

Jornal da Manhã. Pelotas, novembro de 1924

.....

... e de D. Maria Lacerda de Moura, cujo último livro “A Mulher é uma Degenerada”, é um desses trabalhos que espantam pela coragem da verdade e deleitam pelo brilho da forma.

Diário Oficial. Dr. Basílio de Magalhães. Rio de Janeiro, dezembro de 1924.

.....

Da sra. Maria Lacerda de Moura, disse, com propriedade, um brilhante escritor carioca: “é uma educadora que educa realmente, uma rebelde que se não acovarda ante as mais arraigadas convenções, uma mulher que realiza o seu sonho, qualquer que seja o sacrifício que lhe cobrem...”

O novo livro dessa intelectual patricia, inspirado no conceito do notável psiquiatra luso Miguel Bombarda, é mais uma prova do seu inconfundível talento e da sua rara coragem de afirmar.

A autora dá à sua obra uma feição inteiramente nova nos argumentos em prol da causa feminina. É um livro vigoroso e sério, que não deve escapar ao conhecimento do nosso mundo científico literário.

A fim de ser divulgada em outros centros cultos, a nova produção da distinta escritora mineira vai ser traduzida em espanhol.

Folha da Noite. S. Paulo, outubro de 1924.

.....

MARIA LACERDA DE MOURA.

É il nome già favorevolmente nato dell'autrice di un nuovo libro di polemica femminista.

Giorno per giorno, la donna conquista onorevolmente miglior posizione nel mondo del pensiero. Anche nella letteratura brasiliana si nota il risveglio attraverso le opere di signore e signorine datesi agli studii letteraril e scientifici.

É uscito ora un altro libro della stimata professoressa signora Maria Lacerda de Moura, dal titolo “A Mulher é uma Degenerada”. É questa del titolo l'affermazione di un allienista portoghese, che la scrittrice combatte com energia rara e vigore di argomenti cercati nella storia e nella scienza. É un lavoro polemico di carattere schiettamente femminista che avrà eco certo nel Brasile e fuori.

La signora De Moura ha già al suo attivo numerosi pubblicazioni, ed altre ne annunzia che sempre meglio metteranno in rilievo le sue buone doti di studiosa letterata.

(É o nome, já nascido favoravelmente da autora, de um novo livro sobre polêmica feminista.

Dia após dia, a mulher conquista, com honra, melhor posição no mundo do pensamento. Também na literatura brasileira notamos o despertar, através das obras de senhoras e jovens que se dedicaram aos estudos literários e científicos.

Saiu agora mais um livro da conceituada professora Maria Lacerda de Moura, intitulado “A Mulher é uma Degenerada”. Esta é a afirmação de um alienista português desde o título, que a escritora combatte, com rara energia e vigor, através de argumentos fundamentados na história e na ciência. É uma obra polêmica de cunho puramente feminista que, certamente, terá eco no Brasil e noutros países.

Dona De Moura já possui numerosas publicações e anuncia outras que darão relevo cada vez maior às suas boas qualidades como estudiosa letrada.)

Fanfulla. S. Paulo, setembro de 1924.

.....

Antes, porém, de entrarmos em quaisquer outras divagações, que-
demo-nos, primeiramente, no valor moral da escritora, para então, me-
lhormente, apreciarmos o seu livro.

D. Maria Lacerda de Moura é uma dessas mulheres da nova geração:
ânimo inquebrantável e inteligência vasta. O seu lar é um sacrário de
virtudes. Embebida nos vastos ensinamentos modernos de evolução e
rebeldias, esta mulher, toda pureza e com largos cabedais dos estudos
mais em foco – a Sociologia –, honra, de forma inequívoca, a intelectua-
lidade brasileira. A sra. Lacerda de Moura, é – sem jactância e sem vai-
dade – a única mulher que no Brasil defende verdadeiramente a questão
feminina.

Pelas colunas de “Renascença” – revista de arte e pensamento em que
a autora de “Renovação” era diretora e que, infelizmente, teve vida efême-
ra – ventilou, escreveu, idealizou os mais belos projetos de aproximação
intelectual dos povos do continente sul-americano, para, em fraternais
amplexos, fundir num só ser, numa só alma tudo quanto é belo e nobre
no mundo das artes e das ciências.

O livro da Sra. Maria Lacerda de Moura é, sem contestação, o mais
belo e o mais útil que se tem publicado – no gênero – em todo o Brasil.

A Sra. Maria Lacerda de Moura e Alexandra Kolontai são duas mu-
lheres verdadeiramente simbolizadoras da nova geração.

Este livro é como a flor que viceja e se conserva graciosamente alva
sobre as águas pantanosas: contemplativa extasia-se na pureza ideal do
azul do infinito, e, tristemente, apercebe-se do charco que a rodeia.

J. Carlos Bóscolo. **O Internacional**. S. Paulo, novembro, 1924.

.....

O livro de D. Maria Lacerda de Moura é de grande alcance social e
devia ser lido e meditado pela mulher brasileira. Mais do que um simples
rebate à frase inócua de um pernóstico escritor português, é um brado
de alerta, é um grito de indignação sincera contra o descabro a que a
futilidade dos dias que correm vai arrastando as nossas patrícias. Não é
só pela emancipação da mulher que se debate a ilustre escritora; é tam-
bém, e sobretudo, por uma educação mais séria, mais eficiente e mais

moral. Percebe-se, claramente, que, através das páginas candentes deste
formidável libelo, pulsa um coração amantíssimo de esposa, mãe e irmã.

Não é um livro escrito por uma inútil veleidade literária; é uma obra
que amadureceu longamente num cérebro que viu e pressentiu a ruína
próxima de uma instituição que, tal a família brasileira, tem um largo
passado de formosas tradições. Há uma acusação tremenda contra os
homens, mas que a senhora D. Maria Lacerda de Moura não chega a
formular, por excesso de delicadeza talvez.

Penso que uma simples frase pode resolver a momentosa questão
dos sexos: nas sociedades civilizadas, as mulheres refletem os homens.
A sua inferioridade é o reflexo da inferioridade dos homens. Eis tudo.
Não será essa, por ventura, a conclusão a que logicamente nos arrasta o
excelente livro de D. Maria Lacerda de Moura?

A Tribuna. Santos, 1924.

FRANCISCO PATI

.....

Em onze anos de vida jornalística, é a terceira exceção aberta nesta
página, comumente reservada a assuntos teatrais. Como das anteriores,
só forte razão nos leva a quebrar a inveterada praxe. “A Mulher é uma
Degenerada” merece a deferência.

Vazadas em forma simples, as cento e cinquenta páginas do livro de
D. Maria Lacerda de Moura podem ser assimiladas pelas mais modes-
tas inteligências. Essa parece ter sido uma das grandes preocupações
da autora, que conduziu sempre o assunto com brilhante elevação de
linguagem, sem baixar jamais ao método confuso tão de moda na lite-
ratura moderna.

Toda a obra, que não pode ser avaliada por simples notas redigidas
à pressa, é baseada em profundos estudos científicos, aos quais a ilustre
escritora deve ter dedicado largo espaço de tempo e não pequeno acervo
de energias. Nem de outra forma poderia ser escrito um livro para o
qual, com suas teorias e raciocínios, concorrem para cima de cinquenta
escritores, a maioria dos quais com assento na ciência.

A primeira parte da obra, no desdobramento de vários capítulos
interessantíssimos, é de pleno domínio científico. E D. Maria Lacerda

de Moura abre aos olhos atônitos do leitor a vastíssima galeria de seus conhecimentos.

Na segunda, não menos brilhante, a autora mostra o seu elevado poder crítico educativo.

Tudo merece a sua atenção, tudo sente o poder de sua crítica, às vezes ígnea, mas sempre elevada e criteriosa, sempre inteligente e profícua.

A política, as artes, o comércio, as indústrias, a educação, a instrução, os passatempos são familiares à criadora desse volume soberbo, do qual não se sabe que mais apreciar, se o talento da autora, se o arrojo e a clareza expositiva com que D. Maria Lacerda de Moura discute e enfrenta os mais sérios problemas da vida.

Mas impossível se nos torna transcrever todo o livro de D. Maria Lacerda de Moura, pela qual já tínhamos profundo respeito, mas que ficará, doravante, credora da nossa maior admiração.

Teatro e Esporte. Rio de Janeiro, novembro de 1924.

ELMANO BRASILIENSE

O livro da Sra. D. Maria Lacerda de Moura, livro forte, e franco, discutindo esta afirmação, põe nos seus verdadeiros termos o problema que a situação da mulher representa.

O feminismo, que, em tese e na sua intenção original, é uma das mais belas conquistas da evolução, sofre assim uma desvirtuação visceral, por ser mal compreendido e mal praticado.

É contra este estado de fato que a eloquente escritora do livro a que me refiro se levanta num protesto caloroso e, veemente.

O livro da Sra. D. Maria Lacerda de Moura é um brado de revolta contra tudo isto que leva a julgar a mulher como um ser inferior ou “degenerado” como a chama o psiquiatra português.

Jornal do Comércio. Juiz de Fora, Minas, outubro 1924.

J. EUTROPIO.

É uma obra de ciência que honra a sua autora e uma contribuição magnífica para enriquecer a literatura nacional.

A Gazeta. São Paulo, setembro de 1924.

Maria Lacerda de Moura pertence à escola progressista dos escritores que desprezam os temas piegas e inspirados ao clarão da lua, para aprofundar os temas sociais, as psicologias fortes, da qual, em nosso meio, temos visto afastarem-se muitos escritores já feitos e vemos abismar-se tantas esperanças sadias, numa espécie de estilo “cinematografista”, ou melhor, emanações de tóxicos e perversões de costumes.

Por essa razão, acreditamos que a tempera de lutadora, de fina observadora e de pedagoga, denunciada por D. Maria Lacerda de Moura em sua última produção “A Mulher é uma Degenerada”, colherá mais um triunfo, dando lição aos muitos psicólogos que perambulam pelas mesas dos “chás” e dos “jazz”...

A Capital. São Paulo, outubro de 1924.

UM LIVRO DE IDEIAS

Realmente, nestas páginas escritas com entusiasmo e sinceridade, se encontra uma luminosa mensagem de beleza para todas as mulheres que sofrem as iniquidades sociais de um sistema de convenções e hipocrisias.

Pensadora vigorosa, que tem a coragem magnífica de expor, sem rebuços, as próprias convicções, a autora de “Renovação”, “A Fraternidade e a Escola”, “A Mulher é uma Degenerada”, acaba de oferecer à guia intelectual dos admiradores do seu talento mais um livro de tese, no qual a ciência, ao lado da mais serena filosofia, foi chamada a prestar depoimento.

As suas ideias podem não agradar a muita gente. Mas têm a virtude das grandes convicções, a eloquência das coisas sentidas que se dizem com desassombro.

Diante desse brado de independência, todos os homens devem inclinar-se respeitosamente.

Comércio de Santos, outubro de 1924.

AUGUSTO LOPES

LIVROS NOVOS

Neste seu livro recente, ela afirma também, de modo digno de registro especial, o seu estofo de apóstolo de uma ideia, ou melhor, de ideias que vêm, há algum tempo, plantando em terreno sáfaro, obstinado em não recompensar tão ingente esforço de evidente sinceridade e nobre dedicação.

Apóstolo, dissemos acima e, de fato, o é, mas apóstolo de uma tempera especial que se distingue pela coragem, pelo amor à luta, pelo desassombro com que, de viseira erguida, arremete contra o que lhe parece errado, contra preconceitos e, por que não o dizer, em honra sua? – contra a sociedade talhada nos moldes postiços em que ela se vai esteando.

Poucos autores mostrarão em uma obra dessa natureza tanta coragem, tão nobre sinceridade.

..... um estilo fluente e simples, às vezes vibrante; uma cultura bem orientada que revela leitura metódica e bem digerida; um entusiasmo iluminado, uma paixão ardente, uma valentia desassomburada com que encara o problema de suas cogitações; uma espontânea facilidade de exposição; servem-na todos estes dons na campanha em que se empenha para elevar a mulher ao nível que lhe é devido.

Não limita o seu trabalho à destruição; ao contrário, como um grande espírito construtor, depois de cada capítulo em que deita por terra erros e vícios, em que desvenda o mal-estar da sociedade, aponta onde está o remédio, dá a solução aos problemas das questões em que o mundo se agita na ânsia da perfeição.

Não se pense que a autora está convencida de que vem salvar o mundo; ela mesma, nas conclusões de todos os seus capítulos faz sentir, com sinceridade, que não alimenta essa ilusão, que é cedo para as reivindicações.

Bem sabe ela que ainda é cedo para tudo isso, mas sabe também que tudo isso virá antes do que se espera...

O tipo físico e moral de ambos (“almofadinhas e melindrosas”) está perfeitamente caracterizado e... julgado nesta página sugestiva e de grande valor psicológico.

O livro da Sra. Maria Lacerda de Moura, sobre constituir uma exceção no nosso meio, muito merece ainda pelo seu próprio valor, pelo que de elevado revela, pelas qualidades da escritora fluente, nervosa, e pela nobre coragem com que ela enfrenta preconceitos, enfrenta e os combate com calor, vibração e elegância.

Jornal do Comércio – Rio de Janeiro – novembro 1924

LA PLATA, 29 DE OCTUBRE DE 1924

SRA. DA. MARIA LACERDA DE MOURA

SÃO PAULO, BRASIL

Señora: Con satisfacción he leído su obra “A Mulher é uma degenerada” en la cual allienta un corazón apasionado, encendido en ansia de justicia y una inteligencia vigorosa, henchida de verdades e inflamada de idealismo.

(senhora: Com satisfação li a sua obra “A Mulher é uma degenerada” na qual alenta um coração apaixonado, ardente de desejo de justiça e uma inteligência vigorosa, cheia de verdades e inflamada de idealismo.)

Es un placer para mi el declararle que su libro constituy, en esse orden de ideologias, uno de los más sinceros y viriles y de mayor amplitud espiritual que se hayan publicado en nuestra América en los últimos tiempos. La selecta y variada cultura, la solidez de carácter y elevación de miras que evidencia su obra son por si solas, la mejor demostración de la tesis por Ud defendida y la refutación más eficaz de la pretendida inferioridad mental de la mujer.

(É um prazer para mim declarar que o seu livro constitui, na ordem de ideologias, um dos mais sinceros e viris, e de maior amplitude espiritual, que foi publicado em nossa América nos últimos tempos. A cultura seleta e variada, a solidez de caráter e a elevação de visão que seu trabalho demonstra são, por si só, a melhor demonstração da tese

por você defendida e a refutação mais eficaz da alegada inferioridade mental da mulher.)

Hay en esse libro toda la integridad de convicciones y ductilidade intelectual que como blasón pueda ostentar quien más digno se juzgue del nombre de varón.

(Há, neste livro, toda a integridade de convicções e ductilidade intelectual que, como brasão, possa ostentar quem mais digno se julgue do nome de homem.)

Si yo no hubiese estado convencido de que la inferioridad de la mujer es una leyenda tan falsa e ineresada como la de la inferioridad orgánica de los desherdados, habiame conquistado su obra a essa doctrina! Ya quisieran muchos hombres, aun de aquellos que descuellan entre los intelectuales, poder expresarse con la entereza y el fuego, la sabiduria y la galanura con que lo hace Ud. Su libro es un has de flechas contra el privilegio y la mentira entrelazadas con rosas de gracia y de belleza.

(se eu não estivesse convencido de que a inferioridade das mulheres é uma lenda tão falsa e desinteressante, como a da inferioridade orgânica dos deserdados, o seu trabalho teria me conquistado para essa doutrina! Muitos homens, mesmo aqueles que se destacam entre os intelectuais, gostariam de poder se expressar com a integridade e o fogo, a sabedoria e a bravura com que você o faz. Seu livro é um feixe de flechas contra o privilégio e está entrelaçado com rosas, graça e beleza.)

El rugiente, indignado clamor de las ideas modernas circula a través de todas sus páginas y resuena cual guerrera clarinada contra todas las lacras, ligaduras y prejuicios que ensombrecen la vida. Oleadas de llamas de entusiasmo idealista elévanse de su prosa proyectando la vida claridad de las auroras futuras. Un impetu cordial, naciso de una conciencia sin reproche y del hondo amor hacia víctimas de la injusticia social, presta a sus páginas la elocuencia de una antorcha flameando en medio de la noche. Y la riqueza de su pensamiento, penetrando en todos los intersticios del agrietado edificio que es la sociedad actual muestra la mentira poliforme que nos envenena y abre amplios horizontes al porve-

nir humano por la dignificación de la mujer, el enoblecimiento del trabajo y la liberación del hombre.

(O clamor estrondoso e indignado das ideias modernas circula por todas as suas páginas e ressoa, como um clarim guerreiro, contra todos os flagelos, amarras e preconceitos que obscurecem a vida. Ondas de chamadas de entusiasmo idealista elevam-se de sua prosa, projetando a clareza vívida dos amanheceres futuros. Um ímpeto cordial, nascido de uma consciência sem censura e de um amor profundo pelas vítimas da injustiça social, empresta às suas páginas a eloquência de uma tocha acesa no meio da noite. E a riqueza do seu pensamento, penetrando todas as fissuras do edifício, rachada que é a sociedade atual, mostra a mentira poliforme que nos envenena e abre amplos horizontes ao futuro humano para a dignidade da mulher, o enobrecimento do trabalho e a libertação do homem.)

Su libro es fuente de dulzura y de esperanza para los humildes y acusación implacable y verecundia contra los poderosos. Es una fuerza incoercible de pensamiento puesta al servicio del Bien e la Verdad.

(seu livro é fonte de doçura e esperança para os humildes e acusação implacável e verecunda contra os poderosos. É uma força incoercível de pensamento, colocada ao serviço do Bem e da Verdade.)

Que encuentren resonancia sus palabras entre las mujeres y los hombres brasileños para que empecemos a forjar la nueva civilización que se vislumbra ya en la conciencia naciente de la América ibera es lo que le deseo fervientemente.

(Que suas palavras encontrem ressonância, entre as mulheres e os homens brasileiros, para que comecemos a forjar a nova civilização que já se vislumbra na consciência crescente da América Ibérica é o que desejo ardentemente.)

Saluda a Ud. con la más alta consideración y con estima de un compañero de ideales.

(saúdo-vos com a mais elevada consideração e com a estima de um companheiro de ideais.)

ALFREDO PALACIOS

Maria Lacerda de Moura, mujer de una flueza y una sinceridad dignas de elogio.

(Maria Lacerda de Moura, mulher de uma força e de uma sinceridade dignas de elogio.)

En su país es una defensora de las clases pobres y ofendidas. Su voz siempre resuena en los momentos de inquietud y zozobra.

(Em seu país, ela é uma defensora das classes pobres e oprimidas. Sua voz sempre ressoa em momentos de inquietação e ansiedade.)

Goza de fama y de aprecio entre los hombres que no perdieron el calor a la humanidad.

(Ela goza de fama e apreço entre os homens que não perderam o calor pela humanidade.)

Sus libros: “**A Mulher é uma degenerada**”, “**Renovação**”, “**Em torno da educação**”, etc.

(seus livros: *A Mulher é uma degenerada*, *Renovação*, *Em torno da educação*, etc.)

Guia Intelectual Brasileña

ELDORADO. Buenos Aires.

B. SÁNCHEZ SÁEZ

... mi adhesión fraterna, toda mi simpatía cordial para quien ha escrito tales páginas admirables!

(...minha adesão fraterna, toda minha simpatia cordial, para quem tem escrito tais páginas admiráveis!)

Montevidéo - 1924.

JUANA DE IBARBOUROU

UM LIVRO QUE NOS INTERESSA

Maria Lacerda de Moura, cuja fotografia aqui reproduzimos, é uma senhora brasileira, escritora notável, pondo toda a pujança do seu talento e a sua vasta erudição ao serviço da educação moral e intelectual da mulher, por forma a colocá-la socialmente ao nível do homem.

Negando a afirmação feita pelo dr. Miguel Bombarda de que “a mulher é uma degenerada”, escolheu esta frase para título dum interessante livro que acaba de publicar, no qual rebate com brilho e, à face da ciência, a pretensa inferioridade do seu sexo, sem enveredar pelo caminho do ridículo e mal compreendido feminismo que vemos, por vezes, estadear-se.

Reproduzimos, a seguir, uma das suas curiosas passagens:

Diário de Notícias, dezembro de 1924, Lisboa

A sra. d. Maria Lacerda de Moura, distinta escritora mineira (Brasil), ofereceu-nos um exemplar do seu interessantíssimo livro ***A Mulher é uma degenerada***, que constitui uma série de reflexões e ensinamentos sobre a educação, que bem merece ser lida e apreciada cuidadosamente por todos aqueles que se dedicam ao estudo das questões educativas, sobre que, infelizmente, pouco ou nada há publicado em língua portuguesa que mereça especiais atenções.

Agradecemos calorosamente a oferta amável de tão precioso repositório de ensinamentos.

A Luz. Lisboa, janeiro de 1925.

BIBLIOGRAFIA

A MULHER É UMA DEGENERADA, POR MARIA LACERDA DE MOURA

Todo el libro de la señora Maria Lacerda de Moura es un alegato noble y vehemente en favor del sexo femenino, del que reivindica el derecho a la igualdad civil y política, así como la autonomía personal que la ley reconoce en principio a todo ser pensante y libre.

(todo o livro de Dona Maria Lacerda de Moura é um apelo, nobre e veemente, em favor do sexo feminino, do qual reivindica o direito à igualdade civil e política, bem como a autonomia pessoal que a lei reconhece, em princípio, a todo ser pensante e livre.)

El libro de la señora Maria Lacerda de Moura representa una valiosa contribución a la lucha que em todos los países más adelantados se combate en pro de la elevación de la mujer, y que por su transcendencia social interesa a todos los espíritus abiertos a la verdad y a la justicia.

(O livro de Maria Lacerda de Moura representa uma valiosa contribuição à luta que, em todos os países mais adiantados, se combate em prol da elevação da mulher e que, por sua transcendência social, interessa a todos os espíritos abertos à verdade e à justiça.)

Buenos Aires, 1924 – novembro – 13.

LA VANGUARDIA

Por tudo isso, minha Senhora, estou de inteiro acordo com a dialética de V. Exa., que é brilhantíssima e dá de conhecer uma das mais formosas mentalidades do nosso país.

Esperando que V. Exa. me releve a extensão desta carta só justificável pela impressão violenta, que me causou a sua luminosa cultura, e pela amplitude do assunto finalístico dos seus livros, notoriamente “A Mulher é uma Degenerada”, peço vênica para reiterar-lhe as expressões dos meus cumprimentos, subscrevendo-me, respeitosamente, com muita honra e admiração.

Rio de Janeiro, dezembro de 1924.

LUÍS CARLOS

SÃO PAULO, 20 DE DEZEMBRO DE 1924.

EXMA. SRA. D. MARIA LACERDA DE MOURA

Só agora, embora tardiamente, venho agradecer-lhe sinceramente reconhecido a remessa do seu livro *A Mulher é uma Degenerada*. Li-o com o mais intenso prazer, admirando-o não só pela correção de estilo, mas principalmente pela riqueza dos conceitos, pela amplitude de cultura que demonstra a sua autora, pela segurança das afirmações, pela audácia das ideias. O seu espírito vigoroso soube desvencilhar-se dos preconceitos

encarando desassombradamente problemas ante os quais outros hesitam acovardados e não ousam definir-se.

MARIO PINTO SERVA

Tendo uma prova inegável da sua ininterrupta atividade em prol da emancipação da mulher; sabendo que o seu trabalho, tendente a melhorar a condição social da mulher e a criar, no espírito da humanidade, uma consciência mais exata dos valores femininos na evolução do pensamento humano, é uma luta violenta, heroica, tenaz, – uma luta dessas que assombram; e conhecendo a fé quase apostólica que a anima nos seus atos; a sinceridade as suas expressões; a serenidade dos seus julgamentos; o alcance dos seus objetivos, dentro da estética e da moral, sem prejuízos nem hipocrisias comodistas, – resta-me, apenas, lamentar que Miguel Bombarda tenha encontrado o que, de fato, não merecia: – uma contendora superior, digna das mais vivas atenções, possuidora de uma sabedoria e de uma sobriedade invejáveis, e capaz de honrar, numa polémica honesta, em prol do restabelecimento da verdade, qualquer espírito realmente culto.

Queira ver, Exma. Sra. D. Maria Lacerda de Moura, nestas palavras, a sincera admiração que dedico às suas altas virtudes espirituais, e ao meu agradecimento pelas horas tão gratas, de elevação e de elegância moral, que o seu brilhante trabalho me proporcionou.

Ave!

São Paulo, setembro de 1924.

RAUL POLILO

UM LIVRO NOTÁVEL

Acabamos de ler um livro notável, recentemente publicado no Brasil. Notável, pela doutrinação que encerra; notável por ter sido escrito por uma mulher.

As mulheres de letras cultivam em regra a banalidade e a pieguice e as que são “homens de letras” raro abordam os problemas que profundamente interessam à Humanidade.

A poesia, a novela, as viagens e um pouco a crítica de arte são os gêneros preferidos pelas mulheres publicistas.

Algumas dedicam-se aos assuntos de pedagogia; raras se consagram às questões sociais e, destas, só três ou quatro as tratam com a devida elevação.

Entre esse número está, sem dúvida, a Sra. D. Maria Lacerda de Moura, ilustre publicista brasileira, que conta já uma vasta obra votada aos problemas sociais e pedagógicos e às reivindicações da mulher.

O seu último livro, ***A mulher é uma degenerada***, consagra-a definitivamente uma grande pensadora. Porque, apesar do seu estilo fluente e elegante, a escritora brasileira não é uma literata; e apesar da altivez e do entusiasmo com que procura a dignificação da mulher, ela não é uma feminista, dessas que limitam as suas reivindicações ao risível direito do voto. É só uma pensadora. E, como poucas mulheres o são verdadeiramente e pouquíssimas têm coragem para o afirmar, nós que, à causa do triunfo do Pensamento e da emancipação da Espécie dedicamos os nossos esforços, temos obrigação de a saudar como a uma camarada.

A dedicatória do livro vale, por si só, como retrato psicológico da autora. Nesse trecho, consagrado a seu esposo, ela demonstra que, sendo uma mulher-de-pensamento, é também uma mulher-de-sentimento, que é completa e verdadeiramente - mulher.

Toda a obra é largamente documentada e, no final de cada capítulo, a autora metodiza as suas ideias em conclusões que são admiráveis sínteses, pelo vigor do pensamento e clareza da expressão.

Livro duma pensadora, a obra da sra. d. Maria Lacerda de Moura obriga a pensar, não só pelas ideias que agita, como pelo desassombro com que o faz. Não estamos habituados a tal.

Ele significa também, para nós, que nesse vasto Brasil, ainda há pouco colônia escravizada e ainda hoje oprimido por criminosas oligarquias políticas, existem seivas formidáveis, pujando em beleza e em nobreza de pensamento. É que, se a mulher brasileira não pode ainda ter como

tipo a sra. d. Maria Lacerda de Moura, o Brasil mental é de molde a fazer ambiente propício a livros como ***A mulher é uma degenerada***.

E isso que seria impossível hoje em Portugal é também objeto da nossa admiração.

A Batalha - Suplemento semanal ilustrado.

Portugal - Lisboa - outubro de 1924

.....

A MULHER

Espírito claro e forte, de absoluta independência, tem-se aprofundado sem temor nos mais embrulhados problemas de sociologia, desenvolvendo-os e decifrando-os sempre com segurança e desassombro. Nenhuma incerteza, nenhuma obscuridade se encontram em seu livro, onde tudo diz com a coragem e a lógica de quem está plenamente seguro das suas ideias. Consciente do que diz, a sra. Maria Lacerda de Moura nunca se perde em hipóteses vagas, em nebulosas conjecturas ou em débeis suposições, à maneira de muitos dos nossos ensaístas, cuja cultura, unicamente livresca, os deixou à margem dos problemas que pretendem esclarecer.

Em tudo o que escreve, infunde a força das convicções inabaláveis, e a sua frase é lançada com a serenidade de quem afirma construindo.

É que há na autora de *Renovação*, além de uma inteligência altamente desenvolvida, uma fecunda vibração espiritual: dir-se-ia, a consciência da sua missão de precursora de um idealismo superior.

Pensadora, a erudita publicista mineira tem estudado, como nenhuma mulher no Brasil o fez ainda, todos os problemas sociais, com a larga visão de uma clara mentalidade, desprendida de preconceitos partidários e de estreitezas dogmáticas.

Não obstante a frieza do seu raciocínio, e sua inteligência altamente lógica, não obstante a sua tendência a encarar certos assuntos sob o aspecto científico, é uma grande e incorrigível sonhadora.

Essa mulher que dissecou uma teoria com a serenidade de um cientista, sem se confundir com o brilho da dialética, é capaz de se enlevar

com sonhos os mais transcendentales e mais vagos. A frieza da razão não lhe gelou a alma, afundando-a num materialismo estéril e desolador.

Sonha como um poeta e um clarão de fé na finalidade superior da vida, ilumina e sublimiza o seu pensamento.

O Brasil Literário - Recife - dezembro de 1924

.....

Algo habia oido de Ud. Pero no conocia sus obras. Ahora he llegado a convencerme que su relieve intelectual es algo mas que superior, es majestoso. Nosotros no tenemos ningun genio feminino igual y en las dos o tres sudamericanas. Ud. Ocupa un alto puesto.

Es bien bella y potente su obra. Es de **señalados**.

(Já tinha ouvido falar de você. Porém, não conhecia as suas obras. Agora convenci-me de que a sua proeminência intelectual é mais do que superior, é majestosa. Nós não temos nenhum gênio feminino igual a você nos dois ou três da América do Sul. Você ocupa uma posição elevada.

A sua obra é bela e poderosa. É notável.)

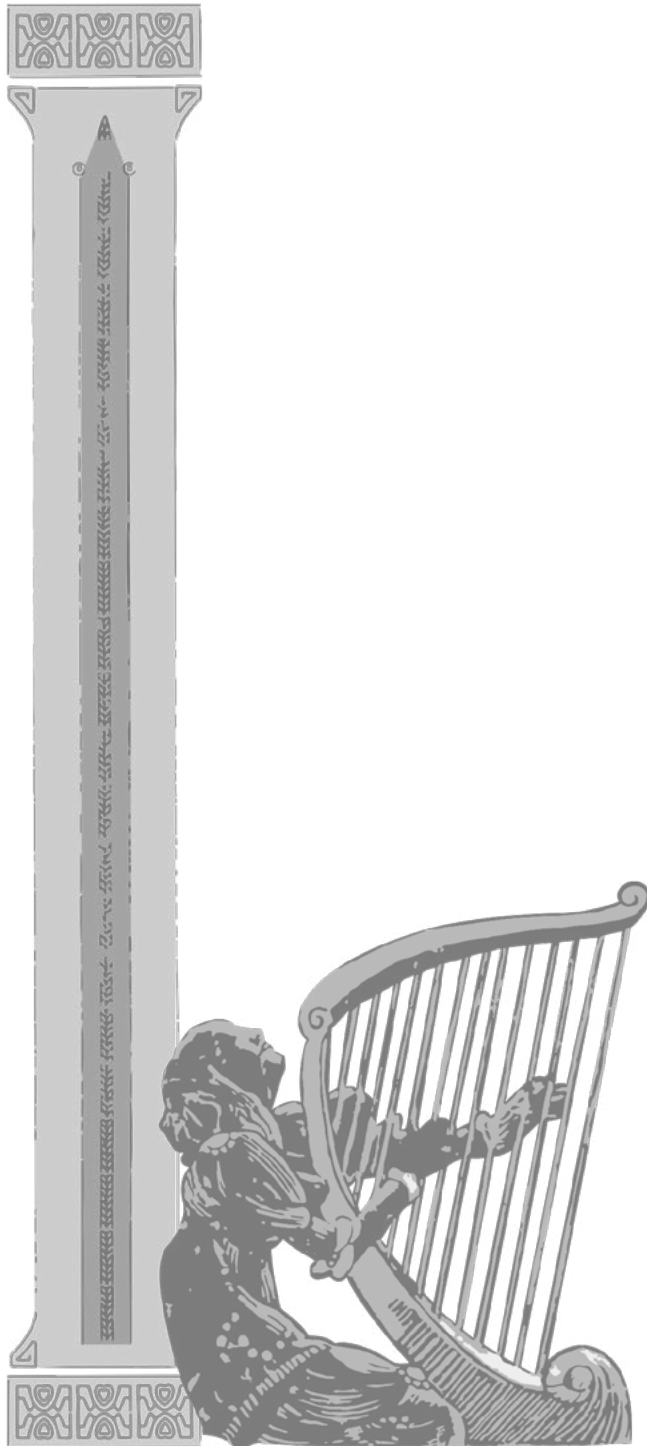
OLGA ACEVEDO – CHILE, JANEIRO DE 1925.

.....

“Le moderne teorie dell’evoluzione, da naegeli a De Vries, considerano in tutto lo svoigimento del duplice albero idologico: animaie e vegetale – il fattore interno como l’essenciale nella trasformazione della especie e nella trasformazione dell’individuo. Le origini dello **sviluppo**, sia nella successione filogenetica como in quella ontogenetica, sono **interiori**. Il bambino non cresce **perchè** si nutrisce, **perchè** respira, **perchè** sta in condizione termiche e barometriche adatte; exesce perchè la vita potenziale in lui si svoige, facendosi attuale; perchè il germe fecondo donde proviene la sua **vita**, si sviluppa, secondo il destino biologico fissatovi dall’ereditá. Infatti l’uomo adulto si nutrisce, respira, sta sotto le medesime condizioni barometriche e termiche, ma non cresce. Tutte le vittorie e tutto il progresso humano riposano sulla forza interiore.”

(“As modernas teorias da evolução, de Naegeli a De Vries, consideram em todo o desenrolar da dupla árvore idológica – animal e vegetal – o fator interno como essencial na transformação da espécie e na transformação do indivíduo. As origens do desenvolvimento, tanto na sucessão filogenética como na ontogenética, são internas. A criança não cresce porque é alimentada, porque respira, porque está nas condições térmicas e barométricas adequadas; ela exala porque a vida potencial nela se desdobra, tornando-se presente; porque o germe fértil de que provém a sua vida se desenvolve, segundo o destino biológico nela fixado pela hereditariedade. Pois o homem adulto se alimenta, respira, está sob as mesmas condições barométricas e térmicas, mas não cresce. Todas as vitórias e todos os progressos humanos assentam na força interior.”)

PEDAGOGIA CIENTIFICA, **MONTSSORI**.

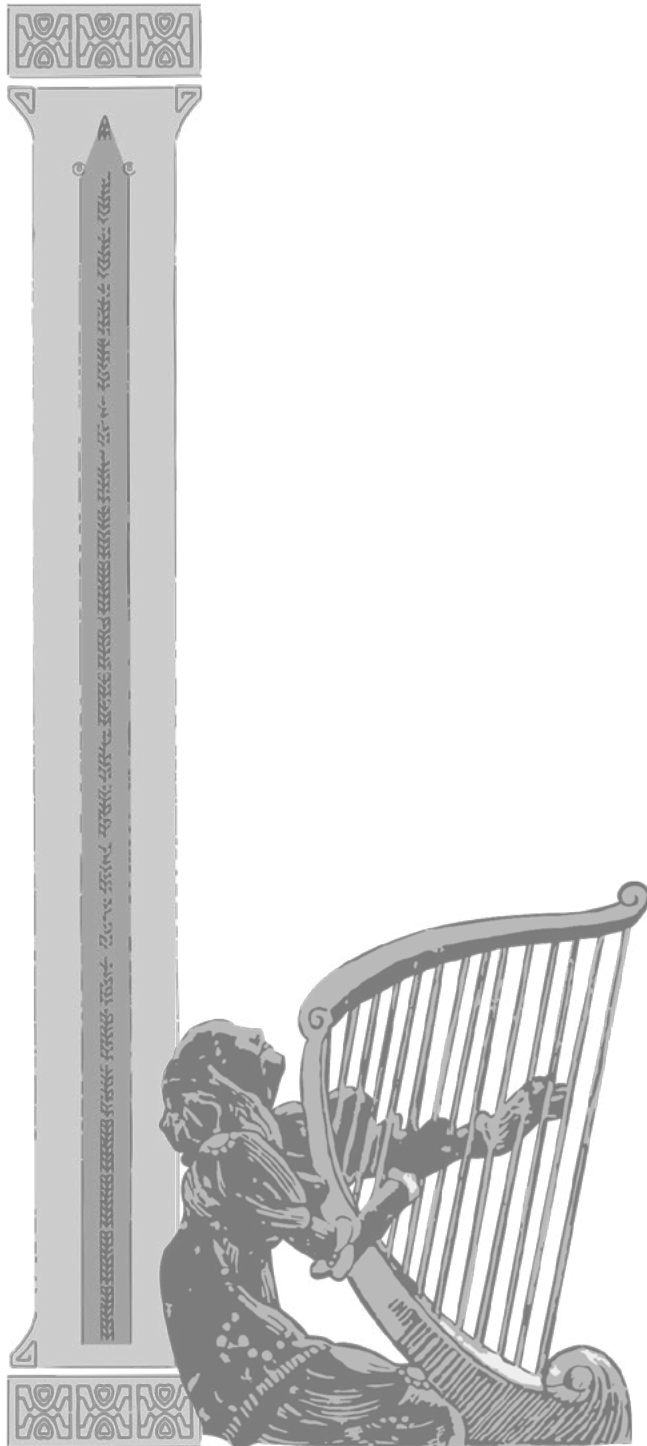


.....

Lista de acervos, instituições e sites

.....

- Acervo digitalizado particular organizado por Francisco Robson Alves de Oliveira e Francisco Victor Pereira Braga. Fortaleza – CE.
- Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/Unicamp. São Paulo – SP.
- Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC.
- Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. São Paulo – SP.
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ.
- Arquivo Público Estadual João Emerenciano – Pernambuco – PE.
- Arquivo de Memória Operária – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro – RJ.
- Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – RJ.
- Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo – SP.
- Biblioteca Professor Geraldo Ataliba – PUC/SP. São Paulo – SP.
- Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda – CAPH/USP – São Paulo – SP.
- Centro de Cultura Social – CCS – São Paulo – SP.
- Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP. São Paulo – SP.
- Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ.
- Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – RJ.
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – Rio de Janeiro – RJ.
- Acervo Digital da Unesp – São Paulo.
- Biblioteca Nacional Digital – Rio de Janeiro.
- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.
- Rete delle Biblioteche e Archivi Anarchici e Libertari – REBAL – Itália.
- Última Barricada – Portugal.
- University of Florida Digital Collections – EUA.



Sumário



Capítulo I - Preliminares	65
Pedagogia e Educação.....	66
Que é Educação?	67
Pedagogia – ciência, arte, teoria da educação.....	74
Divisão da Educação	77
Elementos fundamentais da educação	82
O educador.....	82
O educando	87
O meio	89
Importância da educação.....	91
Anatole France	94
Necessidade do estudo da ciência da educação	96
Ciências básicas e auxiliares da pedagogia	102
Diagrama de Sully	103
Instrução e educação	112
Capítulo II - Educação Física	115
Meios empregados na educação física.....	116
Os perigos da ginástica	117
Qual a disciplina mais fatigante?	119
O foot-ball é considerado jogo atlético	123
O desasseio na Idade Média.....	125
A ginástica escolar	128
Etimologia e origem da palavra ginástica.....	130
Exercícios calistênicos	131
Ginástica sueca.....	132
Ginástica respiratória.....	133
Educação Física negativa - Higiene	138
O meio físico	142
Jogos.....	144
Característicos psicológicos resultantes do jogo.....	146
Classificações dos jogos ou categorias diversas de jogos.....	147
Jogos – teoria	149
Capítulo III - Educação dos sentidos.....	159
Sentido da vista.....	163
Miopia	167
Profilaxia da miopia.....	168
Sentido cromático	171
Anomalias do sentido cromático:	172

Exame de vista	173
Escala optométrica de Binet e Simon	174
Sentido do espaço visual.....	176
Sentido da proporção.....	176
Exercícios.....	176
Audição.....	177
A voz	182
O tato	183
Hellen Keller.....	187
Sentido muscular.....	194
Canais semicirculares – Sentido do equilíbrio	197
Sentido orgânico ou vital.....	197
Sentido estereognóstico	198
Sentido térmico	198
Sentido bórico.....	199
Olfato	199
Hellen Keller e o olfato.....	201
Paladar.....	203
Capítulo IV - Crescimento físico.....	205
Crescimento físico.....	206
A hereditariedade	207
A repressão, a compressão, afrouxam a vitalidade orgânica ou mental	208
Períodos de crescimento	216
A nossa escola tem efeito deprimente no organismo e na psique.....	218
Crescimento antropométrico, biológico e visceral	221
Estatura.....	222
Peso.....	223
Perímetro torácico	225
Diâmetro biacromial	225
Segmento cefálico	226
Volume e peso do cérebro	229
Altura do tórax	230
Bacia	231
Membros.....	231
Grande envergadura.....	232
Funções respiratórias e circulatórias	232
Força muscular	235
Proporções gerais do corpo durante o crescimento	237
Crescimento biológico	238
Ração de entretenimento ou de manutenção	239
Ração de crescimento	241
Glândulas de secreção interna	242
Puberdade	242
Crescimento visceral.....	243
A caderneta de saúde.....	245
Antropometria escolar.....	245
Plano inicial da coleção <i>Pensamento Social Anarquista – Palavras Explicativas</i>	251

Capítulo I



Preliminares

Etimologia e origem da palavra pedagogia. Pedagogia e educação. Que é educação? Pedagogia – ciência, arte, teoria da educação. Divisão da educação. Elementos fundamentais da educação. Importância da educação. Necessidade do estudo da Pedagogia. Árvore pedagógica do Prof. Pizzoli. Ciências básicas e auxiliares da Pedagogia. Instrução e educação.



A PALAVRA “PEDAGOGO” VEM DO GREGO: (PAIDAGOGOS) = PAIS = criança; ou pais dos = meninos + *agein*, ou *agoge* = direção, conduta.

Pedagogo era o escravo que conduzia a criança à escola.

Segundo Xenofonte, *paidonomos* era o zelador de todas as crianças e *paidagogos* – o zelador especial, ligado a uma família. Era o pedagogo encarregado de velar pelas crianças; essa obrigação cessava na adolescência do educando. Depois, a palavra foi empregada na acepção de *educador* entre os romanos.

A palavra “pedagogia”, para Platão, já era tomada e empregada no sentido de educação.

Principalis paedagogusi ou *magister paedagogu* e depois *principalis* eram os principais diretores, os chefes dos regentes, uma espécie de monitores ou auxiliares de ensino nos colégios da antiga Universidade de Paris.

Pedagogias, em França, sob o antigo regime, eram pensionatos ou colégios dirigidos por um pedagogo que não ministrava o ensino, porém conduzia e dirigia os alunos, velando pela disciplina e pelo seu trabalho.

Paedagogium, na Alemanha, era estabelecimento análogo ao ginásio no Grão-ducado de Baden – estabelecimento de ensino secundário (no antigo regime). Em Viena, era o título da Escola Normal primária e superior, fundada em 1867.

Na Suécia, pedagogias eram escolas sob a autoridade eclesiástica do bispo da diocese.

.....

Pedagogia e Educação

.....

É MUITO COMUM A CONFUSÃO ENTRE ESTAS DUAS PALAVRAS. A EDUCAÇÃO é um conjunto de esforços agindo no sentido do aperfeiçoamento físico, intelectual e moral do indivíduo, preparando-o para a vida, em proveito da coletividade.

A educação é eficaz quando os meios empregados foram discutidos e apropriados ao educando e ao fim educativo.

A Pedagogia é o conjunto de teorias deduzidas da observação e da experimentação, estabelecidas com o fim de tornar fácil e pronta a ação educativa. A educação é o objetivo da Pedagogia.

Pedagogia é a teoria da educação. A pedagogia nem sempre existiu; as suas leis, os seus princípios são suscetíveis de transformação: acompanham o desenvolvimento, o progresso das nações, das gerações sucessivas. A educação sempre existiu; os povos transmitiram, empiricamente, em todos os tempos, – costumes, tradições, superstições, cultos, etc.

A educação é contínua, a pedagogia tem tido fases, intermitências. Os povos primitivos não conheceram regras nem preceitos pedagógicos, entretanto, os filhos recebiam dos pais uma herança tradicional de preceitos e costumes que, por sua vez, passavam aos descendentes.

A pedagogia é a sistematização dos preceitos educativos; a educação é a aplicação da teoria da pedagogia ou por ela formulada.

Há também diferença entre pedagogo e educador. Pedagogo, na acepção atual, é o indivíduo que estuda e estabelece leis e teorias pedagógicas. O estudioso pode ser pedagogo e não saber transmitir a educação, não ser educador. J. J. Rousseau foi extraordinário pedagogo e não soube ser educador; ele próprio o confessa.

Educador é o que procura obter, na prática, o que o pedagogo formulou na teoria, a qual, por sua vez, se baseou na experiência, na educação.

Rousseau enjeitou os próprios filhos e não soube transmitir nem o ensino e, muito menos, são preceitos de moral aos sobrinhos dos abades de Condillac e de Mably, em Lyon, como seu preceptor; todavia, escreveu admiráveis preceitos de educação, observados em o *Emílio*.

É mais difícil educar que escrever regras de educação, concluiu Rousseau...

.....

Que é Educação?

.....

A PALAVRA EDUCAÇÃO É, RELATIVAMENTE, NOVA. É sinônimo de *alimentação*, no século XVI, Montaigne empregou -a no sentido atual. Veio do latim, importada pelos sábios da Renascença.

Todas as definições de educação são mais ou menos subjetivas: a felicidade, o bem, o belo, são palavras abstratas que cada indivíduo exprime de acordo com o modo de encarar a vida, subjetivamente.

Ninguém é de todo imparcial, e dificilmente uma consciência se eleva acima das contingências – para colocar os interesses da criança e das gerações sucessivas, além dos interesses individuais ou das ideias próprias.

A educação varia com os povos, com as épocas e até com os sistemas religiosos e a moral individual.

Entre os latinos, a felicidade consistia em o indivíduo se submeter ao Estado. Os romanos, os persas, os espartanos queriam soldados; a felicidade do Estado consistia na educação que dirigia o preparo militar.

Em Atenas, era exigida a sutileza do espírito, o aperfeiçoamento harmônico da beleza do corpo, as delícias e gozos da vida; escolas filosóficas: sofistas, cínica, estoica, epicurista, cética, etc.

O ideal da educação se resume na sentença de Platão: “A educação física e a educação intelectual devem caminhar paralelamente como dos cavalos atrelados ao mesmo carro”.

Antes, entre os hindus, o ideal era o misticismo religioso: a felicidade consistia na renúncia da vida terrena.

Os sacrifícios constituíam uma sorte de beleza moral e o indivíduo que se sujeitava a maiores rigores considerava-se feliz. Buda prega a renúncia de si próprio e ensina a Purna a abdicação da própria personalidade.

Entre os israelitas, o ponto de vista era doméstico religioso.

Na Idade Média, o corpo foi desprezado como inimigo da alma e o ideal da Grécia pagã foi mutilado pelos dogmas e calcada aos pés a higiene.

Entre nós, a felicidade, o bem, o belo, também são sentidos de modo diverso.

Dufrene, no seu *Cours de Pedagogie*, quer que o educador respeite, na criança, os direitos do homem e, nesse sentido, acha detestável a seguinte definição de educação: “É a arte de fazer, das crianças, homens honestos e bons cidadãos”. Sim, que, se no fundo, há princípios universais e de todos os séculos, fórmulas que convêm a todos porquanto se trata da própria evidência da solidariedade humana, - a concepção individual de *honestidade* varia, o conceito do *bem* é pessoal e depende da superioridade moral do indivíduo, e as consciências se tornam cada vez mais elásticas à medida que as civilizações decaem...

Define a educação: “a salvaguarda, na criança, dos direitos do homem”. É uma bela definição.

Diz ainda: “Não devemos intervir no desenvolvimento do indivíduo e não devemos dar a esse desenvolvimento uma forma e uma direção determinada”. Quer a educação imparcial, embora a considere difícil, mas: respeite-se a indificuldade para que o homem futuro saiba ser livre e saiba respeitar os indivíduos e o livre-pensamento. Que o mestre ensine a ciência e pregue a verdade. “O mais seguro fundamento de uma sociedade

justa e de uma moral racional, é a verdade”. Respeitar a individualidade do educando, tolerar e ser imparcial ante mesmo a religião, a política, a própria moral social, somente - pregar a verdade, (e isso é atacar a hipocrisia e fazer duvidar do dogma) tal é o meio educativo, tal o papel do educador, que deve ter “o heroísmo do sábio”, na frase do próprio Dufrenne.

Segundo as concepções religiosas e políticas - ainda variam os conceitos sobre educação: o catolicismo romano quer a obediência à Igreja, o respeito absoluto ao dogma da infalibilidade do Papa, exige a confissão auricular e a fé nas bem-aventuranças eternas, no céu, e a crença nas penas também eternas, etc. etc., e os sacerdotes são pastores de almas e querem a direção moral ou espiritual dos fiéis *para a sua salvação* e, nessa concepção - a educação tem por objetivo guiar a criança no temor de Deus e da Igreja Romana, fazendo-a respeitar e aceitar os dogmas do romanismo e os sacerdotes como representantes diretos de Deus, na Terra.

Para o protestante, na Bíblia é que está a revelação divina e a verdade indiscutível.

Para o positivista, só Comte, só a Religião da Humanidade está em condições de solucionar a questão da educação e, por conseguinte, do bem-estar social.

As repúblicas pregam o respeito às instituições e às leis, o culto dos símbolos nacionais, o amor e o respeito aos governos constituídos, à ordem social, etc., - a educação deverá consistir no preparo físico, intelectual e moral do indivíduo para os deveres patrióticos, de cidadãos, para pais de família que deem outros defensores do território nacional, para o respeito às leis e às autoridades.

E a corrente avassaladora do socialismo moderno, do comunismo e da anarquia (a palavra *anarquia* não significa *desordem*; é formada de duas raízes gregas: *an* = *privação* + *archê* - governo; anarquia = ausência de governo, de autoridade, direção sem governo), quer a solidariedade, quer o internacionalismo, quer destruir os ódios nacionalistas e jacobinos para evitar guerras entre os povos irmãos, não quer reinos, nem governos constituídos, nem autocracias, nem privilégios, nem castas ou classes sociais, nem fidalguias, nem ociosidade nem força armada, porquanto os seus partidários estão convencidos de que o homem não foi feito para ser explorado pelo próprio homem e nem as criaturas vieram ao mundo para se despedaçarem como animais ferozes.

E a educação – para o socialista radical, para o comunista, para o anarquista – tem uma aceção muito diversa de todos os outros sistemas educativos.

Assim, entre nós mesmos, dentro desta civilização e individualmente, as definições da educação se multiplicam, subjetivamente, segundo os conceitos, os ideais filosóficos e religiosos, patrióticos, políticos e sociais.

Mas qual deve ser o objetivo da educação? Deve ela repousar sempre sobre uma mesma base: há preceitos que convêm a todos os povos, a todas as sociedades. Qualquer que seja a classe social a que pertença o indivíduo, ele precisa aprender a amar a Natureza, a respeitar os outros indivíduos, a só dizer a verdade, a reprimir paixões grosseiras, as más tendências, a cultivar os sentimentos nobres, a vislumbrar preceitos morais a serem observados numa sociedade futura, sempre melhor que atual; não explorar o próximo, ser útil, solidário com os outros homens, ser uma fonte de amor, de heroísmo, de abnegação, de paciência em vez de respirar irritabilidade e mau humor e ódio; fazer crescer dentro da alma um nobre ideal de equidade em vez de constituir-se em fonte perene de egoísmo individual.

Educação física, preceitos higiênicos para a conservação da saúde e para a perpetuação da beleza física; o desenvolvimento intelectual e moral para alargar as concepções e os ideais, abrangendo, em largo ponto de vista, a beleza e a majestade da Verdade, da Justiça, do Amor para todos os seres. Esse deve ser o ideal da educação nova.

Sejam quais forem os ideais políticos e religiosos do futuro, – o indivíduo, assim conduzido, preencherá na sociedade, de maneira digna, o papel que lhe for reservado.

Tudo evoluciona.

Esse ou aquele sistema político, essa ou aquela religião não pode tirar o monopólio da verdade: é dentro de nós mesmos que a verdade reside, porque ela é una, imutável como a essência íntima da nossa consciência.

As religiões transformam-se, desaparecem; os sistemas de governo substituem-se; os homens dão lugar a outros homens; os sistemas filosóficos se multiplicam, mas os preceitos da moral natural ou o direito humano, os deveres dos pais da família, as leis de amor ao próximo, de respeito aos homens, de tolerância recíproca, de hospitalidade, de

benevolência, de amparo aos fracos, de solidariedade humana, apoio aos velhos, assistência aos enfermos, etc. etc. – foram e serão sempre os mesmos através da história das civilizações.

Assim, “o segredo do problema educativo consiste em colher, no meio do progresso da história, os princípios que constituem a evolução da cultura e aplicá-los na vida de um povo, para a realização de mais altos melhoramentos”.

Charboneau diz que a educação “tem por fim formar o homem na criança, sob o tríptico ponto de vista da sua natureza física, intelectual e moral”.

Chasteau a define: “O conjunto de meios que se empregam para aperfeiçoar um ser – relativamente aos seus fins naturais”.

Spencer acha que “o fim da educação é o preparo para a vida completa”.

“A obra da educação é o desenvolvimento do indivíduo em toda a perfeição de que é suscetível”, diz Kant.

“A educação é a arte de fazer passar o consciente no inconsciente”, diz Gustavo Le Bon.

Para esse resultado, é necessário criar associações conscientes, ativas e que, pelo hábito, tornar-se-ão inconscientes, passivas, subliminares.

Quando o inconsciente ou subconsciente operar, mais tarde, essas ações serão, por assim dizer, mecânicas, reflexas. Até na aquisição da moral o mecanismo é o mesmo: “A moral não é seriamente constituída senão quando se tornou inconsciente. Então somente ela poderá servir de guia na vida”. Gustavo Le Bon baseia a sua definição no papel importantíssimo que a psicologia moderna cede ao domínio do inconsciente, do subliminal, mais importante do que o consciente.

J. Mill define a educação dizendo: “Tem por fim, tanto quanto possível, fazer do homem um instrumento de felicidade para si e seus semelhantes”.

“A educação compreende tudo o que fazemos e tudo o que os outros fazem para nos aproximarmos da perfeição da natureza”, diz Stuart Mill.

“A educação tem por fim dar ao estudante a vontade e os meios de chegar à perfeição a que um dia será capaz de atingir”, diz Mme. Necker de Saussure. “A Pedagogia moderna considera a cultura da iniciativa como devendo ser o objeto principal da educação”, diz P. Mendonsse.

Pestalozzi assim prega: “O ensino didático da moral é inútil e infencundo: o que é preciso é suscitar atos donde resultará, pouco a pouco, a consciência das inclinações correspondentes”. Em Stanz, confessava: “Não ensinei nem a moral nem a religião, esforcei-me por acordar o sentimento de cada virtude antes de pronunciar-lhe o nome”. “É a vida que educa”, repetia muitas vezes.

“A educação é o processo da formação da consciência, ou seja, a arte de desenvolver, em sua plenitude, as forças mentais do sujeito”, diz C. O. Bunge em *La Educacion*.

“A educação é o conjunto das ações que se exercem sobre um indivíduo ainda imaturo para apressar e melhorar o seu desenvolvimento orgânico e psíquico e para o tornar mais apto a viver no ambiente físico em que se encontra e na sociedade de que faz parte”, ensina João Cesca.

“A educação tem por fim dar ao corpo e à alma toda a beleza e toda a perfeição de que são suscetíveis” - Platão.

“Educar uma criança é colocá-la em condições de preencher, do melhor modo possível, sua missão na vida” – Mme. Necker de Saussure.

Eis uma definição sentimental, incompleta. – a de Jules Simon: “A educação é uma operação pela qual um espírito forma um espírito e um coração forma um coração”.

“A educação é o conjunto de esforços tendo por fim dar ao homem a posse completa e o bom uso das suas diversas faculdades” – M. Marion.

“A educação é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e morais”, Denzel.

James Mill, como Kant, queria que a educação tivesse por objetivo aperfeiçoar o indivíduo, não para a sociedade presente, mas em vista de uma sociedade melhor; não para o estado atual, mas para o estado futuro, e diz: “A educação tem por fim fazer do indivíduo um instrumento de felicidade para si e para os outros”.

Compayré acha incompleta a definição e diz: “A educação é o conjunto de esforços reflectidos, pelos quais ajudamos a natureza no desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do homem, em vista da sua perfeição, da sua felicidade e do seu destino social”.

Alguns educadores e pedagogos só se preocupam com a educação intelectual e moral ou educação mental, deixando de lado a educação física; entre eles poderemos citar Dupanioup, Bain, James Sully, etc.

Rousseau define a educação: “A arte de conduzir as crianças e de formar homens”.

Binet exprime toda a grandeza do seu ponto de vista nos seguintes conceitos: “Creio que a determinação das aptidões das crianças é o mais importante objetivo do ensino e da educação; é segundo as suas aptidões que as devemos instruir, e também as dirigir para uma profissão. A pedagogia deve ter como preliminar um estudo de psicologia individual”. E, mais adiante, diz: “Para que uma educação seja julgada boa, é preciso não somente que ela aumente o rendimento do indivíduo em particular, porém, que faça a coletividade aproveitar esse aumento”.

“Hoje se impõe uma necessidade urgente: a renovação dos métodos para a educação e para a instrução, e quem luta por essa bandeira luta pela *regeneração humana*”, diz Sergi.

Montessori é revolucionária em questão de educação: quer que se comece pela transformação do ambiente escolar, pela reeducação dos mestres, pela substituição dos métodos. E diz: “... também a pedagogia, como já fez a medicina, tende a sair do campo puramente especulativo para fundar suas bases sobre indagações positivas da experiência”. Baseia os seus estudos nos admiráveis trabalhos de Giuseppe Sergi e, para o renovoamento desejado, quer – “o estudo metódico do educando, conduzido sob a guia da antropologia pedagógica e da psicologia experimental”.

Baseia-se nesse conceito de Sergi: “Desde muitos anos, eu combato por uma ideia e quanto mais nela penso, mais a acho justa e útil para a instrução e a educação humana, isto é, – para ter método natural e alcançar esse fim é necessário que tenhamos numerosas observações e raciocínios sobre os homens e principalmente sobre a infância na qual se devem pôr as bases da educação e da cultura”.

Quer, a notável educadora, o mestre com o espírito do cientista, não “o manejador de instrumentos”, e sim “o religioso da natureza”, o qual “de fato aprenderá com a própria criança, os meios e o caminho para a própria educação; isto é, aprenderá com a criança a aperfeiçoar-se como educador”.

“É necessário que a escola permita as livres manifestações naturais da criança para que nasça a pedagogia científica: esta é a sua reforma essencial”.

“Não devemos, pois, partir, por exemplo, da ideia dogmática sobre a psicologia infantil – mas de uma metódica que nos faça alcançar a liber-

dade da criança para tirar da sua observação ou da observação das suas manifestações espontâneas a verdadeira psicologia infantil”.

Iríamos longe se tentássemos continuar a respigar na seara admirável dessa cientista assombrosa e humana. Trataremos de Montessori num volume especialmente dedicado aos seus vastos trabalhos.

Quisemos chegar à seguinte conclusão: a pedagogia científica moderna é uma alavanca de destruição de todos os processos empíricos, antigos e em uso, até hoje, nas escolas oficiais² de todos os países.

Binet, Claparède, Montessori, Weber, Fechner, Wundt e tantos outros revolucionaram o ambiente escolar, mostrando que a educação salta muito além do conceito estreito em que a fecham; entra no domínio da mais alta questão social e interpenetra-se no conceito da liberdade e da solidariedade humana, da beleza física e da perfeição a que possa atingir a sociedade e os indivíduos não vinculados a sistemas ou esmagados dentro de escolas filosóficas, porém, livres na consciência – para melhor se sacrificarem em prol do bem-estar social.

.....

Pedagogia – ciência, arte, teoria da educação

.....

A MEDIDA QUE OS CONHECIMENTOS E AS GERAÇÕES SE SUCEDEM, AS primitivas ciências se desdobram. Acumulam-se materiais que precisam ser sistematicamente catalogados, divididos e subdivididos e organizados segundo o seu caráter especial. Desde os primeiros tempos da civilização, o homem reteve e transmitiu conhecimentos empíricos aos seus descendentes até que os primeiros cientistas lançaram bases mais sólidas desses conhecimentos ancestrais fundando, sistematizando os princípios e as observações conservadas pelos antepassados. Surgiram as primitivas ciências. Estas se constituíram em fontes de muitas outras.

[2]. Nota do Org.: Esta palavra foi inserida ao livro em anotação manuscrita feita pela autora.

Há assim ciências teóricas e práticas, fundamentais e derivadas, descritivas, explicativas, normativas, abstratas, concretas, etc., etc.

Há diversas classificações das ciências, entre elas as principais são as de Comte, Spencer, Ampère, Bacon, Bouillet, Aristóteles, Wudt, etc. É assunto de psicologia e não temos tempo de desenvolvê-lo aqui.

Surgiu modernamente a ciência da educação, apenas esboçada. Os antropologistas modernos, baseados na medicina, na antropologia, na higiene e na psicologia – fizeram uma nova ciência, – a pedagogia científica. Outros são de opinião que a pedagogia não é ciência porquanto é um conjunto de conhecimentos e princípios derivados ou baseados em uma série de ciências.

Mas o que é certo é que cada uma delas tem um objetivo fora das preocupações educativas; nenhuma, por si, preenche os fins a que se propõe a pedagogia. Foi preciso que surgisse uma ciência especialmente dedicada à questão educativa, essencialmente pedagógica.

Pelo seu caráter experimental, especulativo, teórico e prático ao mesmo tempo, com base científica, apoiando-se nas leis sociológicas e históricas, na biologia, na antropologia, na psicologia, na ética, na higiene, na medicina, etc., etc., – a pedagogia científica merece especial destaque entre os ramos de conhecimentos científicos estudados ultimamente pelos mais altos cérebros da mentalidade científica dos últimos tempos, entre os quais notam-se: Sergi, Itard, Wundt, Weber, Binet, Montessori, Claparède, Manouvrier, etc., etc., etc.

João Cesca, professor da Universidade de Messina, acha que a pedagogia se deveria chamar mais propriamente – ciência *pedagógica* –, isto é, “a doutrina metódica e sistematicamente ordenada, que estuda o fato da educação”. E raciocina que, sendo um aspecto particular do desenvolvimento intelectual, moral e social da humanidade, e apesar de intimamente relacionado com a vida biológica e social do homem, tem, entretanto, um caráter todo especial, particular, distinto dos outros fenômenos biológicos, psíquicos, sociais, etc., que, sendo difícil estudá-lo convenientemente se se mantiver confundido com aqueles, a pedagogia tem necessidade de se destacar de qualquer grupo de ciências, constituindo, assim, uma ciência peculiar à arte da educação.

Bain, pedagogista inglês notável, encara a pedagogia como ciência ou como arte da educação. C. O. Bunge diz ainda: “É uma ciência vária,

múltipla e difícil. O fato de ser constituída de elementos e aplicações de outras ciências não basta para negar a conveniência de ser individualizada o mais possível”. Acha que é a “ciência relativa à arte de educar”. Assim pensa porquanto não há nenhuma ciência independente, nenhuma existe “separada em si”. Dugas compara a Pedagogia à Medicina: “É uma arte pelo seu objeto, uma ciência pelo seu caráter teórico. É uma ciência prática. A [M]edicina está para a Fisiologia, assim como a Pedagogia está para a Psicologia: ela é a ciência psicológica aplicada à arte da educação e limitada a esta arte”.

A ciência é a teoria, é a especulação sistematizada; a arte é a prática, é a ação; a primeira é o abstrato, a segunda é a concretização.

Dugas ainda acrescenta: “É a ciência que tem por objeto especial estabelecer e fundar esta arte (educação), indicar os fins e descrever os processos”.

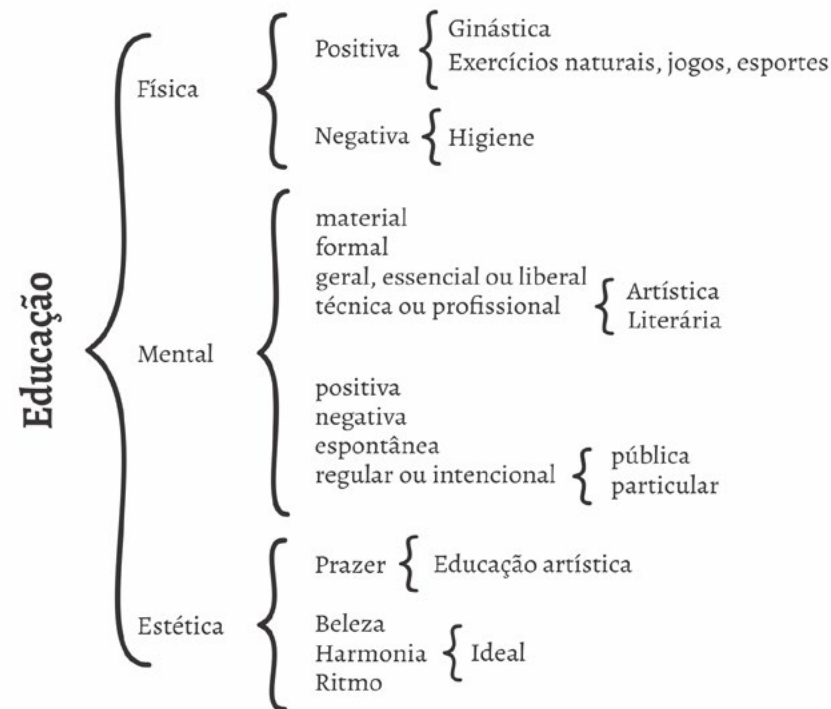
Dufrene também quer a pedagogia ciência – porque se funda em concepção científica, porque respeita a personalidade infantil, porque as noções a serem ensinadas ou os preceitos a inculcar se baseiam em princípios demonstrados experimentalmente. M. Bonfim quer ciência na educação, mas não ciência da educação. Não quer ciência nem arte da educação. Acha que a Pedagogia deve ser tratada como disciplina autônoma, distinta, à parte. É a *teoria* da educação.

Montessori chama a antropologia pedagógica de pedagogia científica, – nascida da antropologia e da psicologia. Os cientistas colocam a pedagogia no quadro das ciências.

Diz a ilustre médica: “Assim, é pelos mestres que acreditamos preparar a ‘pedagogia científica’, ensinando-lhes a Antropometria e a Psicometria”.

Entretanto, de passagem, faremos notar que a eminente italiana não cai no excesso das medidas dos sábios de gabinete; ela faz, perfeitamente, a diferença entre as especulações antropométricas para as deduções científicas, especulações de gabinetes, e o exame das crianças, exame pedagógico, para a melhor compreensão da educação a transmitir-lhes. Por isso mesmo, ela não diz simplesmente: antropometria, e acrescenta: antropometria pedagógica e psicometria.

Divisão da Educação



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 21).

A EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO TEM POR FIM APENAS O DESENVOLVIMENTO do corpo. Sem ela, difícil se torna a educação mental.

Se o nosso objetivo deve ser a educação geral, o preparo para a “vida completa”, a educação física deveria constituir um dos meios da educação mental, a qual envolve a inteligência e o sentimento, a razão e o coração.

A saúde é condição de boa disposição de espírito.

Os nossos órgãos mal nutridos, o sangue intoxicado pelos ácidos úricos – prejudicando principalmente o sistema nervoso e os órgãos de secreção, – impedem as operações do espírito, reduzem o indivíduo ao

estado característico de irritabilidade e mau humor, tornando-o incapaz de promover o próprio aperfeiçoamento, fazendo-o infeliz e infelicitando os que o rodeiam, por conseguinte, – sem amor à vida, desiludido e triste, nesse estado patológico tão comum e tão deplorável.

Eis porque representa importantíssimo papel, na educação física, a educação negativa – a higiene.

Alguns pedagogistas não tratam da educação física. Pedagogos há que a encaram como de menos importância. M. Bains chega mesmo a dizer: “A educação física, qualquer que seja a sua importância, pode ser deixada de lado”.

A pedagogia moderna, entretanto, pelo seu caráter científico, experimental, baseada na fisiopsicologia, na hereditariedade, na ortopedia e na ortofrenia – não pode deixar de dar importância capital à educação física, *exclusivamente* como *meio* (e não como fim), para o bem-estar individual e social, para a saúde (condição essencial de felicidade) e para o aperfeiçoamento da inteligência.

Não a cultura física para o esportismo exagerado e prejudicial, “deseducando a mocidade”; não para formar jogadores de box e lutadores romanos, homens brutais, musculosos, quase animais ferozes, inúteis, prejudiciais à civilização.

Voltaremos, com os *boxers*, ao homem das cavernas.

O verdadeiro ideal dos gregos não é esse, e sim a beleza, a harmonia, o ritmo e a sutileza do espírito.

Uma vez que todos nós passamos pela “idade das generalidades” para chegar à “idade da especialidade”, seguindo a própria natureza, divide-se a educação em *geral e especial, técnica* ou *profissional*. E, quando se educa uma criança é preciso, desde cedo, encaminhá-la livremente (se é possível dizê-lo), levá-la a escolher a profissão ditada pela tendência, pela vocação, pelo temperamento e pelo grau de resistência do seu organismo. A educação geral é indispensável a toda gente.

Especial ou *técnica* é a que prepara o indivíduo a exercer uma determinada profissão. Não dispensa a educação geral. Não são independentes, pelo contrário relacionam-se intimamente: – ambas indispensáveis na vida e de igual importância.

Compayré chama à educação geral – educação liberal, “é o livre desenvolvimento da razão”.

Definiu-a como M. Huxley: “Um homem recebeu educação liberal quando chegou a ser educado de tal sorte que seu corpo se converteu em pronto servidor a cumprir sua vontade e a executar facilmente o trabalho de que é capaz: quando a inteligência desse homem for instrumento de lógica lúcida e fria, cujas partes estejam em boa ordem e sejam de igual força, semelhante, em uma palavra, a uma máquina a vapor que possa ser aplicada a toda espécie de trabalho”.

Essa educação que quer fazer do educando um autômato, um indivíduo que deva obedecer “como se fosse cadáver”, um indivíduo à nossa semelhança, não se pode chamar, em absoluto, educação liberal.

Esta educação só é possível na escola moderna, racional, científica, montessoriana.

Educação liberal é a que respeita a individualidade e aproveita as forças interiores do educando; é tolerante, guia e não sugestiona; procura apenas desenvolver a razão, colocando-a em condições de resolver, por si, situações difíceis e se encaminhar para a perfectibilidade mental.

A educação técnica e profissional é que fornece meios e conhecimentos para ganhar a vida pelo próprio esforço, produzir para o consumo universal, não sendo parasita de ninguém, não absorvendo o sacrifício de outrem.

A educação é *positiva* ou *negativa*.

A educação negativa não é espontânea, como querem alguns autores.

A educação espontânea é incerta, empírica, tradicional, insuficiente, lenta.

É educando espontaneamente o indivíduo cujas forças se desenvolveram por si mesmas, sem guia, sem auxílio, sem direção, e se mantêm como em estado selvagem.

Influi poderosamente no indivíduo e dá como produto o temperamento intempestivo, irresoluto, imprudente, covarde às vezes, cujas faculdades muito poderiam se tivessem sido dirigidas; cujo excesso de movimentos absorve a energia destinada à ação, oportunamente. São as pessoas que tudo prometem e nada cumprem, as que muito falam e nada executam.

Educação do corpo é aquela exercida pelas ações que favorecem o seu desenvolvimento normal e contribuem para “toda a beleza e toda a perfeição de que é suscetível”, tornando-se sadio e apto a obedecer às exigências da vontade.

Educação do espírito é a que cuida do aperfeiçoamento das faculdades mentais inatas; do desenvolvimento das aptidões; a que faz brotar, na medida do possível, aquelas faculdades latentes que só aparecem por efeito de esforços por parte do educador e do educando; a que encaminha para o aperfeiçoamento moral; desenvolve e fortifica a vontade; dá energia e iniciativa.

A educação estética encaminha o espírito para gozos mais íntimos, nascidos do sentimento delicado, da natureza superior, da instrução, para a compreensão do belo, para o prazer moral, e, oferece descanso ao espírito e fortalece o corpo.

Estética (de uma raiz grega – *aisthesis* – sensação, eu sinto, que tem a faculdade de sentir) é a filosofia da arte, a ciência do belo. A estética trata do belo em geral, das suas leis e dos sentimentos que ele provoca em nós. “Só o belo tem o privilégio de agradar à inteligência, à qual comove, emociona, arrebatada, extasia”. O belo para Platão “é o esplendor do verdadeiro e do bem”. E como a missão da arte e do verdadeiro artista é essencialmente regeneradora, educativa e não apenas motivo de gozo egoísta e pessoal, e por que o artista deve ensinar a contemplar o ideal e tem um coração maior para sentir e transmitir emoções grandiosas, tem a voz generosa e “as mãos para exprimir e fecundar belezas, esplendores da verdade”, – a educação estética abrange todo o campo educativo e deve entrelaçar-se na vida, como o elemento básico de felicidade, no gesto amplo de grandeza e renúncia – para um horizonte cada vez mais vasto...

“A beleza é o que reuniu a grandeza e a ordem”, disse Aristóteles.

Educação refletida, regular ou intencional também não é a educação positiva. É distribuída de acordo com as teorias pedagógicas, em harmonia com o desenvolvimento e a natureza do educando, progressiva, aproveita e apropria os meios aos fins que tem em vista.

J. J. Rousseau define e divide assim a operação educativa: “Nascemos fracos, temos necessidade de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, temos necessidade de julgamento. Tudo o que não temos, quando nascemos, e de que temos necessidade; quando grandes, nos é dado pela educação.

Essa educação nos vem da *natureza* ou dos *homens* ou das *cousas*. O desenvolvimento interno das nossas faculdades e dos nossos órgãos é a

educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; a aquisição da nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. Cada um de nós é formado por três mestres.”.

Divide ainda a educação em *positiva* e *negativa*.

“Eu chamo *educação positiva* a que tende a formar o espírito antes da idade e a dar à criança o conhecimento dos deveres do homem. Chamo *educação negativa* a que tende a aperfeiçoar os órgãos, instrumentos dos nossos conhecimentos, antes de nos dar esses conhecimentos e prepara a razão pelo exercício dos sentidos”. “Nunca direi bastante que a boa educação deve ser negativa.

Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em garantir o coração do vício e o espírito do erro”.

“A educação é material ou formal (Dugas) segundo ao que visa na ordem intelectual: – a aquisição de conhecimentos ou o desenvolvimento do espírito, a instrução ou a cultura; e, na ordem da vontade – a aquisição dos hábitos ou a formação do caráter”.

Deixamos propositalmente de dividir a educação em educação moral. Esta é dada sempre de acordo com a moral da sociedade reinante. Modifica-se, transforma-se, é mutável. A educação estética é a que adivinha o futuro e se encaminha para lá; é universalista, de todas as épocas e de todos os povos; é geral porque sonha com uma sociedade cada vez mais doce, mais bela e mais pura na grandeza de um santo ideal de equidade e amor.

Forma o idealista, o indivíduo que se sacrifica em prol de convicções conscientes.

Há ainda a educação dos *normais* e dos *anormais*. A educação é um conjunto de ações que favorecem o desenvolvimento da criança, já vimos.

Essas ações, ou são exercidas pelo ambiente social e são chamadas gerais, ou são conscientes e intencionais, exercidas por determinados indivíduos, – educadores, pais, família.

As primeiras são indiretas. As segundas são diretas.

Dos *anormais*, trataremos noutro capítulo.

.....

Elementos fundamentais da educação

.....

NA OPERAÇÃO EDUCATIVA, TEMOS 4 ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS:
1º – O agente operador, o qual dirige, investiga e encontra meios necessários e adequados à operação educativa – é o educador.

2º – O elemento a ser desenvolvido, estudado, modificado – segundo as suas condições hereditárias e as faculdades de assimilação – é o educando.

3º – O elemento constituído da ação, o instrumento, a energia externa, o exemplo – é o meio social.

4º – O fim ou o objetivo a que tendem os esforços do educador, do educando, do meio.

.....

O educador

.....

O EDUCADOR – EIS O PROBLEMA. A HABILITAÇÃO DE UM PROFESSOR capaz de sentir a importância da educação, a fim de reerguer o caráter nacional, as energias físicas e morais de um povo, – é tudo, antes de mais nada.

Os professores das Escolas Normais! Quanto poderiam através das gerações!

Entretanto, o que se vê por toda parte é um ambiente escolar morto, aonde as crianças vão obrigadas ou com sentido na vadiação e nos recreios, e aonde o mestre vai com o sentido no ordenadinho do fim do mês... e na aposentadoria.

É ideia corrente: conhecendo o professor primário os programas de ensino ou das disciplinas a lecionar, está solucionado o problema.

No entanto, para a operação educativa é, talvez, o que há de menor³ importância.

Nem sempre o preparo intelectual revela o educador ou a qualidade de educador.

Exagerar também o zelo profissional é, muitas vezes, atrofiar ou matar, no germe, as forças da criança.

Antes de qualquer coisa, o educador deve ser psicólogo. Não o psicólogo livresco ou de laboratório, mas o adivinho, o observador, o intuitivo.

O educador não é também aquele que conhece todos os tratados de pedagogia, que embrenhou o seu espírito nas teorias mais profundas dos escritores eruditos ou estudiosos da alma humana e da arte de educar, embora esse estudo sirva de admoestação e aviso e acorde qualidades latentes.

“A teoria ensina a ver, porém, não é a própria vidência”.

William James tem razão quando diz: “O melhor educador pode ser um medíocre colaborador no estudo da criança e o mais hábil psicólogo um relíssimo educador”.

Entretanto, o mesmo William James diz que: “O educador deve, antes de tudo, conhecer os elementos gerais e o funcionamento do espírito”.

É questão de tato. É o fogo sagrado... Em desacordo com isso, está a nomeação de mocinhas de dezessete a vinte anos para professoras primárias.

Ainda em desacordo, o estudo dessas questões transcendentais por meninas cuja inteligência mal dirigida desde a infância não assimila tais noções; cujas faculdades de raciocínio, observação e julgamento são incapazes de colher frutos do esforço hercúleo de um professor consciente.

Digo-o por experiência própria – como aluna e como ex-professora (de Pedagogia e Higiene na Escola Normal Municipal de Barbacena – Minas).

Para compreender toda a grandeza moral da pedagogia ou a arte de educar e o objetivo a que tende a educação, na ampla acepção da palavra, – é necessário inteligência um tanto amadurecida e muita atenção e

[3]. **Nota do Org.:** A palavra, no original, é “menos”. Entendi mais adequado substituí-la por “menor”. Fica aqui o registro desta interferência ao texto.

vontade e ideal consciente de perfectibilidade social – quase impossível na idade do romantismo e das poesias líricas...

É nessa idade que se acordam os ideais e o entusiasmo se eleva, porém não é a idade da ação em prol de solidariedade humana.

A mania, em voga, de se prepararem cedo as futuras professoras devido, aliás, às condições econômicas, à luta pela vida, faz com que mais depressa se enfraqueçam as mães e as educadoras de amanhã.

Há alunas de Escolas Normais que se formaram aos quatorze anos, burlando, os pais, todos os documentos e certidões de idade; cito exemplos.

Ou por vaidade tola, ou por teimosia ou quaisquer outros motivos – os pais e os professores mostram-nas, com orgulho, como se isso provasse a sua competência como educadores ou a inteligência e a capacidade precoce⁴ das meninas.

Triste ignorância em matéria de educação.

Conseguimos apenas atrofiar o organismo inteiro, molestando-o por toda a existência, extirpando do estudante a curiosidade de aprender, tornando-o nervoso, irritável, incapaz de estudos sérios no momento oportuno e gerando, talvez, mais tarde, filhos raquíticos e nervosos.

Mme. Pape Carpentier nos ensina: “Que nos defendamos contra o zelo irrefletido ou essa vaidade culpável que quer obter da criança tudo quanto a sua inteligência elástica nos pode dar, correndo o risco de a exaurir, correndo o risco de matar o fruto na flor”.

Por isso, de máxima importância é o cuidado exigido dos educadores com relação às crianças que se preparam para festinhas escolares.

Inconscientes são os pais e educadores quando estimulam crianças precoces, aqueles que batem palmas às crianças interessantes e vivas, nos tablados e palcos escolares – a recitar poesias e canções, umas após outras, naturalmente, candidamente exploradas, sem prever que lhe estão minando a inteligência, vazando-lhe as forças nervosas, atulhando a memória de palavras e gestos, cavando-lhes, por intermédio das células nervosas, uma existência triste, neurótica, improficua e, finalmente, roubando-lhes, no futuro, a felicidade de ter filhos normais de inteligência e fortes de corpo e vontade.

[4]. **Nota do Org.:** A expressão “capacidade precoce” foi inserida, de forma manuscrita, pela autora por sobre a palavra “vivacidade”, por ela suprimida com um risco. A autora realizou estas, e outras anotações deste tipo, intervindo no texto do livro, dando maior precisão ou mesmo corrigindo expressões, frases e pensamentos.

O estímulo à precocidade chega a ser um crime. Em regra, ninguém vai ensinar a recitar a uma criança sem naturalidade e *jeito*, e são aproveitadas aquelas de boa vontade, as graciosas e vivas, as que já se exibiram com êxito.

A exibição, o fogo de artifício – eis a questão. Todos fogem de novos esforços em prol de outras crianças. Esquecem-se de que a palavra *educação* é bem mais ampla. E quantas vezes uma criança *sem jeito* está dando todos os seus esforços para realizar o que lhe pediram; é mais um pequenino retoque e ela, estimulada, fará o impossível. E que escola de vontade, de energia, de perseverança!

O verdadeiro educador não quer senão cumprir o seu dever e ser agradável a todos os educandos⁵...

Exerce, em si mesmo, vigilância constante, fiscalizando-se, observando-se, corrigindo-se.

A autoeducação lhe deve preocupar mais que a própria educação das crianças ao seu encargo, porquanto ele sentiu que os exemplos sobrepujam às regras.

Maria Montessori – educadora, psiquiatra, psicóloga, que tanto tem contribuído para a educação científica, para a antropologia pedagógica, compreendeu toda a grande importância do papel da educadora, da sua personalidade e mudou-lhe o nome, – chamou-a *diretora*. Para ela, o papel da professora se resume no seguinte: encaminhar a criança, dando-lhe os instrumentos necessários para o próprio desenvolvimento, através dos estímulos que acordam associações e despertam a sua vida interior, para a autoeducação.

Para isso, é preciso saber mais alguma coisa além das noções de cálculo, leitura, língua pátria e história. Ela quer na *diretora*, tal como idealizaram Itard e Séguin, “o espírito de abnegação do cientista que prepara uma experiência e espera o que ela lhe revelará”, o amor e essa “curiosidade sagrada e aspiração do mais alto ideal”.

Quer nela o devotamento do cientista mais que a cultura técnica.

Os educadores das *Case dei Bambini* não têm por objetivo ensinar ou instruir e, sim, *acompanhar, dirigir* o desenvolvimento do educando.

[5]. **Nota do Org.:** “Educadores” é a palavra finalizando a frase. Na cópia utilizada para esta edição, a autora riscou o “ores” do fim do vocábulo, acrescentando, manualmente, “andos”. Portanto, em vez de “educadores”, a frase finda com “educandos”, com melhor sentido.

E diz a ilustre senhora: “O educador deve ser como que inspirado por uma profunda adoração da vida, e por meio desta veneração, respeitará o desenvolvimento da vida da criança, enquanto observa com interesse humano”.

Como cientista, tem por primeiro dever o estudo acurado, a observação atenta, o ideal de perfectibilidade individual e social.

A felicidade dos homens depende mais de uma força interior, do esplendor do espírito esclarecido, do que de reformas, de leis, de mudanças de formas de governos.

O professor, o educador é uma força ainda inconsciente do seu futuro predomínio social.

Resumindo em poucas palavras, tal deve ser a sua atitude: zelo e interesse por todos os alunos igualmente e zelo pelo ensino; extirpar, de si mesmo, preconceitos e superstições; amor ao estudo, às investigações científicas; tornar-se humano no meio em que vive, acessível a todos, impor-se-á pela força moral, pelos princípios que defende, pelo caráter incorruptível; não terá paixões políticas ou religiosas e respeitará os princípios e as seitas dos outros, conservando a sua coragem de convicções; será, pois, tolerante se grandeza de alma, se respira em horizontes mais amplos, pela sua cultura; cuidará da saúde evitando a neurastenia, as dispepsias – para ter sempre bom humor, paciência, energia; não gastará suas forças em questões inúteis, em irritabilidade constante – para conservá-las intactas, à sua disposição, nas ocasiões oportunas.

Fará exercícios físicos moderados, passeios higiênicos, procurará distrair-se, divertir-se, instruir-se.

O divertimento, a alegria, são necessários ao espírito como o alimento é necessário ao corpo.

O indivíduo que se mergulha exclusivamente nos livros (entre nós, não há desses perigos!...) esquece-se de que os pulmões exigem ar puro e o trabalho intelectual pede maior quantidade de oxigênio, o qual não pode circular livremente no espaço compreendido entre quatro paredes de um gabinete de estudo.

Não se lembra de que o bom funcionamento das células nervosas depende da mudança de ideias, de impressões, de emoções variadas.

A distração depois do trabalho, a mudança de ocupação, o trabalho depois do divertimento.

Um O grande educador alemão Frederico Paulsen quer que o educador tenha “todas as forças da vontade e do conhecimento, todas as faculdades de produzir e remodelar, de maneira que o façam participante ativo na vida cultural da sociedade a que pertence”.

Amor à verdade deve ser a sua divisa.

O culto da energia deve ser também celebrado pelo educador, assim como se lhe exige a modéstia sem afetação (o que seria intolerável ou o que é insuportável é a falsa modéstia, capa de formidável vaidade injustificável), a tolerância e a rigidez de princípios naturais de uma moral geral.

A professora evitará chamar a atenção pelo excesso de zelo no vestuário ou por falta do mesmo zelo.

Será prudente e reservada nas contendas alheias e dirá e procederá energeticamente, defendendo o que é justo, sem leviandade ou covardia, se for precisa a sua intervenção.

Ideias pequeninas, pessoais, a maledicência – indício de nenhuma ilustração ou preocupação superior e sim amostra de pobreza de espírito – nada disso é próprio de quem quer conduzir o escudo de educador.

Firmeza de palavra, tenacidade, coragem, amor ao dever, discrição, delicadeza, generosidade – são virtudes dignas daqueles que se propõem a dirigir e encaminhar caracteres pelo seu próprio exemplo.

Dignidade, em resumo – superioridade moral.

Supremo bem ouvir a lição de um Froebel ou de um Pestalozzi, de Montessori, de Faure ou de Ferrer!

Esse é o grande ideal.

.....
O educando
.....

O EDUCANDO DEVE SER OBSERVADO EM SEUS DIVERSOS ASPECTOS.
Tem dupla importância sua individualidade sob o ponto de vista fisiológico e psicológico.

A psicologia moderna pouca importância dá à divisão clássico-filosófica das três faculdades da alma (sensibilidade, inteligência, vontade) porquanto há íntima relação entre todos os fenômenos do nosso ser.

São aspectos sob os quais se manifesta o *eu*.

Os fenômenos fisiológicos e os psicológicos são estudados em conjunto, formando um todo ou a fisiopsicologia.

Nesse número se incluem – o caráter, o temperamento, o exame das faculdades intelectuais (atenção, percepção, observação, memória, associação de ideias, comparação, raciocínio, abstração, generalização, reflexão, imaginação, julgamento, etc.), as características da fadiga, a hereditariedade, etc. etc.

Depois vem o ensino a ser ministrado: por mais estudos que o homem possa fazer, por mais tempo que disponha para instruir-se – a vida é insignificante em relação ao conjunto de conhecimentos humanos, e as nossas forças são fracas para adquirirem e armazenarem o saber geral.

Se não podemos apreender esse complexo de conhecimentos, porque “dans la lenteur-organique, le progrès phylogénique ou évolutif du cerveau humain est absolument incapable de suivre la progression géométrique de l’encyclopédie du savoir humain compilé dans les bibliothèques”⁶ (segundo Forel), está claro que é preciso classificar, dividir e apropriar o ensino às aptidões, às tendências, segundo os temperamentos e as vocações, segundo o poder físico psicológico do educando.

Todo homem é produto da hereditariedade e do meio.

O educando deve, portanto, ser estudado em um conjunto complexo das suas qualidades hereditárias e adquiridas ou mesológicas.

Quanto mais atrasada a sociedade em que vive, tanto mais difícil o problema educativo, porquanto, como queria Kant – a educação não pode ter em vista a vida presente e sim uma sociedade sempre melhor, quando possível, no futuro.

O educador terá de modificar, transformar, substituir qualidades más, inatas no indivíduo, colocando-o em condições de promover a sua autoeducação.

[6]. **Nota do Org.:** Tradução livre: “em sua lentidão orgânica, o progresso filogenético, ou evolutivo, do cérebro humano é absolutamente incapaz de acompanhar a progressão geométrica da enciclopédia do conhecimento humano, compilada em bibliotecas.”

Terá de cultivar as faculdades, umas em proveito de outras, desenvolver e fortificar a imaginação – se não existir; refreá-la, moderá-la, se for excessiva, e assim sucessivamente.

Terá de pedir auxílios à higiene, à medicina, à ginástica, à estética, à ética, etc. – a fim de promover os meios de dar-lhe saúde, beleza física e moral, harmonia de formas e gestos e harmonia de sentimentos delicados que se completem.

.....

O meio

.....

O MEIO AMBIENTE, OU A SOCIEDADE, É FATOR DE GRANDE IMPORTÂNCIA, mas cujo efeito nocivo só tem o valor que lhe é atribuído porque o lar, a família, a mãe, o ambiente doméstico estão longe da missão educativa. Quando no lar há um verdadeiro educador – pai ou mãe, esse lar se transforma num foco de luz que vai até a sociedade, e então a sociedade não tem influência deprimente nesse lar.

Eis a razão por que, de há muito, os cientistas e sociólogos de verdade se convenceram de que a sociedade depende do grau de cultura mental e da educação da mulher. Quando as mulheres estiverem à altura da sua missão educativa, quando souberem ser mães e educadoras – a humanidade se encaminhará para fins mais altos.

O espírito de imitação é instinto no homem, e a criança imita desde cedo, porque generaliza, mesmo antes de falar.

Aquele que mais de perto lhe toca o coração, o que lhe fornece emoções, aquele que mais forte ou melhor lhe parecer, aquele que de mais perto vive a vida infantil, de mais força moral, mais superioridade – esse é o espelho onde se reflete a individualidade da criança e pode ser o pai, a mãe, o educador, o irmão e até a ama; a inferioridade se inculca do mesmo modo.

A sociedade toma grande parte na educação das crianças cedo aí atiradas: nos garotinhos, nos meninos cujos pais pagam mestres e os

deixam, cuidando que a educação seja coisa comprada mensalmente, a professores que, quase sempre, se contentam com o ordenado...

Nas famílias numerosas e burguesas onde há preocupação de muito alimento e muito vestuário; na classe média onde o amor aos trapos e às conservas é absorvente, – a alimentação, as roupas, o gozo, o cinema e o meio de ganhar mais dinheiro para esse mesmo gozo, a exibição e a mesa – preocupam muito mais que a educação dos filhos: é a inconsciência absoluta da burguesia-nouveaux-riches...

A mesa, a rouparia e os professores baratos (só para “abrir a janela da consciência”) esvaziam as bolsas e os corações do interesse que deveria despertar a educação, tal como deve ser compreendida, tal como deve ser praticada.

É por isso que a sociedade exerce ainda influência na formação da personalidade do educando.

Entre os burgueses pequenos e grandes, é imperdoável o desleixo criminoso quanto à educação dos filhos, cada vez mais falha, neste regime de concorrência em que cada qual exige mais e em que desaparece, de vez, o amor ao próximo.

Nas classes proletárias, o caso é diverso: a luta econômica é ditadura implacável; a criança tem de ser explorada pelos próprios pais, na fábrica, vendendo jornais, por toda parte, para prover a própria subsistência, sem direito a coisa alguma, sem direito à própria ingenuidade dos primeiros anos de vida. Eis a razão por que os garotinhos trazem na boca a gargalhada impura dos cínicos precoces e dizem palavras e expressões deprimentes e pouco edificantes, com a naturalidade da própria inconsciência.

Não há lugar para a justiça dentro da nossa civilização. Quando as sociedades se compenetrarem de que é no seio da família que a criança se forma, de que a escola deve ser a continuação do lar, que cada membro dessa mesma sociedade deve ser um educador, que cada recém-nascido tem direito à vida, depois à instrução, ao carinho, que não temos o direito de explorar a criança pobre na fábrica ou em trabalhos incompatíveis com as suas forças – então, tudo se encaminhará para o bem-estar coletivo; a Terra será o lar imenso que agasalhará a todos os seus filhos.

Enquanto a sociedade não está preparada, não sente o seu papel educativo – a família não deve, não pode deixar o educando atirado nesse meio prejudicial, viciado, explorador, só, sem os exemplos dignos, sem

uma direção que forneça aos moços as suas primeiras leituras, as primeiras companhias, que lhes diga verdades apontando os erros, os vícios, a maldade, ou melhor, a ignorância dessa mesma sociedade.

É preciso dar ao educando um ideal muito além dos músculos adquiridos no *football* (que, convém repetir, “está deseducando a mocidade brasileira”), fazê-lo aspirar à perfectibilidade das suas faculdades latentes, fazê-lo desejar ser útil – trabalhando conscientemente para a civilização do futuro.

É coisa que se não diz, *sente-se*. Não é tanto pela palavra como pela expressão, pelo entusiasmo, pelo calor, pelo exemplo, pelo caráter – que esse ideal se inocula de alma para alma: é a entrega do fogo sagrado ao perpassar das carreiras das civilizações...

.....

Importância da educação

.....

A EDUCAÇÃO NÃO É SENÃO UMA SEGUNDA NATUREZA, FEITA DE HÁBITOS adquiridos através dos séculos.

O homem civilizado é o selvagem envolvido numa capa de conveniências hereditárias, transmitidas de geração em geração.

A educação tem extraordinária importância, não há dúvida; entretanto Locke não tem razão quando diz: “O caráter e o homem são, no seu nascimento, uma página em branco”.

Nem Helvetius quando afirma: “todos os homens nascem iguais e com aptidões iguais e a educação só faz as diferenças”; nem Rousseau: “Tout est bien sortant des mains de l’Anteur des choses, tout dégénère entre les mains de l’homme”.⁷

E também Fontenelle não pode dizer de todas as criaturas: “Nem a boa educação faz o bom caráter nem a má o destrói”.

A hereditariedade é uma lei e, como tal, é manifesta a sua importância.

[7]. Nota do Org.: Tradução livre: “Tudo o que é bom vem do Criador das coisas, tudo se degenera nas mãos do homem.”

Também os hábitos formam uma segunda natureza e, se a educação não é senão um conjunto de hábitos, claro está que a educação joga extraordinário papel na vida do indivíduo.

Ribot acha variável a influência educativa e estabelece os seus limites: só tem influência decisiva nas naturezas ou nos tipos médios; aí, ela vai *ao máximo*. Desce ao *mínimo* essa influência em se tratando de anormais – superiores ou inferiores.

Também não é bem isso. Ela *vai sempre ao máximo – relativamente*.

No idiota, no imbecil, como no surdo-mudo, no cego, nos aleijados física ou mentalmente – os resultados obtidos vão sempre além de toda expectativa. Nas artes, nas ciências, nas especulações filosóficas, indivíduos desses se têm salientado maravilhosamente. Provam-nos os fatos de Laura Bridgman e Hellen Keller (ambas cegas, surdas e mudas e das quais falarei oportunamente).

Vai ainda ao máximo e atinge toda a sua plenitude nos indivíduos muito evoluídos, nos precoces, nos altamente inteligentes, quando as forças naturais do educando assimilam facilmente. Indivíduos há que rejeitam insinuações e se desenvolvem quase por si, geralmente os anormais, e Ribot discute com a educação moral quase sempre.

Está claro que esses resultados dependem muito do educador também.

Sem dúvida, no tipo médio, é fácil influenciar.

No anormal, é sempre mais complexo o trabalho de adaptação ou aperfeiçoamento ou persuasão.

Quem poderia afirmar o que seriam Laura e Helena se não tivessem encontrado as suas maravilhosas educadoras?

É por isso que Locke acha-a “toda poderosa” e diz: “Em cem homens, há mais de noventa que são bons ou maus, úteis ou prejudiciais à sociedade, pela instrução que receberam; e é da educação que depende a grande diferença percebida entre eles”.

Não há dúvida: certas qualidades hereditárias ou inatas persistem apesar de todo esforço educativo em sentido contrário, entretanto, a educação disfarça-as, dá-lhes polimento, diminui a sua intensidade, e o hábito de resistência do educando pode transformá-lo nem segundo indivíduo.

Num caso desses, o educador não tem o direito de descansar um só instante: deve velar qualquer ocasião; o resultado é surpreendente.

Há alternativas: horas de desânimo e momentos de estímulo. E a educação de um atrasado mental, de um atrasado pedagógico, de um indivíduo saído da mais abjeta sociedade, de um degenerado hereditário, é mais difícil, dura mais, persiste resistentemente, exige muito tato, muita energia por parte do educador.

E há tendências constantes a voltar ao tipo donde veio. Não falo livremente: paguei caríssimo a experiência que, aliás, me concedeu o direito de me expandir conscientemente. É um caso longo do qual, direi, talvez, noutro volume.

A obra da educação nem sempre dá resultados porque os educadores se esquecem do respeito à criança para a formação da sua individualidade e nem sempre compreendem aquilo que exigem dos educandos ou não têm aquelas qualidades que desejam tanto nos outros.

Daí, quase sempre, a vingança dos castigos. É perniciosa porque não extirpamos os próprios defeitos antes de transmitirmos a educação e exigimos do educando perfeições de que carecemos.

Produz resultados contraproducentes porque desperta ódios, em vez de simpatia, faz nascer e crescer a hipocrisia, pelo medo, faz criar incompatibilidades, desconfianças, suscita o desgosto, o ceticismo.

Os mestres devem começar por ser mestres de si mesmos. O exemplo é a fonte fecunda de toda educação.

De que vale o belo discurso, o catecismo de moral e civismo se são pregados *somente por palavras*?

Os educadores têm em suas mãos o futuro do mundo, diz Leibnitz, e é por isso mesmo que o progresso é lento e cheio de intermitências: a educação nunca foi liberal, os educadores não têm respeitado a individualidade do educando e não toleram a liberdade do homem, o livre pensamento; não têm em mira a verdade e sim as suas paixões, o seu sectarismo, os interesses particulares, as suas concepções filosóficas às vezes absurdas, além dos dogmas estatais. Daí as guerras, as lutas de nacionalismos exagerados, os ódios de raça em vez do “amai-vos e ajudai-vos uns aos outros”.

Foi por isso que

.....

Anatole France

.....

dISSE NO SEU MEMORÁVEL DISCURSO NO CONGRESSO DOS SINDICATOS de Professores de França, reunido em Tours, traçando o papel do professorado moderno, o programa do ensino humano:

A guerra mostrou sabiamente que a educação popular de amanhã deve ser, de todo, diferente da de outrora. Que tarefa, na hora presente, no grande esboroamento das coisas, quando as velhas sociedades ruem ao peso das suas culpas ou quando vencedores e vencidos tombam, lado a lado, na miséria comum, trocando olhares de ódio! Sim, de certo, torna-se necessário não deixar subsistir, por um instante sequer, a educação que tornou possível, que favoreceu (sendo quase a mesma entre todos os povos que se apregoavam civilizados) a espantosa catástrofe sob a qual nos achamos por assim dizer soterrados. E, antes de tudo, é preciso banir da escola tudo aquilo que possa alimentar nas crianças o gosto pela guerra e pelos seus crimes, e somente isso exigirá longos e constantes esforços, caso todas as panóplias não sejam, breve, arrancadas pelo sopro da revolução universal. O professor deverá fazer amar à criança a paz e os trabalhos da paz; ensinar-lhe a detestar a guerra. Deverá banir do ensino tudo o que excita ao ódio contra o estrangeiro, mesmo o ódio contra o inimigo da véspera; não que devamos ser indulgentes para o crime e absolver todos os culpados, mas porque um povo, seja qual for, seja em que momento for, é composto de mais vítimas que de criminosos, porque não devemos prosseguir no castigo dos maus sobre as gerações inocentes e porque, enfim, todos os povos têm muito que se perdoar mutuamente". "Só tenho ódio ao ódio! "Queimai! queimai todos os livros que ensinam o ódio! "Exaltai o trabalho e o amor! Formai-nos homens razoáveis, capazes de espezinhar os vãos esplendores das glórias bárbaras e de resistir às ambições sanguinárias dos nacionalismos e dos imperialismos que esmagaram os seus autores. Nada de rivalidades industriais, nada de guerras: trabalho e paz. Queiram ou não, soará a hora de sermos cidadãos do mundo ou de assistirmos à derrocada da civilização.

Essa é a mensagem do grande Anatole France aos professores do mundo inteiro; – "Razão, sabedoria, inteligência, forças do espírito e do coração, vós que eu tenho invocado sempre piedosamente, vinde a mim, ajudai-me, sustentai minha voz, levai-a, se possível, a todos os povos do mundo e difundi-a por toda parte onde haja homens de boa vontade para ouvirem a benfazeja verdade!"

A ciência da educação, tal como deve ser compreendida, é a grande obra da renovação social.

Se a hereditariedade é força, é lei, – também as aptidões se desenvolvem por efeito do hábito e se transformarão em tendências que se acumulam para novas fontes de hereditariedade.

Bain, muito judiciosamente, diz: "O filho de um grande filólogo não é o herdeiro de um só vocábulo, o filho de um grande viajante pode, na escola, ser ultrapassado, pelo filho de um mineiro, em geografia".

E diz Emile Durkheim: "O futuro não é estritamente predestinado pela nossa constituição congênita". É que a vida humana é o concurso de múltiplas e complexas ações modificadoras de condições preestabelecidas pela hereditariedade.

Essas ações, essa atividade em sentido contrário ao caminho traçado pelas qualidades inatas, chegam mesmo a modificar o organismo, o caráter, os sentimentos, a mentalidade. E o indivíduo, produto dessa modificação, criará, em si, certa tendência de desagregação das primitivas tendências, e uma multiplicidade de novas inclinações e novos característicos contribuirão para outras formas de hereditariedade futura.

Por isso, o esforço educativo deve ser persistente, repetido: cuidamos de toda uma geração se educamos uma criança.

É que "as únicas formas de atividade que se podem transmitir por hereditariedade são aquelas que repetem sempre, de uma maneira assaz idêntica, para poder se fixar, sob uma forma rígida, nos tecidos do organismo", diz ilustre cientista.

"A educação é a base fundamental de todas as reformas", diz Gustavo Le Bon.

É o agente mais poderoso no desenvolvimento de energias fecundas.

Bunge estabelece a importância da educação, estudando-a sob os seguintes pontos de vista:

Conceito

biológico – é a própria vida.
psicológico – é o processo de formação da consciência.
sociológico – é o processo de adaptação ao meio, à sociedade.
da instrução pública – é o processo ministrado pelo Estado e pelas sociedades.
da educação científica – implica, de certo modo, um resumo empírico de todas as ciências da vida.
da educação ética – a ética é a base da educação física, intelectual e moral.
educação e patriotismo – desenvolver o sentimento de pátria para conservar a nacionalidade.

Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 49).

Eu diria: desenvolver o sentimento de Pátria no sentido de alargar a concepção internacional e melhor aprender a amar a Humanidade, porquanto o gênero humano está acima do torrão natal.

Para finalizar: “Certo pai, ainda jovem, esperando o nascimento de um filho, se rodeia de tratados de educação. Mas a leitura dessas obras não faz senão aumentar suas incertezas. Por fim, põe-se a refletir e, considerando a ação imensa do pai e da mãe, – no caderno que havia preparado para tomar notas, em baixo do título: “*Préceptes d’éducation*”⁸, ele escreveu estas duas únicas palavras: “*Devenir meilleur*”⁹.

.....

Necessidade do estudo da ciência da educação

.....

HÁ PROFESSORES QUE NEGAM A EFICÁCIA DO ESTUDO DA ARTE OU ciência da Educação e apresentam as seguintes alegações contra o ensino ou a cadeira especial de Pedagogia:

[8]. Nota do Org.: Tradução livre: “Preceitos da educação”

[9]. Nota do Org.: Tradução livre: “Tornando-se melhor”

1º – O educador nasce, sua capacidade para educar é um dom natural, provém de intuição inata e não do estudo.

2º – Cada professor deve transmitir o seu processo de ensino.

3º – O ensino é a resultante de estudos particularizados e não de estudos técnicos gerais ou da educação geral.

4º – O professor não pode circunscrever os seus processos a teorias premeditadas nos preceitos de educação, etc. Caem pela base tais alegações.

É bem verdade que o educador tem inatas as qualidades para educar, porquanto, a educação, no conceito biológico, é a própria vida.

Todos os seres vivos nascem, crescem e se *educam* ou se *criam*. As aves, as feras, os animais domésticos só abandonam os seus filhos quando os colocam em situação de lutar pela vida, de se defender.

Logo, cada indivíduo, pela hereditariedade, deve possuir em alto grau, qualidades inatas de educador.

E por que razão os homens e as mulheres não sabem educar os filhos?

Há séculos e séculos, escritores e psicólogos se batem pelo problema, com intensidade crescente, e os pais continuam a não saber educar a prole.

Porque e simplesmente porque lhes não desenvolveram ou não acordaram neles essas qualidades que aí permanecem em estado latente.

Porque as civilizações operam às avessas; adormecem, deturpam faculdades.

Há, portanto, uma ciência que ensina a despertar¹⁰, do íntimo do ser, certas faculdades adormecidas que se perpetuaram em gerações sucessivas para aperfeiçoar outras gerações.

É que as civilizações degeneram os seus mais belos sentimentos, e a vaidade dos homens e a sua prepotência, assegurada pela força bruta, fazem deles o egoísta e autoritário, o expoente máximo na selvajaria, no despotismo, no canibalismo, nos impulsos sanguinários. As guerras o provam.

O animal tem apenas de lutar pela vida e, no entanto, se não conhece o vocabulário sentimental de que estão fartos os nossos dicionários, pelo

[10]. Nota do Org.: Na cópia utilizada, há uma anotação, feita pela autora, suprimindo a palavra “arrancar” e substituindo-a pela palavra “despertar”, anotada em manuscrito.

menos *pratica deveres humanos*. Se não, vejamos de passagem: o leão não come a leoa e algumas tribos australianas devoram as mulheres em falta de outra caça e poupam os cães; o leão só come depois de estar saciada a leoa, para quem trouxe a presa; os indígenas, algumas tribos africanas e australianas e muitos dos nossos *capatazes civilizados* só deixam sobra às mulheres, depois de estarem eles saciados, inteiramente fartos.

Repito: há, portanto, uma arte de acordar os sentimentos delicados para perpetuá-los através dos seres. De fato, há professores – ou melhor – educadores, psicólogos que nascem com qualidades inatas admiráveis, mas também nascem os gênios. São exceções, energias acumuladas que a hereditariedade e as filosofias religiosas procuram explicar.

Todo indivíduo deveria ser educador – como todo indivíduo é capaz, na medida do seu desenvolvimento, de filosofar.

Se ensinar bem provém da vocação, o resultado prático do ensino, o completo desenvolvimento e o bem-estar do aluno dependem do estudo científico, da educação aliada aos conhecimentos psicológicos do educador.

Tudo que não obedecer a uma orientação científica é empirismo sujeito a erros, a desilusões. A civilização de concorrência e os prejuízos morais são os responsáveis diretos por essa apatia geral e até pela maldade humana: é a educação às avessas, *deseducação*, “*adaptação degenerativa*”.

Só em casos excepcionalíssimos certos animais (não todos) enjeitam os filhos.

Entre os homens, não só os enjeitam comumente (para defenderem a *honra e a moral!*) como até há médicos e *curiosas* que se incumbem de matar a criança antes de nascer ou extirpar da mulher os órgãos da procriação. Isso se deve à civilização. Assim, quantos germens do bem como que desaparecem em nós!

Dormem apenas. É necessário que uma nova moral venha acordá-los da letargia.

O estudo teórico da arte de educar, de fato, é pouca coisa para fazer surgir o observador da individualidade da criança: o espírito de análise, de observação (com o fito exclusivo de adaptar programas e processos de ensino à natureza da criança para a perfectibilidade social) não se adquire nos livros, embora os livros ensinem a ver; é adquirido no trato

com as próprias crianças e com um guia que faça nascer a observação e o tato necessário ao educador.

A segunda alegação diz: – cada professor deve transmitir o seu processo de ensino.

Quantos professores há, por aí, que não sabem ensinar! Quantas preleções feitas deixando os alunos boquiabertos, na mesma ignorância de antes?

Quantos professores se limitam a fornecer livros, lições ou apostilas para que os alunos decorem!

Quantos professores de Matemática, Geografia, História ou Cosmografia acham que a aula é lugar oportuno para pregarem teorias ou filosofias ou seitas diversas?

Quantos mestres, aliás competentíssimos, ignoram por que processos o ensino é fixado e apreendido pelas células nervosas e não procuram conhecer os motivos pelos quais um aluno é mais inteligente ou menos aplicado e exigem de um e do outro menino a mesma lição dada ao rapaz – sem estabelecerem o confronto da idade, da saúde, das condições econômicas, etc. etc.?

E quantos exigem esforços além das medidas?

Um dos meus professores exigia coisas impossíveis, lições inexecutáveis, por duas vezes atirou livros e cadernos, brutalmente, por entre as carteiras das alunas e nos deixava mudas de espanto – porque não compreendíamos as suas lições, dizendo que “*os alunos são máquinas de estudar*”. Tratava-se de um médico!...

E se eu tivesse transmitido o mesmo processo de ensino? Até aonde iria tudo isso?...

Por duas vezes, em aula, eu e minhas colegas tivemos de apanhar folhas esparsas dos livros de professores que os atiraram ao chão, num acesso de cólera. Tratava-se, desta vez, de uma senhora...

Excelente sistema de educar às avessas!

E se todas nós entendêssemos de fazer coisa semelhante?

Em compensação, no mesmo estabelecimento de ensino, vi exemplos bem edificantes.

E aqueles que levam as horas de aulas a fazer gracinhas para provocarem o riso, a hilaridade das mais tolas, cultivando o seu servilismo

à custa de tanto espírito, e que se vingam das que não são acessíveis às suas momices ridículas?

E os castigos injustos, as exigências descabidas? Há ainda professores que se fazem educadores de gerações inteiras e se descuidam dos próprios filhos; exigem dos outros o que não dão aos seus; cuidam educá-los porque lhes pagam a instrução e os mestres.

É corrente o erro, a confusão entre instrução e educação moral.

Também há professores incapazes de distinguir o espaço necessário entre a percepção e a linguagem falada ou escrita, certo espaço de tempo que não é o mesmo para todos os alunos, e exigem respostas imediatas ou interrompem o raciocínio ou respondem às próprias perguntas ou sugestionam essas respostas.

Quanto outros, por preguiça, por comodismo (os de arte principalmente) escolhem as melhores capacidades para a *representação*, a *exibição* oficial dos exames e nem sequer procuram fazer nascer aptidões nos menos favorecidos!

E em exposições de desenhos, por exemplo, já vi alunos de escolas primárias desconhecem os seus próprios trabalhos, os quais traziam suas respectivas assinaturas!... Escola de hipocrisia!

O professor toma meia folha de papel com ligeiro esboço ou mesmo coisa nenhuma e transforma tudo aquilo numa página vistosa, assina o nome do aluno e prepara a exposição de desenho ou cartografia – que vai causar verdadeiro assombro! Crianças prodígios todas elas...

Aí se vão formando os *escroques* e... novos educadores pelos mesmos processos.

A terceira objeção: o ensino é a resultante de estudos particularizados e não de estudos técnicos gerais ou da educação geral.

Mais um motivo para que o professor estude a ciência da educação.

O professor de Matemática, ou qualquer outro, só conseguirá resultados fartamente satisfatórios no ensino se, de antemão, estabelecer os seus princípios na transmissão desse ensino, se organizar bons processos.

Inconscientemente, talvez, foi obrigado a resvalar para o terreno da pedagogia, da psicologia.

A pedagogia é vasta e se relaciona com todos os ramos dos conhecimentos humanos, entrelaçando-se em tudo.

Nenhum professor é capaz de ensinar bem sem haver aplicado bons processos de ensino, sem saber escolher, nos programas oficiais (geralmente absurdos), as partes mais necessárias e conciliáveis com as circunstâncias e a ocasião.

E, nesse caso, ou o professor é uma das tais exceções, vocação decidida e raríssima, ou é o produto da educação geral, liberal, ou poderíamos dizer – é produto da educação especializada da sua disciplina que o fez desvendar todos os arcanos do ensino para bem conhecê-la.

O 4º princípio diz: Os professores não podem circunscrever os seus processos a teorias premeditadas nos preceitos de educação.

De inteiro acordo, quando esses preceitos são limitados, injustificáveis e, nesse caso, o professor é tão estreito de ideias quanto o livro por ele adotado.

O verdadeiro tratado de educação é justamente aquele que prega a educação liberal, no qual o educador consciente se esquece de que pode ter teorias pessoais para pregar a verdade – una, indivisível, imutável, internacional. Esse tratado de educação é amplo, aceito por toda gente de horizontes não limitados, porquanto não fere o princípio de liberdade do indivíduo nem vai de encontro ao ideal de fraternidade humana.

Mas, em geral, os protestos dos que não querem circunscrever-se às teorias científicas e aos preceitos dos grandes educadores liberais, teorias vindas da experiência e da razão e da justiça e das experimentações científicas, – esses querem impor as suas próprias ideias e aplicar doutrinas absolutas, não respeitando o livre desenvolvimento do educando.

Uma teoria geral, aplicada aos povos e aos indivíduos, visando ao bem-estar coletivo e à livre expansão das faculdades – não apertada num círculo de ferro senão os que combatem essa mesma liberdade, dentro de um egoísmo estreito, dentro de um sectarismo, de uma parcialidade condenáveis – para a satisfação de interesses pessoais.

Um livro fanático, parcial, cheio de banalidades, de lugares comuns, sem preocupação científica, de ideias estreitas, está visto, não é um livro de educação.

Há, por aí, desses livros, com títulos respeitáveis, mas qualquer pessoa de senso comum os põe de lado como prejudiciais à formação do caráter dos nossos filhos. Já os tenho visto e, de momento, lembro-me de uma coleção nesse gênero a qual comprei pelos títulos edificantes.

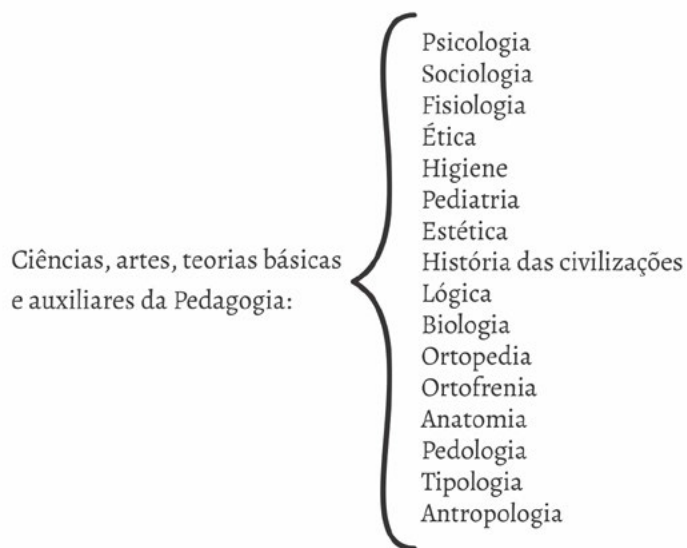
Deixo de citar o autor porque escrevo também um livro de educação... Estou certa de que nenhum educador consciente se lembra de recusar a pedagogia científica de Montessori, os livros de Binet, de Claparède, de Faure, de Bain, de Spencer, de Compayré. Dentro das teorias desses autores, ninguém fica circunscrito, pelo contrário: – todos aqueles que os compreendem sentem-se maiores...

.....

Ciências básicas e auxiliares da pedagogia

.....

TODAS AS CIÊNCIAS, TODAS AS ARTES, TODAS AS TEORIAS NASCEM, crescem, desdobram-se, multiplicam-se para as necessidades da vida. Sendo a pedagogia a ciência ou arte ou teoria da educação envolvendo o homem (desde antes de nascer), para o seu bem-estar e para a felicidade individual e social, é claro: – a pedagogia se relaciona com todas as ciências, com todas as artes, com todos os ramos dos conhecimentos humanos.

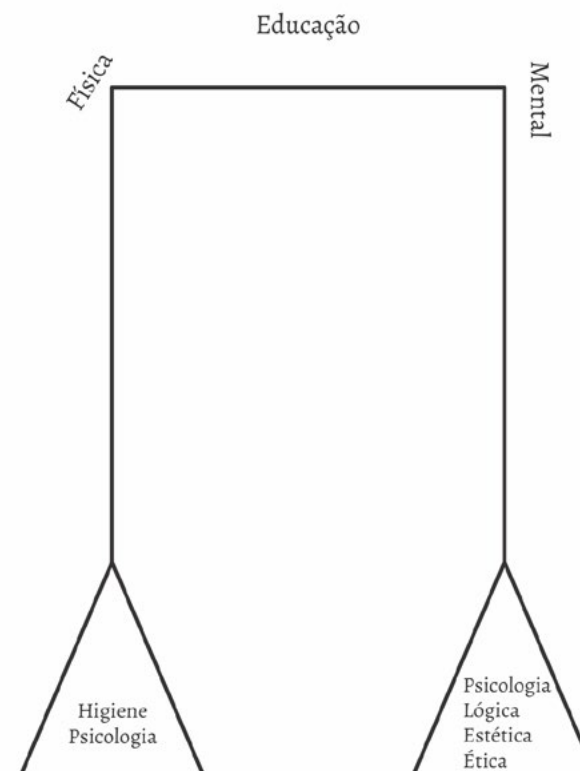


Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 59).

.....

Diagrama de Sully

.....



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 60).

O PROFESSOR PIZZOLI ORGANIZOU A ÁRVORE PEDAGÓGICA: A IMAGEM sensível, concreta é o meio mais fácil de fazer compreender aos estudantes o papel da pedagogia entre os ramos do conhecimento humano.

O tronco representa a ciência da educação.

A parte superior, os galhos, dois, distintos: a educação dos indivíduos normais e a dos anormais.

Classificados como anormais estão os criminosos, amorais, tardios, atrasados ou *arriérés*, idiotas, cretinos, imbecis, surdos-mudos, cegos de nascença, deficientes, físicos, etc.

As raízes, constituídas das ciências subsidiárias, são:



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 61).

Sociologia – ciência das questões políticas e sociais. Estuda o desenvolvimento das sociedades, abrange a evolução histórica dos povos, tira conclusões da significação de cada acontecimento histórico e do seu valor no momento da evolução humana, formula leis com relação aos movimentos sociais.

Se a educação tem por fim preparar o indivíduo para a expansão da sua personalidade e para ser útil à coletividade onde vive, se ela tira o educando da sociedade donde é membro efetivo, claro está que a ciência da educação tem necessidade de estudar o ambiente social – campo de ação da vida, fator importante no domínio educativo.

Ninguém pode viver isolado.

De um modo ou de outro, todos contribuimos para o progresso ou para o estacionamento das civilizações.

Como a pedagogia se propõe a desenvolver caracteres rijos, energias persistentes, corpos sadios e inteligências robustas a serviço da Humanidade – a sociologia lhe não pode ser indiferente.

História da civilização – trata da evolução e dos acontecimentos (dos povos e das nações) nas diversas fases do seu desenvolvimento histórico; trata dos processos educativos através dos sistemas religiosos e políticos. É ainda um ramo da sociologia, é a própria história da pedagogia, com todos os seus preceitos, as suas deduções, observações, experiências, etc. São as teorias dos melhores educadores de todos os tempos.

Anatomia pedagógica – do grego – *dissecção*, vocábulo formado de uma palavra que significa: corto *em pedaços* e o sufixo *-ia*.

A anatomia geral é o estudo das partes constituintes dos corpos organizados. Aqui, porém, trata-se apenas da Anatomia pedagógica.

É parte da medicina.

Se a pedagogia é classificada hoje como ciência é porque entrou no domínio das especulações científicas, da psicologia experimental aplicada ao ensino, e, como tal, tem necessidade da ciência médica nas suas elaborações, para o conhecimento do educando.

Por outro lado, o educador se propõe a dar e a prevenir a saúde do corpo a fim de o fazer instrumento da vontade.

Ora, não saberá desenvolver ou fortificar esse corpo se não conhecer a sua estrutura, os órgãos que mais necessitam de ginástica, as causas das moléstias evitáveis ou as hereditariedades mórbidas e o papel de cada órgão afetado ou doente.

É a medicina pedagógica a aliança entre o médico e o educador.

Fisiologia pedagógica – ou fisiologia aplicada à pedagogia. Do grego – *fisis* = natureza + *logos* = tratado, discurso, palavra. Ciência que trata das funções dos órgãos nos seres vivos. É a ciência básica da pedagogia pelo mesmo motivo da anatomia.

Antropologia pedagógica – “antropologia é a ciência que tem por objetivo o estudo do grupo humano considerado em seu todo, nos seus pormenores e em suas relações com o resto da natureza”. Do grego *antropos* = homem; *logos* + tratado. É a história natural do homem, o seu aparecimento na Terra, a sua genealogia, o selvagem e as características da sua civilização primitiva ou do período pré-histórico – antes de qualquer

civilização; é o estudo das raças humanas sob o ponto de vista biológico e social; é, por conseguinte, a filosofia da história das civilizações, a ciência do homem sob o ponto de vista das raças naturais e sociais.

Psicologia pedagógica: – Do grego: – *psiquê* = alma; *logos* = tratado. A definição de psicologia como ciência *da alma* está abandonada, mesmo porque Lange queria a psicologia *sem alma*, como Ribot.

Essa expressão não quer dizer a negação da existência da alma. Os seus autores não a negam nem a afirmam. É a neutralidade diante das escolas filosóficas.

A psicologia “ciência *da introspecção*” não é mais aceita por Binet. Não há caracteres pelos quais se pretendia separar a extrospecção da introspecção, diz o autor de *A alma e o corpo*.

Psicologia – *estudo dos fatos de consciência*, também lhe não satisfaz, porquanto exclui os fatos inconscientes ou do inconsciente ou do subliminal, e a expressão é vasta, elástica.

Binet define a psicologia: “Estuda certo número de leis a que chamamos mentais para as opor às leis da natureza externa de que diferem, mas, falando com propriedade, não merecem a classificação de mentais pois são, pelo menos, as que se conhecem melhor, leis das imagens e as imagens são elementos materiais. Embora isso pareça absolutamente paradoxal, a psicologia é uma ciência de matéria, a ciência de uma porção de matéria que tem a propriedade de pré-adaptação”.

Definição que, aliás, nada define...

A psicologia estuda, analisa todas as nossas emoções, os estados interiores, os fatos da consciência e do inconsciente, os fenômenos da introspecção e da extrospecção, todas as manifestações da mente e da sensibilidade íntima.

Se a pedagogia se propõe a educar e, para isso, precisa adaptar o ensino às necessidades, à vocação e à natureza do educando, é bem claro que não fará obra educativa se se não interessar enormemente pelos fenômenos da consciência e do subliminal, dos sentimentos e da vontade do educando, se não fizer estudos e observações de psicologia aplicada à educação.

Mas a psicologia pedagógica não é a psicologia *abstrata, analítica*. William James, como o professor Münsterberg, diz: “A atitude do educador em relação à criança deve ser viva e concreta”.

Montessori mostra o exagero, a confusão entre o estudo experimental do escolar e a sua educação. Diz a eminente educadora e cientista: “... o antropólogo e o psicólogo jamais se propuseram a educar as crianças na escola, nem nunca os mestres em exercício subiram ao grau dos cientistas de gabinete”. Ela quer a *fusão* das duas ideias, colocando as coisas em seus devidos lugares. Os cientistas, os médicos têm mais interesse nessas pesquisas – para a medicina, para a antropologia, para a psicologia.

O ideal é elevar os mestres a um grau maior de cultura para que reclamem a influência direta, a presença dos cientistas no campo da educação. Só assim se fará pedagogia científica.

“Acreditamos que, transportando a pedra dura e árida da experimentação de gabinete para a escola antiga e desmoronante, poderemos reedificá-la”.

Mas não é bastante saber manejar instrumentos e medir pela antropometria e conhecer observações psicológicas. Depois da cultura, do conhecimento das necessidades do educando e da escola – falta o *fogo sagrado*, a fé do cientista, a curiosidade do investigador, o apostolado do santo ante os arrebóis da nova alvorada...

Montessori o definiu bem: “É necessário que os mestres suficientemente iniciados no ‘espírito do cientista’ se contentem com o alívio que logo terão de provar tornando-se observadores da humanidade”.

“Procuremos fundir em uma só alma o espírito de áspero sacrifício do cientista – e o espírito do êxtase inefável de um tal místico (os apóstolos do Cristo) – e teremos completamente preparado o espírito do ‘mestre’”.

Higiene: do grego: *salubre*, derivado de saúde, sadio.

Trata dos meios de conservar a saúde. “É um conjunto de preceitos, buscados em todos os conhecimentos humanos, mesmo fora e além da medicina, e tendentes a cuidar da saúde e a poupar a vida” (A. Peixoto).

Há setenta e oito anos (1847-1925), o professor Charles Londe da Academia Real de Medicina (França) definia a higiene: “Science qui a pour objet de diriger les organes dans l’exercice de leurs fonctions”¹¹.

Colocava a higiene no papel de ciência.

[11]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Ciência que tem como objetivo orientar os órgãos no exercício das suas funções”.

A importância da Higiene como base das especulações pedagógicas ressalta das seguintes observações do mesmo autor, na introdução do seu compêndio de higiene: “Observada sob um ponto de vista menos restrito, a higiene não limita as suas vantagens a afastar as moléstias, ela tem, também por objeto, aperfeiçoar o homem; podemos mesmo avançar: muitas vezes ela oferece meios, os mais eficazes e únicos, de remediar os desarranjos dos seus órgãos”.

Coloca-a quase no papel da Ética e acrescenta: “Esta ciência, aplicada aos indivíduos tomados em massa, quer tenha por objetivo seu aperfeiçoamento, sua conservação ou seus gozos, faz do médico e o guia do legislador e a providência das nações durante a paz como durante a guerra”.

Nada seria a pedagogia sem, principalmente, a psicologia e a Higiene.

Nos seus diversos ramos, ou como higiene infantil, ou higiene escolar, ou higiene feminina, ou higiene das mães e das nutrizes, higiene nervosa, abstinência de vícios para evitar a degenerescência da prole, sob qualquer aspecto que se encare o papel da higiene – é ela aplicada à ciência da educação. Vê-lo-emos, mais detalhadamente, nos capítulos seguintes.

Ortofrenia: pedagogia “emendativa” ou de correção. Do grego: *ortos* – direito + *fren* – inteligência + o sufixo *-ia*. *Cura da loucura* define o dicionário de Ramiz Galvão. “Ortofrenia ou como escrevem os italianos – *ortofrenia* – é neologismo de origem grega: de *orto* = reto + *fren* = espírito. A ortofrenia propõe-se a codificar os princípios segundo os quais devem ser dirigidas as faculdades mentais” (Roquete Pinto).

*Tiflogia*¹²: Tiflogia como escrevem os italianos, é neologismo de origem grega: de *tuflos* – cego + *logos* = discurso, tratado. Tiflogia ou Tiflogia será, pois, a parte da pedagogia que se dedica aos estudos dos cegos. Assim, chamam-se *tiflófilos* ou *tiflófilos*¹³ os que se interessam pela sorte dos que não veem; *tiflógrafo* ou *tiflógrafo* é o aparelho por meio do qual eles escrevem, etc.

[12]. **Nota do Org.:** Em inícios do século XX, a gramática portuguesa ainda usava o PH no lugar da letra F. A autora se refere à TIPHLOGIA, usando o PH e, ao mesmo tempo, situa o leitor na então nova grafia da mesma palavra com a letra F. Tiphlogia, tiphlophilos, tiphlographo foram apresentados com a forma ainda presente, mas já em desuso, para, depois, a sua forma ortográfica definida, respectivamente, tiflogia, tiflófilos, tiflógrafo. Por isso, este parágrafo tem essa particularidade.

[13]. **Nota do Org.:** Veja a nota anterior.

Pediatria: do grego: *pais*, *paidos* = criança + *iatreia* = medicina. Medicina das crianças.

Didática: do grego: *didaktikos* – ensinar, que ensina.

Arte de ensinar. Relativa ao ensino. Que é próprio ou relativo ao ensino. “A palavra *didática* empregada no sentido etimológico compreende todos os livros próprios para a instrução. Mas o gênero didático propriamente dito é restringido ordinariamente a uma espécie de poema que apresenta no fundo um ensino regular sob uma forma agradável. O encadeamento lógico das diversas partes é velado com o auxílio de imagens variadas, de pitorescas descrições, de episódios escolhidos com gosto e ligando-se à obra por um pensamento moral, por uma recordação histórica ou mitológica. Hesíodo é o mais antigo poeta grego cujos versos se filiam à poesia didática. Virgílio deu nas *Geórgicas* a obra-prima do gênero didático. Na língua portuguesa, há muitos poemas que são puramente didáticos ou que se aproximam do gênero” (Enciclopédia e Dicionário Internacional).

Fora da árvore do professor Pizzoli, encontramos ainda: – *Ética* – do grego: *ethikos* = moral, derivado de costumes. Ciência da moral. Se a educação tende ao aperfeiçoamento moral – não pode dispensar a ética – parte da filosofia que trata dos deveres sociais do homem, da sua reta conduta, da perfectibilidade dos costumes. Assim, relaciona-se também com a *Filosofia* – do grego: *filos* = amigo, amante + *sofia* = sabedoria. Ciência ou estudo dos princípios e das causas. Sistema de noções gerais sobre o conjunto das coisas. Ciência geral dos seres e das coisas. Sistema de princípios destinados a agrupar certa ordem de fatos para explicá-los. A doutrina ou sistema particular de cada escola ou seita de filósofos.

Etimologicamente – filosofia é amor da ciência, da sabedoria.

Para Pitágoras – filosofia é o amor da Ciência.

Para Platão – filosofia é o amor da verdade.

Para Cícero – filosofia é o amor da sabedoria.

O objetivo da filosofia é *a causa, o homem, o universo, a vida*.

A filosofia, pois, investiga as causas, as razões primeiras, as leis gerais da lógica para a procura da verdade, para a indagação dos fenômenos; estuda as noções primeiras sobre que se apoiam as ciências, os elementos essenciais que constituem a natureza íntima dos seres, a causa

que os produziu, o fim, o objetivo a alcançar. A filosofia perscruta a causa primordial e estabelece leis para as indagações das ciências.

A filosofia tem relações gerais e particulares com as ciências. Antes de se servir de um instrumento, é indispensável, ao operador, conhecer a sua natureza e o seu valor. A inteligência é o instrumento na mão do educador, assim como o ensino a ser ministrado; é instrumento ou o mecanismo que vai adquirir a ciência: a filosofia estuda o homem, a sua natureza, o valor das suas faculdades, revela-nos suas ideias, seus atos, a ordem pela qual se manifestam as suas faculdades. As noções de finito, infinito, de espaço, de tempo, de leis, de causas, liberdade, autoridade, vontade, direito, justiça, deveres, belo, bem, etc., etc. – tudo isso é fornecido pela filosofia. Não pode a filosofia ser confundida com as outras ciências das quais é ela o princípio, a base, o ponto de partida. É a ciência das ciências. A ciência demonstra, ora, toda demonstração se baseia sobre uma hipótese, uma tese, parte de princípios certos, de verdades primeiras – axiomas, definições, fenômenos, fatos observados, – assim, a filosofia ensina a definir, a agrupar, a observar, a deduzir.

Estética: do grego: *aisthetikos*, *aisthesis*, sentimento, que tem a faculdade de sentir, de *sinto*. Filosofia da arte.

Ciência do belo. Ciência que determina o *caráter* do belo nas produções artísticas e naturais.

Ciência que estuda as leis gerais da crítica e do gosto, aplicadas à avaliação e apreciação dos produtos da inteligência humana sob o ponto de vista artístico.

São do domínio da estética as artes do desenho (arquitetura, pintura, escultura), a arte musical e as composições literárias, as danças clássicas.

Num ponto de vista mais amplo, a estética é toda aquela parte da filosofia a que se dá o nome de *moral*. A moral não existe: é limitação. Existe a Estética – o belo, o bem. A moral evoluciona, logo, é fenômeno, efeito e não causa. Há muitas *morais*, uma para cada povo, para cada etapa de civilização. O fundo da moral natural, universal, do direito humano, direito natural – vem da estética.

Toda a ação educativa está assentada sob as bases da estética que abrange a ética, a lógica, a educação física e mental, artística e literária.

A estética é ainda o ideal.

É o desenvolvimento das energias criptopsíquicas ou interiores e latentes, o desdobramento da vida íntima para a formação do nosso mundo subjetivo – na ânsia da beleza, da perfectibilidade.

É a sutileza da sensibilidade – para o individualismo – em contraposição à mediocridade das conveniências e dos interesses pessoais.

É o aprendizado do Amor verdadeiro e amplo e quase divino – para a transfusão dos seres na harmonia e no ritmo do Universo...

É o alento através da arte, da ciência, da filosofia, da própria vida – para a escalada transcendental...

Lógica: de uma palavra grega derivada de razão. Parte da filosofia que estuda as leis do pensamento e expõe as regras que se devem observar na invenção e exposição da verdade.

Lógica é raciocínio, coerência entre os princípios e as conclusões.

“Ciência das formas científicas.” “Ciência das vias e meios pelos quais chegamos ao conhecimento científico.” É o conjunto de operações racionais pelas quais adquirimos a certeza nas nossas investigações. “A lógica é a fórmula universal, a regra dos processos de procura e demonstração aplicáveis a todas as ciências e a quaisquer conhecimentos”.

“Ciência das leis que regem o conhecimento da verdade”, ou “a ciência das relações entre o entendimento e a verdade”.

Bacon: “Ciência prática das outras ciências”.

Port-Royal: “Arte de pensar”.

Stuart-Mill: “Ciência da prova”. “Ciência da certeza”.

A palavra dialética quer dizer: discorrer com ordem; designa a parte da lógica que trata das leis e das regras do raciocínio. Lógica – razão falada.

Biologia: do grego: – *bios* = vida + *logos* = tratado. Ciência que tem por objeto as leis que regem a vida nos seres organizados. Ciência que estuda os seres vivos para conhecer as leis da sua organização e dos seus atos. Ciência das leis orgânicas, dos seres vivos.

Ortopedia: do grego *orthos* = direito + *pais*, *paidos* = criança. Arte de prevenir ou corrigir as deformidades do corpo da criança com o auxílio de exercícios metódicos ou de meios mecânicos (Andry).

Pedologia: – do grego: – *pais*, *paidos* = criança + *logos* = tratado. “Ciência experimental da criança sob os seus diferentes aspectos” (vasconcellos).

.....

Instrução e educação

.....

“**O** HOMEM PODE EM HARMONIA COM O QUE SABE”, DIZ BACON. A educação, na acepção ampla da palavra, é impossível sem a instrução. A instrução é o mais seguro elemento da educação.

Uma está intimamente ligada à outra, mas não são a mesma coisa.

No dizer de Montaigne – uma, fabrica o espírito; a outra, o mobília.

A instrução é o instrumento do espírito, é o seu exercício, é a sua vida.

É tão necessária à inteligência sequiosa de saber como indispensável é o alimento para o corpo ou a observância dos preceitos da higiene para a saúde.

A educação desenvolve os órgãos, fortifica-os, fortalece a ação da vontade, desenvolve faculdades, aperfeiçoa sentimentos, prepara o cérebro para receber a instrução.

A instrução é o meio de que se serve a educação para aperfeiçoar os seus instrumentos.

Spencer não crê no poder da instrução para a educação moral. Mas, Sócrates dizia: “Ciência e virtude são a mesma coisa”.

É que se não trata dessa instrução que não é instrução, mal ministrada, baralhada, pseudoerudição, sem o concurso da ética, da estética, da educação superior dos sentimentos alevantados.

Ao mesmo tempo em que a instrução é transmitida, devem ser cultivadas as faculdades morais; as paixões grosseiras, as *taras*, o temperamento serão estudados e dirigidos ou aperfeiçoados ou regrados para o aperfeiçoamento constante, e serão adaptadas as qualidades inatas do educando, sempre em vista de um futuro maior.

Comte detestava os *letrados* e prega contra a instrução que não visa ao aperfeiçoamento moral.

Comumente quando se fala em educação tem-se a ideia de bons sentimentos, qualidades morais, delicadeza de hábitos, boas maneiras, gentileza.

Entretanto, como já vimos, a educação compreende o desenvolvimento do corpo para a saúde e a beleza física, conservação e bem-estar

da espécie; o exercício das faculdades intelectuais preparando o cérebro para pensar, produzir e julgar; os sentimentos do verdadeiro, do bem e do belo – para a perfeição das qualidades inatas – em vista da felicidade social, da harmonia, da solidariedade humana.

Se o corpo não recebe os alimentos – se enfraquece; se o espírito não se instrui – a educação intelectual – que preparou as faculdades ou o encéfalo para receber a instrução, torna-se instrumento inútil e vai desaparecendo aos poucos, cedendo lugar à ignorância com o seu cortejo de erros.

Muitos pais, ao pagarem as lições dos “mestres” para os seus filhos, estão crentes de que os educam.

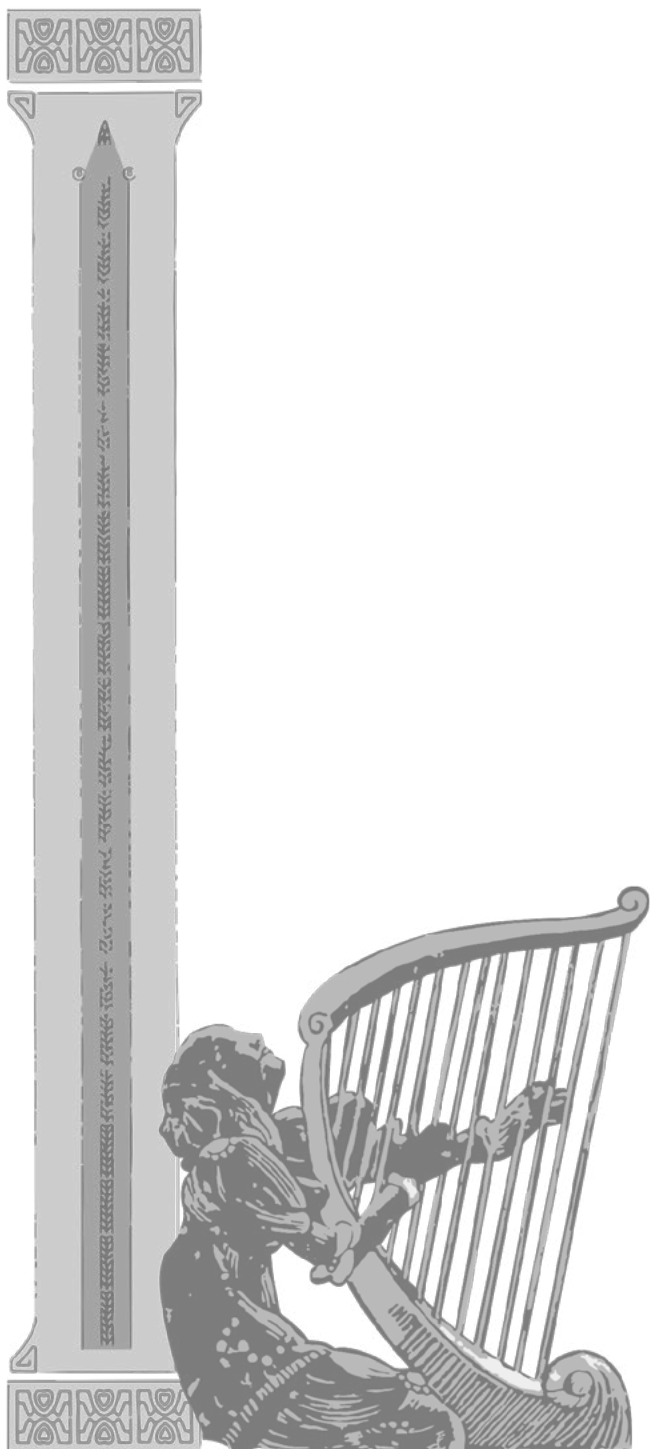
E quantas mães, ao repreenderem suas filhas, lhes dizem: – “Não sei o que estão vocês aprendendo no colégio!...”. Como se a educação fosse de sentido tão restrito, como se o colégio preparasse para a vida, esses colégios do passado e essas escolas que ministram uma instrução de palavras, falsa, livresca, de nomes e exibições.

A educação e a instrução se completam. *Deseducação* deveria chamar-se a educação que se espalha ainda hoje, por toda parte.

Fazer *letrados*, ensinando “línguas” aos papagaios galantes dos salões, é mal igual ao cultivo da ignorância ou talvez pior, porquanto é a ignorância requintada de presunção.

A ciência só é virtude quando é ciência e filosofia, ciência e ética e estética – a ciência, o belo, o bem – formando uma única preocupação.

Guerra ao analfabetismo, sim, porém guerra sem tréguas à ignorância presumida, à tibieza, à ambição pessoal, ao egoísmo sórdido, à intolerância, ao sectarismo absorvente, aos preconceitos de uma civilização que se desmorona, em suma: guerra à mediocridade, à vulgaridade e à prepotência assegurada pela autoridade do diploma, do bacharelado incompetente, nulo e jactancioso.



Capítulo II



Educação Física

“Et tous ces effets metaux de la déchéance physique sont les conséquences naturelles du défaut d’hygiène et d’alimentation; elles en son les effets et en même temps, mais d’une manière accessoire, les causes; car la mauvaise hygiène et la mauvaise alimentation sont encore aggravées par le défaut de réflexion et le manque d’esprit de conduite. Em vérité, le système des castes, que la Révolution de 1889 a abolies, existe encore; elles ne sont plus reconues ni sanctionnées par la loi, mais elles subsistent en fait, attestées par l’amointrissement physique, intellectuel et moral des êtres les plus misérables.”

(E todos estes duros efeitos do declínio físico, são consequências naturais da má higiene e nutrição; são efeitos e, ao mesmo tempo, mas de forma acessória, as causas; a má higiene e a má nutrição são ainda agravadas pela falta de reflexão e de liderança. Em verdade, o sistema de castas, que a Revolução de 1889 aboliu, ainda existe; já não são reconhecidos ou sancionados pela lei, mas permanecem, de fato, atestados pelo enfraquecimento físico, intelectual e moral dos seres mais miseráveis.)

A. BINET – LES IDÉES MODERNES SUR LES ENFANTS.
(IDEIAS MODERNAS SOBRE AS CRIANÇAS)

Educação física. Meios. Os perigos da ginástica. O trabalho intelectual e a educação física. A higiene e a educação física. Etimologia e origem da palavra *ginástica*. Exercícios calistênicos. Ginástica sueca. Ciência hindu – *Yogi* da respiração. Educação física negativa. Jogos. Teorias.

.....

Meios empregados na educação física

.....

A EDUCAÇÃO FÍSICA É A PARTE DA EDUCAÇÃO QUE SE ENCARREGA DE proporcionar meios para o desenvolvimento harmônico e a saúde de todo o organismo.

A educação física não deve ser cultivada sem a educação intelectual e moral. O atletismo é um erro, um desvio, uma extravagância, uma aberração da educação do corpo.

A educação física de que carecemos promove os meios necessários a uma boa saúde, proporciona alegria, disposição para o trabalho, prepara o cérebro para receber a educação intelectual, repara as forças gastas.

Devemos ter o culto da saúde, do vigor físico, da resistência, mas não o culto da força física, da musculatura.

Meios empregados na educação física: diretos ou indiretos.

Diretos ou positivos: a ginástica e os exercícios em geral. Indiretos ou negativos – a higiene em todas as suas aplicações.

Quanto aos primeiros, acham os filósofos dos sistemas naturais que, não havendo nada igual à liberdade, os jogos, os brinquedos devem ser preferidos.

Spencer dá mais importância à educação física negativa; com ele, todos os fisiologistas e educadores modernos.

Proclama, ainda mais, a necessidade do vestuário conveniente e da alimentação sadia em vez da ginástica propriamente dita, “inferior ao jogo livre”.

E diz:

Essa ausência comparativa de prazer, que faz com que se abandonem muito cedo aos exercícios artificiais, concorre

também para que estes não produzam mais efeitos sobre o organismo. Encerra um grande erro a ideia vulgar importando pouco que esse exercício seja agradável ou não, logo que se obtém a mesma soma de exercício corporal. Vede o efeito produzido sobre um enfermo por uma notícia agradável ou pela visita de um velho amigo! Notai quanto os médicos recomendam às pessoas fracas as sociedades divertidas! Ninguém ousa contestar que a felicidade é o mais poderoso dos tônicos.

Daqui a superioridade intrínseca do jogo sobre a ginástica. O extremo interesse que as crianças manifestam pelo jogo, a extraordinária alegria com que se entregam às suas mais loucas combinações são, por si mesmo, tão importantes para o desenvolvimento do corpo como o exercício que as acompanha.

E é defeituosa a ginástica logo que não produza esses estimulantes intelectuais.

Assim, os exercícios metódicos da ginástica devem ser feitos apenas como auxiliares dos exercícios naturais. Muitas vezes faltaram alunas às minhas aulas, queixando-se de fortes dores de cabeça após as aulas de ginástica!...

Ginástica para dar saúde e essa mesma ginástica produzindo dores de cabeça e indisposições sérias!

.....

Os perigos da ginástica

.....

A GINÁSTICA CHEGA A CONSTITUIR PERIGO IMINENTE PORQUANTO é mal aplicada em todas as escolas, geralmente.

Os nossos professores de ginástica, na sua grande maioria, não conhecem o organismo humano, o efeito dos exercícios ginásticos e a sua aplicação racional.

Maior absurdo constituem os exercícios militares e as marchas forçadas a que obrigam os escoteiros e alunos de Colégios Militares (ou dos

seus imitadores) para as exposições de paradas. Durante horas consecutivas, ao sol, entre nuvens de pó, carregando o peso extraordinário das carabinas, meninos de onze e doze anos (alguns parecendo ter menos idade), se submetem a marchas forçadas, sujeitos a infecções, à estafa, *treinando-se para as exposições das paradas oficiais*.

O que se deduz de tudo isso é que essa *educação* não tem por objetivo a saúde nem o preparo para a vida ou o desenvolvimento harmônico do corpo; não se faz questão nem se cogita se os alunos podem com o excesso de esforço; não se sabe se contraem moléstias, e o contrassenso é maior quando se imaginam que as ambulâncias e os médicos ou os recursos para casos de insolação e estafa e esgotamento vão acompanhando as crianças, como nos exércitos (!) mas é preciso expor ao público uniformes e dragonas e carabinas – para entusiasmar nas massas e alimentar a superstição...

O povo se contenta com pouco.

Depois, em toda parte, marchas, *football*, ginástica, exercícios dados indistintamente a todos os alunos como uma aula de língua-pátria, história ou geografia.

O *football* pode vangloriar-se de haver feito muitas vítimas entre nós.

Na aula de ginástica, seria racional o exercício necessário ao desenvolvimento do aluno. Não pode ser individual; será correspondente a cada grupo, de acordo com o seu organismo, condições hereditárias ou predisposição para essa ou aquela moléstia.

A aula de ginástica não pode ser dada como qualquer outra: depende de determinadas circunstâncias, horas, estações, predisposições dos educandos, seu estado de saúde, etc.

É uma aula que irrita, provocando mau humor.

Em 1918, na Escola Normal, dei três aulas de Pedagogia por semana; uma delas era em seguida à aula de Ginástica. Nesse dia, não conseguia coisa alguma das alunas. Falhavam, retiravam-se indispostas da aula, e as que me ouviam davam mostras de impaciência, pouca atenção, irritabilidade. Nos outros dias, procediam de modo oposto inteiramente.

É aula que deve ser dada com o fito exclusivo de desenvolver e fortalecer o organismo, e nem todos os dias estamos dispostos a fazer determinados movimentos de braços, troncos e pernas. Basta a má vontade para perturbar, concorrer para a indisposição de espírito, fadiga, mau funcionamento do aparelho digestivo, etc.

A fisiologia demonstra o seguinte: “o trabalho físico é elevado coeficiente de fadiga”.

Há também íntima relação entre o trabalho físico e o intelectual.

Ambos diminuem sensivelmente a energia nervosa.

Era considerado repouso, distração, necessidade – o trabalho físico ou a ginástica – antes ou depois do trabalho mental.

Mosso, Claparède, Bettman, Kemsies e muitos outros estão de acordo, demonstrando: Bettman – que a atividade física, “como uma marcha de duas horas, influi sobre diferentes processos psíquicos às vezes mais do que um trabalho intelectual fácil de uma hora”.

Friederich, pelos processos dos ditados e dos cálculos, descobriu que a ginástica tem influência deprimente.

.....

Qual a disciplina mais fatigante?

.....

“**A** GINÁSTICA SÓ É RECREATIVA, CONCLUI KEMSIES, DAS EXPERIÊNCIAS ERGOGRAFICAS, QUANDO DADA DE MANEIRA RACIONAL, ISTO É, SEM GRANDES ESFORÇOS CORPÓREOS”.

Pelo processo dinamométrico, chegou mesmo à conclusão de que a ginástica é a disciplina mais fatigante.

Chegou a esse resultado:

- 1º – Ginástica;
- 2º – Matemáticas;
- 3º – Línguas estrangeiras, etc. etc.

Wagner, pelo processo estesionométrico, colocou as matérias mais fatigantes na seguinte ordem:

- 1º – Matemáticas;
- 2º – Latim;
- 3º – Grego;

4º – Ginástica, etc. etc.

Binet diz: “A cultura física deve evidentemente se adaptar ao valor fisiológico de cada indivíduo; o que é bom para um pode ser mau para outro”.

Acrescenta: “É importante conhecer e medir as forças físicas do indivíduo para saber qual o treinamento físico de que tem necessidade, quais os exercícios mais apropriados ao seu corpo e a que dose é preciso lhe distribuir as lições de ginástica”.

Mosso chegou ao seguinte resultado: “Todo esforço prolongado diminui a atividade mental do indivíduo e pode mesmo produzir uma fadiga intelectual. Para descansar de um trabalho intelectual, não se devem fazer grandes esforços físicos, como ainda se fazem em virtude de uma antiga tradição que é preciso continuamente combater”.

Aconselham, portanto: não dar aulas de ginástica antes de disciplinas estafantes, nem nos recreios, nem depois de trabalhos intelectuais – porquanto tiram o proveito que poderia advir do ensino.

A que horas, pois, dar as aulas de ginástica ou de exercícios naturais?

Está claro que o professor dessa disciplina não pode ser qualquer indivíduo, qualquer jogador de *box* ou de *football* ou qualquer amante de esportes ou o soldado da força pública (como é uso), ainda que saiba regular movimentos elegantes, bruscos ou cadenciados do tronco e dos membros.

Não basta conhecer os exercícios e as regras de os fazer, é preciso mais: deve saber-se o *porquê* e as conseqüências dos mesmos exercícios para cada organismo.

Claparède divide a ginástica:

Ginástica educativa – de manhã.

Ginástica higiênica no fim das aulas.

A primeira tem por fim desenvolver a atenção, a prontidão de movimentos, a coragem e a vontade, e deve ser de manhã, estando o organismo descansado, fresco, leve. A outra, para a tarde, higiênica, tem por objetivo descansar, corrigir, dar coragem, ativar a energia, fazer readquirir a boa disposição, descongestionar o cérebro e é feita por meio de exercícios “automáticos regidos pela medula espinal”, exclusivamente para organismos que trabalharam e requerem repouso depois da fadiga.

Infelizmente “a escola atual é uma ameaça para a saúde das crianças e para o vigor da raça”.

Menos perigosos os exercícios naturais: jogos, corridas, danças, marchas, brinquedos diversos.

Por outro lado, é indispensável diminuir o esforço intelectual – causa da fraqueza, depauperamento, diminuição da estatura, de peso, etc., entre os escolares.

A palidez, as vertigens, a inapetência, tristeza, neuroses, tudo isso pode ser causado pela escola em seu afã de exercícios físicos e trabalho intelectual mal dirigido.

Cedo, antes mesmo dos sete anos, as crianças são obrigadas ao regime escolar de quatro horas, pelo menos, de estudo em aulas nada atraentes.

Acresce a isso a miséria fisiológica, o raquitismo, as diáteses, as verminoses, o frio, etc.

Faz pena olhar de perto as crianças brasileiras das escolas públicas: rosto pálido ou excessivamente corado pela agitação das células nervosas (começo de fadiga); orelhas transparentes ou congestionadas pela posição forçada nas carteiras; olhos vivos, febris ou sem expressão, indiferentes, nada compreendendo; pernas finas, tez embaciada, ausência de alegria – característicos das crianças em idade escolar e motivados pela falta completa de liberdade e bem-estar. Entre mestras e alunos, não há nada de comum... o tratamento de cá e de lá, é: *senhor, senhora...*, por causa do respeito, da autoridade que é preciso manter!...

Entre mesmo a burguesia, é raro ver-se uma criança forte, robusta, corada, de pernas e braços roliços, peito largo, respirando bem e vivendo realmente contente.

São irritáveis, rabugentas, têm lições para *decorar* e, ou vivem na rua como garotos ou dispõem de pouco tempo para os seus brinquedos, porque já vivem como *gente grande*: cinema, bailes, *football*, passeios, teatro, *footing*, *flirts*...

As meninas não brincam mais com bonecas e nas casas de comércio quase se não veem aquelas carinhas rosadas e as cabeleiras douradas das bonecas que fizeram o encanto de outras meninices.

Não lhes dão tempo e tiraram-lhes esse gosto. As longas horas de estudo de piano, os bordados, a pintura (tudo muito superficialmente), as

lições escolares, o rigor dos exames, o estudo precoce, os trabalhos para as exposições vistosas de fim de ano ou a vida mundana precoce, com todas as suas consequências funestas – cinematógrafo, bailes, *flirts*, visitas, chás, recepções, absorvem as horas destinadas aos folguedos infantis.

E a saúde, o bom humor?

Aonde as moças e os rapazes altos e robustos?

Tudo está em ordem decrescente...

É que, como diz Spencer,

A natureza é um regulador exato; e, se lhe pedirdes mais do que deve dispensar por um lado, ela equilibrará a balança, fazendo uma dedução por outro lado. Se a deixais seguir, por si própria o caminho, tendo o cuidado apenas de lhe fornecer os materiais brutos do crescimento corporal e intelectual, na proporção reclamada pela idade, produzirá ela, com o correr do tempo, um indivíduo cujo desenvolvimento será mais ou menos harmonioso.

Se insistirdes em obter um crescimento anormal, num ponto, ela cederá, formulando não poucos protestos; mas, enquanto realizar o que lhe impuserdes, desprezará qualquer outro trabalho importante.

Durante a operação intelectual, uma quantidade de sangue que deveria regar os órgãos em geral afluirá de preferência ao cérebro. É claro que os outros órgãos ficarão prejudicados enquanto o esforço intelectual se operar¹⁴ e durante ainda o repouso ou a reparação necessária após o trabalho.

A fisiologia prova a extraordinária influência exercida pelo cérebro em todas as funções do organismo.

O medo, a cólera, o susto, a alegria súbita, a tristeza por uma emoção, etc. – podem produzir, de repente, perturbações gerais na circulação, paralisias parciais ou totais, etc.

Também o cérebro excitado ou fatigado influi extraordinariamente no corpo e nas suas funções.

[14]. Nota do Org.: Na cópia utilizada, há uma anotação manuscrita, da autora, suprimindo a palavra “durar” e substituindo-a pela expressão “se operar”.

Todos conhecem os efeitos das sugestões, e a medicina moderna apela mais para as forças internas do doente que para a farmacopeia.

A digestão, as secreções, náuseas, dores de cabeça, etc., podem aparecer subitamente por efeito de comoções nervosas.

A fadiga por excesso de trabalho e a estafa – fadiga acumulada – são causas de perturbações intensas, podendo tornar-se crônicas se não cessarem as causas que as produzam.

Em consequência, todo o organismo sofrerá e, durante a noite, quando o repouso é indispensável ao bom funcionamento dos órgãos, a insônia ou os sonhos agitados e o sono doentio contribuirão mais ainda para esgotar as forças restantes.

E as consequências? E os filhos?

Spencer chama “pecado físico todo o prejuízo causado voluntariamente à saúde”.

Emerson, filósofo e moralista americano, disse que a primeira condição de sucesso para um indivíduo na sociedade é ser ele “um bom animal”, assim como a primeira condição de prosperidade nacional é ser a nação constituída de “bons animais”.

A digestão, a circulação, a respiração aproveitam extraordinariamente com os exercícios naturais moderados.

O exagero é sempre condenável.

O *football* vai ter repercussão dolorosa entre a mocidade desta geração, porquanto, além de ser exercício de atletismo, condenado por muitos higienistas, é feito sem ordem (o latino é muito diferente do anglo-saxão), sem cuidados especiais, obriga os estudantes a somar duas fadigas, a física e a intelectual.

.....
O foot-ball é considerado jogo atlético
.....

A CRESCE QUE AS CRIANÇAS DE HOJE NÃO FAZEM OUTRA COUSA SE não brincar de *foot-ball*.

É a “geração do pontapé na bola”, como diz Agostinho de Campos.

Para as crianças como para os adolescentes, o *football* é exercido demasiado e precoce.

É considerado jogo de atletas. E a missão da educação física não é o desenvolvimento da força, da musculatura. O vigor físico, a saúde, a alegria não dependem apenas do exercício dos músculos. Sem dúvida, a operação digestiva, a riqueza do sangue, o fenômeno da hematose tem mais importância que a força do bíceps. Depois, já estamos longe da idade da caverna, do homem pré-histórico...

Para pensar bem, para agir melhor, é indispensável o vigor de todo o organismo, e o organismo não é somente a musculatura.

Os atletas morrem cedo, esgotam-se e nunca chegariam a ser pensadores: a sua mentalidade escoou-se para as fibras, para a musculatura; são animais raros apenas. Cultivar o atletismo é voltar à época paleolítica; não há nenhuma vantagem.

Não só sob o ponto de vista da ginástica, como da alimentação, vestuário, etc. – tem sido descuidada entre nós a educação física.

A atividade, corporal e mental¹⁵, deve ter uma medida para cada indivíduo.

Entre os gregos, a beleza do corpo e as sutilezas do espírito constituíam motivo de honras e felicidades.

O ritmo, a harmonia, a elegância, a agilidade nos movimentos, eram adquiridos com os exercícios ginásticos nas praças públicas, nos ginásios, ao som das liras e de outros instrumentos de música.

Platão, aos dezoito anos, conquistou o ideal heleno – o supremo triunfo nos jogos olímpicos, as três coroas: a da poesia, a da ginástica e a da dança.

As mulheres espartanas deveriam ser fortes para produzirem homens fortes, guerreiros intrépidos.

Aristóteles tanto se interessa pela educação física que cuida da criança mesmo antes dela nascer, velando pelos pais, legislando sobre o casa-

mento, cuidando da higiene dos progenitores, do aleitamento natural, etc., – em verdadeiros e sábios preceitos de higiene.

.....

O desasseio na Idade Média

.....

NA IDADE MÉDIA, TUDO SE MODIFICA, SE CORROMPE. A ESCOLÁSTICA prega o desprezo ao corpo, ao asseio, à alegria; os conventos se enchem; o ascetismo, o misticismo sectário, se acendem: o corpo é julgado inimigo da alma e precisa ser submetido a macerações, jejuns, martírios – para que a alma vença as tentações da carne.

As mulheres, nuas, se açoitavam mutuamente com chicotes de algumas pernas tendo em cada extremidade um pedacinho de ferro. Era o supremo gozo!...

Pelas cartas de S. Jerônimo sobre a educação das moças, vemos até que ponto foi desprezada a educação física: “Que Paula não coma em público, isto é, que não assista aos festins em família. Que não beba vinho porque é a fonte de toda impureza... Que se nutra de legumes e raramente de peixe; que coma de tal maneira que sempre tenha fome. Que Paula não ouça nunca instrumento de música; que ignore mesmo para que servem a flauta e a harpa. Por mim, bania inteiramente os banhos para uma moça”. Depois: “Que Paula não sinta mais amizade por uma de suas companheiras que pelas outras; não deixai que ela converse em voz baixa com outra”.

Na Idade Média, nada se fez pelo desenvolvimento e beleza do corpo, pelo contrário.

A sífilis, vinda das Índias ocidentais, importada pelos companheiros de Cristovam Colombo; as pestes diversas, inclusive a peste da coceira; os bichos asquerosos a cobrir a cabeça e o corpo de toda aquela gente – desde o arcebispo de Cantorbery e os mais altos dignitários e funcionários diversos; a fome entre o povo, as cidades sem esgotos, as entranhas dos

[15]. Nota do Org.: Aqui, na cópia utilizada, a autora suprime, com um risco, a palavra “espiritual”, substituindo-a por “mental”.

animais atiradas nas ruas, os setenta e sete milhões de vidas vitimadas de epidemias diversas em quatro anos, as mais terríveis imundícies atravessam o período da Idade Média, “a noite de mil anos” de Michelet.

O Dr. Jarvis, citado por Draper (*conflitos da ciência com a religião*), em seu relatório à comissão sanitária de Massachussets, diz que a longevidade média era em Genebra, no começo da Reforma, de 21 anos e 8 meses; entre 1814 e 1832, subiu a 40 anos e 8 meses. Era fatal!

Em 1870, em fins do governo pontifício, Roma fazia as suas ruas de depósitos de lixo e das mais abjetas imundícies.

Ainda no reinado de Luís XIV, persistem os costumes pouco asseados da Idade Média.

A mortalidade e as moléstias provenientes da falta de asseio dizimaram as populações durante tão longo período. Foram desrespeitadas as leis da higiene e aqueles povos pagaram caro o tributo dessa transgressão.

Se a educação física não tem outro objetivo senão fazer do corpo “um instrumento dócil, tão apto quanto possível a executar as ordens do espírito”, está claro que o asseio é condição indispensável para o êxito mental completo.

Os hábitos de limpeza adquiridas na infância têm extraordinária influência não só na vida fisiológica do indivíduo, na sua conformação ou constituição e funções orgânicas, como até no caráter, nos gestos e costumes delicados.

E esses gestos e hábitos interessam ao educador, porquanto só na infância podem ser inculcados com proveito.

Certos defeitos e maus hábitos do adulto dificilmente podem ser extirpados pela autoeducação.

Os defeitos na vista proveniente de *tics* – piscar de olhos, abrir desmesuradamente as órbitas, olhar de perto os objetos, olhar com os olhos quase fechados, virar as pálpebras com os dedos, etc., etc. – defeitos devidos à má posição da criança ao escrever ou ler, insuficiência ou exagero de luz natural ou artificial; muitas horas em posição incômoda, fadiga, distração, abstração, colocação muito atrás, nas últimas carteiras, etc.; defeitos outros como mastigação insuficiente, intemperança, defeitos auditivos – surdez inconsciente seja também pelo afastamento nas últimas carteiras ou falta de atenção ou quaisquer outras causas; dicção má,

gagueira, – todos estes defeitos ou maus hábitos persistem no adulto e são de consequências desagradáveis, prejudiciais, e o tornam grosseiro, descuidado, de presença pouco desejada.

Tudo isso vem da infância mal dirigida. Há íntima relação entre o organismo, o vigor intelectual e as condições de felicidade na vida.

Da constituição física do homem, depende o seu trabalho de inteligência e as modalidades do caráter.

Estas são, quase sempre, o resultado do bom ou mau funcionamento dos seus órgãos.

As moléstias dos intestinos, do fígado, dos rins, do coração, etc. – atuam de modo extraordinário na conduta.

Com relação ao sistema nervoso – a primeira infância é a continuação da vida do embrião, é a vida vegetativa.

Logo em seguida, ou quase conjuntamente, vem o período da infinita plasticidade, de adaptação e recepção dos órgãos e neurônios.

Rapidamente os neurônios se revestem da mielina e se põem a funcionar e imediatamente favorecem a aquisição ou a formação dos *engramas* (imagens memoriais) fixadas no cérebro pelas sensações do exterior.

Ora, “os maus hábitos, a mentira recalcitrante, a cólera, a incoerência entre os sentimentos e os atos, etc., podem fixar-se automaticamente tanto quanto se descuidam das crianças pelos maus exemplos que se lhes dão, pelos maus-tratos, e em sentido inverso, por um amor desrazoável e fraco (“o amor de macaca”), fazendo que se viciem”.

O “amor de macaca”, como lhe chama um educador alemão, é muito bem aplicado ao amor de mãe que se satisfaz com o instinto materno inerente a todos os animais: a macaca brinca com o filho, exercita-se, diverte-se à sua custa – lambendo-o, mirando-o, remirando-o em todos os sentidos, coçando-lhe o corpo, lambendo-o de novo e até lhe sovando de vez em quando, num frenesi absorvente, constante, impiedoso.

Mas voltando: sendo a saúde a primeira condição de felicidade – todos os esforços da educação se devem convergir para os meios de dar ou conservar a saúde, favorecer o crescimento, fortificar os órgãos se se acham depauperados.

A ginástica auxilia ao desenvolvimento, a higiene trabalha para dar saúde ou conservar a que existe.

.....

A ginástica escolar

.....

CONSISTE EM MOVIMENTOS REGULARES E DELICADOS, EXERCÍCIOS DE respiração para ventilar os pulmões, evitando toda sorte de excessos, o exagero dos movimentos bruscos e desordenados. Essa ginástica ativa a circulação, e a respiração se faz mais completa; desenvolve harmoniosamente todo o organismo, evita ou corrige as más atitudes, contribui para dilatar o perímetro torácico.

Para chegar a esse resultado, os exercícios devem ser moderados, calmos e interessarão a todas as regiões do corpo.

Não podem ser executados em jejum ou depois das refeições. Em jejum, provocam perdas de energias físicas. Depois das refeições, perturbam as funções digestivas.

O professor deve conhecer mais ou menos a fisiopsicologia, pois a ginástica apoiada na ciência é a única capaz de assegurar o desenvolvimento e o equilíbrio necessário à perfectibilidade do funcionamento dos órgãos para a saúde e “a vida completa”.

A criança, ser fragilíssimo “cujos músculos, nervos, órgãos são de leite, por assim dizer”, requer cuidados muitos especiais.

O período de desenvolvimento do indivíduo é progressivo e incessante se causas internas (moléstias, hereditariedade) e externas (meio, educação, trabalho, miséria) o não impedirem.

É erro supor que a criança é um homem em miniatura.

É ser imperfeito, em formação, fraco, sujeito a ações diversas, as quais podem impedir o seu desenvolvimento físico e mental.

Assim, as amas, os criados, os professores, têm grande responsabilidade na formação da personalidade infantil; podem exercer fatal influência na vida do educando.

E por isso que Quintiliano queria para amas – mulheres instruídas e boas.

É ainda por isso que as professoras devem ser capazes de sugerir, pelo exemplo, ações dignas; devem ser não só instruídas, conhecedoras das crianças nas suas fases múltiplas, como também procederão de

modo a observar-lhes os temperamentos, ou melhor: a preponderância de certas funções psicológicas e o organismo, para adaptarem o ensino e a educação física às suas necessidades, vocações e forças.

O cérebro da criança é volumoso, mas não organizado. A sua perfeição é adquirida pouco a pouco, progressivamente.

Pode desenvolver-se rapidamente, se se quiser, por meio da educação intelectual.

Em compensação, o desenvolvimento mental precoce é uma das causas da inteligência fraca ou estacionária, depois de infinitas esperanças e fartas promessas.

O cérebro exerce, já vimos, enorme influência sobre o corpo. Se for excitado – o organismo se ressentir.

O apetite desaparece por influência de uma comoção, como a digestão é perturbada por qualquer depressão moral.

O excesso de trabalho intelectual perturba também as funções orgânicas.

Os homens primitivos saíam, por necessidade, em busca do alimento, e a defesa própria, a luta corporal entre homens e feras faziam-nos fortes. O exercício era meio de vida.

Com as civilizações, essa necessidade imprescindível de força bruta, resistência de selvagem em luta com os elementos, sem outras armas de defesa senão os braços – foi desaparecendo. Mas o ideal de perfectibilidade física e moral e mental acompanhou sempre os centros mais civilizados.

Na literatura antiga, no *Li-Ki* da China, na arte da ginástica médica – *Kung-fu*, depois de Confúcio, assim como nos *Vedas*, na filosofia dos *Yoghi*, entre os egípcios, etc., – os preceitos de higiene, os jogos e exercícios atestam os cuidados dos antigos para com a saúde e o vigor do corpo.

Entre os gregos, como já vimos, o ideal era a beleza, a força, a saúde, agilidade, vigor, harmonia de formas de espírito.

Pouco a pouco, os gregos foram desvirtuando a ginástica, transformando os exercícios e fazendo atletas, os quais eram admirados em público.

Os gregos, como Platão, protestaram: “Impomos exercício corporal a nossos filhos para que seu corpo, melhorado pelo exercício, seja completamente submetido à sua vontade”.

Aristóteles quer ginástica moderada e gradativa.
Platão prega contra a fadiga, contra toda forma de atletismo.
Depois... o período doentio, desassisado da Idade Média.

.....

Etimologia e origem da palavra ginástica

.....

A PALAVRA “GINÁSTICA” VEM DE GINÁSIO, ESTABELECIMENTO, ENTRE OS GREGOS, DESTINADO AOS EXERCÍCIOS FÍSICOS.

Ginasium – do latim. Em grego – *gymnasion*, de uma raiz grega que quer dizer: fazer exercício.

De *gymnos* – nu. Era de rigor a nudez para os exercícios. Ginástica – do grego: *gymnastikos*. O ginásio compreendia vários departamentos: *palestras*, *estádio*, *xistos* ou pistas cobertas, pórticos, vestiários, banhos, etc., etc.

Do século V em diante, o ginásio tornou-se ponto de reunião.

No século IV, o ensino da filosofia era ministrado nos ginásios.

Além dos *ginasiarcas*, ou *cosmetas*, havia outros funcionários: – *pedônomos* ou *paidônomos*, *epimeletas*, *pedótribos*, *epístatas*, etc., encarregados de velar pelo estabelecimento, pelo ensino e pelas crianças.

Os meninos se exercitavam nas *palestras*, de *pele* – luta.

Eram estabelecimentos construídos pelo Estado para esse fim.

O *paedótribe* tomava a seu cargo os exercícios corporais.

O *sofrôniste* cuidava da disciplina moral.

Os *alíptes* ou *oigneurs* (de *oing* – banha, gordura, unto), ou untadores, eram ajudantes e untavam com óleos os corpos dos educandos.

As *palestres* eram só para as crianças.

Os exercícios, depois de combates preliminares, eram: o salto, a luta, o jogo do disco, jogos olímpicos, etc.

O chefe ou diretor do ginásio chamava-se – *ginasiarca*; era magistrado, eleito.

Ocupava cargo de extraordinária importância.

Por algum tempo, os romanos seguiram os costumes gregos. Bem depressa, porém, preferiram os gozos, os vícios, a vida desregrada e caíram em decadência.

Já passamos pela falta de higiene, pela negação da educação física da Idade Média.

Hoje o fim ou o objetivo da educação física é o aumento de todas as energias – para a felicidade própria e para o bem-estar coletivo.

Os exercícios para esse fim são classificados em séries.

O prazer os deve acompanhar; serão executados em ordem, ao ar livre, as vestes largas, os sapatos macios, largos e sem saltos – para auxiliar os movimentos, evitando perturbações diversas.

Os aparelhos são: *halteres*, barras, cordas, aparelhos de resistência em *caoutchouc*, paralelas, *massues* (maça, clava, etc., etc.).

Há ainda os exercícios em aparelhos de subir e descer, escalar alturas, de saltar, lançar objetos a distância, cavalos de madeira, esgrima, *javelôs* (azagaia, chuço, dardo), *boulets* (balas), discos, etc., etc.

Há ainda – trapézios, argolas ou anéis, a dança e marchas harmônicas, rítmicas, os jogos de *basketball*, *hockey*, *lau-tennis*, *aviron*, *cross-country*, *croquet*, natação, equitação, pelota basca, tiro ao alvo, carreira, equilíbrio, etc.

A regra geral para qualquer exercício natural ou ginástico é fazê-lo com atenção, voltando o espírito exclusivamente para o que se executa no momento – porquanto as células ganham duplamente obedecendo e executando as ordens mentais.

A sugestão é quase uma cura. E, se meu pensamento se volta, durante algum tempo, para determinado objeto ou ideia, acabo executando cedo ou tarde o meu projeto.

.....

Exercícios calistênicos

.....

E XERCÍCIOS CALISTÊNICOS – DE DUAS PALAVRAS GREGAS: BELO + força, vigor, – ou força e beleza, são exercícios para moças, de-

envolvendo-lhes a energia física sem as destituir da graça natural do sexo. De *kallos* = beleza, belo, formoso + *estenos* = força, vigor + o sufixo *ia* = calistenia.

São excluídos os exercícios violentos.

Consistem em movimentos harmoniosos, marchas ritmadas, danças, atitudes e poses de estatuária – tudo acompanhado de cânticos executados pelas próprias educandas ou ao som de instrumentos de música.

Muito adotados nos Estados Unidos da América do Norte.

Exercitam-se as moças no *Calistenium*.

Parece que Napoleão Laisné, Amoros e Clias foram os introdutores da ginástica e a música, canto e dança, exercícios calistênicos na França.

Laisné diz: “As mulheres têm necessidade da ginástica mais ainda que os homens: para elas, os obstáculos que a vida civilizada opõe ao desenvolvimento corporal são bem mais múltiplos e bem mais funestos ainda”.

Spencer combate tenazmente todo sistema de educação que não quer exercícios físicos para as moças e responde aos partidários do *recato* feminino: “Logo que se chega a certa idade, o sentimento da dignidade do homem acaba com os jogos dos rapazes; o sentimento da modéstia feminina acaso não porá termo igualmente aos jogos das meninas logo que esse sentimento se for fortificando com a idade?”.

As mulheres, assim como os homens, não têm o respeito das aparências? E, por conseguinte, não serão elas impelidas como eles a evitar as maneiras rudes e ruidosas? Como é absurdo supor que os instintos da mulher se não afirmarão, por si mesmos, e sem que seja necessário recorrer à disciplina rigorosa das professoras!”

.....
Ginástica sueca
.....

EM 1815, EM ESTOCOLMO, FOI CRIADO PELO DR. LING UM GINÁSIO E novo processo de educação física.

A Suíça, a Bélgica, fundaram estabelecimentos análogos.

Outro sistema foi preconizado pelo Dr. Labarthe, exclusivamente para crianças e adolescentes.

Impede o desgaste das vértebras, a compressão das articulações – evitando quedas, saltos, o carregar peso demasiado e continuo, o abuso das marchas e carreiras, não prolongando a posição de pé, etc.

Aumenta a força dos músculos encarregados de sustentar a coluna vertebral, assim como desenvolve os órgãos da respiração e equilibra a circulação.

Os membros inferiores se exercitam mais por esse processo, e as ossificações viciosas se corrigem às vezes ou modificam-se – caso sejam motivadas pela fraqueza ou má nutrição.

A ginástica sueca (século XIX) originou-se daí: quer o bom funcionamento e a perfeição de todo o organismo, mediante exercícios moderados.

Suas bases foram estabelecidas pelo Dr. Ling.

Exercícios simples, pouco fatigantes, corrigem falsas atitudes, aumentam o campo da hematose.

Alguns são feitos sem aparelhos, outros com o *mastro* (pequena trave horizontal que se fixa em diferentes alturas) e os *espaldares* (série de vigas horizontais aplicadas de encontro às paredes). Há exercícios feitos no solo.

Todos eles têm por objetivo fazer trabalhar os músculos dorsais, literais e abdominais, estabelecer o alargamento do peito, o recuo das espáduas, promover a agilidade dos movimentos, etc.

A ginástica sueca é higiênica, é médica, é educativa.

Foi experimentada científica-razionalmente pelo Dr. Dufestel em Paris, numa escola de moças.

.....
Ginástica respiratória
.....

TODOS CONHECEM O EXTRAORDINÁRIO PAPEL REPRESENTADO PELA oxigenação do ar no fenômeno da hematose.

A respiração é a vida.

Sem o ar, toda a estrutura orgânica seria completamente diversa, não só no homem como nos animais e até nas plantas.

Desde a mais remota antiguidade, nos países orientais, houve investigadores dedicados à análise e observação dos fatores que têm concorrido ou possam concorrer para o desenvolvimento físico e mental do indivíduo.

Daí vem a palavra *Yogi*, de *Yug*, que quer dizer *juntar*. Aos conhecimentos e às investigações dos primeiros, se vem *juntando*, todos os dias, novas investigações e novos conhecimentos.

Dos *Yogis* da Índia, nos vêm os melhores tratados a respeito da ginástica respiratória. Deles ainda, a ciência da respiração, desconhecida quase no mundo ocidental.

Não confundamos esses Hindus-*Yogis*, cientistas, moralistas, com os esfarrapados mendigos (faquir) muçulmanos da Índia. Os primeiros, geralmente budistas, não são aqueles que deixam crescer as unhas de modo a atravessarem as palmas das mãos ou anquilosar os braços para se exibirem à custa de dinheiro ou por fanatismo religioso.

Os *Yogis* dão ao fenômeno da respiração uma importância capital e fazem dela o primeiro passo no início dos estudos que lhes dão o saber, o império sobre si mesmos e a força moral, apanágio dos bons.

Os *Yogis* acham que uma respiração bem feita estimula o sistema nervoso, atua sobre o cérebro e auxilia as suas funções, concorrendo para o desenvolvimento das faculdades intelectuais.

Ensinam-nos meios ou exercícios de respiração vitalizadores do cérebro e do sistema nervoso.

A educação física tem por fim o vigor e o desenvolvimento físico, esse vigor e esse desenvolvimento se farão coadjuvados pela saúde – a resultante da boa disposição dos órgãos internos, e estes auxiliam-se simultaneamente, por meio da respiração. O ar – introduzindo-se nos pulmões em quantidade suficiente – opera delicada massagem nos órgãos adjacentes, obrigando-os a melhor funcionamento.

Autoridades eminentes da ciência, nos afirma alguém, têm demonstrado que uma geração de respiradores normais bastaria para regenerar fisicamente a humanidade, e as enfermidades seriam tão raras que, ao se manifestarem, as considerariam como objeto de curiosidade.

A respiração *Yogi* condena o mau hábito da respiração pela boca.

Dizem que o respirar pela boca expõe-nos a moléstias contagiosas, dos pulmões, garganta, varíola, etc., com muito mais facilidade, pela aceitação fácil dos micróbios que se introduzem por aí.

A entrada natural do ar é pelo nariz, sabiamente preparado pela natureza.

Aí o ar é filtrado por completo, deixando as impurezas nas camadas aveludadas das suas membranas e aquecendo-se gradativamente dentro dos canais condutores.

Citam que, uma ocasião, tendo a varíola tomado caráter grave e epidêmico a bordo de um navio de guerra, as baixas ocorridas verificaram-se em marinheiros e soldados que respiravam pela boca.

A ginástica respiratória deve ser feita ritmada com outra ginástica, obedecendo às regras prescritas e naturais.

Dizem que os *Yogis* se distinguem por sua voz admirável, forte, suave, insinuante e até fascinadora.

É que praticam uma ginástica respiratória especial para a voz.

Ensinam-nos que os selvagens respiram bem: as mães selvagens fecham cuidadosamente a boca de seus filhos para que respirem pelo nariz e ao deitá-los baixam-lhes um pouco a cabeça para que a respiração seja natural.

Os *Yogis* classificam a respiração em:

Respiração { Alta
Média
Baixa
Yogi-completa

Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 107).

Respiração alta: pouco ar penetra nos pulmões por esse processo de respiração. É a respiração clavicular; há movimentos das costelas, clavículas, ombros principalmente. É a pior forma respiratória e exige esforço demasiado.

Produz vozes roucas, enfermidades dos órgãos vocais, respiração pela boca, etc.

Respiração média: É chamada intercostal.

O peito dilata-se parcialmente; o ar introduzido é ainda insuficiente, embora penetre em maior quantidade e com menor esforço.

Respiração baixa: respiração abdominal, profunda, diafragmática, etc. É introduzida maior quantidade de ar e exige ainda menor esforço.

Nem um desses processos permite encher de ar os pulmões. Sempre resta grande porção pulmonar ocupada com o *ar residual*.

Respiração Yogi-completa. Com esse processo, todo o aparelho respiratório se exercita.

Os músculos trabalham aumentando a capacidade pulmonar. As costelas se levantam e se abaixam, o diafragma mantém em movimentos harmoniosos todos os órgãos e os pulmões se enchem de oxigênio.

Assim é que se respira.

• 1º •

De pé ou sentado, com o busto ereto, respirando pelas fossas nasais, inala-se firmemente, enchendo primeiro a parte inferior dos pulmões, o que se obtém pondo em movimento o diafragma, o qual, ao descer, exerce leve pressão sobre os órgãos abdominais e empurra a parede frontal do abdômen.

Depois se enche a região média dos pulmões, fazendo subir as costelas inferiores, externo e peito.

Imediatamente enche-se a parte superior do peito, levantando-se este, incluindo os seis ou sete pares de costelas superiores.

Com um movimento final, a parte inferior do abdômen se contrairá ligeiramente, esse movimento apoiará os pulmões e auxiliará a encher-lhes a parte superior.

À simples leitura, parecerá que esta respiração consiste em três movimentos distintos, entretanto a ideia não é exata. A inalação é contínua

e toda a cavidade torácica, desde o diafragma até ao ponto mais elevado do peito, na região clavicular, dilata-se com movimento uniforme.

Evitar inalações bruscas e esforçar-se por obter uma ação regular e contínua.

A prática dominará rapidamente a tendência em dividir a inalação em três movimentos e dará em resultado uma respiração contínua e uniforme.

Bastarão poucos ensaios para que se possa completar a inalação em um par de segundos.

• 2º •

Reter a respiração alguns segundos.

• 3º •

Exalar lentamente, mantendo o peito em posição firme, entrando um pouco o abdômen e elevando-o vagarosamente á medida que o ar deixa os pulmões.

Quando o ar for completamente exalado, afrouxa-se o peito e o abdômen.

No fim da inalação, é útil levantar, de vez em quando, os ombros, os quais, por sua vez, elevam as clavículas e permitem ao ar passar livremente ao pequeno lóbulo superior do pulmão direito, donde se origina, algumas vezes, a tuberculose" (*A Ciência Índú-Yogi da Respiração* – pelo Yogi Ramacharaka).

Os efeitos fisiológicos da respiração Yogi-completa são extraordinários e múltiplos.

É a saúde, a disposição para o trabalho, energia, persistência, desenvolvimento intelectual.

O livro citado fala ainda de diversos exercícios respiratórios para os nervos, para ventilar e limpar os pulmões, para a voz, para estimular as células pulmonares, expansão do peito, distensão das costelas, circulação, etc.

O vestuário deve ser largo, cômodo e não pode constituir flagelo para as crianças, privando-as de brincar. De acordo com as estações, não deve estabelecer maior quantidade de calor do que o suficiente, nem deixar escapar calorias pela exiguidade.

Segundo ainda Spencer e muitos médicos e higienistas, é um mal trazer descobertas algumas partes do corpo no inverno, como as pernas das crianças, os braços, o pescoço, o colo. Posto que se habituem e não sintam frio, nem por isso deixam de ter, aí, temperatura diversa do resto do corpo, e por essas partes perdem calorias que poderiam estar concentradas para as despesas do organismo.

E tanto é necessário o calor para as crianças que elas não dormem e choram impertinentes quando, à noite, são insuficientemente agasalhadas.

Também as roupas exageradamente quentes e apertadas não permitem a renovação do ar.

A forma, a cor, a textura devem variar com as estações. Os tratados de higiene são amplos em informações e ensinamentos nesse sentido.

Quanto ao endurecimento físico espartano, preconizado também por Locke e mais ainda por J. J. Rousseau – está sujeito a muitas restrições.

Querem que o corpo e a vontade reajam até se habituar o indivíduo às modalidades do tempo, da alimentação, até que as privações não perturbem ao organismo nem o irrite. Spencer, como já vimos, condena o endurecimento físico. Compayré o acompanha e diz:

“São cousas contrárias à nossa constituição e às quais o nosso organismo não se pode acostumar”, e cita, a propósito, uma anedota de Goldsmith:

Pedro, o Grande, pensou um dia: convinha que todos os marinheiros tivessem o hábito de beber água salgada. Nesse sentido, promulgou um édito ordenando que todos os aprendizes marinheiros não bebessem senão água do mar.

As crianças morreram todas e a experiência por lá ficou!

E Compayré acrescenta: “grave erro o de deixar a saúde e a vida da criança entregue a todos os acidentes, a todos os acasos! Aqui, como em tudo mais, é preciso ajudar a natureza e, para ajudá-la, é mister conhecê-la”.

E se o educador, que se prepara a fim de velar e desenvolver o organismo da criança, não conhece as leis da fisiologia, as regras e as prescrições da higiene, se desconhece as vantagens e os perigos da ginástica, se se não preocupar com estudos da natureza do homem e sua evolução desde o nascimento – não poderá dar conta da sua missão senão de modo imperfeito, *deseducando...*

Depois, vêm os cuidados higiênicos pessoais.

O recém-nascido é tratado pela mãe e pela ama. Está à mercê do seu desvelo ou do seu desmazelo. Disso depende em grande parte a saúde e a alegria ou uma existência de torturas, de amarguras, de infelicidade compartilhada por muitos outros.

Os cuidados para com o recém-nascido, além da alimentação, do vestuário, são: asseio do corpo em geral e em particular – da boca, nariz, olhos, cabeça, ouvidos, axilas e perninhas, evitando assaduras, caspa, etc.

Banhos gerais diários e banhos parciais de esponja sempre que forem necessários.

Enxugar bem para evitar escoriações ou feridas e polvilhar com talco ou pó de arroz puro.

Água bem limpa, coada se for preciso.

Depois, já a criança vai percebendo por si mesma e *imitando*, e o educador lhe ensinará cuidados especiais e exigirá dela observância de preceitos higiênicos como escovar dentes, pentear-se, mudar de roupas, tomar banhos, lavar mãos antes e depois das refeições, respirar pelo nariz e fazer ginástica respiratória, dormir com a boca fechada (trabalho de autossugestão quando não há vegetações adenoides na garganta, etc., as quais devem ser extirpadas), mastigar bem, comer devagar e sem gulodice, comer a horas certas, – como medida higiênica e como disciplina da vontade, não tirar escondido e devorar avidamente, não pedir quando em visitas, não atirar a merenda ao chão e comê-la depois, não beber num copo já servido, não aceitar restos dos outros, não tomar café, chá ou qualquer excitante, *não chupar bicos de borracha*, não se deixar beijar, não brincar com terra para não aprender a comê-la ou não contrair verminoses, etc. etc.

Aos poucos, saberá que é preciso respirar bem para gozar saúde e sua observação, atenção, a curiosidade vai sendo desenvolvida nas explicações transmitidas a respeito das prescrições impostas. Sem livros,

sem regras, sem autoritarismo e sim pela persuasão, carinhosamente, a criança se vai educando, fortificando o corpo para gozar saúde e transmitir a alegria de viver e para a satisfação de uma inteligência robusta e vontade perseverante.

J. A. Coelho reduziu a um quadro sinótico todas as condições exteriores do meio físico capazes de atuar no educando:

.....
O meio físico

COMPÕE-SE DE AGREGADOS MATERIAIS QUE ATUAM NO ORGANISMO, E são:

Alguns astros do nosso sistema planetários.



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 117).

Está aí formulado o programa de higiene aplicado à teoria da educação. É um pequenino esboço. Nem sempre a timidez, a falta de atenção, de aplicação ou aproveitamento vêm do não desejo de aprender, e sim

provêm do estado geral do organismo – mau estômago, intestinos doentes, fígado, dentes cariados, rins ou miséria fisiológica.

E quando uma criança se modifica de repente, quando seu temperamento sofre mudança brusca, se de um dia para outro se torna vadia, sonolenta, desatenta ou turbulenta, desinquieta, é preciso ver se alguma causa interna ou se as condições a que submetem esse indivíduo na família não são os motivos dessa modificação.

Na adolescência, é comum essa passagem de um estado a outro. Por isso, higienistas, considerando tão importante o período da adolescência sob o ponto de vista higiênico e educativo, aconselham muita prudência por parte dos educadores, e olham a puberdade como um *segundo nascimento*, donde surgirá um indivíduo novo, bem diverso.

O professor deverá ter a curiosidade do cientista. Sem dúvida, ao médico compete curar, mas ao educador cumpre prever. O professor está em contato mais direto com a criança e em condições de a acompanhar na sua evolução. Deve auxiliar ao médico e à família.

A pedagogia científica não dispensa a colaboração desses três fatores.

A classificação dos alunos pelo seu mérito, de acordo com o grau de inteligência ou vontade, pelo critério comum, é pessimamente feita, injusta, prejudicial à educação: os professores não veem a diferença de idade cronológica (data de nascimento) e idade fisiológica (altura, peso, etc.), diferenças de idades e desenvolvimento dos alunos, diferença entre o tempo escolar de cada criança, idade e aproveitamento escolar, meio social, etc.

As crianças pobres, os proletários mal alimentados, salvo exceções, são os que menos aproveitam, quer no desenvolvimento físico quer no mental.

Por isso, impõe-se a assistência à infância, sob todas as formas – vestuário, alimentação, assistência médica e dentária, assistência escolar e domiciliar até que a sociedade se reorganize de modo a prover fartamente a subsistência de todos, pelo trabalho organizado, a promover o bem-estar de todos, a sentir a significação da expressão – *fraternidade humana*.

E à mulher, cumpre esses cuidados, essas iniciativas. Conservamos indiferentes, criminosamente indiferentes à miséria social, à dor universal.

As caixas escolares não devem ter outro objetivo.

Todas as futuras professoras têm por dever levar nas mãos o livro e o fogo sagrado para a regeneração da humanidade pela própria humanidade.

Sem a instrução, sem a grandeza de sentimentos alevantados de solidariedade humana e sem a saúde – impossível a verdadeira civilização.

A maldade provém da ignorância, do amor próprio, das ambições pessoais.

No momento em que revejo estas *Lições – escrevo ao som de metralhadoras e fuzis e tiros de canhão sobre a cidade* (capital de S. Paulo) indefesa, entregue a soldados há já trinta e seis horas; o pânico é indescritível; mortos e feridos inúmeros – debaixo dos próprios tetos varridos pelas balas e até agora ninguém sabe o motivo, e a insegurança é geral, a expectativa e o pasmo dominam a situação angustiosa de toda essa população (6 de julho de 1924).

E eu me lembro das mães desses oficiais e de toda essa casta governamental causadora de tantas desgraças perfeitamente evitáveis! Teriam elas pensado no seu papel de educadoras algum dia?...

Analiso a atual organização social que facilita e até impõe as guerras, as revoluções, quando o homem se esquece da sua individualidade consciente para voltar a ser o troglodita das cavernas – nas trincheiras cavadas pelos preconceitos, pelas ambições e pelo egoísmo sórdido.

Quantas crianças, quantas mulheres, quantos pais de família e quantos moços cheios de esperança já foram e ainda serão sacrificados pela sanha de soldados de ambos os partidos – senhores da situação numa cidade como São Paulo!

As professoras que me leem voltem as páginas e revejam as palavras de Anatole France.

.....

Fogos

.....

O JOGO É DE NECESSIDADE IMPRESCINDÍVEL NA VIDA DA CRIANÇA: É o próprio desenvolvimento e é a atividade para todo indivíduo – na falta de outras atividades. É quase instinto.

Na opinião de Groos, “se chamamos instinto um ato definido, é certo que o jogo não é instinto, porque põe em trabalho atividades as mais diversas”.

E Claparède diz: “O jogo é um *impulso instintivo*”.

Desde o nascimento da criança, quando os primeiros vislumbres de atenção se manifestam, ela procura brincar.

O movimento das pernas, dos braços, o olhar, o riso, são as primeiras manifestações da atividade, indispensáveis ao crescimento, ao desenvolvimento dos sentidos, à mielinização, para as elucubrações da inteligência.

Por isso, Froebel e Montessori basearam os seus processos de ensino na atividade infantil, nos jogos das crianças. Froebel foi um intuitivo maravilhoso.

Quando brincamos, vivemos na realidade – é a tendência para a imitação e o preparo para a vida séria.

É a representação, a memória orgânica, o impulso para a vida, a luta, é a personalização e a fantasia ao mesmo tempo.

É ainda o animismo, o totemismo da religião, ancestral.

A criança atravessa todas as etapas da civilização: é o selvagem em marcha para a sociedade.

Enquanto pequena, pode brincar sozinha: a inconsciência e o poder de imaginação emprestam uma alma a cada objeto e ela se sente acompanhada.

Depois dos nove anos, o instinto social exige companheiros, auditório, aplausos, galerias, espectadores, a partilha da alegria.

Quando os brinquedos são *animados* – bonecas, soldados de chumbo – as crianças fantasiam a sua plateia, o *faz de conta* exerce a função perfeita da substituição de valores e até os cria, entra em linha o *animismo*.

Não sendo assim, aos dez anos dificilmente se contenta isolada.

É esta a razão por que o filho único, criado e educado em casa, sem a companhia de outras crianças – é quase sempre incompleto, falta-lhe alguma coisa ou lhe falta tudo (se a mãe não se fez criança, acompanhando o seu desenvolvimento); é triste, sentiu desde cedo um grande vácuo no coração.

O sentimento da liberdade se manifesta nos jogos infantis: a criança é o que quer ser – fera, pessoa, locomotiva, automóvel, cachorro, cavalo ou planta.

A faculdade de observação precede à imitação.

.....

Características psicológicas resultantes do jogo

.....

PSIÓLOGOS PROCURAM DESCRIMINAR OS CARACTERÍSTICOS PSICOLÓGICOS RESULTANTES DO JOGO.
Resumamo-los num quadro sinótico:

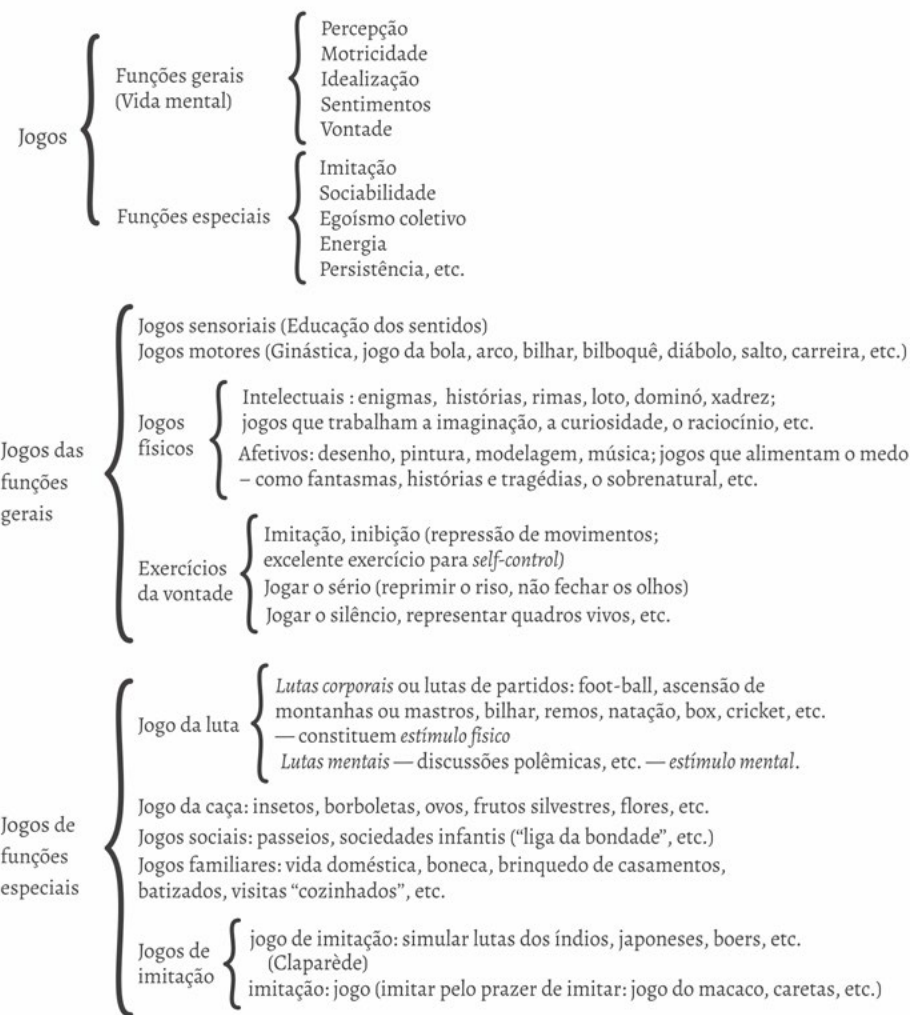
- Características psicológicas resultantes do jogo:
- Observação
 - Memória
 - Imitação
 - Simulação da realidade
 - Imaginação
 - Simbolismo, personificação, animismo, totemismo dos ancestrais
 - Oscilação entre o objeto real e o objeto simulado
 - Ilusão pessoal consciente, não necessidade, caráter convencional, temporário ou auto-sugestão.
 - É obra do mundo interior e exterior.
 - O jogo é limitado (De repente a ilusão se desfaz, basta um *não!* enérgico.
 - A fantasia, o simbolismo também tem limites: a criança não representa um animal ou um objeto quando a diferença é papável, profunda: — "você não pode ser borboleta porque não tem asas" ...
 - O jogo é verdadeiro quando persistem os dons característicos: liberdade Interior e simulação do exterior. (Podemos comparar esse simbolismo com a *maskarada e la prise de nom* ritos nas festas religiosas dos antigos, em que homens e mulheres se cobrem com peles de animais e tomam nomes dos deuses, etc., etc.)
 - O jogo é autotélico (autotelia faculdade do determinar, por si mesma, o fim das suas ações), tem seu fim em si próprio.
 - Liberdade na fantasia. Sentimento da liberdade. Necessidade ininterrupta de interesse que alimente o jogo. Os músculos ativados pelo desejo, pela vontade de vencer, estimulam as cenas reais.
 - Necessidade de companhia, instinto social.
 - Amor próprio, exibição, necessidade de plateia, galeria de expectadores.
 - Exibição do eu real e também da falsa personalidade, de parecer.
 - Generalização.
 - Abstrações.

Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 123).

.....

Classificações dos jogos ou categorias diversas de jogos

.....



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 123, 124).

É NECESSÁRIO DIRIGIR OS JOGOS DAS CRIANÇAS DEIXANDO-AS NA aparência de inteira liberdade.

Nem sempre a criança sabe inventar brinquedos e, quando só, – pode entediar-se, o que devemos evitar. O educador tem de fornecer-lhe meios, alimentar sua imaginação, fazê-la criadora de imagens e motivos.

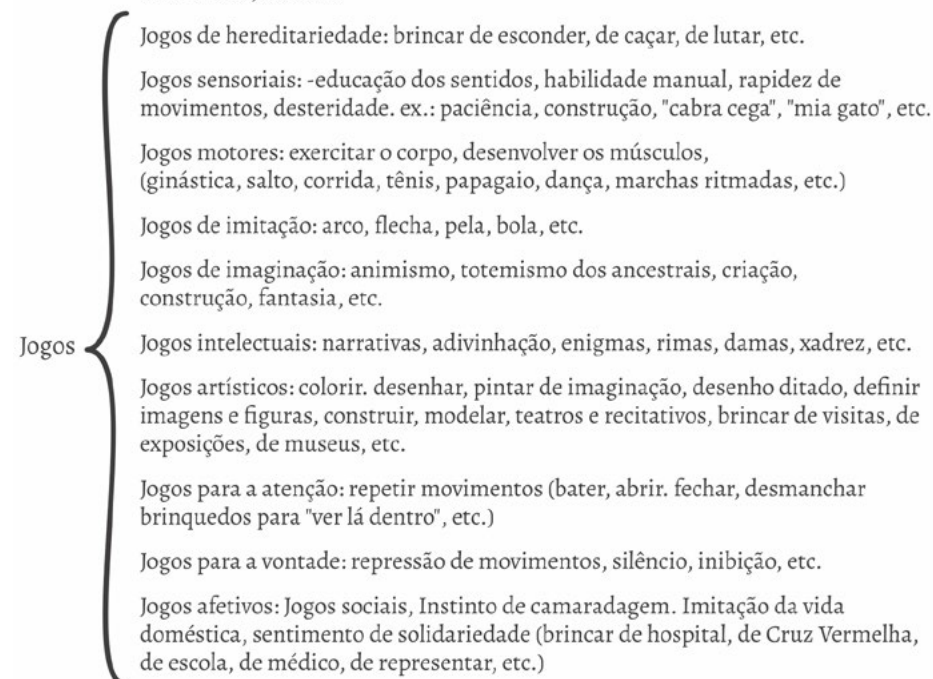
Aproveitará o efeito educativo: jogo como estimulante das faculdades mentais, do sentimento de fraternidade humana, de solidariedade, ou o lema: “Instruir deleitando” – com os jogos intelectuais e científicos – jogo de cinematógrafo, de ótica, de mecânica, jogos de Froebel, de Montessori, etc., alimentando a curiosidade, estimulando as faculdades inventivas, facilitando o conhecimento das aptidões para a escolha da profissão, para o aproveitamento de todas as capacidades e vocações.

Passemos em revista outras classificações dos jogos e os seus respectivos autores:



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 126).

Resumindo, são eles:

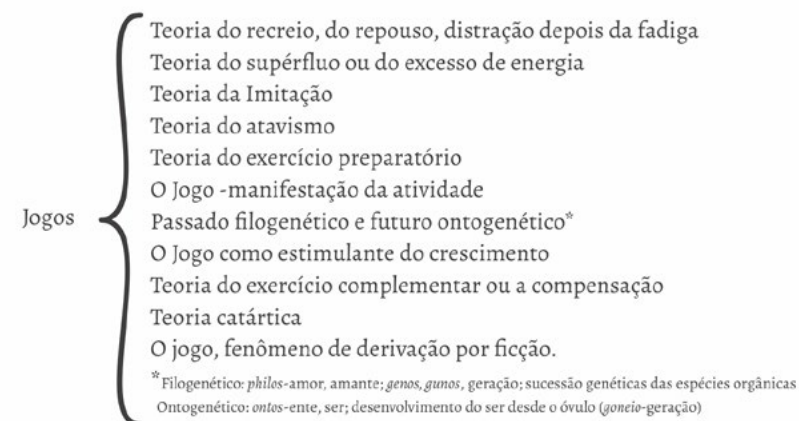


Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 127).

.....

Jogos – teoria

.....



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 127).

1º – *Recreio* - Teoria defendida por G. Muths, Lazarus, etc. Não é admissível embora seja doutrina corrente. As opiniões divergentes trazem o exemplo dos cãesinhos e gatinhos, os quais brincam sempre e não têm motivos para procurar repousar. Repousar de quê? Também as crianças brincam de contínuo, às vezes mesmo na cama, logo ao acordar, momento em que não há fadiga e sim necessidade de atividade.

2º – *Excesso de energia* – Teoria imaginada por Schiller, defendida por Spencer e Ruysen. As forças da criança, toda a sua energia, não sendo empregadas numa ocupação séria, têm necessidade de se extravasar, de algum modo, para a manutenção do equilíbrio fisiopsicológico. O jogo é a operação necessária, adaptável a essa circunstância e faz gastar as energias acumuladas e excedentes. É teoria criticada como a precedente.

Crianças há que dormem sobre os brinquedos.

Claparède chama a atenção para a “*forma determinada* que tomam os jogos entre todos os animais de uma mesma espécie”, o que se não explica por essa teoria. O gato não dá coices nem marradas; desde cedo se exercita para caçar ratos ou apanhar passarinhos, e assim sucessivamente.

3º – *Imitação* – É o desenvolvimento da teoria anterior, completada por Spencer. O jogo é a imitação da verdadeira e útil atividade. Também assim pensam Wundt, Wallaschek, Wierordt, etc.

4º – *Atavismo* – Teoria de Stanley Hall (1902). É encarada por Claparède sob dois pontos de vista:

a) jogo – *instrumento eliminatório*. Segundo a *lei biogenética* de Haeckel, “o desenvolvimento da criança é uma breve recapitulação da raça” – citação de Claparède. Atravessando a criança toda a fase evolutiva por que passou o homem, sua natureza lança mão do jogo para fazer desaparecerem as funções rudimentares inúteis no fim de alguns tipos evolucionados. Dá o seguinte exemplo: a criança joga “como o embrião da rã faz mover sua cauda para a fazer partir” (s. Hall). É inteiramente contestada. Citam os adversários dessa teoria o caso

das meninas que brincam com bonecas: serão piores mães que as outras cujos brinquedos se afastam desse – o próprio instinto da maternidade concretizado num folguedo? Ou o brinquedo com bonecas tem por fim eliminar o sentimento materno? Absurdo.

b) *O jogo é instrumento fabricatório*. Desenvolve outras funções, funções atávicas as quais são eliminadas no adulto “como a cauda do embrião das rãs que deve existir e se desenvolverá e será posta em jogo como um estímulo para o crescimento das pernas, que sem isso não chegariam nunca ao estado de maturidade” (s. Hall).

5º – *Exercício preparatório* – Teoria de Karl Groos (1896). Os jogos variam como as categorias de animais e uma espécie não se exercita com os brinquedos das outras. Os jogos dos animaizinhos se parecem com as atividades exigidas pela natureza do adulto: o gato exercita as patinhas e dá saltos para apanhar uma pena no ar, um pedacinho de papel, preparando-se, assim, astuciosamente, para a caça, etc. É o exercício preparatório, o pré-exercício e não o pós-exercício da teoria atávica.

Cada espécie se prepara em exercícios que a levem para a luta pela existência, para a vida séria.

“Não é porque o animal é jovem que ele brinca, mas há uma juventude porque ele tem necessidade de brincar”, diz Groos.

Esta tese foi presentida por J. J. Rousseau, por Froebel, Montessori, por Souriau – psicólogo francês, por John Stratchau – médico inglês. Também sofreu críticas a teoria de Groos, naturalmente pelos formuladores das outras, seus adversários.

6º – *Atividade* – Jogo – manifestação da atividade. Teoria de Patrick. Diz ele: “Se a criança faz qualquer coisa, brinca, pela simples razão de que os centros cerebrais não estão assaz desenvolvidos para funcionar e todo trabalho deles depende; por conseguinte, a atividade toma a forma dos hábitos adquiridos pela raça.

Concorda com a de Stanley Hall.

A atividade é manifestação de uma necessidade e não a própria necessidade.

7º – *Passado filogenético e futuro ontogenético* – Filogenia – de duas palavras gregas – tribo, espécie; e – geração. Sucessão genética das espécies orgânicas.

Ontogenia – do grego: ente, ser; e geração. Desenvolvimento do ser desde o óvulo.

O jogo da criança civilizada se parece com as ocupações dos selvagens, porém grandes diferenças se apresentam não explicadas pela teoria atávica. “O tipo do jogo é determinado de uma parte pela necessidade da criança, de outra parte pelo grau de seu desenvolvimento, orgânico. A criança não possui um “instinto de caça”, “instinto migratório”, mas possui, “apetites instintivos”, apetites para as sensações, para os objetos, para o desconhecido, para o movimento. “A criança parece ao mesmo tempo recapitular o passado filogenético e antecipar o futuro ontogenético” (Claparède). Teoria do americano Apleton.

8º – *Estimulante do crescimento*: – Teoria de Carr. O jogo estimula os órgãos, o sistema nervoso, as fibras, a mielinização (mielina - envoltório isolador das fibras nervosas), favorece o crescimento muscular, ativa as funções.

9º – *Exercício complementar ou da compensação*: – Teoria de Carr. Entretenimento e renovação de hábitos adquiridos; ex.: brinquedos dos adultos – linhas de tiro, evoluções militares, brinquedo de guerra, etc. Teoria contrária à de Groos, do pré-exercício. Aí é pós-exercício.

Lange apresenta a mesma teoria sob aspecto diferente. Para ele, “o jogo tem por função desdobrar tendências que dormitam nos indivíduos quando as necessidades da vida não as suscitam”. É a simulação da realidade. Claparède analisa a diferença entre as teorias: “A função do jogo não seria aqui de renovar uma aptidão já existente, mas suscitar outras funções que aquelas para as quais a vida séria apela. Na 1ª, o jogo faz um papel *suplementar*; aqui, seu papel é realmente *complementar*”. O jogo supre os motivos da vida séria.

10º – *Teoria catártica ou purgatória* – Teoria da derivação. Jogos que derivam as tendências sexuais: o *flirt*, a dança, a poesia, as novelas; jogos

derivados das tendências antissociais: luta corporal, box, escaladas, apostas, *football*, regatas, etc., os quais, satisfazendo instintos belicosos, desdobram-se numa tendência de camaradagem. É a derivação, o desembaraçar de instintos antissociais satisfazendo-os em parte.

O jogo aí tem por objetivo substituir, modificar, canalizar essas tendências. Não elimina, porém descarrega.

11º – *Jogo – fenômeno de derivação por ficção* – Livre procura de fins fictícios. Teoria de Claparède. Teoria que compreende o pré-exercício e a derivação. Diz ele: “Ce n’est pas pour attendre le but qu’on accomplit l’acte, c’est au contraire pour avoir l’occasion d’accomplir l’acte qu’on se donne le but; celui-ci n’est qu’un prétexte à déployer son activité.”¹⁶

“O domínio do jogo é o paraíso do *como se*”. “É satisfazendo as necessidades presentes que o jogo prepara o futuro”. É a substituição da vida séria.

Carr ainda estuda outras funções do jogo e são: Distrai do tédio causador da inação.

O jogo como repouso: fatiga menos que o trabalho.

Jogo – agente de desenvolvimento social – bailes, reuniões, etc.

Jogo – fator de transmissão de ideias, de costumes, agente tradicional, agente que deve ser aproveitado como fator da educação – festas comemorativas, cânticos, hinos, dança, etc., etc.

E se imaginássemos uma teoria em que estivesse em jogo o *subliminal* ou *subconsciente* ou as forças *criptopsíquicas* para o desenvolvimento e a aquisição dos nossos poderes latentes (os sentidos interiores da intuição, transmissão do pensamento, etc., etc.), para atar os laços entre o mundo físico e as energias reparadoras do meio metatério; o descanso da vida orgânica fortificando esses laços; um estado de transição da consciência subliminal levando a imaginação para a fantasia, o irreal? Embora isso pareça paradoxal: a menina brinca de dona de casa – realidade, – *fingindo ser grande, fingindo de mãe, perdendo um pouco da consciência real* (ou

[16]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Não é pelo objetivo que se realiza o ato; é, antes pelo contrário, por existir a ocasião de realizar o ato que se estabelece o objetivo; aqui está apenas um pretexto para iniciar a atividade.”.

estado chamado consciente) para que o contato positivo com a vida física não deixe ou não faça adormecer, num sono profundo, os liames que ligam a consciência às criptas do nosso próprio mundo interior – em contato com as fontes inesgotáveis das energias cósmicas. Nada li a respeito. Imaginei-o justamente ao pensar no papel da imaginação – a faculdade dos brinquedos, dos jogos, das fantasias, das artes, das criações, – a faculdade dos utopistas e sonhadores, a “louca da casa”, a faculdade que me parece como que uma ponte entre o estado chamado consciente e o inconsciente. O papel da imaginação ainda não foi delineado positivamente na psicologia oficial, muito falha. Os estudos de Flournoy, Meyers, Karl du Prel, Geley e tantos outros cientistas modernos “refutam em seu conjunto a doutrina do paralelismo psicofisiológico”. Essa doutrina nada explica com relação ao *gênio*, à precocidade, à telepatia, aos fenômenos premonitórios. Tudo isso se nos afigura um grande enigma bem assim a memória e o mecanismo do pensamento: – como se gera ele?

Que diria Meyers a respeito da nossa teoria – o jogo da criança, do homem, do artista e do criador na literatura – um elo entre o estado consciente e o subconsciente e forças criptopsíquicas, canal por onde receber energias ou estar em contato com as fontes inesgotáveis da energia cósmica?

Quantos mistérios por se desvendar?

.....

Os sonhos, a mediunidade, o histerismo, os delírios dos alienados, as comunicações espíritas, as artes, a moda, a religião, a franco-maçonaria, a política, as ordens honoríficas, as ordens do Cruzeiro do Sul, as Legiões de Honra, como as paradas militares, as polêmicas, etc., etc., – são jogos, são brincadeiras da *gente grande* na opinião de Claparède, Fanciulli, Lange, Maeder, Th. Flournoy, Schiller, Freud, etc., etc.

É o *como se de* Claparède, é a ilusão, é a substituição, o *parecer e não ser*. É a tendência para a perfectibilidade, para o desconhecido, é a função genética preparando futuras gerações mais conscientes.

Todas as grandes descobertas, os inventos, as teorias, a ciência – tudo vem da experimentação e as mais das vezes de uma brincadeira, de um jogo.

A religião, o rito, as cerimônias, são antiquíssimas tanto quanto o homem, e essas *necessidades* vão desaparecendo à medida que a inteligência se emancipa.

A superstição pode acompanhar o homem erudito, porém, imbuído de preconceitos, e não existe na vida de uma inteligência verdadeiramente emancipada de prejuízos.

As crianças, mais perto do selvagem, divertem-se extraordinariamente, brincando de soldados, de marchas, etc.; as mulheres são entusiastas espectadoras das paradas militares: gostam das roupas vistosas dos oficiais, de dragonas e cordões e do reluzir das armas, do garbo marcial (– tanto maior quanto maior for a galeria de aplausos femininos – estimulantes da vaidade masculina...), e se exaltam elas aos rufos dos tambores e ficam frenéticas ante as bandeiras, ante as multidões patrióticas e ao ouvir bandas militares.

Interessante é o contraste: as mulheres são pacifistas... É a *adaptação degenerativa* que produziu nelas o respeito e a admiração pela força bruta, pelas autoridades; é ainda o culto dos penachos selvagens, o colorido, o que é vistoso e marcial...

Quanto às crianças – também a educação cultiva o espetaculoso, o patriotismo das fachadas e das cores vistosas e marchas e paradas oficiais.

A lembrança ancestral da sua condição de escrava e odalisca ao mesmo tempo não foi apagada ainda do cérebro feminino e levará muitas gerações para se desfazer como uma sombra a esfuminho... A educação ou a *deseducação* feminina contribui para conservar a mulher sempre igual, sempre a mesma de todos os tempos.

O homem a quer na sua condição de humildade, de subalterna, de subserviente, dependendo dele, inferior a ele, escrava economicamente, para que se contente com uma joia, para que se satisfaça com o automóvel ou o vestido luxuoso.

Para o homem, o ideal é a mulher *interessante*, *bibelô*, fútil, que não saiba pensar, porém saiba exigir; uma criança grande que saiba fazer manhas, vestir-se com elegância, que papagueie bem numa sala algumas

inocências calculadas e se lhe atire ao pescoço quando ganhar um presentinho – mesmo *bombons*...

Todos pensam com Nietzsche: a mulher foi feita para brincar com eles nas suas horas de repouso e... quando estiverem dispostos...

Essa é ainda a nossa condição.

É a razão por que os heróis dos filmes americanos têm, por toda parte, apaixonadas e admiradoras.

Elas se divertem infinitamente com o espetáculo da força máscula pronta ao sacrifício da vida pela dama dos seus sonhos...

Autoridade e cavalheirismo, brutalidade e carícia... Gina Lombroso conheceu bem a alma da mulher para escrever o seu livro triste, resignado e passivo.

Aliás, tudo é jogo. Jogo dos homens... jogo das mulheres...

A Terra é um imenso *gimnasium* e a humanidade aí se exercita “dês que nasce té que morre” ...

.....

Montessori faz notar que transformamos ou substituímos a autoeducação do trabalho livre, dos jogos de construção, dos exercícios dos sentidos – pelos brinquedos ruidosos e jogos coletivos os quais dispersam a atenção e desbaratam as energias individuais.

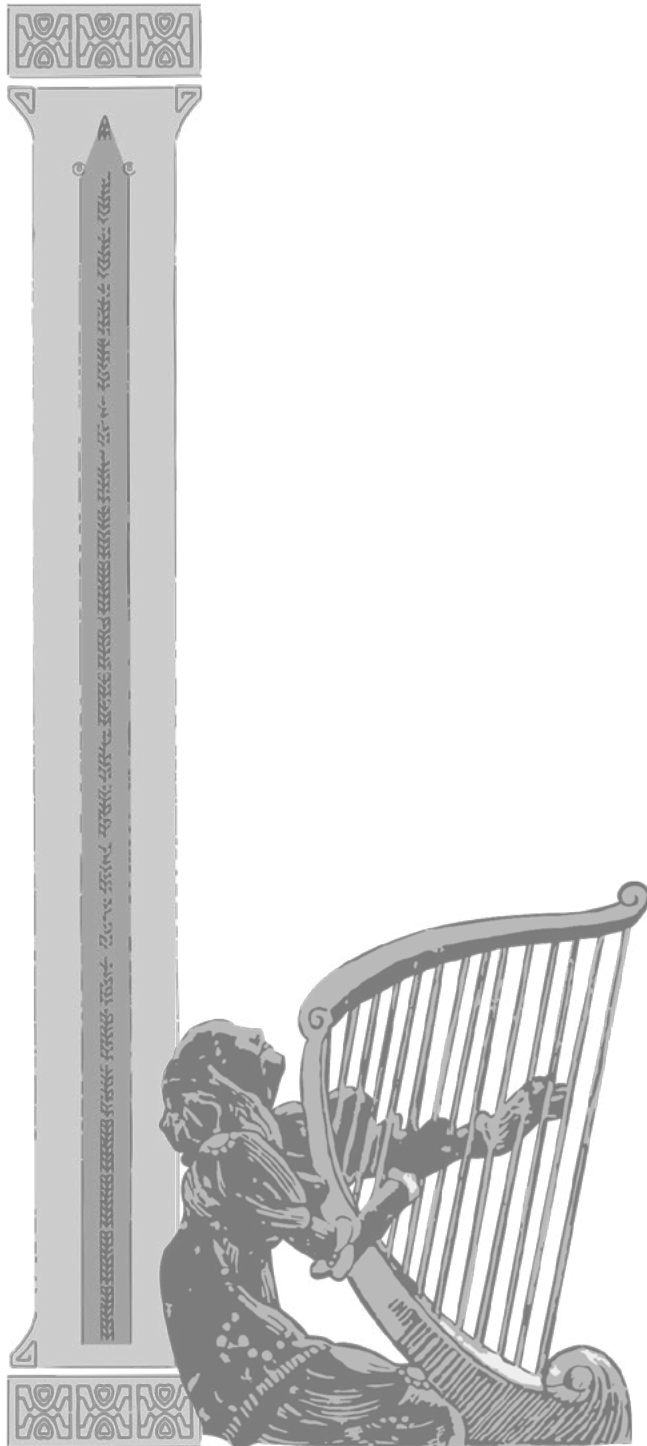
Para Montessori, se toda a vida vem de dentro para fora, a educação é sempre individual; a disciplina vem da vida interior, da adaptação muscular e psíquica. Assim, a autoeducação, a disciplina interior, toda a energia, toda a atividade, a vontade, a iniciativa, a paciência, a perseverança, finalmente, todas as virtudes ativas provêm da atividade individual voltada para um estímulo necessário no momento da evolução e pelo qual o desenvolvimento fisiológico e psíquico se faz – *sempre individualmente*. Os erros e a reparação desses erros são trabalhos mentais do indivíduo e daí é que surge a sua adaptação interior, a evolução psíquica para a autoeducação, para o domínio próprio. A criança lucra muitíssimo mais quando constrói sozinha, num cantinho, o seu balão de papel de seda ou o seu papagaio ou quando cola e descola pela milésima vez a sua

coleção de selos do que quando joga o *football* ruidoso ou a peteca ou esses inúmeros brinquedos que abafam a energia interior no ruído exterior.

Notamos que todas as invenções, as mais belas obras de arte, de literatura, tudo quanto tem saído dos gabinetes dos sábios – absolutamente tudo é feito no silêncio, na vida introspectiva, na solidão de si mesmo.

O que fazemos é inteiramente contrário: abafamos na criança o germen desse desenvolvimento, adormecemos as energias que moram nas criptas interiores do nosso *eu*, e acordamo-la para tudo que é efêmero, transitório, fútil, dispersivo, leviano e vulgar.

No meu livro a sair, “*Montessori*”, tratarei mais largamente do assunto referente à autoeducação.



Capítulo III



Educação dos sentidos

Comme tout ce qui entre dans l'entendement humains y vient par les sens, la première raison de l'homme est une raison sensitive; c'est elle qui sert de base à la raison intellectuelle: nos premiers maitres de philosophie sont nos pieds, nos mains, nos yeux. Substituer des livres ` tout cela, ce n'est pas nous apprendre à raisonner, c'este nous apprendre à nous servir de la raison d'autrui; c'est nous apprendre à beaucoup croire, et à ne jamais rien savoir.

Pour exercer un art, il faut comencer pour s'en procurer les instruments, et, pour ponvoir employer utilement ces instrumentes, il faut les faire assez solides pour résister à leur usage.

Pour apprendre à penser, il faut done exercer nos membres, nos sens, nos organes, qui sont les instrumentes de notre intelligence; et pour tirer tour le partil possible de ces instruments, il faut que le corps, qui les fournit, soit robust et sain. Ainsi, loin que la véritable raison de l'homme se forme indépendeamment du corps, c'est já bonne constitution du corps qui rend les opérations de l'esprit faciles et sûres."

(Como tudo o que entra na compreensão humana, entra através dos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão sensível; a base da razão intelectual: os nossos primeiros mestres da filosofia são os nossos pés, as nossas mãos, os nossos olhos. Substituir os livros por tudo isso não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a usar a razão dos outros; é ensinar-nos a crer na beleza, e a nunca saber nada.

Para praticar uma arte, é necessário começar a procurar os instrumentos, e, para empregar utilmente estes instrumentos, é necessário torná-los suficientemente fortes para resistir ao seu uso.

Para aprender a pensar, é necessário exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência; e, para retirar todas as possibilidades desses instrumentos, é necessário que o corpo, que os fornece, seja robusto e saudável. Assim, longe do fato de que a verdadeira razão do homem é formada independentemente do corpo, é a boa constituição do corpo que torna as operações da mente fáceis e saudáveis.)

(J. J. ROUSSEAU – EMILE)

Educação dos sentidos. Sentido da vista. Miopia. Profilaxia da miopia. Sentido cromático. Exame da vista. Sentido do espaço visual. Sentido da proporção. Exercícios. Audição. A voz. O tato. Hellen Keller. Sentido muscular. Canais semicirculares. Sentido orgânico ou vital. Sentido estereognóstico. Sentido térmico. Sentido bórico. Olfato. Paladar.

A FISILOGIA EXPERIMENTAL DEMONSTRA POSITIVAMENTE a necessidade da educação dos sentidos, provando que o cérebro se desenvolve e se aperfeiçoa com o auxílio dos órgãos sensoriais.

Assim é que Berger (citado por Vasconcelos) sutura um olho a um cão quando nasce; meses depois, sete ou oito, mata-o e constata que, no cérebro, na região da camada cortical correspondente ao olho suturado, os neurônios ou células nervosas com os seus filetes correspondentes permaneceram no estado rudimentar, ao passo que, na região correspondente ao olho perfeito, houve aumento de prolongamentos das células nervosas.

Outra experiência de Flechsig, citada pelo mesmo autor, prova ainda que o desenvolvimento das massas e fibras nervosas do cérebro se faz mediante o exercício dos sentidos.

Há uma substância chama mielina que protege as fibras nervosas. À nascença, ela não existe; forma-se pouco a pouco. Flechsig tomou um cãozinho de quinze dias antes do termo; quinze dias depois nasce outro da mesma mãe; daí a quinze dias, ele os mata e vê: no primeiro, que viveu trinta dias, a mielinização é mais perfeita que no outro, nascido em tempo certo, mas vivendo ou tendo vivido apenas quinze dias.

É que os sentidos do primeiro funcionaram durante mais tempo, tendo concorrido esse fato para o desenvolvimento das fibras e, assim, da sua mielinização.

Outro fato observado por todos demonstra ainda a necessidade do desenvolvimento dos sentidos por meio de atividade sensorial, por meio de exercícios: as crianças das cidades, habituadas, desde tenra idade, a uma vida agitada, ao movimento constante das ruas de maior trânsito, a examinar *vitrines* ou mostradores, ao rumor dos carros e automóveis, a ouvir música, a apreciar pinturas e obras de arte, são *mais vivas* e têm

mais iniciativa, defendendo-se melhor que as dos meios pequeninos, vivendo comodamente uma vida monótona, de atividade limitada.

A educação dos sentidos deve ser geral e especial.

Geral é a que tem por fim o desenvolvimento de todos os sentidos, gradativamente.

Especial – o exercício de um ou outro dos sentidos – para a aprendizagem de uma arte ou ofício.

A educação sensorial de um sentido determinado deve ser o aperfeiçoamento, de acordo com as necessidades profissionais, depois do desenvolvimento ou da educação sensorial geral.

Foi Rousseau quem primeiro e quem mais detalhadamente dissertou acerca da importância da educação dos sentidos para a vida prática.

Froebel e Pestalozzi puseram-no em prática.

“Ver e nomear” era a nota fundamental do processo pestalozziano.

Todo ponto de partida da educação intelectual reside nas sensações, dizia o célebre educador suíço, admiravelmente intuitivo.

Também Mme. Necker de Saussure muito apregoou a educação dos sentidos. E Mm. Pape Carpentier imaginou diversos instrumentos ou aparelhos para esse fim.

Compayré quer ainda mais: “Il n’y a pas seulement en effet une éducation intellectuelle, il y a une éducation morale des sens”¹⁷.

É a educação da energia, da ação, da persistência, da resistência, da abstinência, da temperança – sem os exageros de Locke no “endurecimento físico”.

É também o objetivo, o fim a atingir, tão bem descrito por A. Espinas no artigo “Observation” do dicionário de Buissou: “Deux personnes se promènent dans la campagne à la recherche d’insectes; l’une d’elles est un naturaliste; il est myope; l’autre a de bons yeux, mais ce ne sont pas des yeux d’entomologiste; lequel pensez-vous qui trouvera le plus d’insectes dans l’herbe ou dans le feuillage? C’est le myope. Il les reconnaît si instantanément, qu’il parait les deviner. L’observation doit donc toujours être éclairée par des prévisions de l’observateur; l’idée de la forme et du fait possibles nons rend seule perceptibles la forme et le fait réels: il faut

[17]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Não existe apenas uma educação intelectual, há uma educação moral dos sentidos.”.

qu'une attente définie de l'esprit imprime aux sens une direction déterminée pour que leur activité soit fructueuse"¹⁸.

E tudo isso só é obtido com a autoeducação de Montessori, compreendida magistralmente no sistema aplicado com felicidade nas Casas dei Bambini.

Montessori parece ter resolvido o problema da educação dos sentidos, através de Itard e Seguin.

O objeto da Pedagogia não é a medida das sensações; se se procuram medi-las é com o fito único de achar o meio mais fácil de conhecê-las para a antropologia, a medicina, a psicologia, aplicadas à pedagogia.

A pedagogia deve visar mui principalmente à educação sensorial.

Ao médico, competem as operações psicométricas para o conhecimento anatômico e patológico do indivíduo. A antropologia deve estar a cargo do cientista. Ao professor, cumpre observar, desenvolver, dirigir, auxiliar, educar.

Por isso, Montessori estabelece bem distintamente os dois papéis e os limites onde se devem encontrar o cientista e o educador. E condena os instrumentos psicométricos, ou melhor, estesiométricos – grandes *consumidores de energias*, quando “o fim da educação é o desenvolvimento das energias”.

Para examinar as crianças, é preciso tato, “a escolha do material didático que as possa interessar”; “escolha de objetos *estritamente necessários à educação sensorial*”.

E, se o objetivo da educação dos sentidos é o desenvolvimento da inteligência com todas as suas faculdades de observação, raciocínio, julgamento e escolha (vontade, ação, autoeducação), – ainda uma vez e como sempre tem razão Montessori quando diz:

Assim como o mestre não pode fornecer ao discípulo a agilidade *adquirida* pelo exercício da ginástica, e é necessário que o discípulo *se aperfeiçoe pelo trabalho próprio*, assim

[18]. **Nota do Org.:** Em tradução livre: “Duas pessoas caminham pelo campo em busca de insetos; um deles é naturalista; ele é míope; o outro tem bons olhos, mas não são olhos de entomologista; qual você acha que encontrará mais insetos na grama ou na folhagem? É o míope. Ele os reconhece tão instantaneamente que parece adivinhá-los. A observação deve, portanto, ser sempre informada pelas previsões do observador; somente a ideia da forma e do fato possíveis torna perceptível a forma e o fato reais: uma expectativa definida da mente deve imprimir uma direção determinada nos sentidos para que sua atividade seja frutífera.”

também a *educação dos sentidos*, o mestre não deve intervir senão numa *parcela ínfima*.

Aprendemos a ver, a observar, a analisar, a ouvir, a comparar, a julgar, a agir, como aprendemos a ler.

E os sentidos nos advertem, dão-nos sensações de dor e prazer, mostram-nos o perigo e são guardas da vida vegetativa e intelectual.

Cultivar os sentidos é excitar a curiosidade para a instrução e para a iniciativa.

Os sentidos são os mais altos instrumentos de perfectibilidade da inteligência.

Locke, Comênio, Condilac o compreenderam também e o apregoaram.

Antes de entrarmos no estudo especializado de cada sentido, não nos esqueçamos de que “la première condition du fonctionnement régulier des sens, c'est l'hygiène de leurs organes”¹⁹, no dizer de Dufrenne.

Além dos sentidos clássicos – vista, ouvido, tato, olfato, paladar, há ainda outros, desdobramentos dos primeiros, e são: sentido cromático, sentido do espaço visual, sentido da proporção (vista), sentido térmico, sentido de dor, sentido muscular, sentido bórico, sentido estereognóstico (contato, pressão, tato;) sentido da vida – orgânico ou cenestesia ou sentido vital, sentido do equilíbrio (canais semicirculares do ouvido interno), etc., etc.

.....
Sentido da vista
.....

“Sons que o ouvido acolheu, de presto se esvanecem;
Mas o que o olhar fiel à mente nos conduz,
Cala n'alma impressões, que raro nos esquecem,
Incutidas ali pelo raiar da luz.”

[19]. **Nota do Org.:** Em tradução livre: “a primeira condição para o funcionamento regular dos sentidos é a higiene dos seus órgãos.”

PEDAGOGISTA CÉLEBRE FAZ NOTAR A PROGRESSÃO DO CONSUMO DE *pince-nez* e óculos, achando que a causa única é a falta da educação da vista e, mais ainda, da higiene desse sentido.

As mais das vezes, a vista é fraca devido à fraqueza geral do organismo e nesse caso só o cuidado, a higiene geral restabelece o equilíbrio do órgão afetado.

A má distribuição de luz e o excesso de trabalho que depende do órgão visual, ou a falta desse mesmo trabalho em exercícios moderados – concorrem para a fraqueza da vista.

Outra causa da vista defeituosa, fraca ou míope é a falta dos cuidados com os recém-nascidos ou com os escolares.

Devem ser habituados à luz, pouco a pouco, paulatinamente. Que os órgãos visuais, as pálpebras, os cílios, o rosto conservem-se muito limpos.

A colocação da cama ou berço, do carrinho, cadeirinha, etc., deve merecer cuidado especial.

Serão evitadas, aos recém-nascidos, as mudanças bruscas de cores vivas, berrantes, a claridade em excesso ou a luz artificial forte.

A criancinha deve ser colocada de modo a não se deixar que a luz fira de frente a sua retina.

Muito daltonismo é considerado miopia, quando foi apenas o resultado de falta da educação da vista, e a miopia é, muitas vezes, o resultado da posição viciada nas carteiras ou nos bancos escolares, diante de um caderno ou de um livro mal iluminado.

Os modelos mal impressos, os livros de tipos miúdos, a atitude viciosa das crianças, a luz das salas de aula, bem como as carteiras mal adaptadas aos alunos, – tudo isso é causa de tanta vista fraca, míope, defeituosa, cansada.

.....

Spencer acha que, “do poder de observar, dependem os sucessos em todas as cousas”.

“Antes da idade da razão, a criança não recebe ideias, mas imagens”, e acha Rousseau que

as primeiras faculdades que se formam em nós são os sentidos. São as primeiras que é preciso cultivar; são as únicas das quais se esquecem ou das quais não se lembram nunca. Exercer os sentidos não é somente fazer uso deles: é aprender a bem julgar por eles, é aprender, por assim dizer, a sentir; porque, não sabemos nem tocar, nem ver, nem entender senão como aprendemos.

É preciso ensinar a criança a olhar em vez de ver, e depois, ensinar a observar em vez de olhar, porque são cousas bem diversas.

Há duas vantagens incontestáveis com a educação da vista: a primeira é a que concorre para o desenvolvimento intelectual por meio do órgão sensorial; a segunda é a vantagem resultante do exercício propriamente dito: auxilia a todos os outros sentidos, fazendo apreciar os objetos de uma maneira mais sensível, mais perfeita, mais nítida.

Esta educação deve começar logo que a criança dá mostras de apreciar, ver e distinguir as cousas, em exercícios nos quais o educador lhe apresentará objetos de cores atraentes, estímulos provocadores de sensações agradáveis.

Depois, quando a criança já aprecia figuras, o educador lhas apresentará, chamando a atenção para os fatos principais, em linguagem apropriada à idade e à sua compreensão.

Mais além, quando o educando já lê ou conhece letras, sinais, pelo menos, – coloque-se a distância uma cadeira na qual ficará ele bem à vontade e, de longe, mostrem-lhe livros com letras grandes, coloridas, palavras conhecidas do seu vocabulário, gravuras representativas e que ele faça esforços para ler, observar e descrever o que vê, à medida que o educador se afasta da cadeira.

Que observe e compreenda as ilusões a que está sujeita a vista, por exemplo, a correria de casas e árvores quando viajamos em estradas de ferro, a perspectiva de uma alameda de bambus que parece encontrar-se a distância, etc., etc.

Que as crianças se exercitem em jogos de tiro ao alvo, exercícios de pontaria, em cálculos de distâncias, de dimensões, conhecendo previamente o metro e seus submúltiplos, que saibam apreciar as formas dos objetos, os efeitos de luz, o efeito das cores na água, o poente, as tonalidades do céu, as nuvens, as paisagens, etc., mesmo porque “os sentidos

são órgãos intermediários que põem nossa alma em comunicação com o mundo material”.

Verificar a vista pelo tato é também de grande importância na educação orgânica dos sentidos.

O sentido da vista é chamado sentido artístico e assim deve ser educado, observando e apreciando o belo e as suas concepções – através das obras de arte.

O desenho é o primeiro exercício que a criança fará, antes da leitura, do cálculo, etc.; mas o desenho agradável, atraente, a pintura aquarela, o desenho a pastel, tudo enfim que a faça vibrar de contentamento e desenvolva o seu espírito de observação e o gosto artístico.

Nada disso é obrigatório, pelo contrário, a liberdade é uma das condições primordiais da educação artística.

A arte é criadora, é espontânea, é livre, é demolidora e construtora.

Também não pedimos, para isso, aulas especiais ou aparelhos feitos a capricho como queria Mme. Pape Carpeutier, mas apenas que se aproveitem as oportunidades, as ocasiões.

.....

As perturbações da visão e da audição fazem os arriérés, bem assim – os atrasados mentais, na sua grande maioria, têm defeitos visuais ou auditivos.

Os defeitos dos órgãos e auditivos, na escola, são em maior número do que se supõe.

Há grande importância na colocação dos alunos nas carteiras, segundo a acuidade visual e auditiva de cada qual.

As crianças, também sob esse ponto de vista, devem ser bem observadas pelo educador.

As distâncias entre as carteiras e os quadros-negros e mapas obedecerão ao critério da acuidade auditiva e visual dos educandos.

Assim, os quadros-negros apagados, acinzentados, desbotados, os mapas descoloridos pelo tempo – precisam ser abolidos em benefício dos órgãos visuais dos alunos.

Segundo estatísticas – a anormalidade da visão na escola, sobe a 46% e a 61%.

Provam-se os fisiologistas que as perturbações e deficiências da vista aumentam com a idade escolar.

.....

Miopia

.....

A MIOPIA, PARA ALGUNS ESTUDIOSOS DA QUESTÃO, PASSA COMO sendo moléstia essencialmente escolar.

Segundo a estatística de Motais (suíça-alemã), a percentagem é a seguinte:

“Número de míopes nas classes inferiores:	(?),0%
” ” ” ” ” médias:	17%
” ” ” ” ” superiores	35% ou 37%
” ” ” ” ” na divisão superior:	46%
” ” ” ” ” em alguns liceus:	80%

A luz da sala de aula (insuficiente ou mal distribuída ou exagerada) influi consideravelmente na aquisição da miopia, assim como as más atitudes e os caracteres dos livros.

Os desenhos na escrita, os erros de ortografia, em grande parte podem ser atribuídos a anomalias visuais, aos raios de sol batendo no quadro-negro ou nos cadernos, etc.

Em geral, os melhores alunos tomam os primeiros lugares, as melhores carteiras da frente, perto do professor, dos mapas, do quadro-negro.

A ordem deveria ser diversa: adiante ficariam os atrasados, os menos atentos, os de visão e audição anormais, ou melhor: salas perfeitamente adaptadas para evitar os maus lugares!

Também a estatística de Cohn (Hamburgo) prova que a miopia aumenta com a idade escolar, trabalho intelectual, insuficiência da luz durante o trabalho, posição do escolar, mobiliário inadequado, livros mal impressos, etc.

“Míopes nas escolas rurais de Breslau	05,2%
” ” ” ” ” elementares	14,7%
” ” ” ” ” médias	20,5%
” ” ” ” ” nos ginásios	31%
” ” ” ” ” nas universidades.....	59%

Estatísticas feitas na Rússia, em Wiesbaden, etc., dão cifras idênticas.

Em Londres (1903), num inquérito ficou constatado que 10% das crianças veem mal.

Em Leipzig, 13%.

Todos os resultados combinam nessas averiguações: miopia – moléstia escolar; aumento da miopia com a idade escolar.

A propaganda da miopia é proporcional ao trabalho escolar, aumenta nos internatos, é maior entre os mais adiantados, entre os que empregam maior esforço.

O sexo parece não influir.

A miopia varia com as raças. Predomina nos países brumosos.

O desenvolvimento da miopia é devido aos esforços de acomodação e convergência, esforços em razão da necessidade de olhar, de perto, objetos pequenos, mal colocados em relação aos olhos e mal iluminados.

A miopia pode ser à direita e à esquerda.

É a diminuição do poder visual, vista curta, visão de perto.

Míope – indivíduo que tem a vista curta – (de duas palavras gregas: fecho + olho.) Diz-se: *miopia* e míope (R. Galvão).

Presbitia é o contrário. O *presbita* só vê de longe; tem a vista confusa quando os objetos são encarados de perto, e nítida quando os encara de longe.

.....

Profilaxia da miopia

.....

COMBATER A IMOBILIDADE PROLONGADA, FAZER MUDAR DE POSIÇÃO em classe, alterar os exercícios, reduzir ou proibir os deveres feitos em casa, e os trabalhos à noite, adotar móveis convenientes ao desenvol-

vimento dos alunos, ou por outra: móveis de acordo com as estaturas; regular a intensidade da luz, aulas atraentes, *aplomb* do corpo, evitar a miséria fisiológica, o frio que obriga a uma posição prejudicial, prevenir e corrigir os defeitos da coluna vertebral, renunciar aos processos de escrita que forcem o aluno a tomar posições viciosas, evitar livros mal impressos, quadros-negros e mapas desbotados e velhos.

Malerowski propõe imprimir letras brancas sobre fundo preto.

Escrever pouquíssimo nos primeiros meses de escola; não deixar a criança olhar muito de perto os objetos; evitar esforços intempestivos, mudanças bruscas de luz; evitar a congestão das faces, cansaço, fadiga, não trabalhar à noite; proibir lunetas e monóculos (os quais diminuem a acuidade visual) ou usá-los apenas por indicação médica.

Evitar óculos no trabalho de perto e olhar o mais longe possível, à distância de 33 ou 35cm quando ler ou escrever.

Não exigir atenção demorada; renovação do ar; paredes nem muito claras, brilhantes, nem muito escuras.

“Escrita direita, sobre papel direito, corpo direito”. A posição é boa quando a metade superior do corpo está ereta, a bacia e os ombros paralelos às bordas da mesa, a cabeça muito pouco inclinada para diante, o antebraço somente apoiado à mesa e igualmente à direita e à esquerda.

Aulas de cinquenta minutos no máximo e descanso depois de cada aula, com permissão para saída, ou melhor: retirada de todos os alunos da aula, mudança de ambiente ou descanso de alguns minutos noutra sala.

Os menores terão menos tempo de aula.

Idade escolar: depois dos sete anos.

As entrelinhas dos livros devem ter uma medida certa: muito estreitas ou muito largas prejudicam a vista.

Papel ligeiramente amarelado e tinta preta: *abolição das ardósias*, escrita vertical redonda.

.....

Ameropias – anomalias da visão, da refração, compreendendo a miopia e as hipertrofias ou vista cansada.

Ametrope – diz-se do olho em que o ponto da visão distinta está situado fora do plano da retina, ou para diante ou para trás.

Ambliopia ou *ambliopia* – diminuição da acuidade (agudeza) visual.

Ambliópe – o que padece de enfraquecimento e grande falta de vista.

Astenopia – diminuição da possibilidade de trabalhar durante algum tempo, ou impossibilidade de aplicar seguidamente a vista a objetos próximos.

A *astenopia nervosa* pode e deve ser objeto de exame do professor.

É, como disse, a impossibilidade de aplicar seguidamente a vista a objetos próximos.

É observada mediante a leitura, a distância, de caracteres variados.

É preciso estabelecer a diferença entre a astenopia e outras moléstias nervosas provenientes de causas diversas: moléstias graves, convalescença, ou provenientes de defeitos orgânicos.

Emetrópidos ou *emetrópes* são os indivíduos de visão normal (do grego: *conforme a medida*).

Astigmatismo – desordem na visão: os raios luminosos partidos de um centro não se veem reunir em um só ponto.

Para saber se a criança é astigmática, cita Vasconcelos (*Lições de Pedagogia*) os seguintes caracteres:

- 1º – não vê um ponto luminoso como um ponto, mas como uma pequena linha vertical ou horizontal, segundo as distâncias;
- 2º – vê os caracteres impressos e em geral todos os objetos alongados no sentido dos círculos da difusão;
- 3º – vê muito bem através de uma fenda;
- 4º – não vê ao mesmo tempo, nem com a mesma nitidez, linhas verticais e horizontais colocadas num mesmo grupo;
- 5º – não vê os quadros tão mal de longe como de perto.

O sentido da vista nos dá as seguintes noções: de direção, volume, distância, peso, movimento.

O sentido muscular trabalha concomitantemente com a vista.

Corrigir os defeitos visuais é melhorar as condições do aluno, auxiliando-o a ganhar terreno contra o atraso mental.

O sistema nervoso, as células, neurônios e fibras se desenvolvem com os exercícios dos sentidos: as anomalias visuais ou auditivas atrasam o desenvolvimento e a adaptação do sistema nervoso.

De grande importância é o funcionamento dos dois olhos, em exercícios alternados.

Sempre há diferença do poder visual ou de acomodação de uma ou de outra vista.

Para o completo desenvolvimento das células nervosas correspondentes – é necessário o funcionamento regular de ambos.

Fazer os exercícios com uma e outra vista, alternativamente, vendando ora uma ora outra.

.....

Sentido cromático

.....

O SENTIDO CROMÁTICO DESENVOLVE-SE MAIS TARDE E IRREGULARMENTE.

É o sentido das cores ou o que as distingue.

Ley, Séguin, Demoor e muitos outros cientistas observam que alguns anormais, os atacadados mentais não representam ou não percebem as cores senão de modo imperfeito e com incríveis dificuldades.

Sobre a preferência das cores, têm feito muitas *enquetes* (experiências, investigações, averiguações, etc.), parecendo que as cores preferidas são: azul, vermelho, violeta, em primeiro plano; depois outras.

Os exercícios para o aperfeiçoamento do sentido cromático são: fazer nomear e separar cores, agrupá-las em ordem de tonalidades, fazer apanhar e mostrar cores diversas, etc.

Para o exame do sentido cromático, aplicar o processo verbal: dá-me o vermelho, dá-me o azul, o verde; que cor é essa? E esta?

Aplicar o processo mudo: tomar um objeto colorido e, sem mencionar a cor, pedir à criança outro objeto idêntico quanto à tonalidade: dá-me uma cor igual à que tenho na mão.

Séguin, na sua lição, faz sobressair três tempos:

1º tempo: – *associação da percepção sensorial com o nome.*

Apresentam-se à criança duas cores: vermelho e azul; apresentam-se a primeira, diz-se simplesmente: *é vermelho!*; Apresentando-se o azul: *é azul!*

Dá-se um momento à criança: põem-se os objetos sobre a mesa.

2º tempo: – *reconhecimento do objeto correspondente ao nome.*

Diz-se à criança: dá-me o vermelho; dá-me o azul.

3º tempo: – *recordação do nome correspondente ao objeto.*

Mostra-se o objeto e diz-se: qual é? Ou como é?

A criança responderá: *vermelho, azul.*

O contraste auxilia a memória cromática.

Montessori acrescenta, na *Case dei bambini* (crianças de dois a seis anos), o seguinte: se a criança não acerta – é que ainda não era tempo dessa associação; faz-se-lhe uma carícia, não se lhe corrige nem se diz se errou ou acertou: deixa-se o exercício para outra ocasião.

Muitas vezes, não há anomalias e a criança não sabe os nomes das cores ou então há apenas pequeninas confusões que desaparecerão com os exercícios sistemáticos dos órgãos visuais.

Os exercícios devem começar com as cores vivas e aos pares: verde e vermelho, por exemplo; amarelo e azul; laranja e preto; branco e violeta, etc.

As tonalidades como do vermelho ao rosa claro serão apresentadas pouco a pouco e mais tarde.

.....

Anomalias do sentido cromático:

.....

Acromatopsia: daltonismo diacromático ou impossibilidade de distinguir uma ou mais cores (*a* = privação + *croma* = cor + *ops* = vista + o sufixo *ia*).

Pizzoli define: cegueira para todas as cores.

Discromatopsia: espécie de daltonismo em que a vista confunde certas cores com outras que distingue (*dis* = mal).

Acloropsia: cegueira para o verde; *a* + *cloro* = verde + *ops* = vista.

Daltonismo confusão do verde com o vermelho.

Estado visual descoberto por Dalton – físico e químico inglês, o qual sofreu dessa anomalia.

O daltonismo é, as mais das vezes, congênito, porém certas perturbações (pancadas, ferimentos nos olhos, fadiga da vista, etc.) podem provocar o daltonismo adquirido, curável ou não.

Todas as anomalias da visão em relação ao sentido cromático podem tomar o nome de daltonismo, e daí essas anomalias às quais ainda acrescentaremos:

Aneritropsia: cegueira para o vermelho, ou:

Aneritroblepsia: *an* = privação + *eritros* = vermelho + *blepis*, *ops* = vista + sufixo *ia*.

Akianopsia: *a* + *eianos* = azul + *blepis* ou *ops* = vista, sufixo *ia*.

O daltonismo não tem consequências senão as de impedir o exercício de determinadas profissões para as quais é indispensável o distinguir as cores; por ex.: os maquinistas das estradas de ferro não podem ter essas anomalias.

Assim, o daltonismo pode ser *diacromático* (afecção visual não distinguindo ou não confundindo duas cores) e *policromático* (afecção dos que não distinguem ou confundem muitas cores, porém, não todas).

.....

Exame de vista

.....

O EXAME DE VISTA, SEGUNDO BINET E SIMON, É DIVIDIDO EM DUAS partes: – a parte pedagógica, feita pelo professor e pelos pais; e a parte médica, executada pelo especialista, no caso em que o primeiro exame verifique anomalias visuais.

O exame pedagógico tem por fim saber até que distância a pessoa é capaz de ler caracteres impressos, de grandeza determinada.

O médico estudará o defeito visual para corrigi-lo.

Há diversos aparelhos para a medição pedagógica da vista: – perímetro, campímetro, cromato-estesioscópico, escalas optométricas, etc. (peri – à roda de; medida em volta, circunferência.)

É o suficiente: – o mais é de alcance médico, vai além das atribuições do professor.

A este, cumpre apenas distribuir o trabalho relativo à capacidade do aluno e advertir os pais das anormalidades por ele descobertas com relação à acuidade sensorial, caso haja necessidade do concurso médico.

O cromato estesioscópico pode ser feito facilmente, bem como a escala optométrica.

O cromato é uma tábua dividida em quarenta e oito compartimentos ou depressões circulares: em cada uma dessas depressões (como o vão onde se introduz um puxador de gaveta) se adapta uma rodela de madeira com o respectivo pegador (tal como nos móveis antigos).

Tiram-se todas as rodela; são móveis.

São seis cores, cada uma com oito tonalidades, do mais claro ao mais escuro.

A tábua toda é também colorida em linha vertical – igual às oito tonalidades; e, em linha horizontal – igual às seis cores.

A criança colocará cada tonalidade no lugar respectivo, o que não é nada fácil para qualquer adulto não habituado às *nuances* delicadas.

Num quadro de papel cartão, também podem ser pintadas as cores e as suas gradações para o exame cromático.

As cores do cromato estesioscópico (*croma* = cor; *estesios*, *aistesis* = sensibilidade, sensitivo, eu sinto + *ops* = vista) são: vermelho, azul, violeta, verde, preto (do preto ao branco), alaranjado (até o amarelo bem claro).

Montessori usa novelos de lã e bolas cobertas de crochê.

.....

Escala optométrica de Binet e Simon

.....

A ESCALA CONTÉM LETRAS DIVERSAS. É COLOCADA AO AR LIVRE, à altura dos olhos, em muro descoberto, no interior do pátio.

O exame é feito entre dez [da manhã] e duas horas [da tarde], evitando-se os dias nublados.

A escala contém ordens de letras em diversas dimensões.

As letras estão isoladas, não formando palavras, para evitar o esforço de adivinhação na leitura – pelo aspecto de palavras conhecidas.

Há, na escala, três linhas de caracteres de tamanhos diversos.

Na linha inferior, há letras de 7mm de altura, para serem lidas a 5 m de distância.

A proporção está em relação com as linhas superiores.

A segunda é lida a dez 10 m de distância; letras de 14mm.

A terceira é lida a 15 m também, letras de 70 mm deveriam ser lidas a 50 m.

Leitura de três letras sobre sete.

Tolerar o erro de quatro letras sobre sete.

Explicam que esse formalismo de 5 m de distância, altura das letras, número de erros é importante: evita negligência por parte do professor quando procede ao exame.

A distância e o tamanho das letras são calculados pelos cientistas sob base experimental.

Para as crianças, até seis anos, que não saibam ler, distinguir a 7 m de distância, um quadrado, uma cruz de vinte 20 mm de altura.

Exame individual.

Experiência feita com quatro ou cinco crianças. Antes de trazê-las, é preciso cobrir a escala, para que não seja lida ou vista de perto pelas crianças e só no ato da experiência.

Colocadas sobre um traço de giz, a 5 m do muro, copiarão as letras da escala, conforme indicação do professor. A mesma experiência pode ser feita com um dos olhos vendados; é a experiência da assimetria ocular.

Há sempre diferença entre a acuidade visual direita ou esquerda.

A criança lerá depois (se o não conseguir na distância determinada) de onde puder ver bem, e essa distância será marcada na fórmula: – $V = d/D$; d representa a distância tomada; D = a distância normal.; $V = 5/5 = 1$ é normalidade absoluta, se a experiência foi feita de cada vez, com um dos olhos vendados.

Além da escala optométrica de Binet, há o processo de Snellen: figuras quadradas sendo que um lado não será representado. O aluno respon-

derá a distância quais os lados abertos respectivamente em cada figura; à direita, à esquerda, em cima, em baixo.

Há ainda a escala tipográfica decimal. Um cartão com dez linhas de letras cuja grossura aumenta de linha em linha.

A primeira linha será lida a 5 m; a última, a 50 m.

.....

Sentido do espaço visual

.....

E SSE SENTIDO NOS DÁ AS NOÇÕES DE EXTENSÃO, PROFUNDIDADE E distância entre os objetos.

Assim, os exercícios para o seu aperfeiçoamento consistem em avaliar distâncias, tamanho dos objetos, altura, espessura, profundidade, comparar e medir, etc.

.....

Sentido da proporção

.....

PARA O SENTIDO DA PROPORÇÃO – TRAÇAR LINHAS IGUAIS, AMPLIAR, diminuir, cortar linhas em duas, três ou quatro partes iguais ou proporcionais, etc.

.....

Exercícios

.....

PARA O SENTIDO DA VISTA, É PRECISO SEGUIR O PRECEITO DE Rousseau: “Ensinar a criança a ver e a olhar, porque os olhos distinguem uma multidão de cousas que afinal não veem realmente”.

E a propósito, contam que

Cheselden, tendo restituído a vista a um homem cego desde muitos anos, observara que o seu doente, durante muitos dias, via as cousas como se elas estivessem no mesmo plano, como quem não tem a menor ideia nem de profundidade nem do relevo dos objetos. O Dr. Franz, por meio de uma operação, fez recobrar a vista a uma jovem costureira e notou que ela se habituara, enquanto cega, a se servir perfeitamente dos seus instrumentos de trabalho, o que lhe não aconteceu logo ao recuperar a vista, já deseducada para fazer o mesmo à plena luz.

A vista nos engana, às vezes: é o tato que lhe fornece meios de se certificar e agir com segurança.

Entre os exercícios para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do sentido da vista, além dos citados – cores, tiro ao alvo, desenho, pintura, conhecer e avaliar e comparar objetos e distâncias – há ainda os seguintes: colocar objetos por ordem, segundo as espessuras, as semelhanças; descrever de passagem um objeto, uma sala, um mostrador, um aparelho, um quadro, descrições de memória, etc., etc.

.....

Audição

.....

SEGUNDO ESTATÍSTICAS RECENTEMENTE PUBLICADAS (CITADAS EM qualquer compêndio moderno de Pedagogia Científica) feitas nas escolas da Bélgica, França, Londres, Suíça, Estados Unidos, Itália, etc., foi encontrado um número de surdos inconscientes, variando de 10 a 43% nas escolas belgas; de 22% em Paris; de 17% em Bordeaux.

Pierre Bonier, por um processo particular, encontrou insuficiência auditiva em 55% de meninas e 65% de rapazes, nas idades entre 05 a anos.

Esses defeitos são devidos quase exclusivamente à falta da educação do órgão auditivo.

Os defeitos na voz, a gagueira, etc., muitas vezes são provenientes da pouca ou nenhuma educação auditiva.

Da respiração bem feita, depende também o bom funcionamento do aparelho auditivo, pois sabemos que o ouvido médio é cheio de ar constantemente renovado pela “Trompa de Eustáquio”, canal longo e estreito que se vem abrir na parte posterior das fossas nasais.

Se esse ar não for constantemente renovado de maneira satisfatória, as vibrações no ouvido médio serão imperfeitas e irão ao ouvido interno também de maneira imperfeita.

Assim, a respiração concorre para a boa ou má disposição do ouvido; quer isso dizer que a obstrução nasal é a causa, muitas vezes, da má organização auditiva.

Nesse caso, os recém-nascidos devem trazer o nariz e o ouvido em estado de funcionamento regular – para que seja evitada qualquer causa produtora da desordem futura ou anomalias possíveis na estrutura orgânica desse sentido.

São prejudiciais – os ruídos e sons fortes e agudos, os gritos estridentes, os barulhos dissonantes, o arrebentar de bombas, etc.

Como sentido artístico, convém educá-lo desde cedo.

As cantigas de adormecer devem ser meigas, insinuantes porque calam n’alma para sempre.

Quanto possível – perfeitas na letra, harmoniosas, repassadas de doce ternura – uma vez compreendido o valor da música, inspiradora de sentimentos alevantados.

Os antigos atribuíam à música poder sobrenatural na educação moral.

À música, devemos as mais altas emoções, as mais puras, suaves, enternecedoras, comoventes ou entusiastas sensações interiores.

A criança ouve cantar e canta também, adaptando, aos poucos, os órgãos sensoriais auditivos à harmonia, preparando-se para mais altas emoções.

Na escola, deverão cantar em conjunto e uma de cada vez.

Que cada qual aprecie as vozes dos companheiros, admirando a suavidade, a superioridade de umas sobre outras, a harmonia, o volume, a força, a beleza das vozes que sobressaem de entre todas.

Além desses exercícios, concorrendo para a educação estética, há os exercícios para o aperfeiçoamento orgânico do sentido do ouvido.

A princípio, a criança não distingue senão confusamente os sons, pouco a pouco esses sons se vão tornando nítidos e distintos.

Por outro lado, a voz tem um atrativo singular quando é insinuante e agradável.

“Há entre a voz e o ouvido uma misteriosa simpatia que nasce antes de toda e qualquer experiência individual”, diz Chasteau.

As pessoas que têm voz metálica devem procurar amenizá-la de tal forma a torná-la delicada, harmoniosa, ficando assim menos áspera.

Os exercícios de respiração *Yogi*-completa concorrem para voz agradável. Dizem que os *Indús-Yogis* se distinguem por sua voz insinuante, fascinadora mesmo, devido aos exercícios vitalizadores dos órgãos da voz.

Além da boa respiração, de cujas vantagens incontestáveis já tivemos ocasião de falar, há os exercícios seguintes:

- 1º – Fazer a criança distinguir e apreciar os sons de diversos objetos, tocados de diferentes maneiras.
- 2º – Vendar os olhos da criança e, feito isso, que ela distinga as vozes e os passos das pessoas – andando em pontos opostos.
- 3º – Fazer cantar e conhecer os sons por meio de processos fonômicos, do processo Galin ou processo prático de ensinar o canto, ou mais modernamente, pelo processo interessantíssimo do prof. Gomes Junior, da Escola Normal da Capital de S. Paulo.
- 4º – Evitar que a criança adquira o hábito de gritar e fazê-la pronunciar bem as palavras, de modo claro e correto, boa dicção (sem cair no exagero), sem falar, em demasia, alto ou baixo.
- 5º – Fazê-la atender, notar, prestar ouvidos a todos os barulhos e ruídos, no campo, em casa, na escola, etc.
- 6º – Fazê-la notar de que lado vêm os ruídos, as vozes, e quais os objetos ou as causas de tais sons ou ruídos.
- 7º – Tocar campainhas em diversas direções; bater em copos, garrafas, etc.
- 8º – Ensinar a falar bem, pronunciando o final das palavras, a articular corretamente os vocábulos, a emití-los sem gaguejar, observando a acentuação, etc.
- 9º – Fazê-la distinguir os sons produzidos por choques, atritos, as quedas, sons harmoniosos e dissonantes, etc., dando-lhes as deno-

minações peculiares, assim: se os sons baixos se chamam *sussurros*, o barulho da água corrente deve chamar-se *sussurrar* ou *murmúrio*. Os sons retumbantes e contínuos são – o *bramir*, assim – as ondas *bramem*. O *ruge-ruge* das sedas é produzido pelo atrito da própria seda, e assim sucessivamente. (A Gramática Portuguesa de *Firmino Costa* é farta em vocabulário onomatopaico ou vocabulário, que imita o som natural da cousa significada, cuja pronúncia imita o objeto que ela significa.).

10º – Adotar o mestre os brinquedos apropriados ao desenvolvimento do ouvido como o “mia gato” e outros.

11º – Habituar os alunos a uma apreciação inteligente das vozes nas aulas de música.

Há uma infinidade de exercícios e jogos nesse gênero: a prática e as circunstâncias e a boa vontade fornecerão ao educador enorme soma deles para a educação do ouvido.

Quando tratarmos de Montessori, voltaremos ao assunto.

Os passeios ao campo, longe do bulício das cidades, além do benefício à saúde, são meios de educar e favorecer os exercícios do ouvido.

Em resumo, é preciso observarmos o que diz o Dr. Safray:

Para o ouvido, como para os outros sentidos, a moderação é de rigor, se se quer conservar a sua integridade e sua sensibilidade.

Acostumamo-nos, é verdade, ao barulho, mas seu efeito não é menos pernicioso por isso. Por outro lado, a ausência absoluta do barulho dá ao ouvido uma sensibilidade doentia, como a que acontece à vista das pessoas privadas por muito tempo de luz.

Convém notar que estamos tratando da escola primária e não da *Case dei Bambini*, onde a criança é iniciada na vida interior e se encaminha, por si, para a autoeducação. Nas nossas escolas primárias, ainda ninguém cuidou conscientemente da educação dos sentidos das crianças.

.....

Na escola, é preciso saber conhecer a criança de ouvido normal ou anormal, e a colocação nas carteiras obedecerá a esse critério como ao critério da acuidade visual.

Saber se a surdez é parcial, de um só ouvido, se é produzida por vegetações adenoideas (*aden* = glândula + *idos* = forma; que tem forma de glândulas) da garganta, etc.

Há surdos inconscientes ou porque ninguém faça caso da sua surdez ou por falta de atenção da criança ou do adulto, abstração, etc.

“Numa escola, devemos considerar como surdos parcialmente aqueles que, colocados na parte mais afastada da classe, não compreendem, de maneira alguma, a voz do professor”, diz Binet.

O número de maus funcionamentos auditivos é enorme.

Dizem que, se tomarmos, ao acaso, três indivíduos, um deles tem defeito auditivo.

A proporção, segundo estatísticas, é a seguinte: França – 75% de surdez parcial; Alemanha – 25% mais ou menos.

Binet acha as cifras da visão e da audição “exageradas e tendenciosas”: “Para um alienista, não há senão loucos; para um *auriste*, não há senão surdos. É a regra; não protestamos, sorrimos”.

Faz notar que é delicado, difícil o exame do ouvido; a voz do professor não é fixa, varia de intensidade; o relógio de bolso também não pode oferecer resultados absolutamente satisfatórios. Binet aconselha o ditado, dando liberdade ao aluno de perguntar e o professor tomará notas do número de perguntas de cada aluno e, corrigindo e anotando os erros – o professor mais ou menos acertará no fim de alguns ditados e saberá colocar as crianças, nas carteiras, segundo as anomalias respectivas, entregando aos médicos as outras cujas anomalias precisem de cuidados clínicos especializados.

Como a visão, a audição pode ser causa de atraso intelectual – se há perturbações auditivas.

As estatísticas o provam.

Os pólipos (do grego *polipous* = que tem muitos pés; excrescência carnosa ou concreção sanguínea que se manifesta em diferentes partes do corpo, mas principalmente nas fossas nasais; tumor, etc.) ou as vegetações adenoideas impedindo a boa respiração concorrem em 10% para anomalias auditivas.

A atenção, a observação, é difícil, se há vegetações.

Feita a operação, a criança melhora consideravelmente em relação ao aproveitamento escolar e ao crescimento físico.

Há ainda outros processos para a medição da acuidade auditiva: a voz segredada ou cochicho, o processo de Liebman, consistindo em fazer ouvir o som de diversos objetos sem que a criança os veja e em lhe pedir, depois, que nomeie o objeto produtor do som ou que o designe no meio de outros; apitos de Pizzoli, campainhas, distinguir as vozes dos colegas, distingui-los pelos passos, etc.

Outros processos há dependendo de aparelhos: o acuômetro de Toulouse e Vaschide, o diapasão de Pierre Bonier, etc.

.....

A voz

.....

PELA PALAVRA, PODEMOS DESCOBRIR DEFEITOS AUDITIVOS E CORRIGI-LOS.

Os defeitos da voz são: blesidade (de bleso = que tem o vício de pronúncia de substituir uma consoante forte por outra fraca), a gagueira, mutismo com audição, etc., produzindo atraso mental.

Há defeitos de timbre, de ritmo, arrastamento, pressa, até congestionamento de palavras que se interpenetram numa carreira obstinada, defeitos de articulação, de dicção, pronúncia, etc.

A lição de leitura corrige defeitos de blesidade, a gagueira, assim como pode produzir ambos esses defeitos.

Tudo depende dos cuidados do mestre.

A propósito: conheço um professor primário gago – cuja classe inteira aprendeu a gaguejar, principalmente quando lê...

A lição de linguagem, de dicção, de articulação, ou melhor: a ginástica da voz, exercitando os músculos da face e os órgãos da fonação, corrige esses defeitos.

Antes da leitura, a criança deve aprender a se exercitar a falar corretamente. Lições orais, tal como mandava Diesterweg, professor alemão; contar histórias em linguagem correta, etc.

.....

O tato

.....

NO SENTIDO DO TATO, DISTINGUEM-SE A SENSIBILIDADE TÁTIL E O tato propriamente dito.

A sensibilidade tátil não está no domínio da vontade; pertence a todos os órgãos e principalmente a toda a superfície da pele e das membranas mucosas – tem por isso o nome de sensibilidade geral.

Ela nos indica a aproximação dos corpos, as mudanças de temperatura, etc.; mas o tato propriamente dito nos informa sobre o volume, dimensão, forma e peso dos corpos.

A sensibilidade tátil é geral, como vimos, o tato propriamente dito tem sua sede nas extremidades e principalmente nos dedos. Em certos animais como o gato, o tigre, o cão, cavalo, etc. – o tato está nos beiços e pelos do focinho; no elefante, na ponta da tromba, etc.

Desde cedo, a criança sente no corpo o contato dos corpos estranhos, e essa sensação é muito viva, porque, até certo período, ela só vive pelos sentidos.

Na criança pequenina, os lábios fazem as vezes de mãos, pois, antes que estas aprendam a segurar, os lábios vão ao encontro do que se lhes apresenta, com o auxílio de uma vontade instintiva.

O tato supre todos os outros sentidos e tem a propriedade de não desaparecer senão em casos especialíssimos.

A higiene desse sentido consiste unicamente em conservar a pele, não a expondo fortemente às impressões táteis e nem de todo afastando-a dessas impressões; no caso contrário – ou ela se endurece, se insensibiliza e não teria sensações delicadas e ligeiras ou tornar-se-ia tão delicada que qualquer sensação seria exagerada e prejudicial.

As impressões do tato são as mais duradouras, e Rousseau acha que “os juízos do tato são os mais seguros porque são os mais limitados”.

A sensibilidade tátil pode ser medida e comparada.

Entre outros instrumentos para medi-la, conhece-se o compasso de Weber, cuja abertura, maior ou menor, indica a menor ou maior sensibilidade na superfície do corpo do indivíduo que se submete à experiência.

Foi Weber o primeiro fisiologista que teve a ideia de medir a sensibilidade tátil.

Precisão exata na medida ou na comparação da sensibilidade de que tratamos, não é possível, pois, o indivíduo cansado não ter tanta sensibilidade tátil como o que está em repouso. Nesse caso, medindo com o compasso de Weber a sensibilidade do primeiro, é preciso que a abertura do compasso seja muito maior do que para a mesma medida no segundo.

Binet tirou a conclusão de que a sensibilidade tátil é muito maior nas crianças inteligentes do que em as menos inteligentes, e, assim sendo, as experiências da sensibilidade tátil são muito úteis na verificação do grau de inteligência.

Ley verificou que as crianças normais sentem mais depressa e com mais intensidade a dor que as anormais e atrasadas.

Resulta daí a necessidade da educação física e da higiene e educação especial dos sentidos – antes de qualquer outra educação.

.....

Não é demais repetir que a cultura dos sentidos é a verdadeira ginástica para a educação intelectual.

Michelet dizia: “Antes de ensinar à criança a ler, é preciso ensiná-la a ver”.

Os sentidos exercitados concorrentemente completam-se, auxiliam-se mutuamente.

Rousseau acha, entretanto, que o sentido do tato é o que deve merecer especial atenção porque é o mais fiel e o mais resistente.

Diz ele no “*Emilio*”: “Assim, o tato é de todos os sentidos o que melhor nos instrui em impressões que nos possam dar os corpos estranhos; é aquele cujo uso é mais frequente e nos dá mais depressa o conhecimento necessário à nossa observação”.

Também Chasteau nota qualquer particularidade no tato, dizendo: “Parece que a natureza quer assinalar uma categoria primacial ao tato, porque, tendo todos os demais sentidos os seus órgãos privativos, aquele sentido está espalhado na superfície de todo o corpo, tendo como agente um maravilhoso instrumento – a mão”.

A mão, realmente, nos dá noções mais exatas que a vista ou o ouvido, por isso já dizia Anaxágoras: “O homem pensa porque tem mãos.”.

Cita-se comumente o fato da americana Laura Bridgman – cega, surda e muda – tendo recebido uma educação tão perfeita do sentido do tato que conhecia as cores das sedas com que bordava e compunha hinos os quais, segundo opiniões, têm verdadeiro sentimento artístico.

Aí, três cousas há para admirar: a vontade, a tenacidade, a perseverança e a paciência evangélica e o valor da educadora que se propôs obra tão extraordinária; a importância educativa dos sentidos, mormente do tato; a revelação de uma consciência mais alta.

Diderot cita o nome de um inglês e numismata, Sandersen, que, ficando cego, conhecia, na coleção de medalhas, as verdadeiras das falsas e, assinalava, por uma impressão de temperatura, o momento em que o sol estava encoberto pelas nuvens.

O primeiro exemplo citado, o de Laura Bridgman, nos vem afirmar, mais uma vez, o que diz Gali, o inventor da frenologia:

Quanto a mim, não existe senão um mesmo princípio que vê, sente, gosta, ouve, toca e pensa e quer. Mas, para que esse princípio adquira a consciência da luz e do som, para que ele possa sentir, gostar e tocar, para que possa manifestar as suas diferentes espécies de pensamentos e de inclinação, necessita de diversos instrumentos materiais, sem os quais impossível lhe seria o exercício de todas essas faculdades.

Entre os diversos exercícios para o desenvolvimento e educação do tato, há os jogos de “cabra-cega” e outros, e os exercícios que consistem em fazer distinguir diversos objetos de aspectos diferentes com o auxílio exclusivo das mãos.

Assim, coloquem-se em uma sacola – pedras, tecidos em retalhos, caroços de frutas, favas, pedaços de madeiras diversas, tecidos de algodão, lã e seda, ásperos e lisos, transparentes e tapados, pedaços de metal,

pregos, moedas diversas, chaves, lápis, etc., etc., faça-se que a criança vá tirando os objetos e os descreva de olhos vendados.

Se uma não acerta, outra acertará, e o exercício é divertido, movimentado, excitando a curiosidade, o desejo de acertar e, ao mesmo tempo, desenvolvendo o tato e o espírito de observação.

As crianças, na escola, devem conhecer-se mutuamente pelo tato.

Outro exercício consiste em colocar, sobre uma mesa, diversos objetos, e a criança, com os olhos vendados, os irá separando e descrevendo por ordem, segundo o tamanho, a temperatura, o uso, o valor, as dimensões, etc.

Façamos que ela distinga folhas diversas, flores, gramíneas, etc., – é o mesmo exercício da aula de História Natural.

Que conheça, pelo tato, os objetos quebradiços, os fortes, os que se não quebram, os pesados, os leves, sem auxílio da vista.

O mesmo se fará com cordas, barbantes, fios de seda, algodão, linho, lã, etc.

Ainda: distinguir cereais pelo mesmo processo do saquinho.

Os trabalhos manuais desenvolvem também o tato e tornam as impressões mais duradouras, por conseguinte.

Foi fazendo trançar papel que Montessori conseguiu ensinar a coser a uma anormal: daí resultou todo o seu maravilhoso processo de ensino científico, racional. Falaremos do assunto oportunamente.

Os trabalhos de agulha, os bordados, os trabalhos em papel de Bristol, em flores e outros, muito concorrem para o tato delicado e sensível.

Outro exercício indicado por J. J. Rousseau: fazer caminhar com os olhos vendados, ou no escuro, habituando-se o indivíduo a não esbarrar em móveis ou nas paredes.

Também a distinção entre objetos semelhantes.

“A habilidade do mestre consiste em tornar o estudo agradável”, diz Rolin, e esta é a divisa da escola moderna; os exercícios para o desenvolvimento dos sentidos muito se harmonizam e se adaptam a essa divisa, mesmo porque a escola é oficina do pensamento e não da erudição ou de palavras aprendidas de cor; o ideal da escola não é *mobilizar o cérebro e sim desenvolvê-lo*.

.....
Hellen Keller
.....

BINET, CONVENCIDO DE QUE A MEDIDA DA SENSIBILIDADE TÁTIL É, ao mesmo tempo, observação psicológica, – por intermédio da sensibilidade tátil estudou a atenção voluntária.

De suas experiências, resultou a classificação dos tipos mentais (alunos das escolas primárias de Paris): simplistas, distraídos, interpretadores.

Outra conclusão tirou Swift, Mac Donnal, Ley, etc.

As crianças normais são mais sensíveis à dor, assim como são mais sensíveis à sensação de uma corrente elétrica.

– De tudo isso se deduz a importância da educação sensorial, e mais ainda, do sentido do tato.

Senão, falemos do caso curiosíssimo de Hellen Keller, que perdeu a vista, o ouvido e a voz aos dezenove meses de idade.

E falemos com a sua própria palavra:

No triste mês de fevereiro, sobreveio a terrível doença (uma febre cerebral) que me fechou os olhos e os ouvidos para me mergulhar na inconsciência absoluta de uma criança recém-nascida.

O médico julgou-me irremediavelmente perdida. Uma manhã, porém, a febre abandonou-me tão súbita e misteriosamente como tinha vindo. Nessa manhã, uma grande felicidade reinou em casa. Ninguém supunha, nem o médico, que eu perdera para sempre o ouvido e a vista.

No entanto, durante os primeiros dezenove meses da minha vida, eu vira os grandes campos verdejantes, o céu luminoso, as árvores e as flores, quadro que a noite que se seguiu não pude apagar.

Se uma vez houermos visto a luz e tudo o que a luz nos mostrou residem em nós.

Com o enorme carinho e zelo que minha Mãe me votava, conseguia, por meio de gestos, que me compreendessem.

Mas, ao passo que vamos crescendo, a nossa inteligência vai-se expandindo.

Muitas vezes senti necessidade de explicar qualquer coisa, mas, falha de meios, tornava-me irascível, rebelde.

Três meses antes do meu 7º aniversário, percebi que havia alguma coisa de anormal pelas correrias dos empregados e pelo arranjo de um novo dormitório.

Coloquei-me no limiar da porta, sem saber a maravilhosa surpresa que o futuro me reservava.

Senti aproximarem-se passos. Estendi a mão, supondo ser a minha querida mãe. Qual não foi a minha satisfação quando senti que uma pessoa estranha me abraçava carinhosamente! Quem era? O ente que me arrancaria da treva e me ia ensinar a reconhecer, a simpatizar, a amar.

No dia seguinte ao da sua chegada, levou-me ao seu quarto, presenteando-me com uma linda boneca, com a qual passei horas agradabilíssimas. Depois, soletrou-me na mão, mui vagarosamente a palavra *d-o-l-l*.

Esses movimentos logo me interessaram-me, procurei imitá-los o melhor possível; e, quando pensei sabê-los, corri até junto de minha Mãe, com enorme satisfação e cheia de orgulho, mas não compreendendo a sua significação e muito menos que havia palavras.

Em seguida, aprendi mais palavras como: *pin, hat, cup* e os verbos *sit, stand, walk*.

Aproximando-me de uma fonte, um dia, Sullivan colocou minha mão sob o jato d'água, soletrando a palavra *water*. Quieta, atenta, seguia todos os movimentos da mão e da boca. De repente, como se uma nuvem estivesse desaparecendo, tive pela primeira vez, a recordação do passado. O segredo da língua estava descoberto. Compreendi que *water* era esse líquido fresco e agradável que me corria sobre as mãos. A essa palavra – *water* – devo o renascer de minha vida.

Keller estava com sete anos em 1887.

Sobre os dedos de Sullivan, Keller disse com os seus dedos: “Quero falar”.

Miss. Lamson – educadora de Laura Bridgman, procurara Elias Hofgaard, professor do Instituto de Hamar, porque ouvira dizer que uma norueguesa cega, surda e muda (Ragnhilda Kaata) aprendera a falar.

Elias Hofgaard transmitiu a Lamson o processo de educação dos cegos, surdos e mudos.

Lamson, amiga de Sullivan, ensinou-lhe tais conhecimentos.

Sullivan, não tendo confiança no seu preparo científico, diante de tanta complexidade, procurou Miss. Sarah Fuller, de Boston, diretora da Escola Horace Mann.

Trabalharam juntas. O resultado foi estupendo.!

Hellen Keller é escritora conhecidíssima e de mérito acima de nomes conhecidos e apreciados no mundo das letras, faz conferências, é formada por um curso superior e vive como qualquer de nós ou melhor: vive muito mais que qualquer de nós...

A sua sensibilidade é tal, o desenvolvimento, o aperfeiçoamento, a delicadeza das suas percepções por meio do tato são de tal natureza que o ruído surdo do trovão ou o marulhar das ondas causam-lhe sérias perturbações.

Ela os ouve com tal intensidade que se sente mal. Keller ouve o cântico dos pássaros: *ouve* não será, talvez, o termo, *percebe* – seria mais expressivo, mais próprio; *percebe, sente*.

Diz ela perceber também a circulação da seiva nos vegetais.

E tem pena de nós todos, cujos sentidos, não desenvolvidos, perdem um milhão de sensações que constituem toda a sua vida opulenta.

Em seu livro *A chave da vida – Otimismo*, traduzido em várias línguas, prova que a verdadeira vida é a vida do pensamento e não a dos sentidos; a fealdade e o mal – fantasias da imaginação.

O otimismo é a sua religião.

A minha vida era sem passado e sem porvir; a morte, um termo desejável, diria o pessimista. Mas uma pequena palavra caiu dos dedos de uma outra na minha mão que apertava o nada, e o meu coração palpitou no êxtase de se sentir viver. A noite fugiu perante a luz do pensamento, e o amor, a alegria, a esperança surgiram-me numa chama de devoção e saber

Não foi apenas a educação dos sentidos que acordou Hellen Keller para luz da vida do pensamento.

Ela poderia ver, ouvir, falar, trabalhar maquinalmente se fosse apenas movida pelos sentidos.

Pensar, filosofar, reunir ideias e raciocínios, lembrar-se (o mistério da memória!), deduzir daí a religião do otimismo e da vida interior, da alta mentalidade, e transcendentalizar-se e experimentar a alegria íntima de volver – isso não veio apenas do tato desenvolvido.

Hellen Keller tem razão: “*Somos uns emparedados*”.

Sentidos mais íntimos estão latentes em nós.

A vida dos sentidos, a vida exterior nos empolga e vivemos sem perceber que, dentro de nós mesmos, há uma vida maior, energias fecundas, criptas nas quais nos perderíamos...

Keller procurou-se a si mesma, interpenetrou o próprio ser, encontrou o complemento da vida porque se fechou para o mundo exterior e teve ocasião de ouvir as pulsações dessas forças latentes que esperam, pacientemente, o nosso despertar para nos conduzirem à verdadeira vida.

Pierre de Coulevain, em seu livro *Le Roman Merveilleux*, cita um artigo de Keller – “Sentidos e Sensibilidade” – em que procura explicar o mecanismo pelo qual ela ouve, vê e até adivinha. Diz a extraordinária anormal:

Antes da vinda de Miss. Sullivan, eu não sabia que *existia*, não sabia que vivia, que agia, que desejava. Não tinha nem vontade nem inteligência. Era movida por uma sorte de instinto.

Não amava. Possuía um espírito que não me fazia experimentar a cólera ou a satisfação. Tinha, entretanto o poder de associação. Depois de haver sentido o cheiro da chuva e a impressão desagradável da umidade, corria para fechar as janelas.

Quando eu desejava alguma coisa de que gostava, os sorvetes, por exemplo, vinha-me *um gosto delicioso sobre a língua* (isso não se produz mais agora) e eu sentia voltar na minha mão o cabo da sorveteira. Fazia sinal e minha Mãe compreendia. Eu pensava e desejava nas pontas dos meus dedos. Não tinha, entretanto, nenhuma consciência da mudança que se produzia em mim.

Aprendendo a soletrar não experimentava senão o prazer de obter mais facilmente aquilo que eu desejava.

Quando aprendi a significação do eu e *mim*, tornei-me consciente e comecei a pensar.

O pensamento substituiu o instinto cego.

Não posso, melhor que os videntes, tornar a passagem sutil *da impressão à ideia*, mas sei que as ideias que nascem dos objetos me parecem *saírem* do tato.

Instantaneamente elas se tornam abstratas e se traduzem em linguagem interior.

Quando eu era criança, minha linguagem interior era a soletração muda. Surpreendo-me ainda a soletrar comigo mesma e, entretanto, me falo com os meus lábios. Quando procuro me lembrar do que me disseram, tenho a impressão de uma mão soletrando na minha.

A natureza, o mundo, que eu podia tocar, ficaram então fechados em mim; mais tarde cheguei a procurar nos outros uma imagem das minhas emoções e das minhas sensações.

Os dedos sobre os lábios, sobre a face, sobre a garganta das pessoas – aprendi a discernir os sinais exteriores dos sentimentos interiores: a expressão da dor, o batimento dos músculos da alegria, e, os comparei com os meus. Foi assim que cheguei às outras almas.

Continua Hellen Keller:

Cada átomo de meu corpo tornou-se um vibroscópio; parece-me que ele é todo olhos. Percebo vibrações sem número. Os passos me revelam, muitas vezes, o caráter e as maneiras das pessoas, sua idade e sexo.

Sei quando ajoelham, quando se levantam, quando se sentam.

Posso seguir, até certo ponto, os atos das pessoas que me rodeiam.

Há vibrações que penetram a carne, os nervos, os ossos, como a dor, o calor, o frio.

O ruído do tambor, por exemplo, se repercute em meu peito, em meus ombros. Se a vibração e o movimento se misturam instantaneamente em minhas mãos, parece-me que a Terra se afasta e que eu fico imóvel. As vibrações de ordem elevada produzem, em mim, vibrações numerosas e fortes. Escuto com pavor o barulho do trovão e a voz do mar.

O som do órgão me transporta até o êxtase. Gozo com a música do piano, principalmente quando coloco minhas mãos sobre o instrumento.”

O silêncio do campo me parece delicioso depois do barulho da cidade; as mil doces vozes da Terra chegam a mim: o ruído das folhas, o zumbido dos insetos.

As ondas de calor e as ondas de sons brincam nas minhas faces e produzem infinita variedade de combinações. A chuva do inverno é dura, sem perfume e triste. A chuva da primavera é leve, perfumada, carregada de um calor de vida.

Entre minhas sensações e as daqueles que veem e ouvem não há nenhum abismo que eu não possa vencer.

Estou em contato ininterrupto com a Vida, com a atmosfera radiante que nos envolve.

O mundo que eu vejo com os meus dedos *é vivo, brilhante, satisfaz*. Pelo tato, reconheço a fisionomia dos meus amigos, a variedade infinita das linhas retas e curvas, de todas as superfícies, a riqueza do solo, a forma delicada das flores, a forma nobre das árvores.

Colocando minha mão na garganta ou na face de uma pessoa, gozo de todas as modulações da sua voz, sinto o reflexo dos seus sentimentos.

O tato não pode vencer a distância, porém o pensamento o auxilia.

Senti a curva das formas da criança e posso aplicar essa percepção às paisagens e às colinas longínquas.

A beleza de um pedaço de escultura não poderá ser sentida somente pela vista, é preciso tocá-la.

Os videntes olham as cousas com as mãos nos bolsos, é por isso que sua apreciação é tão vaga e tão inútil!

E a natureza é tão sábia: a criança tem o instinto de tocar em tudo e nós lhe ensinamos que *a gente vê com os olhos e não com as mãos*, proibindo-lhes o tocar e pegar os objetos.

Queremos *ajudar a natureza e não conseguimos senão contrariá-la, reardormecendo energias interiores*.

Recentemente a dra. Lepinska, médica polaca – laureada pela Academia de Paris, vítima de cegueira, foi designada pelo Ministério da Saúde Pública da Polônia (a pedido de médicos oculistas polacos) para estudar,

na Inglaterra e na América do Norte, os novos processos de tratamento e reeducação dos cegos.

Em Paris, na Biblioteca Nacional, quando por intermédio de uma amiga consultava obras sobre psiquiatria, entrevistada por um jornalista, entre cousas interessantíssimas a respeito do tratamento e cura de certas moléstias oculares, disse interessar-se mais pelo aspecto psicológico dos casos de cegueira que propriamente pela cura.

Depois de descrever processos e hipóteses de curas, conclui:

Para a cura da cegueira, nunca se obterão sérios resultados sem o tratamento psíquico

É preciso convencer os cegos de que a vida interior tem um poder suficiente, raio de ação bastante para lhes permitir desenvolver atividade com a qual serão úteis a si mesmos e à sociedade.

Qualquer que seja a enfermidade sofrida pelo organismo, será impossível combatê-la sem cuidar da alma.

Temos de operar sobre essas forças espirituais que são os sentimentos, porque o domínio do espírito sobre a matéria é ilimitado.

Em estado de superexcitação ou depressão nervosa, produzem-se, no organismo, compostos voláteis que o alteram mais do que todas as toxinas conhecidas.

Pelo contrário, o estado de otimismo, de satisfação, de felicidade, enfim, desenvolve princípios estimulantes de todo o sistema nervoso e aumenta a resistência de todo o organismo contra as forças destruidoras.

A felicidade não depende das circunstâncias exteriores.

Resulta do equilíbrio de forças psíquicas, submetidas à influência da vontade.

No ser humano, há uma infinidade de sentidos insuspeitáveis que, não obstante, são capazes de suprir os cinco sentidos físicos que conhecemos.

São sentidos absolutamente psíquicos que, nos seres de saúde, se encontram em situação latente. Quando, porém, existem lesões orgâ-

nicas, esses sentidos, pelo poder da vontade, despertam e não tardam a adquirir, uma sensibilidade mais viva do que nos seres perfeitos.

.....

Sentido muscular

.....

“O exercício do corpo não é só exercício dos músculos, mas, ainda mais, exercício da substância cinzenta do sistema nervoso.”
(Reymond)

O MOVIMENTO E OS EXERCÍCIOS CORPORAIS DESEMPENHAM PAPEL importante nas funções mentais.

Há enorme correlação entre a atividade do corpo e a da mente.

A psicologia moderna, ou melhor, a fisiopsicologia constata que todo fenômeno psíquico tem um lado motor ou necessita de movimento.

Feré, fisiopsicologista, demonstra a importância das sensações e movimentos para a constituição do pensamento e diz: “Quando o cérebro pensa, é todo o corpo que entra em ação”.

A frase de Feré demonstra a relação entre as funções do corpo e as da mente, a fisiopsicologia, e, por conseguinte, a necessidade da higiene – evitando a estafa, o cansaço, o abuso do trabalho mental fatigando o organismo, e também o abuso do exercício físico inutilizando as funções mentais ou prejudicando o funcionamento das faculdades mentais.

Tem o sentido muscular muita importância na nossa vida psíquica, além de que ele nos informa sobre a direção, extensão, rapidez dos movimentos voluntários, peso, posição, resistência, etc.

As crianças mais fortes em musculatura, mais elásticas em movimentos, mais aptas para os trabalhos de arte – são mais inteligentes, isso prova, ainda uma vez, que o movimento concorre para o desenvolvimento intelectual ou por outra – que os fenômenos intelectuais necessitam, para que sejam completos, de movimentos.

Outro fato interessante que nos adverte quanto ao valor mental dos indivíduos é a *ilusão ótica muscular*, analisada por diversos fisiopsicologistas.

Foi Demoor, em Bruxelas, quem assinalou esta ilusão, alguém, depois, chegando às mesmas conclusões, optou a que se chamasse a essa anomalia – *sinal de Demoor*.

A ilusão é mais forte nas pessoas mais inteligentes e mais forte nos adultos que nas crianças.

Consiste o sinal de Demoor no seguinte: quando dois volumes do mesmo peso e de tamanhos desiguais são apresentados a diversos indivíduos, aos normais parece que os menores são mais pesados, ao passo que os anormais e atrasados acham que o maior contém mais peso.

É que, habituados pela experiência que nos dá maior peso em maiores volumes e pegando-se no menor verifica-se que é preciso um esforço maior do que julgávamos, acreditamos que este seja mais pesado.

Em compensação, o cérebro rudimentar do atrasado não raciocina e, tais como são, sente os pesos iguais, ou, quando muito, acha o maior mais pesado.

Esta experiência serve para verificar o grau de inteligência de cada criança.

Há uma infinidade de meios para o desenvolvimento e educação do sentido muscular, além dos exercícios naturais.

A ginástica e principalmente a ginástica acompanhada de música produz excelentes resultados, mormente quando se trata de anormais e atrasados.

Os exercícios, assim, são feitos com disciplina, correção, com prazer, e a elasticidade muscular ganha mais por esse meio.

Aos atrasados e anormais, é quase impossível uma atenção fixa, assim sendo, nessas escolas, os exercícios de aritmética, por exemplo, são feitos com movimentos cadenciados de braços e bater de mãos; não é o exercício antigo de memória, mas o aproveitamento dessa faculdade adaptada aos movimentos cadenciados – como meio de reter mais facilmente –, como meio de fixar a atenção.

O estudo em voz alta fixa melhor do que o estudo feito em silêncio, justamente porque as ideias se associam aos gestos e às palavras.

Há alunos que só estudam passeando; outros, em determinadas posições; outros ainda, durante o tempo em que leem, fazem movimentos sucessivos com a cabeça, com o tronco ou pernas.

Outra cousa muito comum nas crianças: esquecendo-se elas de um objeto que iam buscar ou não se recordando de um recado a dar imediatamente, voltam ao lugar donde partiu a ordem ou a lembrança do objeto; colocam-se na posição em que estavam e recordam-se do que querem.

Fiz isso, inúmeras vezes, quando criança.

Os trabalhos manuais exercem, como já fizemos notar, influência benéfica no desenvolvimento das aptidões naturais e das faculdades inventivas.

Aqui, no desenvolvimento muscular, é imprescindível o trabalho manual e é por isso que tomou ele extraordinário papel na escola moderna.

As crianças atrasadas e abnormais não têm aptidões para esses trabalhos; são mal feitas, pesadas, sem habilidade; é necessário, contudo, ensinar-lhes a trabalhar.

E cousa interessante: é o próprio movimento das mãos, o exercício dos dedos nos trançados ligeiros que favorecerá a aquisição dessa habilidade manual.

O caso de Montessori é característico.

Assim sendo, os trabalhos manuais devem ser feitos em exercícios diários e merecem a primazia nos programas escolares, ainda mesmo que não tivessem a função social que os caracteriza.

.....

O trabalho muscular, para Demoor, é o único excitante eficaz dos centros corticais.

Foi Charles Bell quem primeiro empregou a expressão: sentido muscular.

Todas as conclusões chegam a esse resultado: o desenvolvimento da mobilidade concorre para o desenvolvimento da inteligência.

.....

Canais semicirculares – Sentido do equilíbrio

.....

OS CANAIS SEMICIRCULARES DO OUVIDO INTERNO SÃO OS ÓRGÃOS DO sentido do equilíbrio e do movimento: determinam a posição do corpo e especialmente da cabeça.

Qualquer lesão nos canais semicirculares produz desequilíbrio, surdez imediata e incurável.

Tirando-se ou ferindo-se esses canais nos pombos, eles não voam.

Alguns fisiologistas provam experimentalmente que os surdos-mudos não têm vertigens quando são desprovidos dos canais semicirculares.

O sentido do equilíbrio é também chamado *sentido da situação do corpo no espaço*.

Concorrem para o sentido do equilíbrio: a vista, a sensação acústica, a sensação tátil, a planta do pé, a sensação muscular, etc.

.....

Sentido orgânico ou vital

.....

ÉO SENTIDO FUNDAMENTAL DA EXISTÊNCIA OU *CENESTESI* OU *COENESTESIA*. A palavra coenestesia vem do grego: *koinos* = comum + *aistesis* = sensibilidade + o sufixo *ia*.

Cenestesia = vago sentimento que temos de nosso ser, sem o concurso dos sentidos propriamente ditos.

Dá as sensações de febre, cansaço, sede, dor, prazer, saúde, inquietação, angústia, etc.

A sensibilidade interna se divide em sensibilidade para a dor e sensibilidade da necessidade orgânica.

A necessidade orgânica pode ser de – movimento, nutrição, repouso, excitação, etc.

Alguns autores distinguem, por essa razão, as sensações externas das internas: aquelas produzidas pela superfície e órgãos externos do corpo; estas produzidas internamente ou pelos órgãos internos.

.....

Sentido estereognóstico

.....

SENTIDO MUSCULAR-TÁTIL: DO GREGO: DE *E* EUFÔNICO + *ESTEREOS* = sólido + *gnósticos* = conhecimento. Faculdade de reconhecer a forma dos objetos, assim como suas outras propriedades físicas.

Exercícios feitos com o auxílio da vista a princípio, depois com os olhos vendados. Apalpar, separar e reconhecer os estímulos (objetos).

Fazem-se os exercícios com soldadinhos de chumbo, moedas, cubos e pedras de Froebel, bolinhas, de cereais, etc.

É excelente ginástica de associação de ideias.

.....

Sentido térmico

.....

DO GREGO: *TERME* = CALOR. CONHECER DIFERENÇAS DE TEMPERATURA. Tigelinhas de metal com água quente em diferentes temperaturas medidas pelo termômetro.

.....

Sentido bórico

.....

DO GREGO: *BARI, BAROS* == PESO. Fazer distinguir, sem auxílio da vista, e dispor em ordem diversos objetos ou estímulos (pedaços de madeira, tabuinhas de formato igual e pesos diferentes, etc.).

.....

Olfato

.....

OGOSTO E O OLFATO PRODUZEM MAIS PRAZERES QUE IDEIAS: Relacionam-se intimamente e podem ser confundidos, apesar da distinção entre um e outro, apesar de terem funções diferentes.

O olfato é, de todos os sentidos, o que nos vem mais tarde; observou Rousseau que, até a idade de dois ou três anos, as crianças são insensíveis aos bons e aos maus odores.

A educação desse sentido é de extrema necessidade para certas profissões. Aos gases nas minas podem revelar a presença de tóxicos emanados de caloríficos ou de aparelhos especiais. Esses gases geralmente são descobertos pelo cheiro característico.

O químico tem necessidade de uma educação prévia do olfato, assim como do gosto ou paladar.

Para a defesa dos trabalhadores em minas – o olfato é sentinela avançada.

Esse sentido tem muita relação com a imaginação e a memória: é muito comum o perfume, o cheiro sugerir a lembrança de certo fato passado.

O órgão do olfato nos faz perceber e apreciar os perfumes, partículas levíssimas e subtis que se desprendem dos corpos odorantes e que penetram nas fossas nasais e aí são retidas pela membrana mucosa.

Esta transmite as impressões recebidas, pelos filetes nervosos nela contidos, ao nervo olfativo que as leva ao cérebro, produzindo a sensação olfativa.

“O abuso de odores e perfumes, diz M. Perez, enerva o corpo e amolece a vontade”.

Dizem que os orientais devem a desigualdade do seu temperamento, a ira, o amolecimento, o abatimento moral, etc., ao abuso dos perfumes exóticos; portanto, que a educação do olfato não vá ao requinte!

A sua educação deve preservar de enjoos quando de todo não for possível retirar-se de perto das exalações pútridas ou das cousas que produzam mau estômago e impressões desagradáveis.

“Esses dois sentidos, olfato e paladar, nos fornecem mais sensações que percepções, diz Compayré, e são os agentes da vida física e das funções digestivas.”.

A educação moral deve sempre presidir ao desenvolvimento dos sentidos e principalmente à educação do olfato e do gosto. Aí, incute-se a ideia do belo e do bom gosto, fazendo apreciar o perfume das flores e notar as gradações e as sensações diversas produzidas por esse perfume em relação com fatos ou associações ocorridas conjuntamente com o exercício e apresentadas a propósito.

Para a educação do olfato, apresenta o educador à criança, primeiro com o auxílio da vista, depois com os olhos vendados, para que ela distinga e designe os perfumes, flores, frutos, café, vinagre, álcool, cânfora, hortelã, cravo, pimenta, arruda, losna, alecrim, etc., etc.

Que conheça as substâncias (e as suas aplicações comuns, mais tarde, em lições de cousas), os respectivos odores e os nomes.

Que faça diferenciar as substâncias odorantes das inodoras – o sal, vidro, ferro, chumbo, etc.

Fazer distinguir os cheiros fortes e suas diversas gradações, assim como o perfume da banana, o perfume áspero da flor de magnólia e ainda o cheiro irritante de banana que tem certo verniz japonês.

Na escola primária, a educação desse sentido deve ser regrada, mas não deve nunca ser esquecida, mesmo porque os sentidos são os órgãos intermediários entre o corpo e a vida do pensamento.

O olfato é auxiliar do paladar e ambos se completam, indispensáveis que são ao organismo na vida vegetativa.

São chamados sentidos inferiores, mas não há nisso razão de ser. São eles mais materiais, mas nem por isso deixam de ter a mesma importância na nossa vida.

Sem uma vida vegetativa regular, sem o funcionamento perfeito do organismo inteiro, perfeitas não serão as funções psíquicas.

.....

Hellen Keller e o olfato

.....

COM RELAÇÃO AO OLFATO, ASSIM SE EXPRESSA HELLEN KELLER:

É sem razão que consideramos esse sentido inferior aos outros.

Não creio mesmo que a vista possa dar uma sensação mais delicada que o perfume das folhas aquecidas pelo sol e agitadas pelo vento e a da onda de odores que chega, retira-se, sobe e desce.

O perfume das margaridas me faz reviver as manhãs deliciosas que eu passei nos campos com minha educadora, aprendendo palavras novas e os nomes das cousas.

O olfato me permite sentir a tempestade muitas horas antes.

Sinto, pelo olfato, em que espécie de casa entro.

Reconheci, do mesmo modo, uma velha casa de campo, porque nela havia muitos quartos cheirando às famílias que os haviam habitado.

Para a tarde, as vibrações são menos numerosas e não dependendo mais do olfato para me guiar.

O olfato me dá, mais que o tato e o gosto, uma ideia da maneira por que a vista e o ouvido cumprem as suas funções. *O tato parece residir no objeto com o qual entramos em contato, mas o olfato parece resistir no próprio órgão. Assim como sinto de longe uma árvore, compreendo que uma pessoa possa vê-la também de longe.*

As exalações humanas me revelam os seres que as emitem.

Posso distinguir o operário que trabalha em madeira daquele que trabalha o ferro: o artista, do pedreiro ou do farmacêutico.

Sinto se as pessoas que passam perto de mim saem da cozinha, do jardim ou de um quarto de doente.

O cheiro do sabão, da água de toilette, das vestimentas limpas me dá impressões agradáveis de frescura e de bom gosto.

Os odores daqueles que me são caros não se me apagam jamais, são os odores queridos...

Um dia, na estrada de ferro, uma senhora me deu um beijo passando por mim e me deixou seu cheiro; estou certa de reconhecê-la por isso.

Todas as crianças têm o mesmo odor puro e simples.

Na idade de seis ou sete anos somente começam a ter odor particular.

Distingo os odores da vida, dos odores da destruição. Quando estou ao ar livre e não há vento, os odores estão agrupados de tal maneira que eu posso reconhecer o campo que atravesso.

Durante muitos dias, estive privada do olfato e uma sensação de solidão me invadiu.

Quando voltou, meu coração estremeceu de alegria. Se eu não tivesse as revelações do olfato, do gosto e do tato – seria obrigada a aceitar de outra forma a concepção do Universo; os objetos caros às minhas mãos tornar-se-iam sem formas

e eu marcharia no meio deles como um fantasma!

A cegueira não limita meu horizonte intelectual; ele é infinitamente largo!

Aqueles que são privados de um ou de dois sentidos não estão atirados, como acreditam, num deserto, sem guia e sem bússola. O cego, na sua noite, possui faculdades necessárias à apreensão do mundo visível.

A acuidade da nossa visão não depende do que podemos ver, do que podemos sentir.

A natureza canta seus cânticos mais esquisitos àqueles que a amam.

Passeando no campo, nas primeiras horas do dia, senti as ramagens carregadas de orvalho e de perfume.

Conheci a doçura tímida da criança.

Observo, sinto, penso, imagino.

A ligação entre mim e a humanidade vale a pena ser mantida, mesmo se as ideias sobre as quais eu a baseio sejam errôneas.

Passei com pessoas que possuíam olhos cheios de luz e que não viam nada, nem nos bosques, nem no mar, nem no céu, nada nos próprios livros.

É preferível então caminhar, para todo sempre, nas tenebrosidades da cegueira física com o poder da sensação, que se contentar com o ato visual.

Não há noite sem luz senão a da ignorância.

É mais difícil ensinar a um ignorante a pensar que a um cego inteligente a ver a grandeza do Niágara.

.....

Paladar

.....

O PALADAR É UM DOS SENTIDOS QUE SE REVELA POSITIVAMENTE MAIS cedo, correspondendo às necessidades da natureza.

É sentido material puramente, mas dele depende a conservação da nossa saúde.

Em vez de concluirmos daí que o sentido do paladar é o mais desprezível e o mais perigoso – devemos dar-lhe importância capital – não para desenvolvê-lo a ponto de tornar-se a criatura um tubo digestivo, e sim para regulá-lo, para regrá-lo, sob o ponto de vista moral, fazendo ver à criança que todos os nossos sentidos, toda a nossa natureza animal deve estar inteiramente sujeita à vontade e que vimos ao mundo para uma função mais alta. Devemos e podemos tirar partido dos nossos órgãos com o fito de uma saúde perfeita e boa disposição para que o corpo esteja sempre apto a obedecer às exigências da vontade a serviço das causas justas, como são todas aquelas que se relacionam com o bem-estar das gerações sucessivas.

O gosto e o olfato são auxiliares na vida vegetativa e necessitam de higiene e educação apropriadas.

Para a educação do paladar, a criança provocará, na ponta da língua, essências diversas, frutas, manteiga, queijos, doces, açúcar, sal, nozes, amêndoas, castanhas, substâncias picantes como limão, vinagre, cravo, canela, pimenta; cousas amargas como lúpulo, quina, losna, etc.; substâncias adstringentes como a casca da romã, pedra-umi, cereja brava, casca de carvalho, etc.

Conhecer tudo isso pelo cheiro, gosto, nome, pelo tacto depois.

Que conheça o vocabulário respectivo: picante, travo, adstringente, salgado, ácido, etc.; conhecendo, mais tarde, as aplicações dessas substâncias em ligeiras lições de cousas.

Todos esses conhecimentos, adquiridos brincando, não só lhes educarão os sentidos e desenvolverão o cérebro e as faculdades intelectuais – como servirão na vida prática.

Capítulo IV



Crescimento físico

“Toute l'éducation physique a pour critérium la toise, la balance, le dynamomètre et le spiromètre. Si on n'emploie pas ce critérium, on ne fait que du travail avengle, c'est-à-dire, du mauvais travail ou du charlatanisme”.

(Toda educação física tem como critério a tábua de medir, a balança, o dinamômetro e o espirômetro. Se não utilizarmos este critério, estaremos apenas a fazer um trabalho vingativo, ou seja, um mau trabalho ou charlatanismo.)

BINET - “LES IDÉES MODERNES SUR LES ENFANTS”.
(IDEIAS MODERNAS SOBRE AS CRIANÇAS)



“Avant d'étudier le développement mental, il est nécessaire de jeter un coup d'œil sur le développement physique; d'abord parce que les destinées de l'esprit sont, comme chacun sait, liées à celles du corps, et que comprendre celles-ci c'est déjà comprendre celles-là.”

(Antes de estudar o desenvolvimento mental, é necessário dar uma olhada no desenvolvimento físico; em primeiro lugar porque os destinos da mente estão, como todos sabem, ligados aos do corpo, e compreender estes já é compreender aquele.)

CLAPARÈDE.

.....

Crescimento físico

.....

Períodos de crescimento. Estatura. Peso. Perímetro torácico. Diâmetro biacromial. Segmento cefálico. Volume e peso do cérebro. Altura do tórax. Bacia. Membros. Grande envergadura. Funções respiratórias e circulatórias. Força muscular. Proporções gerais do corpo durante o crescimento. Crescimento biológico. Ração de entretenimento e de manutenção. Ração de crescimento. Glândulas de secreção interna. Puberdade. Crescimento visceral. A caderneta de saúde. Antropometria escolar.

O CRESCIMENTO FÍSICO DA CRIANÇA ATÉ SE FAZER HOMEM NÃO SE opera rapidamente nem pode ser prejudicado em datas mais ou menos fixas, individualmente.

É variável, obedece a *crises*, chamadas *crises de crescimento* ou de desenvolvimento, segundo o sexo, a idade, a hereditariedade, o meio social, etc.

O educador precisa ser, antes de tudo, higienista, com o intuito de vigiar o desenvolvimento do educando, afastando tudo quanto possa prejudicar-lhe o organismo, do contrário – comete “pecado físico” contra o próximo, na fraqueza ou na insuficiência da saúde ou da resistência do indivíduo sob a sua guarda.

Crencemos epigeneticamente, isto é, às partes já existentes se vão adicionando, modificando, aderindo partes novas, até a completa formação.

Epigênese, do grego: *epi* – depois, sobre + *genos* = nascimento, ou *gênese* = criação, geração. Geração dos seres orgânicos por criações sucessivas.

A teoria do século XVII, do *homúnculus*, caiu, de certo.

A criança não é o homem em embrião, à espera apenas de tempo para crescer.

Essa é a teoria da pré-formação, ou formação anterior.

Ora, se o indivíduo se forma aos poucos, se ganha elementos novos para o seu desenvolvimento, está claro que esse desenvolvimento pode ser perturbado por causas externas: miséria, moléstias após o nascimento, alimentação imprópria, sobrecarga de estudos, maus-tratos, trabalho

em fábricas ou oficinas, etc., quando essas influências não vão apanhar o ovo no colo materno.

Antes da criança nascer, já está sendo modelada a sua vida, a sua saúde e até a tristeza ou a alegria dos seus dias sombrios ou cheios de luz.

A alimentação da mãe, como o seu estado de calma ou agitação, a vida desregrada do pai – vão plasmando o organismo físico mental do futuro adulto.

Os vícios do progenitor, os tormentos, a luta pela vida ou a ociosidade da miséria ou da fartura – tudo tem influência no desenvolvimento da criança, na sua saúde física e psíquica.

Mais ainda: o pensamento é uma força, uma das forças mais fatais que regem os destinos do mundo; ora, a vida, o futuro da criança, depende da pureza de pensamentos, da serenidade, da beleza moral da família.

Os gestos de mau humor, de irritabilidade, de cólera vão como uma auréola em torno dos indivíduos que os têm e causam mal-estar e influem de maneira mui deprimente nas crianças – que são como cera a plasmar... aceitam tudo ou são obrigadas a aceitar e estiolam e adoecem sem poder reagir, sem saber por quê.

Assim como as mãos carinhosas das mães corrigem, por meio de massagens e de vibrações magnéticas (fluidos através dos seus dedos movidos por uma consciência superior, de que elas mesmas não têm ideia), os defeitos físicos do filhinho (– nariz chato, cabeça mal feita, dedos grossos, ombros descarnados, pés tortos, etc., etc. –), assim também a sua vida interior – impaciência, cólera, ódio, intolerância, gênio forte ou calma, serenidade, superioridade moral, desejo de servir, de cumprir deveres, etc., etc., – plasma, modela, encaminha a diretriz dessa consciência em formação ou em evolução.

A vida do corpo e a da alma são inseparáveis, ligadas. O educador, porém, não é obrigado a acompanhar o desenvolvimento individual dos órgãos dos educandos – esta tarefa cabe ao médico; entretanto, o primeiro deverá estar aparelhado para conhecer aquilo que pode favorecer ou atrofiar o crescimento físico e o desenvolvimento mental do educando e concorrer para a sua formação sadia.

O exagero como a carência de alimentação, o estudo precoce, o esforço físico ou mental precoce, a falta de calma, as excitações de toda espécie – cinematógrafo, bebidas excitantes como os chamados alimentos

de poupança, (café, chá, etc.), a agitação ou a nervosia das pessoas de casa, a carência do sono reparador, o frequentar cedo a sociedade – tudo prejudica o desenvolvimento da criança ou acorda instintos adormecidos ou transforma em más ou prejudiciais certas faculdades e tendências que, canalizadas noutra sentido, seriam energias formidáveis na vida do indivíduo e, portanto, da coletividade.

A educação, o meio social são, pois, causas de perturbações no desenvolvimento do indivíduo ou agentes desse desenvolvimento.

Observemos as crianças: que diferença entre um *jeca-tatu* das margens do S. Francisco, outro do interior de São Paulo e um garoto das cidades do interior! Entre este último e o garotinho das capitais; entre este e garoto da cidade Nova, no Rio! A diferença entre um garoto e uma criança educada no aconchego da família!

O medo, a falta de carinho, o excesso de carinhos, os sustos, as emoções deprimentes ou excitantes, os maus-tratos, o excesso de gulodices e a carência de alimentação perturbam o funcionamento regular dos órgãos e prejudicam a evolução física e mental.

.....

A repressão, a compressão, afrouxam a vitalidade orgânica ou mental.

.....

O CRESCIMENTO DA CRIANÇA É EM QUALIDADE E EM QUANTIDADE.

O crescimento físico é ritmado, faz-se em séries rápidas ou retardadas.

Entre a criança e o adulto, tudo é diferente a começar pela ossatura.

Entre as próprias crianças da mesma idade, há diferenças enormes.

Assim, o esforço de uma não pode ser proporcional ao de outra ou igual ao de outras porque têm a mesma idade: uma pode ser incapaz de produzir o que a outra produz facilmente, sem esforço, tanto trabalho físico como mental.

E durante as *crises de crescimento*, há mudanças, transformações bruscas ou lentas, mesmo de caráter, mudança de atitudes: a criança

estudiosa deixa de cumprir deveres; a vadia começa a estudar; a alegre torna-se triste, taciturna e vice-versa; a simples torna-se vaidosa, cheia de si, autoritária, etc., etc.

Vêm daí as punições e as recompensas, as penitências e os castigos, as exigências descabidas, a intolerância de pais e professores.

Respondamos com Binet: “Ce n’est pas la punition scolaire qui modifie les sécrétions de l’estomac et corrige l’anémie du sang”²⁰.

Não é a punição que educa moralmente. Não é ela que forma o caráter, porque a *repressão*, a *compressão* afrouxa a vitalidade orgânica ou mental.

E qual o papel do mestre num caso destes?

Se não for psicólogo ou higienista, deverá, pelo menos, ter tática, senso, superioridade moral, observação, prudência e olhar a criança como um ser que se está formando aos poucos, quase irresponsável, precisando de assistência, carinho e autoridade moral nos exemplos que a rodeiam.

Daí o apelar para as forças interiores, estimulando a criança, dando-lhe noção de brio, de dever, de esforço persistente até vencer a sua própria natureza.

É mais fácil verificar o desenvolvimento pela idade fisiológica (idade que o indivíduo aparenta) do que pela idade cronológica (data do nascimento, número de anos).

A primeira é a mais importante e a que deve servir de base para regular o trabalho infantil.

Também nada tem que ver a força muscular do indivíduo com o seu estado de saúde: pode ter força e não ter saúde e vice-versa.

A ginástica, o exercício físico e mental, devem obedecer ao estado e à idade fisiológica de cada criança.

O educador não só deverá conhecer o vigor ou o esforço de que é capaz o aluno, como até instruí-lo no seu estado fisiológico, guiá-lo para as ocupações de que é e poderá ser capaz, ensinar-lhe a saber utilizar-se das suas energias.

Uma criança desenvolvida no organismo físico nem sempre é proporcionalmente desenvolvida na inteligência.

[20]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Não é o castigo escolar que modifica as secreções do estômago e corrige a anemia do sangue.”

Outra, de pequena estatura e pouco peso – pode ser muito inteligente e já ter preparo além do normal.

O menino de seis anos não poderá acompanhar o esforço de uma criança de oito a dez anos, ou, num caso anormal, ultrapassará a um bem mais velho.

Eis aí os casos da dificuldade na distribuição dos prêmios e dos castigos. E as nossas salas de aula recebem crianças de estaturas e de estados de saúde diversos, de idades desiguais, comparando-se apenas a quantidade de conhecimentos!

E é por aí, e só por aí, que se classificam os primeiros, segundos e terceiros lugares das classes, e, por aí, dão notas de exames e distribuem recompensas e castigos.

Não há maior absurdo.

A inteligência, está visto, nunca se mede pela estatura ou pela idade (nem nos homens quanto mais nas crianças!), e as exceções, os casos particulares não podem servir de norma na classificação dos grupos.

Se a professora tem dois casos de precocidade na sua classe – dará, por todo sempre, os prêmios a esses dois colegiais. É isso justo?

Não é oportuno desenvolver o assunto para o lado de *Prêmios e Castigos*; trataremos desse capítulo quando falarmos da *Educação Moral*.

As enquetes são contraditórias com relação à proporção entre a inteligência e a estatura e idade.

Binet conclui de todas elas: “Certaines dispositions physiques ET Morales NE se constatent que par des épreuves répétées sur un grand nombre d’individus; elles ne peuvent servir qu’a des conclusions de groupe”, e: “d’un examen d’anthropométrie corporelle on ne peut rien conclure sur l’intelligence d’un écolier”²¹.

Assim também com relação ao adulto: a prova é que grandes escritores, pensadores, sábios, artistas são de organização muito débil, de saúde fraca, pouca aptidão para esforço muscular, pouca resistência.

E há indivíduos de saúde vigorosa, de capacidade muscular, de energia vital e pouco inteligentes, pouco propensos a trabalho intelectual,

assim como naturezas bem constituídas detestam a atividade física ou têm movimentos retardados ou dificuldade de movimentos.

O cuidado com o crescimento físico e as medidas antropométricas tem valor incontestável – não para se medir ou avaliar o grau de capacidade intelectual, mas para a saúde, a robustez, para velar pelo bem-estar do indivíduo e para garantia do seu desenvolvimento normal e evitar-lhe o desgosto e o prejuízo social de um organismo enfezado e mal disposto para as lutas da vida e a pobreza do esforço em busca da própria alegria.

Assim, a criança preguiçosa, indolente, vadia – deve ser examinada nos dentes, na garganta, no estômago, intestinos, fígado e rins – exame geral – ou as influências hereditárias ou deprimentes do meio social: esse exame requer o concurso da família, do educador e psicólogo e do médico.

Os vermes intestinais, o ancilóstomo notadamente, são causas de retardamento do crescimento físico e mental, tanto quanto as cáries e dores de dentes, quanto as vegetações adenoides da garganta, como as perturbações repetidas da digestão ou o mau funcionamento dos intestinos.

Curada a criança, é muito possível a sua completa transformação e aproveitamento.

Um indivíduo prejudicado na sua saúde no vigor físico e mental é coeficiente de menos na sociedade; ser, possivelmente, maior parasita do que produtor; o seu prejuízo à sociedade é, não só na produção diminuta de que será capaz como, e ainda mais, vai gerar entes predispostos a outras lesões e outras fraquezas, dará à sociedade elementos de novas diáteses, indivíduos enfermiços e infelizes.

As crianças pobres, mal alimentadas, mal agasalhadas, mal dormidas desenvolvem-se menos, sofrem as consequências da desigualdade social e concorrem para a perpetuação desse estado de civilização a qual permite que o homem seja o explorador do próprio homem.

A geração dos exploradores inculta, doentia é incapaz de energia orgânica ou protesto e revolta consciente.

São os resignados, cultivada a sua ignorância calculadamente pelas classes parasitárias, comodistas, escravos do ambiente e das instituições do passado.

Com eles, ninguém pode contar: arrastam-se, vegetam. Essa degenerescência se desenvolve, acentua-se pela hereditariedade, pela miséria – na estatura, no peso, na saúde, na mentalidade.

[21]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Certas disposições físicas e morais só podem ser observadas através de testes repetidos num grande número de indivíduos; só podem ser usadas para tirar conclusões de grupo”, por exemplo: “a partir de um exame de antropometria corporal não podemos concluir nada sobre a inteligência de um aluno.”

Apontar cifras nesse sentido é apelar para uma distribuição bem feita em assistências escolares ou caixas para fornecimento de roupas, medicamentos, assistência dentária, alimentação às crianças desprotegidas na desigualdade econômica, neste triste período de transformação em que temos o dever de alevantar energias para o protesto de amanhã. Seria dar um pouco de seiva a esses organismos paupérrimos e cheios de degenerescências e diáteses, elevá-los até onde possível, prepará-los para agirem pelo esforço próprio, estimulá-los a reagir para o advento do bem-estar para todos e, conseqüentemente, para uma distribuição mais equitativa da felicidade social.

A educação está, pois, em relação direta com a solução das questões sociais.

É mesmo da escola que deve nascer e crescer o sentimento do respeito às criaturas, da equidade, a ânsia de fraternidade humana e solidariedade internacional.

Por que há de a miséria inutilizar tantas vidas, tantas energias, dispersar forças, fazer escravos impotentes, enquanto há na sociedade outra parte que se degenera, se corrompe no corpo e na mente, não pela miséria, mas pelo excesso e pela ociosidade?

Há dupla necessidade de se cuidar da criança – necessidade em proveito do indivíduo e em prol da espécie.

E o estudo do crescimento físico tem, portanto, importância capital no problema da formação do magistério primário.

A antropometria escolar ensina ao futuro educador a observar que, no esqueleto, a criança tem a cabeça muito maior que a cabeça do adulto, o tronco maior e as pernas mais curtas (relativamente, já se vê), e esses dados são importantes para as enquetes e cifras em torno da psicologia experimental em suas relações com o crescimento físico.

Com que fim? O objetivo da pedagogia moderna é adaptar o ensino, o trabalho infantil às exigências do desenvolvimento físico e mental da criança. O crescimento físico influi no crescimento mental. Esse crescimento físico não é o mesmo em todos os órgãos e influi na disciplina ou indisciplina e está na razão inversa do crescimento mental.

O afrouxamento do trabalho intelectual ou do esforço intelectual quando acompanha a indisciplina é sinal de que a *crise* se está operando

e é a ocasião do organismo se desenvolver em detrimento das faculdades mentais que descansam, repousam, esperam a sua vez.

Isso não quer dizer que não haja abusos por parte dos educandos, abusos que devem ser reprimidos, ou talvez mesmo se não trate de crises de crescimento e sim de falta de educação, falta de disciplina interior, vadiação.

Nas crises, a mentalidade não deixa de se desenvolver, está visto, de se encaminhar para mais seguro raciocínio no indivíduo normal ou anormal superior, mas, nessas crises, há como que o adormecimento das faculdades da inteligência e da vontade para o despertar mais vivo em ocasião oportuna.

E, quando a criança se aplica facilmente e se adianta e trabalha intelectualmente sem mostras de cansaço, sem dores de cabeça, hemorragias nasais, congestionamento das faces, dos olhos, das orelhas, sonolência ou quaisquer outras manifestações de fadiga, é que o corpo repousa no seu crescimento físico.

Ora, nessas condições, é preciso ter em conta a espécie de exercícios em qualidade e em quantidade – não só exercícios físicos como mentais.

.....

A hereditariedade

.....

O PROBLEMA DO CRESCIMENTO NÃO É UM FATO ISOLADO: A HEREDITARIEDADE, o meio, a educação influem consideravelmente no indivíduo que se desenvolve, convém notar sempre.

Só as forças hereditárias não são suficientes para o crescimento.

O meio apenas é também impotente se a hereditariedade afixou a criatura com o seu selo.

Definamos a hereditariedade e o meio.

A hereditariedade é uma lei biológica: os seres se repetem nos seus descendentes.

É a transmissão de qualidades orgânicas e mentais do indivíduo aos seus descendentes.

É a lei orgânica que faz transmitir aos descendentes certas disposições ou faculdades orgânicas, de inteligência ou de sentimentos.

A hereditariedade vem do próprio indivíduo, está dentro dele, vem de longe, dos ancestrais. Não se pode negar, diz Binet, que, no meio das variações incessantes, há um fundo que permanece perpetuado pela hereditariedade e é ela que, através dos séculos, mantém os caracteres psicológicos das raças, mesmo quando outras influências exteriores sobre ela atuam.

A hereditariedade é relativa, contrabalança-se com outras leis, leis ainda não descobertas pela ciência oficial, a qual não tem outro caminho senão afirmar a relatividade das leis hereditárias.

Assim é que o gênio nada tem que ver com a hereditariedade: é um caso à parte, é um fato isolado na ascendência e na descendência.

A divergência de talentos, de sentimentos, de energia entre irmãos – é caso comuníssimo, assim como é comuníssima a incompatibilidade de gênios, de temperamentos, de ideias entre os membros de uma mesma família – toda ela educada sob os mesmos exemplos e os mesmos princípios.

Entre os vícios mais abjectos, nasce uma flor da virtude, e, em meio da austeridade, da rigidez de costumes nasce, às vezes, a depravação e o vício.

Bombarda, médico psiquiatra, acha que

há, é certo, a influência do mau exemplo e da educação viciosa, mas a importância do exemplo e da educação viciosa, perante organizações bem conformadas traduz-se admiravelmente naquele fato registrado por Lucas e em que, sobre três crianças adestradas para o roubo pelos pais, duas resistiram, enquanto que a outra, uma rapariga, roubava como que instintivamente.

Mas como podem nascer organizações bem conformadas de pais degenerados? A hereditariedade o explica?

A doutrina de Lacassagne é a seguinte: “A sociedade é o caldo de cultura do crime. O criminoso é o seu micróbio. As sociedades não têm senão os criminosos que merecem”.

Nessa teoria, não há o predomínio do fator individual no ato criminoso; atua o fator sociológico.

A teoria de Ferri é contrária: nela opera o fator individual. Bombarda opina pela primeira.

E a quantidade de exemplos, pró e contra, a multiplicidade de opiniões pessoais, prova a relatividade do fator hereditário.

Se as semelhanças de organismo e as heranças ou estigmas de atavismo e de moléstias são mais comuns, todavia não se repete, sem solução de continuidade, o fator psicológico na influência hereditária.

E Grasset o disse: “l’hérédité, qui est done l’exemple le plus démonstratif à choisir, l’hérédité elle-même n’est pas certaine et constante dans ses résultats”²².

E continua: “Cette entreprise de préservation sociale contre les maladies du système nerveux n’est pas impossible. “elle est réalisable.” “Le fils d’un épileptique ou d’un aliéné peut échapper à la loi de l’hérédité, qui n’est pas inexorable (o grifo é nosso) et il peut y échapper grâce à des moyens et à des précautions sur lesquels le médecin n’est pas sans action: le croisement des familles, l’éducation, l’hygiène personnelle...”²³.

E Féré diz: “Les partisans les plus convaincus de l’hérédité morbide reconnaissent que la transmission des caractères pathologiques n’est pas fatale”²⁴.

Concluiremos com o Dr. Grasset: “L’hygiène sociale est une œuvre de Science et une œuvre de Morale. La Science ne connaît, n’étudie et ne démontre que *la Vrai*. Elle ignore le *Bien*. Elle n’est certes pas immorale, mais elle est *amoral*. L’Hygiène sociale ne peut exister qu’avec la notion et l’idée du *devoir* que la Science ignore et que la Morale seule peut donner”²⁵.

Se a hereditariedade é o fator interno, o *meio* é o fator externo. O meio contribui de fora para dentro, em prol do desenvolvimento ou da

[22]. Nota do Org.: Em tradução livre: “a hereditariedade que é, portanto, o exemplo mais demonstrativo a escolher, a própria hereditariedade não é certa e constante nos seus resultados.”

[23]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Esse empreendimento de preservação social contra as doenças do sistema nervoso não é impossível. “É alcançável.” “O filho de um epilético, ou de um louco, pode escapar à lei da hereditariedade, que não é inexorável (o grifo é nosso) e pode escapar dela graças a meios e cuidados aos quais o médico não deixa de agir: o cruzamento de famílias, a educação, a higiene pessoal.”

[24]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Os defensores mais convincentes da hereditariedade mórbida reconhecem que a transmissão de características patológicas não é fatal.”

[25]. - Nota do Org.: Em tradução livre: “A higiene social é um trabalho de ciência e um trabalho de moralidade. A ciência apenas conhece, estuda e demonstra a Verdade. Ignora o Bem. Certamente não é imoral, mas é amoral. A higiene social só pode existir com a noção e a ideia de dever, que a ciência ignora e que só a moral pode dar.”

degenerescência do indivíduo, fora das condições internas ou da hereditariedade.

O meio pode ser a miséria, a educação, o exemplo, a higiene, etc.

Natura e nurtura, natureza e nutrição, hereditariedade e meio.

Distinguem-se: a hereditariedade verdadeira e a pseudo-hereditariedade – provinda de um fator externo.

A hereditariedade provinda dos vícios é pseudo-hereditariedade, evitável. A criança nascida aleijada ou imbecil devido a uma queda ou moléstia grave da Mãe nasce com um defeito congênito que nada tem que ver com a hereditariedade.

.....

Períodos de crescimento

.....

A MEDIDA E O PESO DAS CRIANÇAS, TOMADOS DE SEIS EM SEIS MESES, em tempo determinado, dão uma curva desigual, descontínua.

Os períodos de crescimento variam tanto no peso como na estatura.

Não há, pois, nem pode haver uma regra, uma lei preestabelecida no sentido do crescimento físico como do crescimento mental.

Essas crises não coincidem, pelo contrário, já o dissemos: parece que estão na razão inversa: quando uma curva sobe, a outra desce.

Também a crise do peso nem sempre coincide com a da estatura. Há alternativas em tudo quanto se refere ao crescimento, alternativas até em certas porções do corpo, constatadas pelo Dr. Godin, que formulou *la loi des alternances de Godin*.

Antes e depois de uma dessas fases bruscas de crescimento, o organismo repousa.

A fase última e mais importante, talvez, do período do crescimento vai da pré-adolescência à adolescência e à puberdade.

Os períodos de crescimento assim se afixam segundo os fisiopsicólogos:

Claparède:	– Meninos	– Meninas
1 Primeira infância	– Até 7 anos	– Até 6, 7 anos
2 Segunda infância	– De 7 a 12	– De 7 a 10
3 Adolescência	– De 12 a 15	– De 10 a 13
4 Puberdade	– De 15 a 16	– De 13 a 14
Alvarez:	1 Recém-nascido	– De 0 a 16 dias
	2 Primeira infância	– De 16 dias aos 3 anos
	3 Segunda infância	– De 3 aos 15 anos
	4 Adolescência	– Desde o nasc. até os 24 anos
Lacassagne:	1 Primeira infância	– Os 7 primeiros meses
	2 Segunda infância	– Dos 7 meses aos 2 anos
	3 Terceira infância	– Dos 2 aos 7 anos
	4 Adolescência	– Dos 7 aos 15 anos
	5 Puberdade	– Dos 15 aos 20 anos
Verrier:	1 Primeira Idade	– 0 a 7 anos
	2 Segunda Idade	– De 7 a 14 anos
	3 Adolescência	– De 14 aos 21 anos
Cruchet:	1 Pequena Infância	– De 0 a 2 anos
	2 Média infância	– De 2 aos 7 anos
	3 Grande infância	– De 7 aos 14 anos
Springer:	1 Primeira infância	– De 0 a 2 anos
	2 Segunda infância	– De 2 até a puberdade, 10 a 12 anos.
	3 Mocidade	– Da puberdade aos 20 ou 22 anos.
Stanley Hall:	1 Intrauterino	
	2 Do nascimento aos 3 ou 4 anos	
	3 Dos 4 aos 12 anos	
	4 Dos 13 aos 20 anos	
	5 Juventude – começa aos 20.	

Varia, pois, essa classificação. Geralmente a base é a de Claparède, de Alvarez, de Lacassagne.

Essas crises de crescimento coincidem, às vezes, com a diminuição ou aumento de apetite.

Binet, tratando de “La consommation du pain pendant une année scolaire”²⁶ nas escolas normais da França, verificou que há épocas de maior e de menor consumos de pão nas escolas e, de tudo, tirou a conclusão de que o trabalho intelectual intenso diminui o apetite.

Na Bélgica, Schuyten (Claparède), fazendo análogas experiências, chegou ao resultado seguinte: o consumo do pão diminui nos meses de verão.

Resulta daí a necessidade de o educador saber que a criança diminui em aptidão para o trabalho durante os períodos de crescimento e se a natureza requer forças nesses estádios; e se a alimentação e o repouso operam também nesses períodos, o trabalho deve ser distribuído prudentemente: mais repouso e menos deveres.

Dessas crises, destacam-se como mais importantes, talvez, as dos 6 aos 8 anos e dos quatorze aos dezesseis – justamente as épocas de reação escolar: entrada na escola e preparativos, concursos e exames.

.....

A nossa escola tem efeito deprimente no organismo e na psique²⁷

.....

JÁ FOI AVERIGUADA, EXPERIMENTALMENTE ESTUDADA, A INFLUÊNCIA deprimente do crescimento durante os primeiros meses escolares, influência devida à disciplina de coerção, à imobilidade prolongada, à mudança brusca de inteira liberdade para os horários e os bancos escolares. Daí a sabedoria e a grandeza das ideias montessorianas.

Também as más condições escolares – miséria, alimentação e carência de vestuários engendram insuficiência do crescimento.

Schmid-Monnard estuda e averigua a diminuição do desenvolvimento regular da criança no peso e na estatura – com a sua entrada para

[26]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Consumo de pão durante o ano letivo”.

[27]. Nota do Org.: No livro está escrito PSICOSE. Fiz a alteração para PSIQUE entendendo ser este um ajuste justificado por deixar a passagem alterada mais coerente com o tema discutido neste capítulo pela autora. Na sua avaliação, a escola oficial produz efeito de adoecimento no corpo e no psicológico da criança. Psicose seria um desses males.

a escola – e constata que as crianças – fora da escola e nas mesmas condições – se desenvolvem mais do que aquelas que a frequentam.

Carstadt e Zeising chegam a resultados idênticos.

E Schuyten acrescenta: “o psiquismo²⁸ da criança é atacado desfavoravelmente pelo regime escolar”.

A escola tem efeito deprimente no organismo e na psicose. É o regime do temor, da emulação, de castigos e prêmios, de opressão, de esforço, de exigências.

Rousseau é admiravelmente intuitivo quando *decreta* a “educação negativa”.

As estatísticas afirmam que as meninas são as mais prejudicadas e isso desenvolve nela e aperfeiçoa mais, se é possível, a tendência para a histeria, para as nevroses e para o servilismo, a sujeição, a resignação passiva.

Donde se conclui que a escola atual é instrumento reacionário do passado conservador e rotineiro, é inimiga da civilização de liberdade e continuadora da escravidão feminina.

Montessori o diz positivamente e protesta em nome da ciência e em nome da liberdade, ensinando o caminho por onde chegar à verdadeira educação racional.

Depois, na puberdade, quando todos os cuidados são poucos, toda a tática é nada em vista dessa fase do crescimento físico e do renascimento de todo o ser. É justamente que as exigências de toda sorte se acentuam em torno do indivíduo: exames, trabalho, entrada nas fábricas e oficinas e entrada nas sociedades, no mundanismo...

As férias deveriam variar segundo as classes, de acordo com as épocas predominantes do crescimento.

Na puberdade, Sebastier pede para suspender os estudos.

Mas como conciliar os interesses do crescimento com a educação moral? Como deixar o adolescente em plena liberdade num período em que é preciso velar para que se não vicie, para que não fique entregue à imaginação e às fantasias?

Nessa época, ficam malcriados, exigentes, autoritários, despóticos, cheios de *tics* e *manias*, e se ficam inteiramente livres?

[28]. Nota do Org.: O sentido aqui é de processos psíquicos da criança, sua psicologia.

Eis quando o educador tem de mostrar a sua superioridade moral, a sua tática, vigiando, velando e deixando os educandos numa aparência de liberdade...

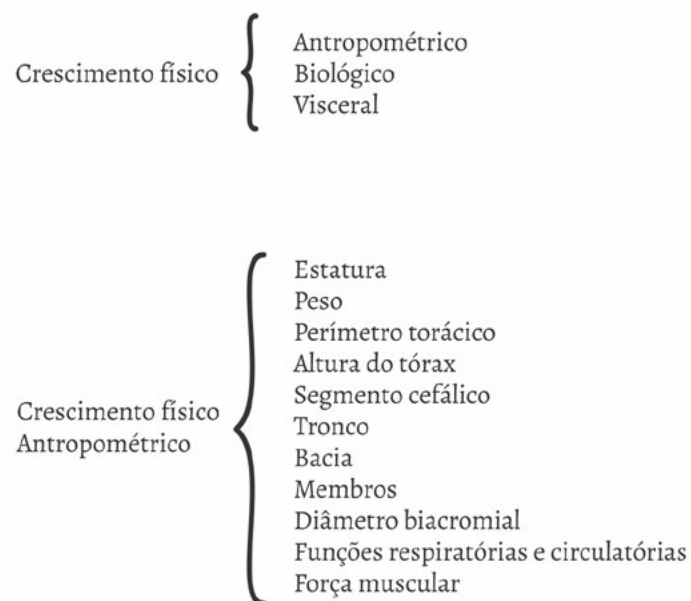
Stanley Hall tem mais razão que Sebastier: quer apenas reduzir os trabalhos escolares.

Essa é a época da explosão de taras, de nevroses, gagueira, surdez intempestiva, tendências viciosas e criminais, etc.

É preciso levar a criança a trabalhar com prazer, a divertir-se: ter sempre o tempo ocupado e dormir e repousar o tempo suficiente – de modo a lhe não sobrar ocasião de dar asas à imaginação, na ociosidade.

Numa sociedade bem organizada – a sala de aula é substituída pelo atelier de trabalhos manuais e pelas colônias de férias onde a agricultura, a apicultura, a sericultura, a floricultura e as indústrias nacionais, a química, a botânica ocupariam o tempo destinado a distrações sadias – nas épocas difíceis do desenvolvimento e da educação moral dos adolescentes.

Vejamos como pode ser o crescimento físico:



Fonte: adaptado de Moura (1925, p. 227).

.....

Crescimento antropométrico, biológico e visceral

.....

FOI QUETELET QUEM PRIMEIRO ESTUDOU E DEMONSTROU A IMPORTÂNCIA da antropometria como base de conhecimento com relação ao crescimento do indivíduo.

Muitos outros seguiram essa orientação, já medindo ou apresentando programa de medidas para serem verificadas na escola, já comparando crianças normais com anormais, examinando o valor dessas medidas sob o ponto de vista do problema educativo, etc., etc.

Entre esses nomes, citam-se Broca, Simon, Robin, Salomon, Binet, Niceforo, Schmidt, Key, Burk, Muffang, Kotelman, Mac-Donald, Ley, Berthold, Pizzoli, Porter, etc., etc.

Não vale a pena citar estatísticas dessas medidas.

Uma base tirada das cifras das escolas europeias ou americanas do Norte há de, forçosamente, divergir da nossa.

As condições de clima, de solo, de educação, de alimentação das classes populares, de costumes, das condições sociais fazem variar essas tabelas.

O que é necessário é apurar *cifras* aqui no Brasil, é operar o exame antropométrico entre o mundo infantil do nosso país.

Procurei fazê-lo e desejaria imenso publicar este meu livro com uma série grande de *enquetes* e *tests*.

Não me foi possível conseguir, para isso, LICENÇA da Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais.

Oficiei ao secretário há anos, remeti o ofício por intermédio de um dos chefes de Seção da Secretaria, soube que o ofício já havia corrido algumas repartições e obtido informações favoráveis ao meu projeto de proceder a esses estudos experimentais nas escolas públicas primárias e normais do E. de Minas e... afinal... perdeu-se o meu requerimento ou deixaram para ocasião oportuna... ou acharam de pouca importância... e não obtive resposta alguma até hoje!

Na 2ª edição deste livro, ou no 2º volume das *Lições de Pedagogia*, publicarei algumas cifras que ainda pretendo colher, de algum modo.

De todas as cifras obtidas na Bélgica, Escócia, Alemanha, Itália, Suíça, França, Áustria, Dinamarca, Suécia, América do Norte, Noruega, etc., etc. – conclui-se que o fator econômico, a riqueza ou a miséria influem no crescimento humano; que o clima, o solo, o trabalho precoce são outros tantos fatores que influem no crescimento da criança; que a escola atual é de efeito deprimente, etc., etc.

.....
Estatuta
.....

O CRESCIMENTO NÃO É REGULAR. CAUSAS QUE CONCORREM PARA O atraso da estatura: moléstias, sofrimentos, insuficiência alimentar, falta de regime alimentar, clima, influências hereditárias, fadigas excessivas, esforço precoce, etc.

Na puberdade, o crescimento se acelera por um momento e depois para ou continua paulatinamente, insensivelmente quase. Essas crises variam de indivíduo para indivíduo e segundo o sexo.

As crianças pobres crescem menos e as meninas crescem mais no período da puberdade e se desenvolvem mais rapidamente que os meninos.

Deixo de citar os quadros demonstrativos dos experimentadores como Niceforo, Quetelet (Bélgica), Pasquale (Roma), Hertel (Dinamarca), Variot e Chaumet (França), Boas (América), Axel Key (Suécia), etc. etc. – porquanto os educadores irão estudá-los nos próprios autores e eu escrevo livros para alunos e me não parece de tamanha necessidade o acúmulo de cifras estrangeiras num livro destes. Noutro volume, decerto, já terei amontoado experiências e quadros demonstrativos tirados das nossas escolas.

A medida da estatura é tomada com a toeza vertical, haste de madeira ou de ferro, dividida em centímetros, fixada a um suporte sobre o qual se mantém o escolar encostado. Um índice móvel desliza sobre a toeza, fixando a estatura e facilitando a leitura da dimensão encontrada.

Medidas tomadas em indivíduos da mesma idade, de idades diferentes e no mesmo indivíduo, em diferentes idades, acompanhando o seu crescimento.

Com as medidas tiradas – sob essa base – organizaram os operadores uma tabela de crescimento em que vão escritas as medidas observadas para cada idade e, separadamente, para cada sexo.

As conclusões tiradas de todos os documentos obtidos por esse meio dessas observações são as seguintes:

1º – O crescimento não é paralelo nos dois sexos até os sete anos; os meninos são mais altos do que as meninas da mesma idade; por sua vez, as meninas ganharam a dianteira no crescimento a partir dos dez até os quatorze anos.

2º – No período escolar de crescimento, há duas fases; a primeira é longa e vai dos seis aos onze anos para as meninas e dos seis aos treze para os meninos. Nessa fase do crescimento, é lento o aumento de estatura. A 2ª fase é breve, dos doze aos quatorze para as meninas e dos treze aos quinze para os meninos; o crescimento é rápido.

Há duas máximas de crescimento: a 1ª nos primeiros anos da vida; a 2ª nas proximidades da puberdade. Entre uma e outra, há uma fase de crescimento lento, período este que um cientista chamou de *iniciação escolar*. Na última fase do crescimento rápido, o corpo modifica-se completamente nas proporções e no aspecto. Os indivíduos se tornam desgraciosos, há falta de harmonia no conjunto, é a *idade ingrata*.

.....
Peso
.....

O PESO DEPENDE DA ALIMENTAÇÃO, IDADE, SEXO, MEIO SOCIAL. É análogo à estatura, isto é, irregular.

As pesquisas feitas por cientistas, entre eles Binet, Vahl, Vreiteind e outros, demonstram que, nas férias do verão, as crianças aumentam em peso mais do que nos nove meses escolares.

Nos seis meses do verão, aumenta, mais ou menos, um terço (vahl na Dinamarca).

Malling-Hansen (Copenhague): alternância entre estatura e peso.

Ao nascer, o peso médio da criança é de 3 quilogramas. O peso mínimo do recém-nascido, peso extremo é de 1.000 ou 1.500 gramas e o peso máximo é de 4.500 gramas.

Victor Hugo nasceu com 1.200 gramas.

São excepcionais ambos os extremos.

Geralmente o menino pesa mais que a menina, ao nascer; logo após o nascimento, o peso decresce rapidamente, sofrendo uma diminuição de 60 a 90 gramas em média, ou mesmo perde a criança 250, 300 a 350 gramas.

Essa perda provém do esvaziamento da bexiga – um dos primeiros movimentos; está também com os intestinos cheios como os rins e expele, nas primeiras 48 horas, o que chamam *méconium* ou *meônio*. *E durante essas 48 horas a criança não deve tomar absolutamente nada, nem água com açúcar.*

Depois da perda habitual de cerca de 300 gramas, volta ao peso do nascimento mais ou menos no 10º dia.

A partir daí, a criança ganha, por dia, de 23 a 25 gramas para atingir cerca de 9 quilos aos doze meses.

Quetelet formulou uma lei para o crescimento, que tem o seu nome: “Dentro do primeiro ano, o peso da criança cresce com o cubo de sua altura. Este crescimento diminui depois do primeiro ano; aos 5 anos, o seu valor fica entre a 2ª e a 3ª potência de sua altura. Em seguida, aumenta e passa para o novo máximo aos dezesseis anos”.

A moça é mais precoce no acréscimo final; tanto no rapaz como na moça esse acréscimo final é precedido de um relativo repouso.

O crescimento do peso se faz de maneira menos regular do que o da estatura; sofre a influência de causas de variação.

.....
Perímetro torácico
.....

AS MESMAS CAUSAS QUE INFLUEM NA ESTATURA E NO PESO IN-
fluem no perímetro torácico.

É medido pelo compasso e não pela fita métrica. Com a fita graduada não pode deixar de haver enganos, erros mesmo e basta repetir-se a operação duas ou três vezes em seguida, na mesma pessoa, para verificar-se a enorme diferença.

A espirometria e o diâmetro biacromial dizem melhor da capacidade vital do indivíduo que a medida do perímetro torácico.

Os rapazes pobres são menos desenvolvidos; a condição social modifica esse desenvolvimento.

Nas grandes cidades, a diferença se acentua em comparação com a vida sadia da gente forte dos campos.

A relação entre estatura, peso e perímetro torácico pode fornecer indicações sobre a constituição, o valor do indivíduo. Esta relação nos dá o coeficiente de robustez nas crianças da escola, fornecendo indicações precisas no sentido de guiar o educador na direção que deve imprimir à educação física de cada escolar.

Para verificar-se o coeficiente de robustez, há diversas fórmulas, entre elas a de Mayet.

.....
Diâmetro biacromial
.....

É MEDIDA ÓSSEA ENTRE AS DUAS EXTREMIDADES EXTERNAS DAS
omoplatas (ossos largos, chatos, triangulares na face dorsal do tórax, parte posterior dos ombros).

De ano para ano, essa medida normalmente aumenta – 1,5 cm.

Vaney, Binet, Simon e outros preferem a medida ou o diâmetro biacromial ao perímetro torácico, por ser mais precisa, mais fácil de se obter em ambos os sexos, mais positiva.

O diâmetro biacromial é a largura dos ombros, contada entre os sinais ósseos fornecidos pelos dois acrômios (apófises ou partes salientes de um osso ou de um órgão).

“O diâmetro biacromial não dá mais ideia da amplitude respiratória que o perímetro torácico, entretanto exprime o desenvolvimento do corpo em largura e completa, por consequência, muito felizmente, o dado fornecido pela estatura, que exprime o crescimento em altura” (Binet).

.....

Segmento cefálico

.....

EMBORA ANTROPOLOGISTAS AFIRMEM QUE À MAIOR CABEÇA CORresponde maior inteligência, etc., etc., muito há que averiguar em todas as investigações cefalométricas, mesmo porque as opiniões contrárias são também em grande número.

É por isso que diz Finot: “Antropologia – ciência mal definida e sujeita a toda sorte de erros”.

E acrescenta: “Les doctrines implacables sur l’inégalité des humains, ornées d’un vernis scientifique, se multiplient à l’infini. Basées sur les différences craniologiques, la grandeur ou la petitesse des membres, la couleur de la peau ou celle des cheveux, elles s’efforcent d’appeler comme garantie de leurs thèses audacieuses une sorte de pseudo-science avec ses lois problématiques, ses fait non controlés ou ses généralisations injustifiables”²⁹.

[29]. **Nota do Org.:** Em tradução livre: “As doutrinas implacáveis sobre a desigualdade do homem, adornadas com verniz científico, multiplicam-se *ad infinitum*. Com base nas diferenças craniológicas, no tamanho ou na pequenez dos membros, na cor da pele ou do cabelo, elas se esforçam para chamar, como garantia de suas teses audaciosas, uma espécie de pseudociência com suas leis problemáticas, seus fatos não controlados ou suas generalizações injustificáveis.”

Parchappe, em medições comparadas sobre cinquenta cabeças de homens de inteligência normal, encontrou sete de dimensões inferiores às do imbecil observado, enquanto treze dentre eles acusavam dimensões muito superiores.

Uma cabeça de mulher inteligente foi observada pelo mesmo cientista com as dimensões da cabeça de um idiota.

E Parchappe conclui que a inteligência pode manifestar-se normal numa cabeça de volume inferior, igual ou apenas superior ao volume das cabeças de idiotas.

Para ele, nunca a inteligência é proporcional ao volume da cabeça.

Sergi, Manouvrier e outros chegaram às mesmas conclusões. Do assunto, tratei mais amplamente em *A mulher é uma degenerada*, – 1924, 1925³⁰. – 1ª edição e 2ª no prelo.

Broca e Parchappe acham que o exercício intelectual aumenta o peso e o volume do cérebro, porém acham ridícula a pretensão de querer fazer depender o grau de inteligência das dimensões e da forma da cabeça.

Mesmo porque as formas do crânio podem ser modificadas por efeito da alimentação, razões estéticas, e outras causas.

Tenho pesar de não citar, aqui, muitas contradições e cifras absurdas nesse sentido. Não é lugar oportuno e sairíamos do nosso assunto, alargariamos demais este capítulo.

As dimensões da cabeça compreendem às do crânio e às da face.

A volta da cabeça é medida com a fita métrica e o seus diâmetros, com o compasso craniométrico. Das diversas medidas de estatísticas em diversos países, é fácil verificar que entre doze e quatorze anos nos meninos e onze e doze nas meninas o crescimento da circunferência cefálica aumenta consideravelmente e é precedido de um retardamento de crescimento no ano anterior.

[30]. **Nota do Org.:** A primeira edição deste livro é de 1924. A autora anuncia uma segunda edição do livro, já no prelo, a ser publicado no ano de 1925, o mesmo ano do presente livro. O livro teve segunda edição, como anunciado, e uma terceira edição em 1932. Em 1925, foi feita uma edição em espanhol, publicada na Argentina. Este livro – como outros da autora – também será publicado nesta coleção. Em 2018, saiu uma quarta edição em formato fac-similar. Ver: MOURA, Maria Lacerda de. *A Mulher é uma degenerada*. 4. edição comentada. Organização e edição de Fernanda Grigolin. Projeto e capa de Laura Daviña. Comentários de Carolina O. Ressureição, Eloisa Torrão Modestino com Mrina Mayumi Bartalini, Juliana Santos Alves de Vasconcelos, Margareth Rago e Samanta Colhado Mendes. Conselho editorial: Antonio Carlos de Oliveira e Maria de Moraes. Revisão de Ieda Lebensztayn. Intervenção de Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro – São Paulo: Tenda de Livros, 2018. (Série Aquela Mulher) 320 p.

Quanto às medidas do segmento cefálico, Binet chegou às seguintes conclusões:

- 1º – No seu conjunto, o crânio se desenvolve na proporção de 12% dos quatro aos dezoito anos;
- 2º – A face, no mesmo período, desenvolve-se na proporção de 24%;
- 3º – Uma única região da face, a distância ofrio-subnasal, desenvolve-se mais consideravelmente, na proporção de 39%;
- 4º – A rapidez do crescimento não é uniforme, sendo acelerada pela puberdade;
- 5º – A distância ofrio-subnasal desenvolve-se mais durante o período antepúbere; (*ofrio* = do grego: sobrançelha; ponto craniométrico que fica entre as duas sobrançelhas);
- 6º – O crânio sofre ligeira aceleração durante a puberdade;
- 7º – A face sofre forte aceleração durante a puberdade;
- 8º – O sexo intervém também no tamanho das medidas cefálicas.

Niceforo conclui que as crianças remediadas são cefalometricamente superiores às das classes desprotegidas pela partilha social injusta.

Vossiljef chegou aos seguintes resultados:

- 1º – As medidas são maiores nos rapazes do que nas raparigas da mesma idade;
- 2º – A lei do crescimento é a mesma nos dois sexos;
- 3º – Há um afrouxamento de crescimento da cabeça aos doze anos e este atraso estende-se igualmente ao corpo;
- 4º – A cabeça não atinge antes dos dezesseis anos a sua forma definitiva;
- 5º – As dimensões da face em largura são, em geral, menores nas raparigas do que nos rapazes.

É problemática a *linha da base* de Segel – medida entre os centros das duas pupilas, o olhar para o infinito: tanto maior é essa linha quanto maior é o desenvolvimento em largura dos lóbulos frontais, os lóbulos das funções intelectuais.

Constatou o aumento da *linha da base* nas crianças.

.....

Volume e peso do cérebro

.....

O PESO DO ENCÉFALO NA ÉPOCA DO NASCIMENTO É DE 383 GRAMAS nos homens e 283 nas mulheres; e aos cinquenta anos é, respectivamente, 1.343 e 1.221.

Atinge ao máximo dos quatorze para os vinte anos e daí começa uma ligeira diminuição que continua na idade madura e se acentua na velhice.

No homem:	Idade	o peso do cérebro é de (g):
"	aos 14 anos	1302
"	dos 14 aos 20 anos	1374
"	dos 20 aos 30 anos	1357
"	dos 30 aos 40 anos	1360
"	dos 40 aos 50 anos	1352
Nas mulheres	aos 20 anos	1224
"	aos 30 anos	1238
"	aos 40 anos	1218
"	aos 50 anos	1213

(citação de Vasconcelos - *Pedologia*)

Esses números variam tão extraordinariamente e são tão contraditórios que não vale a pena estar ocupando tempo com tais tabelas. Apenas vai mais uma para amostra: para provar que o peso e o volume do encéfalo não são proporcionais à inteligência, como afirmam os propagandistas e os *cultores* da “inferioridade feminina”:

Segundo o professor Reclam, citado por Bebel em *La Mujer*.

o cérebro de Cuvier pesava	1861 g
o cérebro de Byron pesava	1807 g
o do matemático Gauss pesava	1492 g
o do filólogo Hermann pesava	1358 g
o do sábio Hausmann.....	1226 g

NACIONALIDADES	AUTORES	PESO
34 inglesas e escocesas	Peacock	1260 g
02 negras africanas	—	1232 g

18 francesas	Parchappe	1210 g
13 alemães	Wagner	1209 g
19 austríacas	Weisbach	1160 g

Quadro de Davis:

RAÇAS	PESO
Chinesas	1298g
Negras do Daomé	1249g
Esquimós	1247g
Inglesas	1222g

Agora compare-se: o cérebro de Hausmann tem menor peso que o das negras africanas, menor que os das esquimós, chinesas e negras do Daomé!

Finot tem razão: “Nenhuma das teorias se baseando sobre esse fator (craniologia) pode resistir, nesse ponto de vista (peso do cérebro), à crítica mais ligeira”.

Deixo de comentar esses quadros e outros e as teorias diversas a respeito da “inferioridade” pelo tamanho e peso ou volume e peso do encéfalo por haver tratado do assunto em trabalhos anteriores.

Na escola, tem sua razão de ser essa parte da antropometria, a craniometria – como medida de relação com as outras medidas; temos as tabelas de mensurações segundo as idades e por elas notaremos as anomalias possíveis na fiscalização do crescimento infantil.

.....
Altura do tórax

A **ALTURA DO TÓRAX É MEDIDA SEGUNDO UMA LINHA VERTICAL** que vai da clavícula ao rebordo costal, passando pelo mamelão (costal – relativo às costas ou costelas); a média do seu crescimento é análoga à média do crescimento do perímetro torácico.

.....
Bacia

A **S DIMENSÕES DA BACIA SÃO TOMADAS PELOS DIÂMETROS BI-** cristailíaco e bitrocanteriano (trocanteriano, adjetivo; trocanter = cada uma das partes ou das duas tuberosidades que apresenta o fêmur - osso que constitui a parte sólida da coxa da perna - na sua extremidade superior, bi-espinhoso-ilíaco).

O crescimento da bacia é mais acentuado nos homens de treze a dezesseis anos e, nas mulheres, entre onze e quatorze. Nelas é mais precoce e, proporcionalmente, é mais considerável o aumento.

.....
Membros

S **ÃO MEDIDOS AINDA EM COMPRIMENTO E GROSSURA: BRAÇOS, PERNAS,** pés, mãos, dedos, pescoço, etc., medidas que variam segundo os indivíduos, idades, condições sociais, estações, fadigas, etc.

Nas averiguações do dr. Godin, chegou esse sábio aos seguintes resultados: quando as dimensões verticais aumentam rapidamente, os diâmetros transversais permanecem estacionários e vice-versa.

Dividindo-se as duas fases, dos doze aos quinze anos e dos quinze aos dezessete – o crescimento do tronco é muito lento no primeiro período e muito rápido no segundo – isso para os rapazes. Quando o crescimento da coxa é intenso, o da perna estaciona e vice-versa.

Diz o Dr. Godin: “O crescimento dos ossos compridos dos membros procede por períodos alternativos de atividade e de repouso que se sucedem com regularidade.

Esses períodos são contrariados quanto aos dois segmentos ósseos de um mesmo membro”.

Na criança recém-nascida, a metade inferior é quase a mesma da metade superior do corpo. Depois do primeiro período de crescimento, se vai acentuando a diferença em favor da parte inferior.

.....

Grande envergadura

.....

É O COMPRIMENTO DOS BRAÇOS COLOCADOS EM HORIZONTAL, MEDIDO no quadro-negro ou em papel quadriculado. A criança estende os braços, marcando-se a distância entre os dedos médios. Ley fez uma série de mensurações deste gênero. Nessas averiguações, notam-se os períodos – de doze a treze anos em que, após uma quase parada, no crescimento, segue-se um surto em que esse crescimento é rápido.

O aumento da grande envergadura acompanha de perto o da estatura e, nos homens bem conformados, são quase iguais as duas dimensões.

Na criança, variam conforme a idade.

Do nascimento até os seis anos, a estatura é um pouco superior; depois dos seis, tornam-se iguais; na puberdade, a envergadura excede à estatura.

.....

Funções respiratórias e circulatórias

.....

QUANTO À RESPIRAÇÃO – O QUE O PROFESSOR PRECISA SABER É RELATIVAMENTE ao arejamento constante das salas de aula: higiene e mais higiene.

A composição dos gases expirados varia segundo as horas do dia, o dia e a noite, a idade, alimentação, trabalho intelectual, mau hálito devido a moléstias, o asseio e a perfeição dos dentes, a digestão, etc.

Durante o trabalho intelectual, absorve-se mais oxigênio e expira-se mais gás carbônico do que no estado de repouso.

As pulsações se modificam com a idade; na puberdade, aumentam os números de pulsações e depois verifica-se de novo a queda. O número de pulsações diverge quanto ao sexo.

É o *espirômetro* o mais seguro aparelho para a verificação e o conhecimento da capacidade respiratória.

Há, além do espirômetro, outros instrumentos destinados ao mesmo fim.

É o meio mais seguro de informações quanto ao vigor físico do indivíduo.

O fenômeno da respiração é importantíssimo, todos o sabem, e quem bem respira, quem *lava* bem os pulmões – tem saúde.

“Beaucoup d’observations, toutes concordantes, ont démontré que la capacité respiratoire est la meilleure donnée que nous avons sur la force de résistance ou capacité d’un individu. Bien respirer est le signe le plus sur qu’on est capable, non seulement de donner un gros effort, mais de prolonger cet effort et de fournir, par conséquent, un travail musculaire de quantité considérable.”³¹ (Binet).

“... le spiromètre est l’instrument qui exprime le mieux l’ensemble des forces physiques d’un individu. Voulez-vous faire choix d’un être résistant à la fatigue, et capable de briller dans une épreuve de fond; prenez celui qui a le plus de souffle.”³² (Binet).

O mesmo autor chama a atenção para o seguinte: “Seria quimérico separar o indivíduo moral do indivíduo físico; nessas pesquisas, é preciso não ver, no ato fisiológico apenas, todo o valor ou a força muscular ou a resistência e sim também o esforço, a vontade empregada em cada operação, a falta de conhecimento dos aparelhos, a curiosidade, etc., etc.

[31]. **Nota do Org.:** Em tradução livre: “Muitas observações, todas concordantes, mostraram que a capacidade respiratória é o melhor dado que temos sobre a força ou capacidade de resistência de um indivíduo. Respirar bem é o sinal mais seguro de que se é capaz não só de fazer um grande esforço, mas de prolongar esse esforço e proporcionar, conseqüentemente, um trabalho muscular considerável.”

[32]. **Nota do Org.:** em tradução livre: “o espirômetro é o instrumento que melhor expressa todas as forças físicas de um indivíduo. Se quiser escolher uma pessoa resistente à fadiga e capaz de brilhar em uma corrida de longa distância, escolha a que tiver mais fôlego.”

“O que nos pode parecer, à primeira vista, pouca resistência será, talvez, inabilidade no tomar os aparelhos; o que nos parece extraordinária resistência pode ser apenas motivo de curiosidade, nervoso ocasional, esforço excessivo e momentâneo, etc.”

E uma só experiência nada prova; será necessário acumular cifras em determinadas datas e fases de crescimento, muito criteriosamente.

A respiração como a circulação é mais rápida nas crianças; assim a cubagem de uma sala de aula para crianças deve ser maior do que a cubagem da sala para adultos.

As trocas se efetuam mais rapidamente e o organismo da criança é mais sensível.

O arejamento das salas de aula e dos dormitórios é um dos mais importantes problemas da higiene escolar.

A composição do gás expirado em repouso é diversa da composição do gás expirado em movimento, em trabalho; varia com a natureza do trabalho (físico ou intelectual), a idade, as horas do dia, o asseio corporal, o dia e a noite, etc.

Há, nesse sentido, tabelas organizadas pelas experiências de Binet, Marro, Scarling, Gavarret e outros.

“A presença de 1 por mil de ácido carbônico no ar, é considerada pela higiene como nociva ao organismo.”

Todo cálculo como base para o arejamento das salas de aula é insuficiente, segundo Binet, pois são feitos ou tomados sob as bases da respiração em repouso, e a composição dos gases expirados deve ser estudada segundo o trabalho físico e intelectual, e “as crianças mais novas expiram, cada uma, por hora, 0,mc.012 de ácido carbônico; as de mais idade 0,mc.015, os adultos 0,mc.020, (isso em repouso)”.

Os cálculos devem ser feitos não com o indivíduo em repouso, e, de acordo com a natureza do trabalho a que se vai submeter naquele local e o número de horas a permanecer ali.

Há diferenças no número de gramas expiradas segundo as idades e o sexo.

Os cálculos para o tamanho das salas de aula são feitos em dois casos: 5 metros cúbicos de ar para cada aluno ou 10 metros cúbicos para cada aluno.

A base dos cálculos suecos de centímetros cúbicos respirados por hora, como vimos atrás, é mais segura.

.....
Força muscular
.....

A FORÇA MUSCULAR VARIA SEGUNDO O SEXO, A SAÚDE, AS CONDIÇÕES sociais, alimentação, estações do ano, idade, etc.

A mulher tem sempre menos força (em igualdade de condições), é muscularmente inferior ao homem.

A força muscular aumenta com a idade e o exercício.

A assimetria muscular, crescente com a idade, deve ser combatida com o ambidestrismo – exercícios iguais das duas mãos.

Dizem as observações de Mac Donald, de Neceforo, de Quetelet, de Pasquale, de Schuyten e de outros que, as crianças ricas e em melhores condições econômicas têm mais força muscular que as pobres, mal alimentadas; que os filhos das classes remediadas são mais vigorosos que os pobres.

É cousa digna de muitas outras observações e experiências e essas experiências deixam muito a desejar.

Isso me não parece razoável, de acordo com as observações que se me têm deparado.

Esse resultado deve variar muitíssimo, segundo as condições de vida a que são submetidas tais crianças.

Ora, vejamos: parece-me que o que falta em alimentação, em conforto à criança menos protegida, sobra, quase sempre, em liberdade de ação, em habilidade manual, em atividade física, adaptação de movimentos. Vamos além: o sol e o ar alimentam, dão vitalidade; se acrescentamos a esses centros de energia a liberdade de ação – teremos vigor, saúde, força muscular.

E, não fora o sol – fonte de vida, a luz e o ar, impregnados de magnetismo, eletricidade, focos de energia assombrosos – não fora isso e que

seria do pobre com a sua alimentação parca, insuficiente, com o vestuário por onde atravessa o frio para retalhar as carnes?

A criança pobre trepa nas árvores com muito mais facilidade, até o cimo, para arrancar dos ninhos os ovos ou a prole dos passarinhos; dá nós com o cipó, exercita os dedos; as mãos, as pernas, os braços, etc.

No momento oportuno, ele, em confronto com a outra – que anda acompanhada da criada e apenas toca o arco no jardim público e cuja liberdade é cerceada a cada passo, mostrará mais força muscular, mais habilidade, mais tática, mais valentia, mais persistência.

Se os quadros desses investigadores dão resultado, naturalmente todas essas crianças são as crianças das cidades, pobres e ricas – criadas do mesmo modo – ou nos palácios, porém vigiadas pelas governantas e “institutrices”, ou nos cubículos ou corredores dos cortiços, sem lugar para se mexer e, para todas elas, há carência de ar puro e de liberdade.

Mas, se pusermos em ação os garotos brasileiros ou os nossos sertanejinhos, os jaguncinhos da Bahia ou os gaúchos do Rio Grande, filhos de vaqueiros pobres ou pescadores, coloninhos brasileiros ou caboclinhos das margens do S. Francisco – aonde irão parar cariocas e paulistanos bem nutridos e cheios de brinquedos e conforto?

E por que a diferença tão acentuada entre a força muscular do homem e da mulher, e a do homem do campo e do “almofadinha” das cidades?

Em meio de uma colônia suíça-alemã no Rio Doce, sei de mulheres-homens cujo trabalho equivale ao trabalho do mais forte e robusto trabalhador.

Têm pés, mãos e músculos de homem, adquiridos dos antepassados e aumentados pelo exercício.

Acho que a divergência abona, antes, em favor do exercício, da habilidade adquirida com a liberdade.

A vida ao ar livre, a liberdade de ação, a vontade resultante dessa liberdade – que dá alegria e estímulo – equivalem ou suplantam a alimentação orgânica. Sabemos que a nossa gente pobre das cidades do interior se alimenta pouquíssimo, de ervas quase sempre, uma vez por dia, passa dias sem comer carne ou arroz, ingerindo mingau de fubá ou angu com couves e trabalha fisicamente o dia todo e resiste e vive tanto quanto nós.

Nas grandes cidades, nos grandes centros industriais é que a gente pobre mais sofre e menos resiste: a fábrica, o cortiço, o álcool, a miséria e a tuberculose ceifam centenas de vidas indefesas neste regime social injusto, civilização de ociosidade para os fartos e de trabalho obrigatório para os assalariados; civilização de excesso para uns, de supérfluo, de luxo absorvente, e, para outros – de miséria, de fome, de nudez.

Mas, se vivêssemos nas épocas dos milagres, poderíamos dizer que a nossa população pobre do interior, das pequenas cidades, vive como por milagre da natureza, do nosso sol e do nosso ar.

É prova de que as nossas experiências devem ter outro critério e esse critério varia nas capitais e centros industriais e nas cidades do interior.

E, se os raios químicos da luz solar aumentam as reações, se a marcha ao ar livre aumenta a força, se essa força aumenta com o exercício, etc., como provam os experimentadores, – é certo que a vida ao ar livre, a vida de liberdade e ação, de iniciativa tem mais influência nas reações musculares que a alimentação em si. Depois, damos importância capital à alimentação, a fatores externos, quando a vida opera de dentro para fora... Desconhecemos as energias íntimas, criadoras de vida, a vibrarem dentro de nós.

O magnetismo solar é alimento como a luz e não é sem razão que os *Yogi* apregoam a excelência da boa respiração: o ar é também fonte de vida e de energia, assim como a água pura.

.....

Proporções gerais do corpo durante o crescimento

.....

AS CARACTERÍSTICAS DO CRESCIMENTO SÃO AS SEGUINTEs.
O crescimento é ritmado e obedece a fases: ora se acelera, ora é lento, ora é calmo, ora irrompe com energia.

Stern nota três ondulações principais desses períodos: os três primeiros anos da vida, os primeiros anos da escola e os anos da puberdade são de expansão, de efervescência, de aceleração, seguidos, de cada

vez, de outros períodos de três anos, mais ou menos, em que há o trabalho de organização interior, de recrudescimento de forças, acumulando novas energias para novos irrompimentos.

O esquema é este:

0	aos	3	anos	–	crescimento acelerado
3	"	6	"	–	" lento
6	"	9	"	–	" acelerado
9	"	12	"	–	" lento
12	"	15	"	–	" acelerado
15	"	18	"	–	" lento

.....

Dividindo-se o corpo em duas partes, mediante uma horizontal que passe no nível da cicatriz umbilical, notamos o seguinte: a parte inferior cresce muito mais rapidamente que a superior.

Straz chegou ao seguinte resultado com relação à altura da cabeça em confronto com a altura do corpo: ao nascer, a altura do corpo é 4 vezes a altura da cabeça; a 1 ano de idade é de $4\frac{1}{2}$; aos 2, é de 5; aos 3, $5\frac{1}{4}$; aos 4, $5\frac{1}{2}$; aos 11, $6\frac{3}{4}$; aos 7, 12; aos 25, 9.

Godin, que sobre o assunto ultrapassou todos os outros estudiosos da matéria, nas suas pesquisas acompanhou periodicamente o crescimento de 230 crianças, sobre cada uma das quais tomou extraordinário número de medidas, em vez de seguir os processos dos seus antecessores, os quais mediam indivíduo em diferentes idades.

Chegou à conclusão de que o crescimento varia muito em cada um dos segmentos dos membros, de acordo com a idade.

.....

Crescimento biológico

.....

O CRESCIMENTO BIOLÓGICO SE BASEIA NAS TROCAS, NA ASSIMILAÇÃO E desassimilação dos alimentos para a multiplicação celular.

Todos os fenômenos do crescimento, como sejam: estatura, peso, desenvolvimento dos órgãos, os quais viemos estudando, estão subordinados a um trabalho fisiológico, ao predomínio da assimilação sobre a desassimilação e multiplicação celular.

O organismo infantil tem de reparar as perdas quotidianas e, mais ainda, deverá prover a conservação própria e armazenar para necessidades futuras e imprevistas.

Para que se efetue esse fenômeno, o organismo reclama a presença de substâncias as quais serão utilizadas pelo conjunto de forças ou energias de crescimento.

A alimentação e o asseio corporal têm, pois, na vida infantil, extraordinária influência.

Não só o recém-nascido exige maior quantidade de calorías, como a criança perde mais calorías que o adulto.

O alimento fornece tais calorías.

Perdemo-las nos exercícios e pela pele, pelo trabalho muscular e pela irradiação.

Durante a fase do crescimento, a energia biológica concentra todas as suas forças no desenvolvimento do organismo.

A criança tem de se conservar e tem de se desenvolver, necessita, então, de duas rações: a primeira é de entretenimento, energia utilizada diariamente pelo indivíduo; a segunda é a de crescimento, armazenada para o futuro.

.....

Ração de entretenimento ou de manutenção

.....

A CALORIA É A UNIDADE DE AVALIAÇÃO DA RAÇÃO DE ENTRETENIMENTO, tomada pelos fisiologistas.

Caloria é unidade térmica, é o calor necessário para elevar de 1° (um grau) a temperatura de um quilograma de água. É a grande caloria. A pequena caloria refere-se a 1 grama de água.

Os alimentos, no organismo, sofrem transformações químicas que se resumem em combustões. Essas combustões produzem calor e trabalho.

A necessidade de calor no organismo corresponde à necessidade de alimentação.

Ao nascer, a criança tem duas vezes a necessidade de calor do adulto. Assim, para cada quilograma de peso, a criança perde o dobro de calorias.

A ração de manutenção ou de entretenimento fornece o calor despendido nessas perdas.

Temos necessidade de quatro sortes de alimentação: *as albuminas* (há na gema dos ovos); *as matérias hidrocarbonadas* (farinhas, açúcar, etc.); *matérias graxas ou gordas* (manteiga, gordura); e finalmente os sais (sal de cozinha, fosfatos, carbonados).

Os alimentos são tomados dos minerais, animais e vegetais: são orgânicos e minerais. O alimentos minerais são os sais que entram na composição de outros ou usados como condimentos.

Os orgânicos são *ternários*, compostos de carbono, oxigênio e hidrogênio, ou então *quaternários*, composto de carbono, oxigênio, hidrogênio e azoto. Ternário – o que resulta da combinação de três corpos simples ou de dois compostos binários com um princípio comum.

Como a criança perde mais calorias que o adulto, tem necessidade de mais cuidado na alimentação; a ração de entretenimento deve fornecer-lhe o necessário para esse dispêndio.

Nas crianças e em todo o período do crescimento, deve ser farta a provisão dos albuminoides (*fibrina, caseína*; fibrina = substância orgânica, um pouco elástica, que se encontra na linfa, no chilo, no sangue e em outros líquidos emanados do sangue; caseína = princípio alcalino que se encontra no leite e em algumas plantas; chilo = parte líquida da digestão; linfa – líquido branco e nutritivo que se encontra nos vasos linfáticos). Com eles, se edifica o organismo.

Os recém-nascidos de seis meses até um ano absorvem 4 a 5 gramas de albumina por quilo de peso, por dia.

Quanto à alimentação, quantidade, qualidade, horário, depende da criança, da sua fraqueza ou robustez e das indicações médicas. Quando tratarmos noutro volume da higiene alimentar, voltaremos ao assunto.

Com o aumento da idade e do peso, aumentam-se as rações.

.....
Ração de crescimento
.....

COM RELAÇÃO AO CRESCIMENTO, HÁ SUBSTÂNCIAS QUE FORNECEM ao organismo a energia necessária, outras contribuem para valorizar e utilizar as primeiras.

Os fosfatos e as lecitinas são substâncias que fornecem aos órgãos a energia de crescimento necessária. Lecitinas = substâncias viscosas contidas nos ovos, no cérebro e noutras matérias animais. Em todo organismo em via de crescimento, existem em quantidade essas duas substâncias.

O lugar onde o solo é rico de sais minerais e mormente de fosfatos produz seres vegetais e animais ricos de vida e de grande crescimento, se outras condições não vierem protestar contra esse desenvolvimento normal.

Outras substâncias influem na utilidade das energias de crescimento, entre elas a potassa, o manganês, etc.

A ração absorvida não é toda a que foi ingerida pelo organismo; sobram resíduos os quais são eliminados sem aproveitamento.

As rações variam com o clima e as estações.

A temperatura do homem é sempre a mesma em todos os climas; mais ou menos, com pequeníssimas variações individuais.

Segundo Lefèvre, a curva das oscilações da temperatura humana é a seguinte:

- 36°,6 pelas 6 horas da manhã;
- 37°,2 às 9 horas da manhã;
- 37°,4 ao meio-dia;
- 37°,6 às 6 horas da tarde.

É preciso, pois, maior desenvolvimento no estudo da higiene alimentar para a formação das mães, para que elas possam acompanhar mais de perto os filhos no seu desenvolvimento e crescimento físico, para evitar as cifras enormes de mortalidade infantil – devidas à ignorância e aos descuidos das genitoras.

.....

Glândulas de secreção interna

.....

CERTOS ÓRGÃOS POSSUEM FUNÇÕES AINDA MAL CONHECIDAS E POUCO estudadas.

Alguns deles secretam substâncias especiais cuja ação sobre o organismo favorece o crescimento e a manutenção.

Estudos recentes de fisiopsicologia têm chegado às conclusões de há muito encontradas pelos filósofos e cientistas da Índia: a alegria, o bom humor, a serenidade, a ideia de paz, de calma, atuam em certos órgãos e secretam substâncias que dão vigor, saúde, bem-estar e reforçam aquelas mesmas ideias, estimulando a vitalidade orgânica e mental.

Também a tristeza, a cólera, a irritabilidade, a falta de calma, o mau humor, produzem secreções que alimentam esses estados de alma e engendram a doença, o mal-estar e a fraqueza orgânica.

.....

Puberdade

.....

A PUBERDADE É UM RENASCIMENTO DO ORGANISMO. O crescimento e o desabrochar que transformam a criança no adolescente chama-se puberdade.

É o período que vai dos doze aos quinze anos para as moças e dos quatorze aos dezoito para os rapazes.

Esse período de crescimento tem sido dividido em muitas fases. A fase premonitória fica entre os nove e dez anos para as meninas e onze e doze para os meninos; a parada é geral nessa fase em que todo o organismo se recolhe para ganhar forças e irromper, com muita exuberância, daí a pouco. Nessa idade, há o mínimo do crescimento do peso, estatura, desenvolvimento muscular, trocas fisiológicas, etc.

Findo esse período, o organismo acelera-se em crescimento, entra na *idade crítica da puberdade*. Há um desequilíbrio, desarmonia das formas, do temperamento, dos hábitos, o peso aumenta, o tórax amplia-se, as pernas crescem desproporcionalmente, a força muscular aumenta, funcionam rapidamente as glândulas de secreção interna, etc. Pelo lado psíquico, há exaltação de sensibilidade na mulher e exagero das disposições naturais no homem. O período da puberdade é, talvez, o mais difícil para o educador. É uma nova adaptação, uma como que ressurreição de todo o organismo – com o excesso das predisposições naturais e é quando irrompem *taras*, disposições hereditárias.

A idade da puberdade tem pequenas variações segundo os climas, as condições sociais, etc., assim como a hereditariedade, moléstias na infância, etc.

O desenvolvimento nessa fase não é regular e sim opera-se aos saltos.

Embora aos dezoito ou aos vinte anos o organismo não tenha atingido o máximo do desenvolvimento, aí se completa a 3ª fase da puberdade em que as funções recém-instaladas se tornam regulares, tornam-se harmônicas.

O indivíduo entra numa forma quase definitiva. Daí por diante há o aperfeiçoamento lento, quase imperceptível. O período do crescimento, a estatura, o peso, a força muscular – tudo chega ao ponto máximo, à curva completa aos vinte e cinco anos geralmente; outros vão ainda um pouco mais longe.

O educador pode dar por terminada a sua tarefa quando o educando está com dezoito ou vinte anos. Aí começa ou deve começar a autoeducação, se não começou na *Case dei Bambini*...

.....

Crescimento visceral

.....

A O MESMO TEMPO EM QUE SE MODIFICAM A ESTATURA, O PESO, A força muscular, etc., os órgãos e o seu crescimento vão passando

por transformações, lentamente, sem saltos, modificando-se em suas funções e na sua constituição e volume.

No período pré-púbere, se acentuam essas modificações.

O crescimento visceral corresponde aos órgãos internos com os quais são precisos cuidados particulares e indiretos, para a conservação da saúde e auxílio à natureza por ocasião do seu desenvolvimento.

Essas modificações são, principalmente:

- 1º – Dos dezoito meses aos quatro ou cinco anos de idade, o coração tem quase duplicado o seu volume;
- 2º – A tensão arterial se modifica muito até a puberdade;
- 3º – A artéria pulmonar é relativamente larga e a aorta estreita;
- 4º – Aos dez e doze anos, há uma parada no crescimento, seguida de aumento considerável de volume;
- 5º – Aos quinze e dezesseis anos – que alguns autores chegaram a considerar o coração normalmente hipertrofiado (crescimento excessivo de um órgão ou de um tecido, – sem alteração real na sua estrutura, e devido a uma nutrição demasiado ativa; hiper = excessivamente; trof = alimento + ia), – os diâmetros da aorta e da artéria pulmonar se tornam iguais, mais ou menos, e a tensão arterial sobe. É muito variável a tensão arterial nas crianças.
- 6º – O sangue sofre modificações – ligeira diminuição dos glóbulos vermelhos mais ou menos aos quinze anos e, até no ponto de vista funcional, o aparelho se modifica, segundo opiniões;
- 7º – A capacidade pulmonar aumenta bruscamente aos quinze anos, sendo antes, um tanto restrita;
- 8º – O número de respirações vai, aos poucos, descendo;
- 9º – O tipo respiratório é abdominal nos dois sexos, nos primeiros anos; no período próximo da puberdade, torna-se costal superior nas mulheres e costal inferior nos homens;
- 10º – As trocas respiratórias aumentam principalmente no homem; maior eliminação de gás carbônico e maior consumo de oxigênio;
- 11º – O cérebro parece crescer até a puberdade ou até o período pré-púbere, daí decresce com rapidez o seu crescimento e depois estaciona e sofre ligeira diminuição na velhice.

.....
A caderneta de saúde
.....

A CADERNETA DE SAÚDE, CADERNETA SANITÁRIA OU FICHA MÉDICA individual é uma das necessidades da escola moderna. Nessas cadernetas, o médico ou o próprio educador deverá verificar os períodos e as crises de crescimento e peso e estatura, moléstias, vacinação (ou não), acidentes, observações, dentição, medidas do tórax, observações sobre os sentidos – acuidade visual, auditiva, etc., defeitos de linguagem, de pronúncia, de dicção, como poderá dizer dos defeitos de hereditariedade e congênitas: emotividade nos gestos ou nas palavras, expressões fisionômicas, aspecto exterior, atitudes; aspecto interior: – temperamento, atenção, memória, egoísmo ou altruísmo, etc.; faculdades da imaginação, da vontade, etc., etc.

Essa caderneta poderá conter, ainda, dados de antropometria escolar: coloração da pele, características do rosto, observações frenológicas: – nariz, olhos e expressão, boca; robustez ou raquitismo; força ou fraqueza muscular, atitude firme ou abandonada do corpo, andar firme ou em ziguezague, atitude ereta, modo de se sentar, etc.

Isso não é obra de cientista, senão de observador atento e representam esses sinais certas características de raça, de vontade ou apatia, de temperamento bilioso, sanguíneo, linfático ou nervoso, de fraqueza física ou mental e denunciam moléstias ou saúde, degenerescências ou qualidades latentes, etc.

.....
Antropometria escolar
.....

ENTRE OS INSTRUMENTOS PARA ESSAS OBSERVAÇÕES, BINET SA-
lienta apenas cinco e de fácil manejo. São eles:

- 1º – a balança – para pesar;
- 2º – a toeza – para medir a altura.

Para substituir a toeza, Maria Montessori fez fabricar um *antropômetro* para crianças, com a escala métrica oscilante entre metros (0,50 e 1,50) – fazendo dispor sobre o plano do antropômetro um pequeno banquinho móvel, da altura de 30 cm para a estatura assentada. Hoje aconselha fabricar o antropômetro com dois planos – de um lado, é medida a estatura total; e do outro, a estatura do indivíduo sentado. No segundo, o zero está a 30 cm de altura, isto é, corresponde ao plano do assento, que é fixo.

Os marcadores que escorregam na nomenclatura da haste vertical são independentes um do outro; por isso, podem ser tomadas duas medidas contemporaneamente, isto é, duas crianças podem ser medidas ao mesmo tempo.

De outro modo, vem o inconveniente e a perda de tempo, da mudança ou da retirada da cadeirinha e de colocar sobre a escala métrica a diferença.

Há vantagem, aconselha Montessori, em tirar as duas medidas no mesmo mês, em épocas determinadas pela idade, no dia do nascimento, em cada mês.

3º – O compasso de espessura – para a largura dos ombros (para a dimensão torácica tomada do diâmetro biacromial, entre os sinais ósseos dos dois acrômios). A circunferência do tórax não é tirada com a fita métrica, fazendo-a passar horizontalmente abaixo das omoplatas e na face anterior do tórax, ao nível dos mamilões ou abaixo dos seios; ou passando a fita métrica, tomando como ponto de referência as dobras axilares, etc. Todas essas medidas são ilusórias, sujeitas a erros e há modificações cada vez que se tiram as medidas, já o dissemos e convém repetir.

4º – O dinamômetro – para a força muscular. É um aparelho muito simples: uma elipse tendo, no interior, o quadrante indicando, em quilogramas, a cifra da pressão e, medindo assim, as forças musculares despendidas pelos músculos do ante braço quando uma das mãos o aperta.

Há outros aparelhos, mais completos, para esse fim; entretanto, sendo complicados, não são práticos.

Entre eles, o *ergógrafo*, de Mosso – mais aplicável nos gabinetes ou laboratórios de psicologia experimental; o *miostesioscópio*, de Ferrari-Gineciardi, para o exame de um só ato muscular (*ergon* = trabalho + *grafein* = inscrever, descrever; *myos*, *mios*, do gr: *mus*, *muos* – músculos + *estésios* = sensibilidade + *iskopeia* = vejo, examino); o *simbraquinesioscópio*, de Pizzoli – para verificar a coordenação muscular simultânea de dois atos superiores e também serve para experiências sobre ambidestrismo (= qualidade do ambidestro de se servir com ambas as mãos e com a mesma destreza); o *miostesioscópio*, de Pizzoli – para estudar a atenção grafo motora, etc., etc.

O trabalho do educador, entretanto, deve ser mais simples e não se pode confundir com o do investigador de gabinete.

5º – O *espirômetro* – para medir a respiração e avaliar a capacidade vital.

O dinamômetro e o espirômetro (Binet) medem não só a força dos músculos como a habilidade do educando e a sua vontade; não só a capacidade dos pulmões como o esforço de inspiração e expiração, como a habilidade de reter o ar nos pulmões e manejar o aparelho, como ainda a energia moral despendida na operação.

“Il serait chimérique de séparer l'individu moral de l'individu physique”. E, “il est donc juste et scientifiquement exact que la volonté de chacun de nous soit comptée parmi les facteurs de sa force physique.”³³ (Binet)

O valor da antropometria escolar está na distribuição natural dos exercícios, jogos e ginástica para cada grupo de alunos, de acordo com o seu desenvolvimento orgânico.

Permite conhecer a criança e o meio social em que vive, facilitando a obra humanitária da assistência, indispensável à regeneração física e ao desenvolvimento das possibilidades mentais – neste período de tran-

[33]. Nota do Org.: Em tradução livre: “Seria quimérico separar o indivíduo moral do indivíduo físico. E, “é, portanto, justo e cientificamente exato que a vontade de cada um de nós seja contada entre os fatores da sua força física.”

sição social – enquanto não for distribuída mais justiça na partilha do bem-estar e da alegria de viver.

Quando tratarmos da educação intelectual, falaremos das experiências, *tests e enquetes*, “arbitrários e superficiais” no dizer de Montessori – que separa, em planos distintos, o trabalho do cientista e o do educador.

A escola não é o lugar de experiências complicadas que fatigam e enervam; a missão da escola é acalmar, acompanhar o desenvolvimento natural, a expansão, a liberdade.

O laboratório é a ciência pura, amoral, indiferente aos resultados, ainda que produzam a fadiga. O investigador, o cientista, não procura saber se faz sofrer ou se prejudica ao paciente: o que lhe interessa é o resultado da investigação, é a sua pesquisa.

O educador quer a saúde, a felicidade, o bem-estar da criança e, nela, procura velar pelas gerações sucessivas.

*
**

Em resumo, indico apenas a complexidade e a importância do assunto, digno muitíssimo da atenção de todos aqueles que se dizem educadores, de toda essa grande maioria da humanidade atual – o sexo feminino – a cujas mãos estão sendo entregues a saúde, o bem-estar da coletividade, os destinos das criaturas – dentro da maternidade e no limiar da escola.

Escrevi principalmente para as alunas de Escolas Normais e para professores primários: para a educação popular.

Não há livros didáticos senão para mestres, senão para estudiosos de gabinete, entre nós.

A minha linguagem é simples e tenho preocupação didática: a repetição, a etimologia dos vocábulos científicos, técnicos e, por vezes, a singeleza necessária para os cérebros ainda não habituados a esse gênero de estudos.

Na nossa língua – tem-se apenas a preocupação de erudição nos livros didáticos, e os estudantes, mormente as moças – cuja mentalidade escravizada através das gerações e através das leituras de *boudoir*, de novelas e poesias líricas, mal pode perceber o que há de importante, de grande, de admirável nas investigações desta natureza, – lutam com difi-

culdades ante os compêndios cheios de teorias obscuras e considerações filosóficas ao alcance apenas dos doutos.

Acresce o seguinte: os nossos professores primários não podem munir-se de uma biblioteca pedagógica, de compêndios de psicologia experimental e antropologia aplicada à pedagogia: nem há interesse pelos estudos científicos e experimentais, entre nós, nem há verbas suficientes para a aquisição de livros caríssimos, nem há tempo para armazenar tantos e tão amplos conhecimentos. A vida é intensa e as futilidades quotidianas absorvem todas as energias...

Propus-me publicar uma pequenina biblioteca pedagógica ao alcance dos professores primários, a qual dará notícias de todas as teorias, todas as principais investigações científicas a respeito da criança. É uma obra de divulgação, de cultura popular.

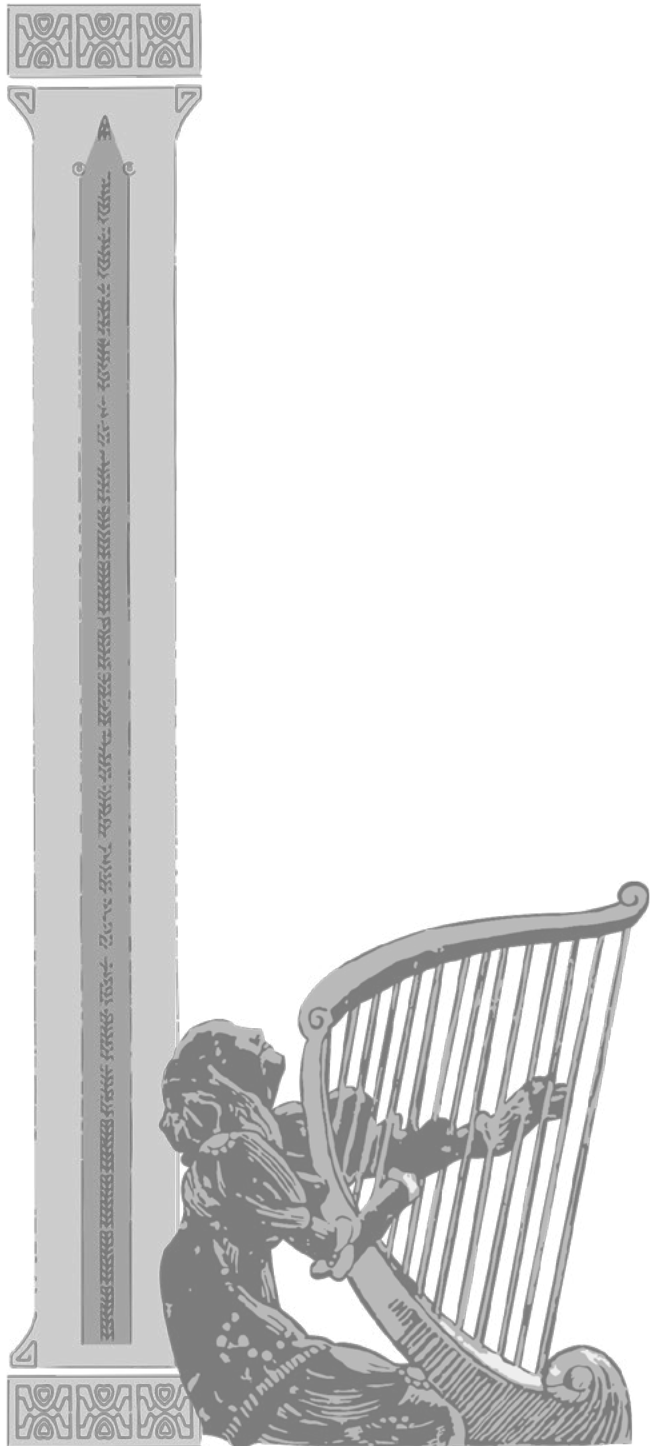
Todas as horas da minha vida, eu as tenho dedicado à criança e à mulher, e cada vez mais me convenço de que essas grandes fontes de energia deveriam constituir o sacerdócio dos que se propõem a colaborar na grande obra de regeneração social.

Vão por conta desse nobilíssimo apostolado – as minhas preocupações e trabalho exaustivo de cada dia e o pesar com que analiso a indiferença de toda essa sociedade, preocupada com o dinheiro e a posição social ante os mais sérios problemas humanos.

Quando a mulher acordar para a reintegração em si mesma – pasmará ao reconhecer haver perdido tanto tempo em fatuidades que desgastam as energias e virá, cheia de entusiasmo, unir o seu esforço ao trabalho fecundo de todos aqueles que colocam os interesses da Humanidade acima dos seus próprios interesses.

Fim do 1º volume





.....

*Plano inicial da coleção
Pensamento Social Anarquista—
Palavras Explicativas*

.....

A CONCEPÇÃO DESTA COLEÇÃO VEIO QUANDO INICIEI AS PES-
quisas em torno dos jornais, revistas e livros elaborados pe-
los anarquistas do início até meados do século xx no Brasil.
A ideia, com esta coleção, é tornar acessíveis textos valiosos, disponíveis
em arquivos, bibliotecas públicas e acervos particulares, tanto a quem
estuda o pensamento social produzido no Brasil, como também a quem
faz pesquisas e tem interesse no movimento operário do período. O des-
conhecimento atual sobre o pensamento social elaborado pelo mundo do
trabalho é estarrecedor. Por isso, a ocasião oportuna em reeditar livros,
cujas edições foram poucas ou, caso mais expressivo, únicas, constitui o
objetivo principal desta coleção.

Além da reedição de livros, procedi à montagem, em volumes temá-
ticos, de coletâneas com artigos retirados de jornais, revistas, folhetos e
demais produções impressas do movimento dos trabalhadores no Brasil.
Com a palavra “inicial”, no título acima, procuro indicar o caráter de con-
tinuada elaboração de volumes temáticos nesta coleção. À medida que re-
torno aos artigos transcritos, o conjunto desses textos me sugere o tema
em torno do qual eles podem ser reunidos. Alguns já estão definidos,
outros podem surgir porque, como ainda estou caminhando nos textos,
os assuntos não estão esgotados. Por essa razão, exponho aqui uma rela-
ção provisória dos volumes. Inclusive a ordem de publicação efetiva, dos
volumes indicados na listagem, pode ser alterada. Isto porque, estando
em preparação muito deles, depende de quando forem finalizados.

- I—*Lições de Pedagogia*, Maria Lacerda de Moura
- II—*Da escravidão à liberdade*, Florentino de Carvalho
- III—*Civilização, tronco de escravos*, Maria Lacerda de Moura
- IV—*Educação anarquista – Conceitos*. Tomo I – Coletânea

- V–*Educação anarquista – Experimentos*. Tomo II – Coletânea
VI–*Educação anarquista – vida e pensamento de Francisco Ferrer y Guardia*. Tomo III – Coletânea
VII–*A guerra civil de São Paulo. Soluções imediatas para os grandes problemas sociais*, Florentino de Carvalho
VIII–*Infância e adolescência*. Coletânea
IX–*Mulheres*. Coletânea
X–*Racismo e raça*. Coletânea
XI–*Anticlericalismo e sociedade*. Coletânea
XII–*Saúde pública*. Coletânea
XIII–*Anarquismo e sindicalismo*. Coletânea
XIV–*Anarquismo e socialismo*. Coletânea
XV–*Anarquismo e anarquia*. Coletânea
XVI–*Artes, poesia e insubmissão*. Coletânea
XVII–*Han Ryner e o amor plural*, Maria Lacerda de Moura
XVIII–*Clero e fascismo – horda de embrutecedores / Clero e Estado*, Maria Lacerda de Moura
XIX–*“A mulher é uma degenerada”*, Maria Lacerda de Moura
XX–*A razão contra a fé*, Benjamim Mota
XXI–*Rebeldias*, Benjamim Mota
XXII–*Os sicários do jornalismo*, Mota Assunção
XXIII–*Guerra e militarismo*, Coletânea
XXIV–*Camponeses*. Coletânea
XXV–*Indígenas*. Coletânea
XXVI–*Brasil visto no mundo do trabalho*. Coletânea
XXVII–*Revoluções*. Coletânea
XXVIII–*Relações internacionais*. Coletânea
XXIX – *Obituários*. Coletânea

.....

Formato *16x23 cm*
Tipologia *Alegreya / Times New Roman*
Nº de Pág. *252*

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG

